

**RAFAEL LAMONATTO**

**(RE)CONHECENDO A POÉTICA DO TRADUZIR: TEMAS DA  
TRADUÇÃO REVISITADOS**

**PORTO ALEGRE  
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E  
ENUNCIATIVAS**

**(RE)CONHECENDO A POÉTICA DO TRADUZIR: TEMAS DA  
TRADUÇÃO REVISITADOS**

**RAFAEL LAMONATTO**

**ORIENTADOR: PROF. DR. VALDIR DO NASCIMENTO FLORES**

Dissertação de Mestrado em ANÁLISES TEXTUAIS,  
DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS apresentada como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2017**

### CIP - Catalogação na Publicação

Lamonatto, Rafael

(Re)Conhecendo a poética do traduzir: temas da  
tradução revisitados / Rafael Lamonatto. -- 2017.  
182 f.

Orientador: Valdir do Nascimento Flores.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Poética do traduzir. 2. Henri Meschonnic. 3.  
Teoria da Linguagem. 4. Tradução. I. Flores, Valdir  
do Nascimento, orient. II. Título.

*Dedico este trabalho a todos aqueles que se maravilham  
quando se deparam com a linguagem.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, Fabiane, à minha irmã, Maira, e ao meu irmão, Pedro, por todo o apoio, ajuda e paciência ao longo do processo de escrita. Ao meu pai, Volmir, e avós, Cleuza, Irone e Nilo. Às minhas tias-avós, Loiva e Zuleica, e aos meus tios e tias.*

*Agradeço à Elisa e ao Michel por compartilharem a vida e o cotidiano comigo e serem quem são. Obrigado pelas conversas, trocas, carinho, cuidado e amor. Agradeço, também, ao Vinícius, pelas trocas, os aprendizados e a parceria.*

*Agradeço ao professor Valdir do Nascimento Flores pela atenção, cuidado, orientação precisa e ensinamentos constantes. Foi um imenso prazer trilhar esse caminho com teu auxílio.*

*Agradeço ao professor Ian Alexander pela amizade, confiança, carinho e respeito. Obrigado pela presença constante.*

*Agradeço aos amigos, próximos ou distantes, geograficamente ou temporalmente, pela certeza da duração das amizades. Obrigado Michelle, Diana, Marina, Mariana, Aline, Luana, Larissa, Amanda, Adriana, Inaê e à F.I.*

*Agradeço, também, a todas as pessoas que, de uma forma ou outra, participaram desse processo e fizeram, cada um a sua maneira, a diferença. Obrigado!*

*Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e aos colegas-professores-amigos que foram surgindo ao longo do trajeto pela interlocução constante. Obrigado Luiza, Sara, Bianca, Janaína, Aline, Mélaney.*

*Agradeço às professoras Daiane Neumann e Karina Lucena e ao professor Leonardo Antunes que aceitaram o desafio desse (re)conhecimento e que constituíram a banca examinadora desta dissertação. A leitura de vocês foi imprescindível!*

*Agradeço, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento desta pesquisa.*

## RESUMO

Esta dissertação se insere no contexto do debate em torno da tradução e apresenta dois objetivos: o primeiro, mais geral, é fazer o (re)conhecimento da poética do traduzir, projeto teórico do pensador francês Henri Meschonnic (1932-2009); o segundo, mais específico, é revisitar, a partir desse (re)conhecimento da poética do traduzir, três temas clássicos no debate em torno da tradução à luz dessa teoria, a saber, a própria tradução, a fidelidade e a equivalência. Justifica-se a inserção desta discussão no debate sobre a tradução pelo fato de a poética do traduzir apresenta um posicionamento bastante distinto daqueles mais reconhecidos hoje tanto na discussão acadêmica quanto no senso comum sobre o que é a tradução. Isso se deve ao fato de a poética do traduzir supor e indicar uma reflexão sobre a linguagem que modifica a visão do traduzir. A linguagem, no âmbito poético, não é tomada a partir dos termos comuns da língua (como forma e sentido, por exemplo), que representam uma visão redutora da linguagem, descontínua por natureza. Pelo contrário, a poética do traduzir situa a tradução – e a própria linguagem – no terreno do discurso, que é da ordem do contínuo, e, por aí, modifica o pensamento sobre o que é a linguagem e, conseqüentemente, o que é o traduzir. Desse modo, esta dissertação apresenta, inicialmente, as bases do pensamento poético, que dizem respeito a uma visão não-redutora da linguagem. Nesse contexto, a leitura meschonniquiana dos pensamentos de Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste é apresentada para embasar essa visão não-redutora. A partir dessa construção, passo aos elementos da poética do traduzir para que se faça claro o posicionamento teórico que Meschonnic apresenta para debater a tradução. Esse é um ponto de extrema relevância pois indica como funciona o sistema do pensamento poético, permitindo seu (re)conhecimento. Por fim, a discussão final se dá como consequência das reflexões anteriores. Se a poética modifica o saber sobre o traduzir, cumpre demonstrar como isso se dá em comparação com o pensamento sobre os temas propostos a partir da visão da Tradutologia para que se compreenda como a poética do traduzir introduz elementos que renovam o debate em torno desses temas comumente difundidos em discussões dessa natureza.

**Palavras-chave:** Poética do traduzir; Henri Meschonnic; tradução; fidelidade; equivalência.

## ABSTRACT

This dissertation is inserted in the context of the debate regarding translation and has two objectives: the first, more general, is to make the (re)acknowledgement of the poetics of translating, the theoretical project of the French thinker Henri Meschonnic (1932-2009); the second, more specific, is to revisit, based on this (re)acknowledgment of the poetics of translating, three classic themes in the debate regarding translation in the light of this theory, namely: translation itself, fidelity and equivalence. The insertion of this discussion in the debate about translation is justified by the fact that the poetics of translating presents a different point of view from those most recognized today in both academic discussion and common sense about what translation is. This is due to the fact that the poetics of translating assumes and indicates a reflection on language that modifies the idea of translating. Language, in the poetic scope, is not regarded by the common terms of a language (such as form and meaning, for example), which represent a reductive view of language, discontinuous in nature. On the contrary, the poetics of translating places translation – and language itself – in the field of discourse, which is of the order of the continuum, hence modifying the general idea about what language is, and consequently what is there to translate. In this way, this dissertation presents initially the bases of the poetic thought, which concern a non-reductive view of language. In this context, the meschonnician reading of the ideas of Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste is presented to support this non-reductive view of language. From this construction, I turn to the elements of the poetics of translating so that the theoretical positioning that Meschonnic presents to discuss translation becomes clear. This is a point of extreme relevance because it indicates how the system of poetic thinking works, allowing its (re)acknowledgement. Lastly, the final discussion comes as a consequence of these previous reflections. If poetics modifies the knowledge about translation, it is necessary to demonstrate how this is done in comparison with the ideas about the themes proposed from the point of view of Traductology so that one understands how the poetics of translating introduces elements that renew the debate around these subjects commonly disseminated in discussions of this nature.

**Keywords:** Poetics of translating; Henri Meschonnic; translation; fidelity; equivalence.

## **ABREVIACOES E REFERENCIAS**

Tendo em vista que as obras de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Amparo Hurtado Albir são largamente citadas nesta dissertação, utiliza-se a notaao abaixo para referir às obras desses autores.

**CLG** – Curso de Linguística Geral

**ELG** – Escritos de Linguística Geral

**SM** – Source Manuscripts du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure

**PLG I** – Problemas de linguística geral I

**PLG II** – Problemas de linguística geral II

**Traducción y Traductología** – Traducción y Traductología – Introducción a la Traductología

Observa-se que esta dissertação foi formatada de acordo com as normas, quando informadas, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujas diretrizes podem ser conferidas na página web do Programa. As situações não contempladas nesse documento seguem as normas da ABNT.

## *Entrada*

*Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. [...] Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.*

***Manoel de Barros – Poesia completa***

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
-------------------	-----------

### PRIMEIRO CAPÍTULO

<b>1 POR UMA VISÃO NÃO-REDUTORA DA LINGUAGEM</b>	<b>17</b>
1.1 O HUMBOLDT DE HENRI MESCHONNIC	22
1.1.1 <i>Os seis elementos teóricos do Humboldt de Meschonnic</i>	26
1.2 O SAUSSURE DE HENRI MESCHONNIC	31
1.2.1 <i>A leitura meschonniquiana de Saussure</i>	32
1.3 O BENVENISTE DE HENRI MESCHONNIC	45
1.3.1 <i>A tradição Benveniste</i>	48
1.3.2 <i>O ritmo em Benveniste e a poética do ritmo</i>	53
1.3.3 <i>A questão do sujeito em Benveniste: pontos de vista distintos</i>	60
1.3.4 <i>O “semântico sem semiótico”: abertura epistemológica da poética</i>	63
1.4 APONTAMENTOS	89

### SEGUNDO CAPÍTULO

<b>2 A POÉTICA DO TRADUZIR</b>	<b>95</b>
2.1 DA LÍNGUA AO DISCURSO	100
2.1.1 <i>Os pontos de vista baseados na língua</i>	101
2.1.2 <i>Os pontos de vista baseados no discurso</i>	104
2.1.3 <i>Direcionamentos I</i>	106
2.2 A VISÃO DO TRADUZIR MUDA	106
2.2.1 <i>A poética do traduzir, não a ciência do traduzir</i>	107
2.2.2 <i>Direcionamentos II</i>	111

2.3	A POÉTICA DO TRADUZIR, OU UMA TEORIA DA LINGUAGEM _____	112
2.4	A ESPECIFICIDADE DO TRADUZIR: EFEITOS DA TRADUÇÃO DOS TEXTOS BÍBLICOS _____	120
2.5	QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DE SE PENSAR A POÉTICA DO TRADUZIR? ____	134
2.5.1	<i>Por que a poética não entra no debate?</i> _____	137

### TERCEIRO CAPÍTULO

<b>3</b>	<b>A POÉTICA DO TRADUZIR (RE)CONHECIDA: TEMAS DA TRADUÇÃO REVISITADOS _____</b>	<b>140</b>
3.1	BREVE INTRODUÇÃO À TRADUTOLOGIA _____	147
3.1.1	<i>História da tradução</i> _____	147
3.1.2	<i>Caracterização da Tradutologia</i> _____	149
3.1.3	<i>Concepção da Tradutologia</i> _____	152
3.1.4	<i>Pequena crítica à Tradutologia</i> _____	155
3.2	REVISITANDO A TRADUÇÃO _____	158
3.3	REVISITANDO A FIDELIDADE _____	165
3.4	REVISITANDO A EQUIVALÊNCIA _____	168
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS _____</b>	<b>173</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____</b>	<b>175</b>

## LISTA DE FIGURAS

**Quadro 1-** Las teorías modernas de la traducción. (ALBIR, 2011, p. 130-131)\_\_\_\_\_ **142**

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação se insere na discussão sobre tradução e apresenta dois objetivos. O primeiro, mais geral, é incluir a poética do traduzir no debate em torno da tradução. O segundo, mais específico, é revisitar, à luz da poética do traduzir, três temas bastante conhecidos e redefinidos ao longo da história, a saber: tradução, fidelidade e equivalência.

Para tanto, inicialmente, gostaria de falar brevemente do meu percurso acadêmico e como se deu a aproximação com o pensamento de Henri Meschonnic, teórico francês nascido em 1932. O contato com a tradução no período de minha graduação em Letras foi vasto e com inúmeras opiniões sobre o que é o traduzir, ou o que é a tradução. Essas opiniões vinham tanto da experiência prática da tradução em aulas que propunham a reflexão sobre a tradução, o traduzir e o resultado textual, quanto de aulas teóricas que propunham discussões sobre os mesmos tópicos tratados nas disciplinas práticas a partir das mais variadas teorias sobre a tradução.

Sempre senti uma proximidade e afinidade com os aspectos linguísticos da tradução – em referência explícita a Roman Jakobson. A linguística, sendo uma fonte de conhecimento inesgotável assim como a tradução, me permitiu contato profundo com as teorias da linguagem em grande escala. A afeição maior se deu com o pensamento saussuriano e conseqüentemente com o pensamento benvenistiano. Isso porque as ideias saussurianas e benvenistianas me possibilitaram refletir sobre a linguística, mas uma linguística plena de linguagem porque não se isenta da presença de um homem que fala, e que, portanto, cria indefinidamente. Como se houvesse uma falta, como se ainda tivesse algo a ser explorado, sempre questionei as visões que chegavam até mim. Isso porque as teorias tomadas como sendo exclusivamente sobre tradução raramente pareciam ser exclusivamente sobre tradução, especialmente pelo fato delas não terem como ser exclusivamente sobre tradução. Um exemplo bastante conhecido é o que pensava São Jerônimo sobre o assunto: para ele, a tradução deveria ser feita de sentido por sentido, e não de palavra por palavra. Não me parecia possível separar a reflexão linguística da reflexão sobre a tradução a partir de uma afirmação como essa.

O caminho que percorri sempre foi o da linguística, mas os questionamentos sempre advinham da tradução. Com o término da graduação, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Estudos da Linguagem.

Meu projeto inicial era estudar a relação entre o tempo e a tradução. No entanto, ao cursar as disciplinas do programa, em dado momento, percebi que o tempo era ainda um assunto a ser explorado no pensamento saussuriano, especialmente no texto do *Curso de Linguística Geral* (CLG), de 1916. Naquele momento, optei por modificar meu objeto, que passou a ser o aspecto do tempo no texto do CLG. Maravilhado, tanto quanto perdido, com a quantidade de produções sobre as teorias de Saussure, a tradução acabou sendo deixada de lado. Eu a via como um objeto posterior de estudo. A linguística se sobrepôs e me aprofundei na pesquisa sobre o tempo no CLG.

No entanto, ainda havia uma disciplina a ser cursada. Uma disciplina que iria tratar sobre a relação entre a tradução e a teoria da enunciação de Benveniste. Foi quando a tradução voltou a ser um tópico importante para mim. As discussões foram amparadas por textos de variados teóricos que traziam ideias pouco difundidas na Tradutologia, ou tomados como pequenos exemplos. Ao mesmo tempo, outro grupo, numa outra disciplina, se desenvolvia discutindo questões em relação a uma Antropologia da Enunciação por vir (cf. FLORES, 2015). Em ambas, as discussões nos levaram a definir um ponto de vista comum: não estávamos mais no terreno da linguística. Havíamos adentrado o espaço da linguagem. E isso era inovador. Partindo das ideias de Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, George Steiner e Henri Meschonnic, começávamos ali um novo momento para a reflexão sobre a linguagem e sobre a tradução.

Foi nessa conjuntura que me encontrei com Meschonnic. E esse encontro foi tocante ao ponto de me fazer modificar, mais uma vez, o meu projeto de dissertação. A tradução voltava à cena novamente, totalmente renovada no meu pensamento. As considerações de Meschonnic em *Poétique du traduire*<sup>1</sup> (1999) me fizeram ver que as faltas que eu sentia em relação ao que se dizia sobre a tradução não eram somente minhas. Meschonnic foi profundo e polêmico em sua reflexão, mas ao lançar a poética do traduzir como projeto teórico incentivou um pensamento crítico em relação à tradução.

Impulsionado por esse pensamento, parti em busca daquilo que me parecia necessário apresentar para que a poética do traduzir fosse incluída de forma mais proeminente na discussão sobre a tradução. A pesquisa possibilitou compreender que a poética do traduzir sobretudo renova

---

<sup>1</sup> Indico, aqui, o reconhecimento da tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich da obra de Henri Meschonnic. No entanto, por discordar de algumas escolhas feitas pelas tradutoras, utilizo o texto em francês redigido por Meschonnic como referência (cf. MESCHONNIC, 2010).

teoricamente grande parte dos temas clássicos no debate. As relações entre esses temas consequentemente modificam, criando assim um novo ponto de vista.

Para compreender melhor esse ponto de vista, proponho então um (re)conhecimento da poética do traduzir. Os estudos sobre poética datam desde Aristóteles e, principalmente no século passado, o assunto se difundiu como nunca no mundo vista a renovação da discussão da poética por Jakobson. É preciso então conhecer a poética novamente. A partir de Meschonnic, a poética toma outra definição e se distingue das outras em inúmeros aspectos. Por isso, faz-se necessário compreender quais são os pontos onde a poética de Meschonnic opera e de que forma isso difere das outras poéticas.

Além disso, é importante reconhecer a poética como um ponto de vista dentro dos estudos de tradução. A Tradutologia explora pouco ou quase nada o pensamento poético de Meschonnic. Uma busca em obras conceituadas da área verifica esse fato (cf. VENUTTI, 2004; ALBIR, 2011). Por essa falta, busco incluir a poética do traduzir no debate sobre a tradução. Não apresento aqui uma defesa da poética do traduzir, vale dizer. A proposta, antes, é tomar ciência da produtividade da abordagem poética para os estudos da tradução. Com essa ideia em mente, pareceu justificável apresentar, então, três temas clássicos da discussão em torno da tradução: a própria tradução, a fidelidade e a equivalência. Muitos outros poderiam ser revisitados à luz da poética, no entanto, para o fim acadêmico desta dissertação, fiz esse recorte por acreditar que esses três temas podem exemplificar de maneira bastante clara como opera o ponto de vista da poética do traduzir.

Para o (re)conhecimento da poética do traduzir, tracei um percurso que possibilitará o entendimento do projeto teórico meschonniquiano. Faz-se necessário compreender de onde parte Meschonnic para constituir os pilares de seu projeto. No primeiro capítulo, portanto, abordo sua ideia de teoria da linguagem, baseada largamente nas ideias de três autores: Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Nesse capítulo, irei refletir sobre os aspectos de cada um desses autores que estão presentes na teoria da linguagem de Meschonnic. Humboldt, por exemplo, fornece as noções de contínuo e descontínuo, conceitos fundamentais que dão base para a distinção entre aquilo que pertence à língua e aquilo que pertence ao discurso. De Saussure, os conceitos de ponto de vista e sistema são imperativos. Para Meschonnic, um texto é um sistema de discurso e é necessário entender como opera a noção de sistema dentro da poética do traduzir. Benveniste está presente pois a própria ideia de poética do traduzir está assentada sobre a linguística

da enunciação, que fornece a ideia de uma forma-sujeito e de semântico, além da aproximação entre o projeto da metassemântica e a poética do traduzir. Essa exposição não recobre todas as referências de Meschonnic. Vemos, por exemplo, uma grande influência do pensamento de Baruch Spinoza na constituição do pensamento do autor; no entanto, para os fins deste trabalho, irei tratar apenas das ideias advindas dos estudos da linguagem, ou seja, a partir das reflexões de Humboldt, Saussure e Benveniste e não das bases filosóficas.

A partir da compreensão do caminho percorrido por Meschonnic para o estabelecimento da poética do traduzir apresentado no primeiro capítulo, o segundo capítulo tem a função de refletir sobre o que significa pensar a tradução a partir da poética do traduzir. Nesse momento, irei operar com os conceitos da poética do traduzir para compreender o resultado da mudança do pensamento quando deixamos o terreno da língua para adentrar no terreno do discurso. Com essa mudança de perspectiva, a visão sobre o traduzir modifica e, com essa modificação, surgem elementos que devem ser acrescentados ao debate.

Por esse viés, a poética supõe não mais uma teoria que se distancia das outras, mas uma teoria de conjunto que observa de que forma os elementos linguísticos, literários, filosóficos, políticos, éticos, sociais, entre outros, estão presentes no traduzir. A teoria de conjunto, é importante notar, supõe um posto de observação da linguagem que articule todas essas teorias. Para Meschonnic, a tradução é esse posto de observação. Ao criticar o *status quo* que impera no pensamento sobre a tradução por séculos, Meschonnic introduz o ritmo como sendo uma alternativa possível para se compreender o traduzir. A conclusão do segundo capítulo é a de que a poética do traduzir renova a discussão sobre a tradução por conceber a linguagem a partir de uma atividade que supõe um ritmo.

O terceiro capítulo, por fim, apresenta de que forma a poética do traduzir se vale dos temas da tradução. Abordo, a partir de comparações com a visão da Tradutologia, os temas tradução, fidelidade e equivalência com a finalidade de demonstrar o potencial teórico da poética e quais as consequências dessa ressignificação.

É de bom tom deixar claro que não busco na poética do traduzir a resolução dos problemas, como se fosse possível encontrar a verdade sobre esses conceitos. A própria poética do traduzir ensina que há maneiras infinitas de olhar a linguagem e as suas expressões, qualquer que seja a natureza. É preciso cautela para não apresentar a poética de forma arrogante. Ou seja, tomá-la como

o equivalente da verdade sobre a linguagem, especialmente porque não é possível dizer a *verdade* a partir da poética, já que essa ideia não se justifica dentro do escopo teórico da poética. Novamente, a proposta é incluir a poética do traduzir como um ponto de vista a ser considerado no debate sobre a tradução, o que leva, em consequência, a criticar as outras visões.

## PRIMEIRO CAPÍTULO

VII

*No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a  
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona  
para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele  
delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer  
nascimentos –  
O verbo tem que pegar delírios.*

**Manoel de Barros – O livro das ignorâças**

## 1 POR UMA VISÃO NÃO-REDUTORA DA LINGUAGEM

Falar da poética de Henri Meschonnic é, necessariamente, falar de uma grande quantidade de ideias produzidas ao longo da história do pensamento. O caráter crítico da poética requer um posicionamento sólido em relação à linguagem, visto que esse caráter crítico tem o intuito de problematizar questões há muito debatidas nas variadas áreas do conhecimento para compor um pensamento menos dogmático e mais claro acerca da noção de linguagem. Importa notar que crítica, no âmbito da poética, se apresenta como o ato de entrar em um determinado debate no intuito de repensar o que se toma como uma verdade estática no seio da discussão. Meschonnic opõe a crítica à polêmica, que se caracteriza pela negligência do debate, especialmente por se fundamentar na crença de haver apenas uma interpretação possível para determinado assunto. Parece uma boa estratégia introduzir esse assunto expondo, inicialmente, o que pode ser considerado como uma visão redutora da linguagem, visto que essa noção não toma as características de um juízo de valor, mas de um posicionamento crítico que se constrói ao longo da discussão.

Desde a filosofia clássica (Platão e Aristóteles), as questões sobre a linguagem têm sido discutidas e rediscutidas indefinidamente. A poética do traduzir proposta por Henri Meschonnic tem como característica questionar os posicionamentos tomados por pensadores que influenciaram (e ainda influenciam) diretamente o modo de conceber as ciências, a linguagem, o homem, a sociedade etc.

São inúmeros os pensadores que são desafiados por Meschonnic: Platão, Aristóteles, René Descartes, Gottfried Leibniz, Johann von Herder, Martin Heidegger, Jacques Derrida, os estruturalistas, os formalistas, entre outros, estão constantemente presentes no debate proposto por ele. Segundo o autor, todos têm em comum o fato de apresentarem, na constituição do seu pensamento, uma visão redutora da linguagem. Ou seja, um pensamento sobre a linguagem que a reduz a um único ponto e que atribui a esse único ponto um estatuto de verdade. Para Meschonnic, esse ponto é o signo.

A linguagem, reduzida ao signo, constitui uma representação parcial da ideia de linguagem proposta pela poética. O signo, por seu caráter fixo, reduz a linguagem a uma nomenclatura. A coisa e o nome da coisa. Esse é o ponto de vista assumido desde Platão

difundido por séculos dentro do pensamento ocidental, culminando, especialmente, no pensamento proposto pela escola estruturalista, que difundiu uma ideia sobre o signo a partir de uma leitura questionável do pensamento de Ferdinand de Saussure<sup>2</sup>.

Para Meschonnic, é passado o tempo de aceitar essa visão. Segundo ele, a linguagem não é compatível com a noção de signo. Pensar na forma e no conteúdo, cabendo sempre ao segundo um status de maior importância, significa assumir um posicionamento que busca um conteúdo estático, dado, presente no mundo independentemente dos sujeitos e da própria linguagem. Está posta, a partir desse movimento, a busca pela verdade. Para alguns, a palavra de Deus; para outros, a verdade da lógica e da ciência. O resultado pela busca da verdade, no entanto, se dá sempre como relativo e interpretativo, na dependência de um sujeito apenas. Meschonnic os define como teologismos sobre a linguagem (MESCHONNIC, 2008). O perigo do signo reside na ilusão da existência de uma verdade que independe dos sujeitos.

Observando esse fato do império do signo ao longo da história do pensamento, Meschonnic propõe uma visão que se distancie desse império, além de denunciá-lo. Para tanto, é necessária uma visão da linguagem que não seja redutora. Que não caia nas armadilhas da forma e do sentido. Uma visão que possibilite perceber o lugar do homem na sua relação com a linguagem. A proposta do autor é a de conceber uma nova visão sobre a linguagem que esteja mais consoante com o fato de a linguagem estar no homem assim como o homem está na linguagem.

Se inúmeros são aqueles desafiados por Meschonnic no desenvolvimento da poética, poucos, no entanto, são aqueles cujo pensamento é atualizado no pensamento do autor. Baruch Spinoza, Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste são os autores que, segundo Meschonnic, permitem constituir essa visão não-redutora da linguagem.

Spinoza aparece como um dos únicos filósofos cujo pensamento é atualizado por Meschonnic. Se o pensamento do contínuo começou com Heráclito, ele foi apagado por Platão. O pensamento do contínuo “*était sous un certain aspect active chez Aristote, puis elle a été oubliée.*

---

<sup>2</sup> Essa discussão será retomada com maior profundidade na segunda seção deste capítulo (cf. 1.2), que tem como objetivo apresentar de que forma a leitura estruturalista confundiu e difundiu a visão tradicional do signo convencional da filosofia clássica com a visão de Ferdinand de Saussure do signo radicalmente arbitrário.

Elle est repensée chez Spinoza, et elle retombe dans l'impensé"<sup>3</sup> (MESCHONNIC, 2008, p. 502). Spinoza, então, aparece como testemunha da ideia meschoniquiana de corpo-linguagem, que não opera a partir de pares de exclusão, como poderia ser compreendido a partir do pensamento cartesiano. Pelo contrário, essa ideia requer um pensamento de conjunto, de interação entre as partes e que, em Spinoza, toma forma na noção de *concatenatio*.

Percebe-se uma forte presença do pensamento de Spinoza no desenvolvimento da poética proposta por Meschonnic. No entanto, Spinoza não será abordado de maneira aprofundada nesta dissertação devido, primeiramente, a um fato apresentado por Meschonnic. Segundo ele, o pensamento de Spinoza sofreu um apagamento frente às ideias de Descartes no que diz respeito ao desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem. O cientificismo baseado no cartesianismo venceu a batalha contra um pensamento do contínuo. Para ele, porém, é Humboldt quem retorna ao campo de batalha contra as ideias descontínuas sobre a linguagem de forma mais concreta. Em segundo lugar, é necessário me posicionar como um sujeito que teve sua formação ligada inicialmente à linguística e, posteriormente, aos estudos da linguagem, fazendo com que maior ênfase seja dada aos autores que circulam de maneira mais sólida nesses campos. Spinoza aparece como testemunha das bases da poética de maneira menos abrangente que as figuras de Humboldt, Saussure e Benveniste e me leva a reconhecer seu pensamento e sua relação com o pensamento de Meschonnic e até mesmo a relação do seu pensamento com os pensamentos dos três autores mencionados acima. Porém, não se dará maior ênfase sobre a presença de Spinoza em Meschonnic por não parecer necessário para o desenvolvimento de um pensamento não-redutor da linguagem nos moldes propostos nesta dissertação.

Humboldt, Saussure e Benveniste são os autores ligados diretamente a essa visão através do ponto de vista dos estudos da linguagem – no caso de Humboldt – e da linguística – nos casos de Saussure e Benveniste. Meschonnic apresenta leituras pontuais do pensamento de cada um e situa de forma bastante lúcida os pontos de vista assumidos por eles.

---

<sup>3</sup> Cabe, aqui, indicar como será dado o tratamento em relação às fontes. Por excelência, as passagens dos autores estarão presentes no corpo do texto de acordo com os seus originais ou através de citações de terceiros que já os traduziram e não há tradução para o português brasileiro de cada passagem visto o grande número de citações em línguas estrangeiras (especialmente francês e espanhol). Quando houver a necessidade de uma problematização em relação ao texto original e a sua tradução para o português brasileiro para o desenvolvimento de uma reflexão, ambos, original e tradução, estarão presentes e referenciados de acordo com a notação que será exposta adiante.

O projeto da poética tem duas consequências diante dessa movimentação teórica. A primeira é que a poética tem seus fundamentos no pensamento desses autores; constitui-se, logo, como um pensamento prolongado, atualizado no presente na forma de uma nova teoria. A segunda é decorrência da primeira, pois, ao se fundamentar nesses pensamentos, a poética os coloca na ordem do dia das discussões sobre a linguagem a partir de um novo ponto de vista.

Ao criticar os estruturalistas, por exemplo, Meschonnic impõe que a leitura feita sobre Saussure não seja ela mesma estruturalista. Ou seja, que não se encontre em Saussure um primado da estrutura sobre o sistema, quando se observa que a articulação entre sistema, valor e “a língua (ou seja, o sujeito falante)” (SAUSSURE, 2012, p. 39) resume de forma sistemática o grande conjunto do pensamento saussuriano. Vê-se, aí, a necessidade de um novo ponto de vista em relação a Saussure e o conjunto de sua obra<sup>4</sup>. Por esse viés, Meschonnic fornece novos horizontes teóricos em relação às obras dos três autores, suscitando que novas leituras sejam feitas para que se compreenda que os pontos de vista assumidos por eles não se encerram em descrições redutoras da linguagem. Pelo contrário, a partir da poética, é possível perceber o quanto o império do signo limitou o pensamento desses autores. Humboldt sendo relegado a uma tipologia das línguas; Saussure didatizado aos moldes científicos propostos pelo estruturalismo; Benveniste sendo identificado como continuador desse Saussure estruturalista.

Para compreender melhor de que forma o pensamento dessas três figuras teóricas estão presentes no pensamento meschonniciano, este primeiro capítulo tem como objetivo explorar a forma como as ideias de Humboldt, de Saussure e de Benveniste são articuladas para os propósitos da poética de Meschonnic. O caminho a ser percorrido foi inspirado no trabalho de Jürgen Trabant, “Le Humboldt d’Henri Meschonnic” (2005). Trata-se, logo, de um ponto de vista sobre a linguagem que é particular. A leitura do texto de Trabant foi basilar para a constituição deste capítulo, pois o autor precisa de maneira exemplar a presença do pensamento de Humboldt no pensamento de Meschonnic, visto que se trata de uma leitura particular de Meschonnic. Ao apresentar essa leitura, Trabant aponta os pontos do pensamento humboldtianos presentes em Meschonnic e, conseqüentemente, os termos através dos quais Meschonnic lê Humboldt.

---

<sup>4</sup> (Cf. 1.2)

Para os propósitos desta dissertação, foi incontornável a necessidade de, a partir da leitura do texto de Trabant, pensar, também, a presença de Saussure e de Benveniste no pensamento meschoniquiano, visto que Meschonnic também atribui a esses autores as bases para o pensamento poético. O caminho trilhado aqui, então, requer que se trate do Saussure de Meschonnic, bem como do Benveniste de Meschonnic. Torna-se necessário observar como Meschonnic articula os pensamentos desses autores para argumentar a favor de uma visão não-redutora da linguagem.

Importa notar que o Saussure de Meschonnic e o Benveniste de Meschonnic já foram pensados e definidos por Daiane Neumann em “A presença de Saussure e Benveniste em Henri Meschonnic”, de 2014. Neumann apresenta, também inspirada pelo trabalho de Trabant, a presença desses dois autores no pensamento de Meschonnic de maneira bastante pontual e seus argumentos servirão como guia para a discussão apresentada aqui. No entanto, por observar objetivos diferentes entre a discussão de Neumann (2014a) e a discussão que proponho nesta dissertação, opto por retomar o debate acerca da presença de Saussure e de Benveniste em Meschonnic a partir de um ponto de vista que tem como foco tratar da ideia de uma visão não-redutora da linguagem e para os propósitos de uma reflexão acerca da tradução. Para tanto, faz-se necessário introduzir o assunto de forma particular, visto que existe a necessidade de articular as ideias da base do pensamento poético para que, adiante, se compreenda como se desenvolve a poética do traduzir e quais as suas consequências (cf. 2).

Logo, na primeira seção (cf. 1.1), abordarei o pensamento de Humboldt, identificando os pontos que Meschonnic atualiza e articula, posteriormente, com as ideias de Saussure e Benveniste. Essa seção está baseada no texto “Le Humboldt d’Henri Meschonnic” de Jürgen Trabant, como mencionado anteriormente, pelo aspecto didático de sua apresentação e pela força teórica que contém e se apresenta como o texto que permite a discussão apresentada nessa primeira seção. Além disso, vale mencionar, todo este capítulo foi inspirado no texto de Trabant, visto que é a partir desse texto que a ideia de pensar um Saussure de Meschonnic e um Benveniste de Meschonnic surge.

A segunda seção tratará das ideias saussurianas presentes em Meschonnic (cf. 1.2). Na luta contra a leitura estruturalista de Saussure, Meschonnic nos apresenta um pensador que contribuiu mais para os estudos da linguagem do que a tradição linguística pós-saussuriana concebeu, visto

que é possível encontrar a dimensão do discurso em Saussure e observar os conceitos de ponto de vista e sistema que operam na teoria saussuriana. A ideia do Saussure de Meschonnic se inspira no trabalho de Neumann (2014a); contudo, por perceber objetivos diferentes em relação a essa discussão, opto por apresentar a leitura meschonniquiana de Saussure a partir de textos da própria autoria de Meschonnic.

Por fim, a última seção trata de Benveniste (cf. 1.3), a quem Meschonnic atribui explicitamente o fundamento da poética, pois é Benveniste quem situa a dimensão semântica da língua (em relação à dimensão semiótica), além de relativizar o valor da noção de ritmo, totalmente levada adiante por Meschonnic como sendo o centro do pensamento poético. Como no caso do Saussure de Meschonnic, o Benveniste de Meschonnic já foi delimitado por Neumann (2014a) (2014b). No entanto, o argumento que utilizo para tratar de Saussure também é válido para a discussão em torno de Benveniste. A apresentação se dará a partir do cotejamento entre textos de autoria de Meschonnic e de Benveniste.

## 1.1 O HUMBOLDT DE HENRI MESCHONNIC<sup>5</sup>

As ideias de Humboldt estão presentes no pensamento de Meschonnic como um dos pilares teóricos para o estudo da linguagem no qual Meschonnic baseia sua poética. Meschonnic visa, com o desenvolvimento da poética, uma teoria da linguagem e Humboldt, nesse contexto, aparece como “*témoin pour penser le langage*” (TRABANT, 2005, p. 177).

A presença de Humboldt nas ideias de Meschonnic suscitou uma leitura bastante apurada por parte de Jürgen Trabant que, em 2005, publica um texto intitulado “*Le Humboldt d’Henri Meschonnic*”. Nesse texto, Trabant discute de que forma se dá essa presença de Humboldt em Meschonnic. Logo, esta seção tem como objetivo explorar os elementos necessários para se compreender o “*Humboldt de Meschonnic*”. Para tanto, cumpre compreender de que forma a aproximação entre Humboldt e Meschonnic se dá.

---

<sup>5</sup> O título desta seção é a tradução do título do texto de Trabant (cf. TRABANT, 2005).

Humboldt está presente na obra de Meschonnic desde 1975, quando Meschonnic publica um capítulo em *Le Signe et le poème* (1975) influenciado pela aparição da tradução francesa do principal texto de Humboldt, publicado por Pierre Caussat, sob o título de “Humboldt ou le sens du langage”, em 1974 (TRABANT, 2005). Segundo Trabant:

Cette lecture fut, si je comprends bien, comme une révélation, comme la découverte d’une pensée fraternelle qui permit à Meschonnic une prise de position théorique fondamentale: pour une pensée du langage contre Peirce, contre Chomsky, contre la phénoménologie, contre Heidegger et contre Derrida, donc contre le sémiotisme, contre l’universalisme mentaliste e formaliste, contre une pensée ahistorique, contre une ontologie du langage. (TRABANT, 2005, p. 175)

É possível perceber o quanto as ideias de Humboldt influenciaram Meschonnic a partir do momento em que, tomando-se diversos textos de Meschonnic (como o texto “Penser Humboldt aujourd’hui” presente no livro dirigido por Meschonnic sob o título de *La Pensée dans la langue. Humboldt et après*, de 1995, por exemplo) e até mesmo os que não tratam de Humboldt especificamente, se percebe que essas ideias estão na base do pensamento poético meschonniciano. Meschonnic toma Humboldt como testemunha de um pensamento não-redutor da linguagem.

Pensar Humboldt não é citá-lo ou pensar através dele, mas sim pensar a mesma ordem de problemas pensada por ele. Isso supõe que se pense além de Humboldt, mas ainda com ele. É um pensamento a partir dele. Um pensamento continuado, tanto da ordem de problemas por ele instaurados, mas também daquilo que a Humboldt restou pensar. Para Meschonnic, isso significa pensar sobre tudo aquilo que a linguística teórica do século XX descartou e impediu de pensar (MESCHONNIC, 1995).

Humboldt está presente não como uma figura histórica a ser recusada ou venerada, mas como uma presença porque ainda trata de problemas atuais no que diz respeito à linguagem. Humboldt não é um passado a ser resgatado como o sentido perdido da origem de um pensamento. Ele ainda está presente pela forma como trata de questões da linguagem que foram deixadas de lado por ideias posteriores, como é o caso da linguística teórica do século XX, mencionada anteriormente.

Humboldt continua contribuindo para um pensamento da linguagem que não se restrinja a isolar-lhe elementos para descrevê-la. Para Humboldt, esse movimento teórico representa apenas uma parte do estudo. É importante reter a ideia de continuação de um pensamento e também daquilo que restou a ser pensado a partir da ordem dos problemas propostos por Humboldt. Meschonnic atualiza essa ordem de problemas pois o sentido da linguagem da preocupação humboldtiana tem um espaço considerável nos ideais da poética.

Vale notar, como bem aponta Trabant, que Meschonnic não é um especialista em Humboldt, ele “n’est pas ce que nous appelons en Allemagne un ‘Humboldt-Forscher’, un spécialiste de Humboldt” (TRABANT, 2005, p. 176). Esse papel é o de Jean Quillien no âmbito francês. Quillien é um filósofo que se interessa basicamente pela antropologia e a consequência disso é seu desinteresse pela linguagem, em sentido amplo (TRABANT, 2005). O que, segundo Trabant, gera um problema, visto que a linguagem está no centro das reflexões de Humboldt. Trabant, assim como Meschonnic, toma um posicionamento forte em relação à filosofia e aos filósofos. Para ambos, a filosofia, quando se interessa pela linguagem, a reduz a classificações que se prestam a um estudo da língua<sup>6</sup>, talvez, mas não apresenta verdadeiro cuidado com o estudo da linguagem.

Il y a très peu de philosophe qui pensent vraiment le langage, la philosophie européenne s’étant pratiquement constituée comme une lutte contre le langage. Et l’actuelle prétendue philosophie du langage, de provenance anglo-saxonne, est surtout une grosse machine pour penser contre le langage. (TRABANT, 2005, p. 176)

Segundo Meschonnic, em “Penser Humboldt aujourd’hui” (1995), Quillien pensa Humboldt a partir de uma perspectiva hegeliana. E esse ponto de vista ultrapassa a linguagem, visto que o pensamento de Hegel dissolve a linguagem num pensamento puro, sem relação com o linguístico. Um ponto de vista que assume que há pensamento sem linguagem. Ao tratar da diferença entre Meschonnic e Quillien nas suas recepções das ideias humboldtianas, Trabant levanta uma questão pertinente para o desenvolvimento da poética. Segundo ele, Meschonnic

---

<sup>6</sup> A noção de língua será retomada nas próximas seções e no próximo capítulo. Por ora, língua, aqui, aparece como no sentido dado pelas escolas que a tomam em oposição à fala, ou ao discurso, como é o caso do estruturalismo.

atribui a Humboldt um pensamento da linguagem, não observando nele um ponto de vista filosófico especificamente (TRABANT, 2005). Além disso, diferente do Humboldt de Quillien, o Humboldt de Meschonnic é uma presença e não uma figura do passado (TRABANT, 2005).

Não apenas Humboldt é tratado dessa maneira. Encontramos em Meschonnic o mesmo tratamento em relação às figuras de Saussure e de Benveniste. Para Trabant, e levo adiante o mesmo ponto de vista, “les trois auteurs de Meschonnic représentent plutôt une seule et même chose : une pensée du langage non réductrice. Ces trois auteurs sont aussi – contrairement aux auteurs très paternels de Vico – plutôt de frères, des pensées fraternelles” (TRABANT, 2005, p. 176-177). Há uma necessidade de assim sê-lo, pois “le langage est en exil, chassé des activités et préoccupations intellectuelles et scientifiques de notre culture” (TRABANT, 2005, p. 177). Humboldt, Saussure e Benveniste participam, em conjunto com Meschonnic – e a partir dele – do combate contra a banalização da linguagem. “Il faut se battre pour le rapatrier [le langage] – lutte peut-être inutile, bataille peut-être perdue depuis longtemps, mais qu’il faut mener tout de même. Les causes perdues ne sont pas nécessairement les moins nobles” (TRABANT, 2005, p. 177).

A necessidade de Meschonnic de pensar Humboldt acarreta uma consequência exposta de maneira bastante exemplar por Trabant. Como já aponta o título do texto, “Le Humboldt d’Henri Meschonnic”, Meschonnic, ao pensar Humboldt, expõe uma leitura particular. Importa, aqui, notar que não existe uma tradição humboldtiana. Segundo Meschonnic, “le paradoxe de cet héritage est que, comme l’a montré Jürgen Trabant, il n’y a pas une tradition unique de la pensée de Humboldt, mais plusieurs, et pourtant, à travers cette référence multiple, en un sens il n’y a aucune” (MESCHONNIC, 1995, p. 13).

Para Trabant, existe um Humboldt de Meschonnic. Ou seja, há uma leitura por parte de Meschonnic das ideias humboldtianas que permitem a ele constituir seu próprio pensamento. É nesse sentido que Humboldt está presente na poética meschonniquiana. Pois a ordem dos problemas pensada por Humboldt é atualizada por Meschonnic, visto o caráter distinto tanto das ideias humboldtianas quanto meschonniquianas em relação à linguagem. Como menciona Meschonnic, a linguística do século XX não leva em consideração os estudos de Humboldt<sup>7</sup>. E

---

<sup>7</sup> Vale matizar essa afirmação. É possível encontrarmos referências às ideias de Humboldt em obras como *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin, e nos construtos teóricos de Noam Chomsky acerca da linguagem. No

Trabant complementa dizendo que “malgré l’apparente présence de Humboldt, l’Apeliotes, le vent de Humboldt, n’est pas l’esprit qui anime la linguistique moderne ; il est plutôt un fantôme rappelant sans relâche les dettes impayées de la conception moderne du langage” (TRABANT, 1986, p. 10 apud MESCHONNIC, 1995, p. 14). Observo, em seguida, os elementos do pensamento humboldtiano atualizados por Meschonnic.

### 1.1.1 Os seis elementos teóricos do Humboldt de Meschonnic

Trabant trata essa discussão de forma bastante pontual. Segundo ele, existem seis elementos teóricos que constituem o Humboldt de Meschonnic. Esses elementos, como se verá adiante, não constituem o pensamento de Humboldt na sua totalidade. Os elementos expostos são aqueles que, no pensamento de Meschonnic, atualizam partes integrantes do pensamento de Humboldt.

O ponto mais importante de Humboldt, para o Humboldt de Meschonnic, é sua visão sobre a linguagem. Para Humboldt, a linguagem é uma atividade. E Trabant esclarece: “[...] activité concrète d’êtres humaines réels”<sup>8</sup> (TRABANT, 2005, p. 177). A partir desse ponto de vista, o discurso, “*die Rede*”, toma lugar de destaque, visto que é a produção de um discurso que se enquadra como uma atividade. Não há, em Humboldt, uma visão de linguagem a partir da língua. O discurso é tanto um ponto de partida quanto um ponto de referência para qualquer estudo da linguagem. Para ele – e o termo que ele utiliza advém de Aristóteles – a linguagem é *energeia*, “activité génétique (*‘genetisch’*), productrice (*‘hervorbringend’*), créatrice, poétique dans le sens le plus large, le *poietes* étant celui qui crée” (TRABANT, 2005, p. 177). Vê-se a distinção de Humboldt em relação a seus pares.

Observar a linguagem a partir do discurso é uma visão radicalmente diferente da visão linguística do século XIX. Os pensadores dessa época buscavam remontar, através da comparação das línguas, à língua original. A forma e o sentido eram os conceitos máximos que demonstravam

---

entanto, esses trabalhos apresentam uma leitura de Humboldt que se distancia largamente daquilo que o autor alemão propunha. Compara-se as leituras feitas de Humboldt com aquela feita de Saussure pelos estruturalistas.

<sup>8</sup> No original, em alemão: “*der wirklich sprechende Mensch*” (VII: 42). Trabant indica a referência à edição dos *Écrits* de Humboldt da Academia de Berlim.

a possibilidade do caráter científico da pesquisa linguística. Humboldt, no entanto, trata a linguagem como “*Arbeit des Geistes*”, como trabalho do espírito. Trabant nos fornece uma tradução própria da célebre passagem humboldtiana expondo esse ponto de vista:

Le langage, pris dans son essence réelle, est quelque chose de passager, continuellement et à tout moment. [...] Il n'est pas une œuvre (*ergon*), mais une activité (*energeia*). Sa véritable définition ne peut donc être qu'une définition génétique. Car il est le travail, éternellement répété, de l'esprit qui est de rendre le son articulé susceptible d'exprimer la pensée. Cette définition de la parole réalisée à chaque fois. [...] Le plus précieux et le plus fin du langage [...] ne peut donc être perçu et senti que dans le discours lié. C'est le discours seulement que l'on doit considérer comme le vrai et le primaire dans toutes les recherches qui tentent de pénétrer dans l'essence vivante du langage. (HUMBOLDT, 1903-1936, pp. 45-46 apud TRABANT, 2005, pp. 177-178)

Os outros cinco pontos notados por Trabant são decorrência dessa visão da linguagem como atividade (*energeia*). Importa, por ora, deixar claro que os elementos teóricos humboldtianos, assim como sua terminologia, são incorporados no pensamento poético de Meschonnic. Como se verá adiante (cf. 2), a poética leva adiante a ideia de *energeia* em articulação com a ideia de *ergon*, principalmente no que diz respeito àquilo que se traduz.

O pensamento tradicional da tradução leva em consideração apenas o texto, a obra (*ergon*), enquanto a poética articula as noções de *energeia* e *ergon*, atribuindo à primeira o seu foco, visto que a linguagem é tida como atividade concreta de um ser humano real antes de ser considerada um *ergon*. O que está em relação é o fato de que a linguagem, vista a partir do ponto de vista do *ergon*, é analisada a partir dos conceitos da língua (forma e sentido) desde que Platão atribuiu a relação da língua com a realidade, falando da representação da realidade pelo signo (ou seja, a língua).

Retomando os pontos da relação entre Humboldt e Meschonnic, o segundo deles fala do primado do discurso sobre a língua. Discurso, vale notar, no contexto de Humboldt, passando por Saussure e Benveniste, até Meschonnic, tem o sentido de atividade criativa. A linguagem como *energeia* se mostra, hoje, como a atividade de um sujeito produzindo um enunciado. Por esse viés, discurso é diferente daquilo que é investigado nos estudos contemporâneos da linguagem como, por exemplo, nos estudos da Análise do Discurso, que o toma como uma prática social de produção de textos a partir das ideologias apresentadas neles advindas de um contexto discursivo anterior a

essa produção. O discurso do qual se trata aqui é individual e tem relação intrínseca com a produção concreta de linguagem de um ser humano real. A dimensão ideológica não está na origem desse discurso e ele não está na dependência de um contexto discursivo.

Si le discours est l'activité, comme dit Humboldt, d'un homme 'en train de parler' – 'historiquement nous n'avons jamais affaire qu'à l'homme réellement en train de parler' – impliquant, comme Benveniste a été le premier à le reconnaître et à l'analyser, l'inscription grammaticale de celui qui dit je dans son discours, cette énonciation ne saurait se borner à être logique ou idéologique. Elle entraîne une activité du sujet qui, de sujet de l'énonciation, peut devenir une subjectivation du continu dans le continu du discours, rythmique et prosodique. (MESCHONNIC, 1999, p. 12)

A consequência do primado do discurso sobre a língua é de que, se a linguagem é viva, isso se dá apenas pelo discurso, fazendo com que aquilo que foi produzido pela linguística, pelas gramáticas e pelos dicionários sejam apenas “‘squelletes morts’, ‘*das tote Gerippe*’ (VI: 147)” (TRABANT, 2005, p. 178). Humboldt é bastante claro na exposição desse ponto. Trabant nos fornece uma tradução: “La fragmentation en mots et règles n'est que la fabrication morte de l'analyse scientifique<sup>9</sup>” (2005, p. 178); e complementa dizendo que a língua, no sentido estruturalista do termo, é uma abstração morta e todo estudo que reduza o objeto a essa abstração não corresponde à natureza viva da linguagem (TRABANT, 2005).

Desse fato, decorre o terceiro ponto: se a linguagem é uma atividade concreta de um ser humano concreto, ela é situada historicamente, num contexto concreto e numa sociedade concreta. Por esse motivo, a teoria da linguagem se apresenta mais abrangente do que a linguística pode suportar: ela é também teoria social, política, histórica. Não é possível, através de uma visão da linguagem como atividade, não levar em consideração as dimensões onde a produção da linguagem se dá. Segundo Trabant, Meschonnic reitera constantemente o fato de que há uma identificação entre todas essas diferentes teorias. Para ele, a teoria da linguagem engloba a teoria social, a teoria política, a teoria histórica (TRABANT, 2005). “L'activité linguistique est donc en

---

<sup>9</sup> No original, citado por Trabant: “*ein todes Machwerk wissenschaftlicher Zergliederung*” (VII: 46).

‘*Wechselwirkung*’, en interaction, en réciprocité avec tout ce qui l’entoure, avec toute la culture dans laquelle est produite” (TRABANT, 2005, p. 178).

O quarto ponto apresentado por Trabant é crucial no entendimento da poética. Meschonnic critica arduamente a noção de signo<sup>10</sup> e, segundo Trabant, a linguagem tomada como atividade concreta não se presta a ser representada pelo signo. Trabant fornece a seguinte definição de signo: “Le signe est traditionnellement un objet visuel, il est statique, donc discontinu, il est ancillaire, secondaire, il disparaît pour faire place à son contenu qui est toujours prioritaire dans le signe” (TRABANT, 2005, p. 178). Tanto em Humboldt quanto em Meschonnic, existe um pensamento antissemiótico. Humboldt não toma nem a linguagem nem a palavra como signo e esse é um argumento constante na poética meschonniciana.

Se encontramos na obra de Meschonnic uma tensão constante com outras teorias, tensões essas tidas como polêmicas, Humboldt apresenta um pensamento mais pacífico, mesmo que suas ideias continuem “intempestivas” (TRABANT, 2005). O que não significa que não exista polêmica na visão humboldtiana. Segundo Trabant, o momento polêmico do pensamento de Humboldt é exatamente o rompimento com as ideias em voga até seu tempo, ideias que tomavam a linguagem a partir do signo. Humboldt luta contra o ponto de vista semiótico. Aristóteles é a fonte dessa representação da linguagem pelo signo. “Dans le *De interpretatione* – et donc dans toute la tradition européenne – le mot-signe désigne le concept pour le communiquer aux autres; le concept de son côté est généré indépendamment du langage, la pensée étant indépendante du langage” (TRABANT, 2005, p. 178). Através dessa visão, as línguas são apenas um conjunto de significantes que designam todos um mesmo pensamento, tomado como universal. Humboldt vai contra a visão da língua como uma nomenclatura arbitrária (TRABANT, 2005) e Meschonnic insiste largamente nesse fato no desenvolvimento da poética.

Cumprе notar, por ora, que Humboldt e Meschonnic tomam caminhos distintos na crítica feita ao signo. Mesmo partindo do mesmo ponto de vista antissemiótico, não aceitando a noção de signo como uma representação válida da linguagem, Meschonnic nos apresenta o ritmo como a noção que se opõe ao signo. Humboldt, por outro lado, opera com a noção de articulação. Para ele, a articulação é o que permite pensar a linguagem na sua relação com os elementos que a constituem.

---

<sup>10</sup> Em *Dans le bois de la langue* (2008), Meschonnic intitula a primeira parte do livro “La folie du signe”.

Por aí, é a articulação entre a identidade e a alteridade que permite pensar a dimensão política da linguagem. Outros exemplos de articulação no pensamento de Humboldt são as noções de contínuo e descontínuo, noções, essas, que serão retomadas adiante.

O quinto ponto apresentado por Trabant diz respeito à visão humboldtiana sobre a impossibilidade de encontrarmos no universo qualquer coisa de análoga em relação à linguagem. Trabant fala da essência particular da linguagem reiterada constantemente por Humboldt. Não há equivalente da linguagem na natureza. No entanto, mesmo tratando dessa impossibilidade de analogia, Humboldt apresenta, por vezes, uma terminologia próxima a das ciências naturais (utilização de termos como “organismo”, “instinto”, por exemplo) (TRABANT, 2005). Mesmo utilizando essa terminologia, Humboldt o faz de forma articulada, para que se compreenda o caráter radicalmente não-natural da linguagem. Trabant cita o exemplo da expressão “instinto intelectual da razão” (TRABANT, 2005, p. 180). Essa ideia da radical não-naturalidade da linguagem é constante no pensamento poético de Meschonnic, pois permite a ele substituir a noção de signo pela de ritmo sem que se caia na armadilha do convencional platônico ou do arbitrário aristotélico.

Por fim, o último ponto indicado por Trabant trata da articulação humboldtiana entre o contínuo e o descontínuo. A ordem do descontínuo é aquela do signo, aquela que não se representa como atividade. Em relação a essa ordem, articula-se a ordem do contínuo, da linguagem vista como uma continuidade de produção de discursos. A atividade estruturalista, por exemplo, está totalmente incluída na ordem do descontínuo.

[...] nous pouvons ajouter que le discontinu ou le discret sont le noyau de toute activité structuraliste. En linguistique, il faut chercher des unités discrètes, il faut abstraire des unités discrètes de l'activité concrète et continue qu'est la parole. Le discontinu est donc le centre de cette “squelettisation” du langage par l'activité de la description. Tout linguiste sait en principe que le discontinu du langage est l'effet d'un travail d'abstraction et – en réalité – ces unités discrètes se trouvent dans un continu non segmenté en unités. (TRABANT, 2005, p. 180)

Trabant exemplifica falando da atividade do foneticista ou fonólogo. Segundo ele, os fonemas não são delimitáveis no discurso concreto, eles participam do acontecimento sonoro que é contínuo. No entanto, o autor aponta que, como a escritura, notadamente a escritura alfabética, está na base do pensamento linguístico, existe uma preferência pelo descontínuo que decorre da

herança do grafismo da linguística. A crítica aos linguistas é expressa: mesmo sabendo desse fato, os linguistas tendem a esquecê-lo. Para Meschonnic, a ordem do descontínuo é um oponente a ser desafiado: “Meschonnic lutte contre le discontinu dans sa théorie du langage qui est une théorie du discours, de l’*energeia*, de l’activité. Et il se réfère à Humboldt comme témoin de sa polémique contre le discontinu” (TRABANT, 2005, p. 180).

O Humboldt de Meschonnic, então, caracteriza-se por apresentar um pensamento sobre a linguagem que é em tudo distinto dos pensamentos propostos por pensadores que se limitam a observá-la a partir de uma visão descontínua. Se o pensamento de Spinoza não teve fôlego o suficiente para gerar um ponto de vista mais sólido em relação à ideia de contínuo, o pensamento de Humboldt aparece pleno de energia para combater uma visão sobre a linguagem que a reduza a um signo que não permite ir além de si. Considerando a linguagem uma atividade, Humboldt abre caminho para um pensamento poético com bases bastante sólidas.

Cumprir notar, e se pode considerar esta breve exposição já uma introdução da próxima seção, que o pensamento de Humboldt está mais próximo do pensamento saussuriano em relação à linguagem do que as ciências humanas puderam conceber ao longo do século XX. Na próxima seção a visão saussuriana será apresentada de forma a vir a se somar ao pensamento de Humboldt dentro do desenvolvimento da poética, continuando o processo de solidificação das suas bases teóricas.

## 1.2 O SAUSSURE DE HENRI MESCHONNIC

Para dar continuidade à exposição das bases da poética de Meschonnic, passo, agora, à apresentação da forma que o pensamento saussuriano está incorporado na poética meschonniquiana. A ideia de apresentar o Saussure de Meschonnic não é inédita. Neumann (2014a) publica no Brasil, o texto intitulado “A presença de Saussure e Benveniste em Henri Meschonnic”. Nele, também inspirada pelo texto de Trabant (cf. supra), a autora toma a mesma atitude teórica que me parece necessária para os fins desta dissertação. Se há um Humboldt de Meschonnic, há, também, um Saussure de Meschonnic assim como um Benveniste de Meschonnic. Levando adiante os mesmos ideais descritivos de Trabant, Neumann elabora um pensamento que busca dar conta

dos pontos críticos das ideias desses dois autores que são atualizados no desenvolvimento da poética.

Para os propósitos desta dissertação, cumpre retomar essa discussão acerca desses pensamentos para que se compreenda qual o caminho trilhado por Meschonnic para desenvolver a poética do traduzir: projeto teórico, crítico por natureza, que atualiza temas e noções que foram ora negligenciados pelos estudos da linguagem, ora interpretados de maneiras equivocadas e tomados como a única verdade sobre o fazer linguístico. Para tanto, de acordo com os trabalhos de Meschonnic (2007, 2008), Trabant (2005) e Neumann (2014a, 2014b), além da discussão de Pietroluongo (2009), proponho uma descrição da presença de Saussure em Meschonnic.

Esta seção tem, então, o objetivo de apresentar o Saussure de Meschonnic a partir da descrição de pontos específicos do pensamento saussuriano que são integrados por Meschonnic no desenvolvimento da poética. Essa metodologia está bastante próxima daquela utilizada por Trabant (2005) e Neumann (2014a).

Inicialmente, baseado nos textos “Le sens du langage, non le sens des mots” (MESCHONNIC, 2007, p. 49-68) e “Saussure ou la poétique interrompue” (MESCHONNIC, 2008, p. 470-482), descrevo a leitura de Saussure feita por Meschonnic. A leitura de Meschonnic expõe a maneira pela qual o pensamento saussuriano foi apagado pela leitura estruturalista, que teve como consequência mascarar uma poética, nos moldes meschonniquianos, presente em Saussure. Em segundo lugar, a partir da compreensão dos pontos em que Saussure e o estruturalismo se opõem, apresento os elementos do pensamento saussuriano que são atualizados por Meschonnic no desenvolvimento da poética. Esses elementos são as noções de ponto de vista e de sistema. Ao final, cumpre retornar ao título do texto de Meschonnic e compreender de que forma a poética foi interrompida em Saussure e de que forma ela pode ser enxergada novamente. Passo, então, à exposição desses pontos.

### 1.2.1 *A leitura meschonniquiana de Saussure*

Para Meschonnic, a publicação dos *Écrits de Linguistique Générale* (ELG) em 2002, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, representou um novo momento para

o pensamento saussuriano. Para ele, surge um novo Saussure. Diferente daquele conhecido a partir do *Cours de Linguistique Générale* (CLG) de 1916. Diferente daquele da obra de Robert Godel, *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure* (SM), de 1957. Diferente daquele da edição crítica de Rudolf Engler de 1989. Esse é o argumento de Meschonnic, na mesma esteira do pensamento do próprio Simon Bouquet em *Introduction à la lecture de Saussure* de 1997, que identifica os ELG como apresentando o verdadeiro Saussure<sup>11</sup>. O que, no entanto, importa notar é o que decorre da publicação dos ELG segundo Meschonnic. Para ele,

C'est un penseur du primat du discours qu'on découvre, avant Benveniste et autrement. Plus encore que le théoricien du "sujet parlant", c'est le penseur d'une primauté de la notion de "point de vue", qui ne change pas seulement la linguistique de son époque mais qui est encore capable de révolutionner la pensée contemporaine du langage. (MESCHONNIC, 2008, p. 470)

É importante ressaltar esse fato. Diferente do Humboldt de Meschonnic identificado por Trabant e discutido na seção anterior, a ideia do Saussure de Meschonnic surge como uma necessidade desta exposição. Necessidade de um paralelismo do pensamento para que se compreenda de que forma esses autores são atualizados por Meschonnic no desenvolvimento de seu pensamento. Saliento o fato de que Saussure, assim como Humboldt e Benveniste, estão presentes no pensamento poético de Meschonnic como um todo. Não são raras as passagens em que Meschonnic atribui às ideias de cada um a base do pensamento poético, ou o ponto de partida para que esse pensamento se desenvolva.

[...] penser Humboldt, c'est aussi penser Saussure ; sur le langage on n'a que des points de vue. Contre le structuralisme qui se voyait comme continu à Saussure, et qui posait une rupture entre Humboldt et Saussure, il faut reconnaître la continuité Humboldt-

---

<sup>11</sup> Eu acrescentaria, ainda e além, que outros "Saussures" diferentes surgem das publicações de Tullio de Mauro (1967) e de Jean Starobinski (1971). Cumpre notar, no entanto, que não faz parte desta exposição do Saussure de Meschonnic argumentar sobre a questão autoral em Saussure. O movimento teórico proposto aqui é, antes, descritivo. Sabe-se que existe uma ampla discussão das obras e ideias saussurianas que gera um debate rico e importante para os estudos da linguagem. No entanto, o foco desta seção não é adentrar na discussão do *verdadeiro* ou do *falso* em Saussure. É, primeiramente, apresentar o quê, de Saussure, Meschonnic incorpora no seu pensamento para o desenvolvimento da poética.

Saussure, et la coupure entre Saussure et le structuralisme. (MESCHONNIC, 2008, p. 183)

Como apontado por Meschonnic, existe a necessidade de se compreender de que maneira a leitura estruturalista influenciou o modo de se pensar a reflexão saussuriana. Pietrolungo afirma que “uma das questões capitais que envolvem a problemática do signo é a leitura que o estruturalismo fez da obra de Saussure” (2009, p. 1). Como notado anteriormente, a ideia de signo está estreitamente ligada à ideia de descontínuo. Ou seja, o signo, na sua acepção binária e convencionalista, passa a ser considerado como “a própria natureza da linguagem, seu funcionamento e sua descrição” (PIETROLUNGO, 2009, p. 1). Meschonnic, sobre esse ponto, afirma:

Or je pose, en me fondant sur Saussure, que le signe est seulement une représentation du langage, et une représentation qui ne se donne pas pour une représentation, avec sa situation et ses limites. Non. Une représentation qui empêche de voir qu'elle est une représentation, qu'elle n'est que représentation. Elle se donne pour la nature et la vérité du langage. (2007, p. 50)

A poética, na sua concepção, no entanto, é baseada na ideia de contínuo. De linguagem como atividade. Nota-se, portanto, a necessidade de, através da poética, denunciar o império do signo, haja vista a abrangência que ele tem em relação à construção de pensamentos sobre a linguagem nas mais variadas áreas. Meschonnic justifica esse pensamento dizendo que “ce qui règne, dans la pensée du sens, au sens du sens des mots, c'est le signe. Nous vivons, depuis Platon, dans une régie du discontinu du signe” (2007, p. 50).

O problema da ideia de signo se passar pela natureza, pelo funcionamento e pela descrição da linguagem está no fato de que, exatamente por essa atitude, o signo não permite pensar a linguagem, que é vista como atividade pela poética. Pois, ao pensar o discurso através de noções que são únicas da língua, deixa-se de pensar a linguagem na sua acepção contínua, confundindo questões que são da ordem estritamente da língua com questões que advêm da ordem do discurso. E, também como consequência dessa atitude, o signo esquece que ele está contido dentro de seis paradigmas distintos.

Os pensadores da linguagem, em geral, tomam apenas o signo linguístico como modelo, visto que, em larga escala, ele inclui as oposições encontradas nos outros paradigmas. Importa notar quais são esses paradigmas: há o paradigma filosófico, que opõe as palavras e as coisas. O paradigma antropológico, que opõe a voz e a escrita, o espírito e a letra. O paradigma teológico, que insiste sobre a ideia de um significante e um significado e que não se restringe apenas à oposição entre forma e sentido, mas que atribui apenas ao significado o valor da totalidade. O paradigma social, que opõe o indivíduo à sociedade. E, por fim, o paradigma político, que opõe uma minoria a uma maioria<sup>12</sup>.

C'est tout cela, le signe. Je l'ai déjà dit mais on ne le redit jamais assez. Puisqu'il règne. Si on essaie d'en observer les effets, le premier est qu'il ne semble pas qu'il soit pensé comme une représentation. Sa pluralité interne, ou plutôt la multiplication de ses dualités, n'est pas reconnue dans sa cohérence. Le second effet est certainement l'hétérogénéité des catégories de la raison, qui fait tout ce que le XIX siècle a appelé les sciences humaines, et qui constitue nos disciplines universitaires. (MESCHONNIC, 2007, p. 19)

Percebe-se, a partir da exposição dos paradigmas do signo, o quanto é importante para Meschonnic denunciar a leitura estruturalista. Para ele, essa leitura é a mais difundida até hoje e impossibilita um novo pensamento sobre a linguagem.

Mais comme je sais que, par un effet de retard du structuralisme, on continue d'enseigner une continuité de Saussure au structuralisme qui ne sait même pas qu'elle renforce le signe, il me semble nécessaire et urgent de faire ici entendre que le structuralisme n'est qu'une suite de contresens sur Saussure. Pour faire entendre que le sens du langage ne peut plus consister dans le signe, dans le discontinu du signe. (MESCHONNIC, 2007, p. 51)

Segundo o autor, quando se trata da linguagem, frequentemente se opõe a língua ao discurso. Uma consequência da visão binária de signo. No entanto, o paradoxo do pensamento sobre a língua é que ela não permite pensar a linguagem na sua concepção contínua. “[...] la notion

---

<sup>12</sup> Para uma discussão mais abrangente sobre os paradigmas do signo, indico o texto “Crise du signe” de Meschonnic, que articula de forma detalhada a existência de tais paradigmas, presente em *Dans le bois de la langue* (2008) (cf. MESCHONNIC, 2008, pp. 30-49).

de langue et la notion de sens empêchent de penser le langage. Le signe empêche de penser le langage!” (MESCHONNIC, 2007, p. 51). E, para Meschonnic, essa visão de língua que não atinge o discurso é a confirmação da leitura estruturalista a qual Saussure foi submetido. Importa notar que essa leitura por parte dos estruturalistas reforça uma herança cultural sobre a linguagem que está posta desde Platão. Uma herança do cientificismo que não comporta um espaço para uma visão de linguagem a partir do discurso, a partir da linguagem vista como uma atividade. Para Meschonnic, a leitura estruturalista está baseada em nove contrassensos.

O primeiro diz respeito ao fato de Saussure dizer *sistema* (noção dinâmica), enquanto o estruturalismo diz *estrutura* (noção formal e a-histórica). O segundo baseia-se no fato de que, para Saussure, tudo depende do ponto de vista, enquanto o estruturalismo preocupa-se com a descrição da natureza da linguagem. O terceiro contrassenso reside na ideia de que Saussure propõe uma sistematicidade dedutiva da teoria da linguagem, enquanto o estruturalismo faz uma ciência descritiva da linguagem. O quarto aponta para a questão da unidade língua-fala presente em Saussure, ou seja, de uma visão de discurso, enquanto o estruturalismo se apoia na dicotomia língua/fala. O quinto contrassenso expõe que, em Saussure, a ideia de uma teoria da linguagem postula um pensamento poético, enquanto que o estruturalismo se baseou na distinção entre o racionalismo do CLG e o Saussure presente nos *Anagramas* (STAROBINSKI, 1971). O sexto contrassenso alerta para o fato de que, em Saussure, o eixo associativo é múltiplo e se opõe ao sintagma, enquanto o estruturalismo se funda na oposição binária entre o paradigma e o sintagma. O sétimo indica que, para Saussure, o signo é radicalmente arbitrário à medida que ele se funda numa historicidade radical, enquanto o estruturalismo toma o signo arbitrário a partir do convencionalismo do signo (a coisa e o nome da coisa; realidade e língua). O oitavo contrassenso baseia-se no fato que, em Saussure, sincronia e diacronia estão articulados a partir de uma ideia de história em movimento, enquanto que o estruturalismo afirma uma oposição exclusiva da dimensão diacrônica (histórica; movimento da língua) em relação à dimensão sincrônica (estática; o estado da língua). Por fim, o nono contrassenso fala da crítica saussuriana às divisões gramaticais tradicionais (léxico, morfologia, sintaxe), enquanto o estruturalismo trata das divisões dicotômicas, próprias da visão descontínua da linguagem.

Segundo Meschonnic, recomeçar um pensamento sobre a linguagem a partir das ideias saussurianas de ponto de vista e de sistematicidade interna, especialmente após a publicação dos

ELG em 2002, significa apresentar o signo e seus efeitos apenas como uma representação, e não mais como a natureza da linguagem. Esse movimento acaba por fazer com que a representação da linguagem deixe a ordem do descontínuo e seja concebida a partir da ordem do contínuo, “le continu compris comme un continu corps-langage” (MESCHONNIC, 2007, p. 53).

O Saussure de Meschonnic se apresenta como um Saussure que se distancia de forma irônica de seus pares. Ao comentar as produções de outros pensadores, Saussure, segundo Meschonnic, opõe-se de forma bastante direta à ideia que identifica o fazer linguístico ao fazer das ciências naturais. Para Saussure, essa é “la doctrine ridicule de Max Müller” (2002, p. 116 apud MESCHONNIC, 2008, pp. 472-473). Algumas passagens de Saussure demonstram o caráter irônico do seu pensamento em relação às produções de outros autores. “[...] il est très comique d’assister aux rires successifs des linguistes sur le point de vue de A ou de B” (SAUSSURE, 2002, p. 116 apud MESCHONNIC, 2008, p. 473). E, também: “[...] l’essai risible de Schleicher, qui croule sous son propre ridicule” e “[...] on voit des linguistes prendre des airs comiquement graves” (SAUSSURE, 2002, p. 205 apud MESCHONNIC, 2008, p. 473). No entanto, para Meschonnic, essa ironia do pensamento saussuriano não se propõe como um insulto, mas supõe e indica, pelo contrário, a distinção entre a crítica como um trabalho de reconhecimento dos conjuntos e dos meios da situação de um pensamento e a polêmica como a rejeição do debate. O trabalho da crítica, diferente do que é comumente difundido, não é destrutivo. Antes, a crítica tem por finalidade ser construtiva, exatamente pelo fato de se propor ao debate e não deixar de estabelecer seu próprio ponto de vista crítico para a produção do seu pensamento<sup>13</sup>.

Referindo-se ao pensamento saussuriano, Meschonnic afirma que a publicação dos ELG permite observar um elemento primeiro: a noção de discurso. Para Meschonnic, essa noção não estava presente na edição do CLG da mesma maneira que se encontra presente nos ELG<sup>14</sup>. Para ele, o fato da língua se dar tão somente através do discurso é o carro-chefe do pensamento encontrado nos ELG. Nesse ponto, voltamos a Saussure: “La langue n’est créée qu’en vue du

---

<sup>13</sup> A noção de crítica será retomada adiante.

<sup>14</sup> Soa bastante coerente o argumento de Meschonnic, no entanto, me parece necessário indicar que existem alguns autores que já se questionam se a noção de discurso não está presente desde o CLG, mas que, com o efeito da leitura estruturalista, tenha sido apagada, como tantas outras o foram. Cumpre notar que não há uma oposição ao pensamento de Meschonnic, mas uma relativização do argumento, visto que a leitura atenta do CLG, especialmente da segunda parte em diante do livro, indica uma ideia constante de utilização da fala, bem como a relação entre as mudanças analógicas e a fala. O assunto não se encerra nesta nota, mas me parece pertinente a ressalva.

discours, mais qu'est-ce qui sépare le discours de la langue, ou qu'est-ce qui à un certain moment, permet de dire que la langue entre en action comme discours?" (SAUSSURE, 2002, p. 277 apud MESCHONNIC, 2008, p. 473-474). A resposta de Saussure indica que o discurso consiste em afirmar uma relação entre dois conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, "pendant que la langue ne fait que préalablement que réaliser des concepts isolés, qui attendent d'être mis en rapport entre eux pour qu'il y ait signification de pensée" (SAUSSURE, 2002, p. 227 apud MESCHONNIC, 2008, p. 474).

Aqui se sobressai a proximidade entre Humboldt e Saussure. Para ambos, o discurso é anterior à língua. Ou seja, ambos postulam que o discurso não é composto de palavras que o precedem; ao contrário, são as palavras que procedem do conjunto dos discursos. Para Meschonnic, pensar Humboldt e pensar Saussure significa a mesma luta contra um pensamento da linguagem que a reduz a elementos mínimos que precedem o discurso e que assumem uma posição de verdade sobre a linguagem. Segundo Saussure, "la phrase n'existe que dans la parole, dans la langue discursive, tandis que le mot est une unité vivant en dehors de tout discours dans le trésor mental" (SAUSSURE, 2002, p. 117 apud MESCHONNIC, 2008, p. 474). Meschonnic credita a essa visão uma expansão do pensamento sobre a linguagem, que agora inclui a literatura<sup>15</sup>, formando um novo conjunto, ao invés de tomar linguagem e literatura como duas disciplinas distintas, até mesmo como fundamentalmente distintas. Teorias regionais, segundo ele. Um exemplo próximo sendo a escola gerativista.

No entanto, Saussure fornece fundamentos para que se pense o conjunto linguagem-literatura: "Toutes les modifications [...] se font exclusivement dans le discursif. [...] Toute innovation arrive par improvisation, en parlant, et pénètre de là soit dans le trésor intime de l'auditeur ou celui de l'orateur, mais se produit donc à propos du langage discursif" (SAUSSURE, 2002, p. 95 apud MESCHONNIC, 2008, p. 474). Meschonnic, sobre a ideia de língua presente nos ELG, faz uma ressalva bastante pertinente. Saussure define língua de forma bastante categórica: "la langue (c'est-à-dire le sujet parlant)" (2002, p. 39 apud MESCHONNIC, 2008, p. 474). Ou seja,

---

<sup>15</sup> A ideia de literatura, segundo o ponto de vista poético, é bastante distinta e específica. Segundo Meschonnic, "la littérature n'est alors que ce qui révèle le mieux ce que fait le langage ordinaire, au lieu du prêt-à-penser qui les oppose l'un à l'autre" (MESCHONNIC, 1999, p. 10). A ideia de literatura será retomada adiante (cf. 2).

se tudo passa pelo discursivo, a língua é o próprio sujeito. Não há outra manifestação da língua que não o sujeito que a fala. Aqui, linguagem e literatura encontram-se inseparáveis.

A visão saussuriana apresentada por Meschonnic remete a Humboldt novamente, visto que Humboldt afirma que “historiquement, nous n’avons jamais affaire qu’à l’homme réellement en train de parler” (HUMBOLDT, 1974, p. 180 apud MESCHONNIC, 2008, p. 475). Isso corrobora o fato de haver uma proximidade bastante saliente entre os postulados humboldtianos e os postulados saussurianos acerca da linguagem.

Se, segundo Meschonnic, a noção de discurso se apresenta como primordial para o pensamento saussuriano, a noção de ponto de vista, por outro lado, se apresenta como primordial para o estudo linguístico proposto por Saussure. Parece haver uma distinção importante a ser feita. A ideia de pensamento saussuriano representa o conjunto teórico desse pensamento que postula que a linguagem se manifesta através do discurso. No entanto, a noção de discurso não opera no fazer linguístico proposto por Saussure. Explico: não é um conceito ao qual Saussure se baseia para levar adiante sua reflexão. Por aí, é a noção de ponto de vista que se sobressai, pois é ela o operador primeiro no que concerne a tarefa do linguista proposta por ele.

Para o mestre genebrino, “primordialement il existe des points de vue; sinon il est simplement impossible de saisir un fait de langage” (2002, p. 19 apud MESCHONNIC, 2008, p. 475). Além disso, o mestre indica também que “la relation d’identité dépend d’un point de vue variable, qu’on décide d’adopter; il n’y a donc aucun rudiment de fait linguistique hors du point de vue défini qui préside aux distinctions” (2002, p. 200 apud MESCHONNIC, 2008, p. 475) e que “c’est le point de vue qui seul FAIT la chose” (2002, p. 201 apud MESCHONNIC, 2008, p. 475). Para Meschonnic, a noção de ponto de vista permite que nos vejamos livres dos teologismos sobre a verdade; ou seja, que não confundamos mais um ponto de vista que se comporta como tal com uma verdade imutável recorrente de uma análise científica, aos moldes das ciências exatas e naturais, que se passa por um ponto de vista. A ideia de teologismo surge como um termo crítico de postulados tidos como verdadeiros sobre os fatos da linguagem. Em tudo próximo à visão teológica sobre a palavra de Deus.

A noção de ponto de vista aparece, então, como uma noção que modifica toda a situação e toda a historicidade dos saberes, visto que ela relativiza o que se tomou como verdade ao longo da história da produção desses saberes.

En particulier l'importance donnée par Saussure à la notion de point de vue permet de réactualiser ces notions illusoirement réservées au moyen âge, que sont, en couple, les deux notions de réalisme, et de nominalisme. Qui sont bien plutôt des données fondamentales du langage. (MESCHONNIC, 2008, p. 475)

O exemplo dado por Meschonnic fala sobre a discussão em torno da ideia de humanidade. Para o ponto de vista realista, os homens são apenas os fragmentos da humanidade, que é o dado existente. Para o ponto de vista nominalista, existem apenas os indivíduos e a humanidade é considerada apenas como o conjunto desses indivíduos. Esse é um exemplo emblemático e que atinge diretamente o pensamento sobre a linguagem, pois “[...] en matière de langage, et des rapports entre le langage et la pensée, il n’y a pas de vérité, il n’y a que des points de vue ; ensuite, cette distinction est immédiatement transposable à l’art et à la littérature, c’est-à-dire à la poétique. On ne cesse de la retrouver” (MESCHONNIC, 2008, p. 476).

Cumprido notar, no entanto, que a noção de ponto de vista supõe e implica uma ideia de sistema. Para Meschonnic, essa é a segunda “idée forte” presente nos ELG. Segundo ele, “c’est la *concatenatio* chez Spinoza, et la *Wechselwirkung* (l’interaction), chez Humboldt” (MESCHONNIC, 2008, p. 476). Há a necessidade de uma relação entre ponto de vista e sistema<sup>16</sup>, como numa reação em cadeia. “Cette nécessité situe aussi, immédiatement, l’éclectisme comme une double absence de pensée, parce que l’éclectique croit trouver un double avantage à prendre ce qui lui convient un peu partout, en quoi il méconnaît la nécessité du point de vue et d’une systématique” (MESCHONNIC, 2008, p. 476).

Partindo das ideias de Saussure, Meschonnic reafirma a natureza não universal dos fatos de linguagem. Saussure apresenta um pensamento que se diz distante daqueles das escolas de sua época. “Et ce désaccord est tel qu’il ne comprend aucune transaction ni nuance, sous peine de me voir obligé d’écrire des choses n’ayant aucun sens à mes yeux” (SAUSSURE, 2002, p. 213 apud MESCHONNIC, 2008, p. 476). Pensar o ponto de vista é, necessariamente, pensar a

---

<sup>16</sup> Meschonnic utiliza o termo “systématique” para tratar do assunto. Para os fins deste trabalho, utilizei o termo “sistema”, contendo o mesmo valor conceitual do termo francês utilizado pelo autor. Acredito que “sistema” corresponde melhor à produção do pensamento sobre a linguagem, especialmente no que diz respeito às ideias de Saussure e de Benveniste, no âmbito acadêmico brasileiro. É possível, como em outros casos, iniciar uma discussão sobre a tradução dos termos saussurianos, especialmente depois da publicação dos manuscritos saussurianos para o português brasileiro, visto que a tradução do CLG influenciou a tradução dos ELG. No entanto, essa discussão não será tratada aqui. Cumprido, porém, abrir o debate sob o risco de negligenciar esse fato.

sistematicidade interna que esse ponto de vista implica. Saussure, distante de seus pares, afirma uma relação que não era presente nos estudos da linguagem. Se comumente se associa uma continuidade entre o pensamento de Port-Royal, em tudo próximo da ideia convencionalista do signo, e Saussure, Meschonnic desvia a relação para uma contiguidade do pensamento entre Humboldt e Saussure. Para ambos os autores, a linguagem não está dada de antemão como um dado observável; é necessário que se estabeleça um ponto de vista que inclua toda uma dimensão que não está presente no estudo da linguagem que se baseia no descontínuo do signo, pois o descontínuo se limita a um estudo da língua, enquanto a linguagem é vista como atividade por Humboldt e como uma articulação necessária entre língua e fala por Saussure. Em ambos os casos, a dimensão histórica é inclusa não como uma parte do estudo, mas como constituinte da própria linguagem na sua acepção contínua.

Para Meschonnic, a sinceridade dos escritos saussurianos sobre o seu próprio fazer linguístico apresenta uma ética do pensamento. “Ces écrits d'une pensée en travail exposent une tension. Sans cesse la pensée s'interrompt, se reprend, se redit, sans rien finir. Il est vrai aussi qu'il n'y a pas de fin à la pensée. Ainsi, cette pensée présente le paradoxe d'être à la fois systématique et inachevée” (MESCHONNIC, 2008, p. 477). Isso está ligado ao fato de que muitas passagens presentes nos ELG são incompletas. As lacunas presentes em algumas frases representam um pensamento em ação.

Segundo Meschonnic, a ideia de sistema é o que permite desprender Saussure de sua leitura estruturalista. Como mencionado anteriormente, os nove contrassensos entre Saussure e o estruturalismo são acessíveis a partir do momento que se deixa de ler Saussure sob a sombra da estrutura e se começa a lê-lo à luz do sistema. Um pensamento saussuriano a partir do sistema implica um “point de départ d'une historicisation radicale du langage, des langues, des discours et de la poétique qui est encore à penser” (MESCHONNIC, 2008, p. 477), visto que é necessário pensar a linguagem de maneira distinta das ciências naturais. Para Saussure, “*tout dans la langue est histoire*” (2002, p.149 apud MESCHONNIC, 2008, p. 477) e essa ideia supõe que não há uma contradição entre sincronia e diacronia, afinal, da língua, percebemos apenas sua “*continue transformation [...] dans le temps*” (SAUSSURE, 2002, p. 166 apud MESCHONNIC, 2008, p. 477).

Essa visão permite que se veja Saussure questionando não apenas a origem e o funcionamento da linguagem, mas também o uso e a invenção, “l’invention de pensée comme langage, l’invention de langage” (MESCHONNIC, 2008, p. 477). Meschonnic percebe em Saussure uma ideia de relação indefinida de criação através da linguagem que vai do pensamento ao signo, e, para Meschonnic, essa ideia atinge a criação de uma obra.

Por esse viés, a noção de uma *essência dupla da linguagem* se dá pelo fato de haver uma *identidade linguística* (SAUSSURE, 2002) que se apresenta através da oposição entre a *figura vocal* e a *forma-sentido*, não através da oposição entre a forma e o sentido. Para Saussure, essa oposição entre a forma e o sentido é impraticável. Resguardando a leitura estruturalista, baseada numa ideia de um Saussure fixado nos moldes científicos, isso significa tomar o signo na sua relação direta com o objeto e não na sua relação sistemática com os outros signos participantes do mesmo sistema. Nesse caso, dentro de um mesmo sistema, os signos não oferecem uma oposição interna (forma/sentido), mas uma unidade que se articula em relação às outras unidades. Para Meschonnic, a proposta de uma inseparabilidade entre forma e sentido por Saussure, expressa num termo tal como *forma-sentido*, é uma descoberta posterior a uma formulação de sua própria autoria.

Em *Pour la poétique I*, de 1970, Meschonnic utiliza esse mesmo termo para descrever um “produit de l’homogénéité du dire et du vivre’ pour caractériser un texte littéraire” (MESCHONNIC, 2008, p. 478). A utilização de Saussure desse termo, segundo Meschonnic, parece designar apenas a dimensão formal do sentido. De qualquer maneira, Meschonnic considera que, mesmo a partir de duas ideias distintas para o mesmo termo, ambas as ideias de uma forma-sentido representam uma teoria da linguagem que abre caminhos para uma poética.

A essência dupla da linguagem, o fato de haver uma articulação entre a figura vocal e a forma-sentido, é o que permite a Saussure afirmar que “c’est ici que l’on commence a entrevoir l’identité de la *signification* et de la *valeur*” (2002, p. 25 apud MESCHONNIC, 2008, p. 478). A noção de valor supõe uma diferenciação interna a partir da qual tudo que é da ordem da língua tem sentido, o que ocasiona que não se encontre “aucune différence sérieuse entre les termes *valeur*, *sens*, *signification*, *fonction* ou *emploi* d’une forme, ni même avec l’idée comme contenu d’une forme; ces termes sans synonymes” (SAUSSURE, 2002, p. 28 apud MESCHONNIC, 2008, p. 478)). Para Saussure, uma forma não significa, mas tem valor. Meschonnic, sobre esse ponto, atualiza o pensamento saussuriano, incluindo uma outra dimensão não expressa em Saussure,

aquela da obra de arte. Segundo ele, “dans l’œuvre d’art, l’œuvre est une œuvre quand la valeur renouvelle et réalise la définition. La réalisation même de l’identité entre la valeur et la définition est l’œuvre. Ce qui fait que l’art recommence avec et dans chaque œuvre, et que c’est l’œuvre qui invente l’art” (MESCHONNIC, 2008, p. 479). Tal identidade é pressuposta na ideia de Saussure, visto que a fala não deixa nunca de reinventar a linguagem. Mesmo distintas, arte e linguagem, participam de uma mesma “systématique” e de uma mesma necessidade.

Essa visão se opõe radicalmente à heterogeneidade das categorias apresentadas como opositivas pelo estruturalismo, diferente da ideia de conjunto dessas categorias que Saussure propunha, e à estética analítica, “tout aussi dualiste que la tradition, mais que inverse le point de vue, puisque pour elle l’œuvre est l’œuvre d’art, et elle muséalise” (MESCHONNIC, 2008, p. 479). Nesses termos, a estética analítica está para o ponto de vista realista como as ideias de Saussure estão para o ponto de vista nominalista. Meschonnic, no entanto, esclarece dizendo que Saussure não é um nominalista das palavras, mas um nominalista dos discursos. E isso é o que a poética carrega de Saussure, pois ela “est un nominalisme des systèmes de discours, que sont les œuvres” (MESCHONNIC, 2008, p. 479).

Cumprido perceber que, a partir desse movimento e de sua leitura, Meschonnic supõe um pensamento poético nas ideias saussurianas pois, para ele, Saussure renova a ideia do nominalismo, “et c’est aussi, par lui, la condition et la relance, dans des conditions renouvelées, d’une possibilité de la poétique” (MESCHONNIC, 2008, p. 479). A base do sistema saussuriano está na ideia de valor, que supõe que um elemento é aquilo que os outros não são, ou seja, que sua única característica é ser distintivo no seio do sistema do qual participa, e, para Meschonnic, essa formulação estabelece um paradoxo, pois ela se aplica à obra de arte, à “[...] art du langage spécialement, y compris les poèmes de la pensée” (MESCHONNIC, 2008, p. 479) e também ao fato linguístico, pois a obra é, também, um sistema semiológico.

Meschonnic expõe, então, a maneira pela qual Saussure se liga à poética. Para ele,

Dire système, et donc valeur, soustrait immédiatement l’œuvre à l’esthétique, parce que celle-ci n’a pas les concepts de système et de valeur, pour la situer dans la poétique, doublement : comme une poétique en acte, et comme le travail pour la reconnaître et en comprendre le fonctionnement. Ainsi, par le jeu même des concepts qu’il invente, qu’il reconnaît, Saussure invente les conditions de la poétique. Par quoi la poétique ne peut être que saussurienne. Et pas structuraliste. Ce que le structuralisme a fait est autre chose,

même si c'est sous l'appellation de la poétique. Qui en a vu d'autres, depuis Aristote. (MESCHONNIC, 2008, p. 480)

Vê-se, a partir da formulação de Meschonnic, que o pensamento saussuriano fornece as condições de um pensamento poético pois, segundo Meschonnic, o Saussure que se propaga comumente é o Saussure do estruturalismo. O Saussure de Meschonnic, no entanto, é um pensador do contínuo, na mesma esteira do pensamento de Humboldt.

Da mesma forma que Trabant expõe que o Humboldt de Meschonnic não compreende toda a extensão do pensamento humboldtiano, mas que mesmo assim trata-se de um Humboldt confiável, diferente, por exemplo, do Humboldt propagado pela escola gerativista, o Saussure de Meschonnic apresenta as mesmas características. É, ele, um Saussure verdadeiro, distante do Saussure do estruturalismo que o lê à luz da lógica convencionalista do descontínuo, observando um pensamento único sobre a língua e totalmente baseado na estrutura. Como se percebe, a leitura de Meschonnic apresenta elementos básicos e diretos que permitem dissociar Saussure dessa leitura. Saussure deve ser lido à luz do ponto de vista e do sistema, que permitem reconhecer a dimensão do discurso expressa por ele. Se a poética foi interrompida, isso se deve ao fato de haver uma leitura que vai de encontro à formulação de Saussure que diz que a língua é viva, no sentido de continuamente em ação. Supondo, por aí, uma constante modificação, já que tudo na língua é história. Uma história em movimento. Apenas o ponto de vista e o sistema permitem tal posicionamento, pois a estrutura pressupõe pares de exclusão mútua para que se sustente, em tudo diferente do que foi proposto por Saussure. “[...] chez Saussure, dans ce que nous montrent ces écrits inachevés, tout est là pour la poétique” (MESCHONNIC, 2008, p. 481).

Assim como Humboldt, Saussure é atualizado por Meschonnic para que se estabeleçam as bases da poética. No entanto, para que as bases da poética estejam delimitadas por completo é necessário, ainda, observar a maneira que Meschonnic encontra para criticar o signo, visto que o signo é considerado como a unidade do descontínuo. Cabe, então, perguntar: qual é a possível unidade do contínuo, ou seja, da poética? Além disso, a ideia de contínuo, por sua natureza, não comporta um espaço para um pensamento semiótico e importa notar de que maneira, então, se relacionam a produção de um sistema de discurso e a sua dimensão semiótica, que se impõe inevitavelmente. A ideia de produção, além disso, torna inevitável uma discussão sobre a questão do sujeito. Para resolver essas questões, a próxima seção (cf. 1.3) apresenta a discussão do

Benveniste de Meschonnic, pois é em Benveniste que Meschonnic se apoia para apontar os caminhos que a poética segue em relação a esses temas. Essa seção terá como objetivo, também, apontar para um fechamento dos alicerces teóricos da poética, para que, adiante (cf. 2), se possa perceber como funciona o sistema do pensamento poético e da poética do traduzir.

### 1.3 O BENVENISTE DE HENRI MESCHONNIC

Como apontado ao final da seção anterior, existe, ainda, a necessidade de observar alguns aspectos relevantes no que diz respeito à constituição das bases da poética de Meschonnic. Não se apresenta como novidade mais apontar que é em Émile Benveniste que Meschonnic se apoia, finalmente, para dar seguimento ao projeto poético.

Benveniste aparece, assim como Humboldt e Saussure, como outro grande pilar teórico cujos apontamentos permitem Meschonnic delimitar as ideias que são necessárias para que a poética se mostre como uma teoria sólida. Enquanto Spinoza, Humboldt e Saussure permitem a ampliação do escopo do pensamento sobre a linguagem, introduzindo noções como a de *concatenatio*, no caso de Spinoza, de *energeia* e contínuo, no caso de Humboldt, e de ponto de vista e sistema, no caso de Saussure, é necessário, ainda, compreender de que forma a crítica do signo é exposta por Meschonnic. Ou seja, é necessário introduzir elementos que permitam perceber de que forma a poética modifica o pensamento ao criticar o império do signo.

Segundo Meschonnic, Benveniste é o pensador que aponta o melhor caminho para esse movimento teórico. De acordo com ele, a obra do linguista sírio apresenta elementos que vão além daqueles comumente atribuídos a ele. Desenvolvo: a teoria da enunciação, para Meschonnic, toma uma proporção mais abrangente em relação ao conjunto dos estudos desenvolvidos pelo linguista. Ou seja, de forma muito parecida com o caso de Saussure, a Benveniste se fixam duas, e apenas duas, leituras possíveis: ou uma estruturalista ou aquela da enunciação. No entanto, qualquer leitura rápida tanto da obra de 1966, *Problèmes de Linguistique Générale I* (PLG I), quanto da obra de 1974, *Problèmes de Linguistique Générale II* (PLG II), permite perceber que Benveniste não foi um autor da enunciação estritamente. Como no caso de Saussure, Benveniste é atrelado a um tipo

de leitura que limita a grandiosidade de seu pensamento e não torna possível que se o leia de outra maneira.

Meschonnic, como bom leitor, no entanto, inova e vai além. Sua leitura de Benveniste atinge aquilo que, por muitos, foi deixado de lado. Segundo ele, Benveniste é o autor que apontou o caminho de um pensamento poético ao pensar a semiologia da língua a partir da enunciação. Na sua afirmação de que a língua é um sistema que, ao mesmo tempo, apresenta uma dimensão semântica e uma dimensão semiótica, Benveniste introduz um pensamento que vai além daquele da dimensão da língua como um pensamento descontínuo. Ao identificar essas duas dimensões, Benveniste está naturalmente distante do pensamento descontínuo sobre a linguagem. A dimensão semântica, ou a dimensão do discurso, é necessária para todo e qualquer pensamento sobre a linguagem, pois, através dela, percebe-se o seu caráter radicalmente histórico e isso requer que se pense a historicidade dos discursos para que se compreenda de que forma a linguagem se relaciona com o homem.

Para que essa discussão cumpra seu papel duplo de introdução do Benveniste de Meschonnic e de fechamento dos alicerces da poética, apresento, na sequência, o quê, de Benveniste, Meschonnic atualiza para desenvolver o seu próprio pensamento poético. A metodologia desta apresentação está alinhada àquela desenvolvida na seção anterior (cf. 1.2), visto que os estudos de Trabant (2005), Neumann (2014a, 2014b) e Pietroluongo (2009), além de Gérard Dessons (2006), apontam já para a existência de um Benveniste de Meschonnic.

Logo, a seção seguirá os argumentos do próprio Meschonnic presente em dois textos: “Seul comme Benveniste” (2008) e “Benveniste: sémantique sans sémiotique” (2008), ambos presentes em *Dans le bois de la langue* (2008). Esses textos servirão de espinha dorsal da discussão, enquanto os textos de apoio citados anteriormente servirão de fundamentação teórica para a discussão da relação entre Meschonnic e Benveniste. Neumann (2014a, 2014b) já havia apontado os caminhos a serem percorridos: é necessário, dada a relação entre esses dois autores, discutir a noção de ritmo, a ideia do semântico sem semiótico e a dimensão antropológica da linguagem. No entanto, ainda me valendo do argumento utilizado na seção anterior (cf. 1.2), por apresentar objetivos distintos daqueles da autora, proponho uma leitura própria do pensamento de Meschonnic sobre Benveniste, reconhecendo, sem dúvida, que os pontos que Neumann (2014a) destaca nessa leitura meschonniciana da obra de Benveniste são os pontos cruciais dessa relação.

A seguir, apresento, então, de que maneira Meschonnic lê Benveniste. Inicialmente, o autor propõe uma discussão em torno da questão da tradição benvenistiana. Dado o fato da explícita relação entre Benveniste e Saussure, Meschonnic aponta que o problema da leitura estruturalista de Saussure se estendeu a Benveniste e o submeteu aos mesmos valores de referência. Em seguida, Meschonnic apresenta uma nova proposta de leitura. Uma proposta que leva em consideração, em primeiro lugar, não a enunciação, como muitos o fizeram, mas a discussão da noção de ritmo. É essa discussão em torno do ritmo que permite a Meschonnic propor uma nova unidade de análise que se contrapõe ao signo.

Como consequência dessa leitura, faz-se necessário, segundo os apontamentos de Meschonnic, iniciar um debate em torno do sujeito. Para ele, o império do signo, fechado no descontínuo que a língua representa, não comporta espaço para tratar do sujeito, que é linguagem. A ideia de criação, então, surge a partir do momento em que Benveniste indica a relação entre o semântico e o semiótico, entre aquilo que é da ordem da língua como discurso e aquilo que é da ordem da língua como sistema de signos. É nesse ponto, no entanto, que Meschonnic vai além. Ao pensar a discussão de Benveniste proposta em “Semiologia da língua” (BENVENISTE, 1974/2006)<sup>17</sup>, Meschonnic lê ali a abertura epistemológica para a poética.

No texto em questão, Benveniste afirma que a língua é o sistema interpretante por excelência entre os sistemas de signos, pois ela é o único desses sistemas que apresenta, ao mesmo tempo, como indicado anteriormente, uma dimensão semântica e uma dimensão semiótica. No entanto, segundo o próprio Benveniste, existem sistemas que apresentam ora uma ora outra dimensão apenas. O sistema das artes, por exemplo, por não comportar uma dimensão semiótica – ou seja, não apresentar unidades que sejam delimitadas como signos, é um sistema que apresenta apenas o semântico e não o semiótico. Para Meschonnic, tratando da linguagem como intrínseca ao homem, no entanto, essa ideia de um semântico sem semiótico aplica-se também à criação do pensamento, ou seja, à criação das obras particulares. Por esse viés, a poética faz a crítica da obra como um signo, visto que ela não é composta de signos, pois, como já identificado em Humboldt

---

<sup>17</sup> A notação para as referências aos textos de Benveniste, por serem utilizadas as traduções em português brasileiro, apresentará o ano da publicação da obra em questão (PLG I ou PLG II) seguido do ano da publicação da tradução, conforme o exposto. Caso haja necessidade, será utilizado o título original em francês, o ano da primeira publicação do texto original e o ano da obra em que foi publicado, como em: “Sémiologie de la langue” (BENVENISTE, 1969/1974).

e Saussure, a ideia é de que primeiro há o discurso, a criação infinita e indefinida e, em seguida, acessamos as unidades, que se encontram apenas na ordem da língua.

A partir daí, surge a necessidade de se pensar a dimensão antropológica da linguagem suscitada por Benveniste, que, em Meschonnic toma forma de uma teoria de conjunto. Para o autor francês, se há teoria da linguagem, há, necessariamente, teoria do sujeito; se há teoria do sujeito, há teoria da linguagem. De onde decorre o fato de a poética se apresentar como uma teoria ética, política, social, antropológica, literária, filosófica etc., concebendo assim, em conjunto, o todo das ciências humanas. Nas próximas subseções, aprofundo esses aspectos.

### *1.3.1 A tradição Benveniste*

Meschonnic inicia seu texto “Seul comme Benveniste” (2008), dizendo que Benveniste, em “Sémiologie de la langue” (1969/1974), inventa um problema quando propõe que a arte, no âmbito da linguagem tomada no descontínuo do signo, coloca a teoria da linguagem em crise, pois ela supõe um conflito entre as obras de arte particulares, que são definidas a partir de uma ideia de semântico sem semiótico, e a língua, que é, ao mesmo tempo, semântico e semiótico. A partir desse problema proposto, Meschonnic afirma que “c’est dans ce conflit même que travaille la poétique pour inventer une conceptualité du continu” (2008, p. 359).

Meschonnic, então, introduz um pensamento sobre Benveniste a partir da ideia de uma tradição benvenistiana. Segundo ele, é possível questionar se há, efetivamente, uma tradição benvenistiana como há uma tradição saussuriana, ou se, como no caso de Humboldt, a pluralidade das interpretações suscita uma aparente herança múltipla, que culmina numa falta de tradição (MESCHONNIC, 2008). Meschonnic dá o exemplo dos Estados Unidos, onde, como no caso de Saussure, a tradição é ignorar ambos os pensadores. Nesse sentido, o lado Humboldt de Benveniste não permite sua presença na “moda”. É tão intempestivo quanto Humboldt, pois seu pensamento vai além do que grande parte de seus pares supunha possível ser pensado. Para alguns, Benveniste é um estruturalista de “diffusion-explicitacion du structuralisme” (MESCHONNIC, 2008), para outros, é visto apenas como o teórico da enunciação.

Benveniste, no entanto, segundo as ideias de Calvert Watkins (1984), aponta para a significação onde apenas se via a designação. Para Meschonnic, isso representa que a teoria da linguagem na sua relação com o sujeito gera um problema, principalmente quando essa relação surge no âmbito da gramática comparada. Isso, além do mais, toca na situação linguista-filósofo, como em Humboldt, visto que há a necessidade de um pensamento sobre a teoria da linguagem e a teoria do sujeito quando se trata do pensamento benvenistiano.

Assim como Saussure, Benveniste é lido de forma estruturalista. O motivo dessa leitura é a visão de uma continuidade do pensamento saussuriano em Benveniste. Logo, se o estruturalismo difundiu um Saussure estruturalista, não surpreende que Benveniste seja apresentado também como estruturalista. No entanto, é necessário notar, como mencionado anteriormente (cf. 1.2), que a leitura estruturalista confunde as ideias de sistema e de estrutura, atribuindo ao ponto de vista saussuriano apenas a segunda. Se Benveniste lê Saussure e utiliza até mesmo o termo estrutura, a relação entre Benveniste e o estruturalismo seria inegável. Porém, como se viu em relação a Saussure, o estruturalismo apresenta uma leitura parcial e redutora do pensamento saussuriano, em nada condizente com a própria leitura de Benveniste das ideias de Saussure. Cumpre notar, então, primeiramente, que Benveniste não é estruturalista, e, em segundo lugar, que estrutura em Benveniste não tem o mesmo valor que tem para os estruturalistas. Pois, enquanto os últimos ignoram a noção de sistema, o primeiro se preocupa em compreender a relação intrínseca entre a estrutura e o sistema.

Na sua exposição das leituras questionáveis de Benveniste, Meschonnic apresenta a leitura de Roland Barthes (1984)<sup>18</sup>, que, por mais que assuma bem a posição benvenistiana em relação aos interlocutores face à noção de locutor, indica, no entanto, uma confusão entre o sujeito do qual trata Benveniste e o sujeito da psicologia, que se caracteriza por ser unitário, consciente e voluntário. Meschonnic estabelece que existem muitos autores ou posturas de herança ou filiação teórica que limitam a crítica e que buscam uma unidade que não está presente em Benveniste. Para o autor, um pensamento benvenistiano é um pensamento sobre a teoria da linguagem, a teoria do sujeito e a própria poética.

---

<sup>18</sup> (cf. “Pourquoi j’aime Benveniste”. In: BARTHES, R. **Le bruissement de la langue**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.)

Nesse âmbito, Meschonnic introduz uma série de leituras problemáticas feitas sobre Benveniste. Para ele, comparar a pragmática ilocutória de John L. Austin (1975) com a linguística do discurso de Benveniste, como o faz Catherine Kerbrat-Orecchioni (1984), não cumpre nenhum rigor teórico, visto que o pensamento benvenistiano não reforça o pensamento de Austin sobre a existência dos atos de linguagem. Afinal, Benveniste já havia pensando sobre a relação entre *dizer* e *fazer*, em “De la subjectivité dans le langage” (1958/1966), quatro anos antes do pensador americano.

Ainda, quando Irène Tamba-Mecz (1984) fala da distribuição entre o semiótico e o semântico, Meschonnic observa, aí, uma constatação grave da autora. Ela afirma que a distinção entre semiótico e semântico “[...] est issue d’une réflexion théorique non moins incontestablement fragile, où il est aisé de relever des obscurités et des contradictions patentes” (TAMBA-MECZ, 1984, p. 187 apud MESCHONNIC, 2008, p. 362). A constatação é grave, segundo Meschonnic, pois indica uma fragilidade de um pensamento desenvolvido por oito anos por Émile Benveniste. Além disso, a autora afirma que Benveniste “bouleversait”<sup>19</sup> Saussure, ao invés de completá-lo, ao que Meschonnic se opõe, insistindo sobre um caráter subjetivo do comentário da autora mais do que um argumento teoricamente válido. Além disso, a autora argumenta sobre a contradição aparente dos diversos empregos de *langue*, afirmando que há uma distinção entre *langue* e *parole* e apontando que são dois domínios distintos.

No entanto, segundo Meschonnic,

[...] tout ce raisonnement est faux, ou plutôt (ce que revient au même), il est fondé sur la version structuraliste de Saussure, qui exclut l’une de l’autre langue et parole, de même qu’elle transforme en couples d’exclusion mutuelle les couples d’implication réciproque chez Saussure (diachronie et synchronie, paradigme et syntagme) et ramène l’arbitraire à la convention, pour l’accepter ou pour le rejeter, comme Jakobson. Mais Saussure n’est pas structuraliste. Il dit le contraire de ce que la vulgate structuraliste lui fait dire, la parole chez lui n’est pas exclue du système de signes qu’est la langue, elle en est seulement « distincte » comme objet d’étude, mais pas dans son fonctionnement (« l’exécution [...] est toujours individuelle », « C’est un trésor déposé par la pratique de la parole... » – Cours de linguistique générale, p. 30). La contradiction où Benveniste était censé tomber tombe elle-même. (MESCHONNIC, 2008, p. 363-364)

---

<sup>19</sup> O termo “bouleversait”, em tradução para o português brasileiro, traz uma ideia de colocar algo em desordem, modificar algo a ponto de modificar sua organização, perturbar uma pessoa profundamente (BOULEVERSAIT, 2017).

Um melhor argumento, de acordo com Meschonnic, é pensar que Benveniste não completa Saussure efetivamente, mas faz o que Saussure não fez. Nesse sentido, a ideia de complementação dá espaço a uma ideia de prolongamento. Benveniste, assim, prolonga o pensamento de Saussure.

Uma outra leitura contemplada por Meschonnic é a de Paul Ricœur (2004). Enquanto Benveniste localiza a frase no âmbito semântico, afirmando, assim, que a frase não é um signo, Ricœur observa na frase uma dimensão semiótica, demonstrando que ambos os autores têm visões distintas sobre a definição de semiótico. Meschonnic argumenta que não há contradição interna em Benveniste quando trata da frase no âmbito semântico, mas que é Ricœur quem deseja observar um distanciamento total entre o semântico e o semiótico. A leitura desse autor supõe, também, uma distinção estrutural entre língua e fala aos moldes do estruturalismo. Meschonnic observa que não há “contradiction, donc, dans la ‘sémantisation de la langue’ (Plg. II, 81), qui a lieu dans et par le discours, et la phrase” (2008, p. 364).

Outro autor que se apresenta como herdeiro teórico de Benveniste é Antoine Culioli (1984). Segundo Sarah de Vogüé (1992), a relação que se estabelece entre Benveniste e Culioli no que diz respeito à enunciação se dá através de um mal-entendido. Meschonnic afirma que “Culioli travaille, à la manière des logiciens et des générativistes, sur des phrases fabriquées pour la cause [...], jouant sur l’acceptable ou l’inacceptable, à la fois la forme science et la non-science du sentiment linguistique, alors que Benveniste, en philologue, analyse des exemples réels” (2008, p. 365). Além disso, Culioli apresenta uma leitura simplista de Benveniste. Ao criticar que o sintagma “teoria da linguagem” não está presente em Benveniste, esse autor expõe, implicitamente, que não leu o prefácio do primeiro tomo dos PLGs. E, mais um ponto se soma, visto que Culioli afirma que Benveniste não fala da linguística como uma ciência das línguas, argumentando, ainda, que tal afirmação não faria sentido. Ora, Benveniste afirma que “a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 20).

Claude Hagège (1984) aparece também como outro herdeiro cuja leitura Meschonnic critica. Para Hagège, a distinção entre “o homem na linguagem”, sintagma presente no prefácio do PLG I escrito por Benveniste indicando a quinta parte da obra, e “o homem na língua”, título presente no sumário e o que aparece efetivamente na quinta parte, se dá como um erro. Meschonnic, no entanto, afirma que numerosas passagens expõem a relação necessária entre os dois sintagmas

(MESCHONNIC, 2008). Além disso, há, ainda, um outro problema grave da leitura feita por Hagège:

Quand la critique tourne au mauvais procès, on peut se demander si elle participe encore de la critique, plutôt que de l'incompréhension. Claude Hagège observe que il est quand même une personne, puisque le mot fonctionne comme un sujet grammatical et marque l'accord (féminin et pluriel). Mais il ne s'agit pas de cela, bien sûr, avec l'opposition, chez Benveniste, entre les deux pronoms de la personne (je et tu) et la « non-personne », puisqu'il s'agit de l'interlocution. C'est en flagrant délit d'inadvertance, sans doute, que Hagège pense surprendre Benveniste, quand il note que chez Benveniste l'unité sémiotique est le mot, et l'unité sémantique encore le mot, non la phrase (ibid., p. 113), malgré le plan du discours. (MESCHONNIC, 2008, p. 368-369)

Segundo Meschonnic, Hagège esquece que a resposta está predeterminada pela noção de unidade no semântico. Afinal, empiricamente, a unidade é a palavra, ou o sintagma, como o atestam os dicionários. Porém, “il n'y a pas, et il ne peut pas y avoir de dictionnaires du discours, de dictionnaires de phrases, puisque le discours est infini” (MESCHONNIC, 2008, p. 369). O pensamento de Hagège, para Meschonnic, constitui uma leitura que parece ter mais a ver com os ideais lógico-gerativistas do que com uma continuação do pensamento de Benveniste propriamente.

Na linha argumentativa que trata da relação entre Benveniste e Saussure, Jean-Claude Milner (1978) é um expoente que afirma que Saussure e o estruturalismo são a mesma coisa, visto que seu pensamento pende para a ideia de que toda a linguística é, por definição, saussuriana. Nesse sentido, percebe-se que a relação entre Benveniste e Saussure é, antes, uma relação entre Saussure e o estruturalismo novamente. Aplicando, dessa forma, a Benveniste um olhar epistemológico que não condiz com as teorias suscitadas pelo autor sírio.

É importante notar que esses são alguns dos exemplos dados por Meschonnic sobre as leituras feitas de Benveniste. Para os fins desta apresentação, não cumpre aprofundar cada uma das discussões como o faz Meschonnic. No entanto, é necessário demonstrar e exemplificar que a tradição benvenistiana está estilhaçada entre todos aqueles que leram a obra do autor a partir do seu desejo de leitura. Ou seja, ler Benveniste acreditando numa relação tácita entre Saussure e o estruturalismo já indica uma leitura de Benveniste na busca de pares de exclusão mútua. Por esse viés, tomar o semântico e o semiótico como sendo dimensões que se opõem demonstra um grave

problema de leitura, visto que Benveniste insiste sobre o fato de a língua, ela mesma, apresentar, ao mesmo tempo, as duas dimensões de significância: a dimensão semântica e a dimensão semiótica.

Percebe-se, então, que a tradição do pensamento benvenistiano se dá apenas através das duas leituras mencionadas: ora como um autor estruturalista, continuador do Saussure estruturalista, ora como o teórico da enunciação, que não trata da dimensão discursiva da linguagem.

Leituras simplistas e até mesmo errôneas, segundo Meschonnic. Para esse último, a obra de Benveniste vai muito além desses dois posicionamentos. Benveniste é o pensador que cria a base epistemológica da poética ao mostrar a distinção entre as duas dimensões da língua e, ainda mais, por relacionar os sistemas de signos. Nesse âmbito, quando trata do sistema das artes, Benveniste cria o problema a ser pensado, como mencionado anteriormente. Como lidar com os sistemas que apresentam apenas o semântico e não o semiótico? Essa pergunta será respondida adiante, (cf. 1.3.4) e a resposta encaminhará para o pensamento poético. Por ora, cumpre, ainda, retomar de qual maneira Meschonnic lê Benveniste a fim de demonstrar o posicionamento poético. É necessário tratar do ritmo inicialmente, para então ser possível pensar a dimensão discursiva da língua.

### *1.3.2 O ritmo em Benveniste e a poética do ritmo*

Meschonnic, ao término de sua reflexão sobre a tradição benvenistiana, aponta que é necessário observar mais atentamente o texto de Benveniste que trata da noção de ritmo. “Étant donné l’importance de la notion de rythme dans la théorie du langage, et de la littérature, autant que l’enjeu d’une vérification de la rigueur ou non de Benveniste, il s’impose d’y entrer plus en détail que dans les autres problèmes du discours” (MESCHONNIC, 2008, p. 372).

Para o autor, a problemática inicial do pensamento sobre Benveniste está no fato do olhar estruturalista aplicado a Benveniste, como mencionado acima (cf. 1.3.1). Esse olhar implica em uma visão que torna os estudos de Benveniste de etimologia e de enunciação falsos, pois há um pressuposto epistemológico – aquele do estruturalismo – que impede que se leia a obra

benvenistiana a partir de um outro viés que não indique um primado da estrutura sobre o sistema. Segundo Meschonnic, a obra benvenistiana aponta para a necessidade de reconhecer a especificidade e a historicidade dos discursos antes de ser um estudo voltado para a estrutura da língua. “C’est le rabattement sur la structure. Mais la structure est ahistorique, et le terme tient à toute la cohérence épistémologique du structuralisme qui est restée étrangère à Benveniste” (MESCHONNIC, 2008, p. 372). Por esse viés, Meschonnic ressalta a importância do trabalho histórico efetuado por Benveniste para discutir a noção de ritmo na sua expressão linguística. Esse trabalho se dá a partir da dessacralização da inovação conceitual de Platão em relação ao sentido desse termo. Segundo Meschonnic, Platão inovou ao metrificar o ritmo e “on comprend que les idées reçues s’en réjouissent” (MESCHONNIC, 2008, p. 372).

No texto de Benveniste em questão, o autor expõe que “ritmo” é uma noção que interessa a muitas das atividades humanas. Benveniste fala que a unificação do homem e da natureza sob o tempo, nos seus intervalos e repetições, suscitou o emprego da palavra ritmo pela filosofia antiga. O termo foi difundido no pensamento ocidental moderno através do grego, por intermédio do latim (BENVENISTE, 1966/2005).

Em grego, *rhythmos* (ῥυθμός), de acordo com todos os dicionários, é o abstrato<sup>20</sup> de *rheîn* (ῥεῖν), “fluir”. A ideia de fluir surge a partir da observação dos movimentos regulares das ondas. Segundo Benveniste, essa ideia era ensinada no início da gramática comparada e ainda se perpetua (BENVENISTE, 1966/2005). É importante ressaltar que o texto de Benveniste é datado, no entanto, o próprio pensamento de Meschonnic permite corroborar o fato de que essa ideia ainda continua sendo difundida. A ideia exposta por Benveniste é a de que “o movimento das ondas fez nascer no seu espírito [do homem] a idéia [sic] de ritmo, e essa descoberta primordial está inscrita no próprio termo” (1966/2005, p. 362).

O autor ressalta o fato de que há uma ligação morfológica entre *rhythmos* e *rheîn* por meio de derivação; porém, a ligação semântica entre “ritmo” e “fluir” através do movimento regular das ondas não é possível. *Rheîn* indica exclusivamente “fluir”, mas o mar não “flui” (BENVENISTE,

---

<sup>20</sup> Importa notar, aqui, um problema presente no texto do PLG I em português brasileiro. À página 361, a frase está escrita da seguinte maneira: “[...]: ῥυθμός é o abstrato de ῥεῖν, ‘fluir’, tendo sido [...]” (BENVENISTE, 1966/2005). Não é possível afirmar, no entanto, se é um problema de tradução propriamente dito, ou se se trata de um problema de revisão/edição, visto que em francês a frase se apresenta como: “[...]: ῥυθμός est l’abstrait de ῥεῖν [...]” (BENVENISTE, 1951/1966, p. 327)

1966/2005), resultando na não utilização de *rhein* para se referir ao mar. Além disso, *rhythmos* não é utilizado para tratar do movimento das ondas. O termo *rhein* é utilizado para se referir ao rio, indicando que uma corrente de água não tem ritmo. *Rhythmos* significa “fluxo, escoamento” e não faz perceber como recebeu o sentido de “ritmo”. Por esse viés, há contradição entre os sentidos dos dois termos. *Rhythmos*, nos seus antigos empregos, não se diz da água que flui e nem mesmo significa “ritmo”. Essa interpretação, segundo Benveniste, “repousa sobre dados inexatos” (1966/2005, p. 362).

O trabalho de Benveniste consiste, então, em pesquisar a significação autêntica (e não o sentido) da palavra *rhythmos* ao descrever o emprego da palavra nos primórdios de sua utilização na alta antiguidade. Segundo ele, *rhythmos* não está presente nos poemas homéricos, mas aparece nos escritores jônios e na poesia lírica e trágica e, mais tarde, na prosa ática, principalmente na escrita filosófica.

O valor específico de *rhythmos* é encontrado no vocabulário da antiga filosofia jônia, particularmente nos textos dos criadores do atomismo, Leucipo e Demócrito. Esses autores utilizavam *rhythmos* como um termo técnico cuja significação foi transmitida por Aristóteles, segundo o qual *ῥυθμός* (*rhythmos*) significa *σχῆμα* (*schēma*), “esquema, forma”. Aristóteles toma como exemplo Leucipo, de onde percebe-se a relação entre três noções aplicadas às letras do alfabeto. Assim, *A* difere de *N* pelo *σχῆμα* (ou *ῥυθμός*), no sentido de que há uma configuração diferente das três hastes presentes em ambas as letras.

Por aí, Benveniste afirma, também, que os empregos encontrados em Demócrito são sempre no sentido de “forma”, seja para falar da constituição formal dos átomos, seja para falar da forma, no sentido de configuração, das instituições. É a partir dessas ideias que surgem os verbos “formar” e “transformar” tanto no sentido físico quanto no moral. De acordo com Benveniste, não há variação ou ambiguidade na significação que Demócrito atribui a *rhythmos*, que é sempre “forma”, no sentido de forma distintiva ou arranjo característicos das partes num todo (BENVENISTE, 1966/2005).

São muitos os exemplos do emprego de *rhythmos* apresentados por Benveniste indicando o mesmo sentido suscitado por Demócrito. Heródoto, por exemplo, fala da forma das letras e a significação que esse autor atribui ao termo se expande com os escritores do *corpus* hipocrático. Também os poetas líricos, que tomam *rhythmos* como *schēma* ou *tropos* “para definir a ‘forma’

individual e distintiva do caráter humano” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 365). Em Anacreonte, *rhutmos* está para as formas particulares do humor e do caráter. Teógnis, por sua vez, emprega *rhutmos* como um dos traços distintivos do homem. Além desses, Teócrito emprega o termo como “atitude”.

Nos poetas trágicos, é possível encontrar os mesmos sentidos mencionados anteriormente. Ésquilo, por exemplo, emprega *rhutmos* para falar da “forma” como a condição do homem, sua situação. Sófocles se serve do termo para indicar a ideia de “dar uma forma”. Em Eurípedes, *rhutmos* é empregado para falar de uma vestimenta – indicando sua “forma” distintiva, da modalidade de um assassinato, da marca distintiva do luto e do arranjo de um leito. Ainda, o sentido de “forma” está presente também na prosa ática do século V a.C. Xenofonte faz de *rhutmos* a qualidade de uma couraça (no sentido de algo ter uma “bela forma”). Platão apresenta um emprego que indica *rhutmos* como “disposição proporcionada”. Seus textos indicam a ideia de “formar um jovem favorito” e “reproduzir a forma”, como no caso de espelhos refletindo objetos. Aristóteles utiliza o termo como em “não reduzido a uma forma, não organizado”.

Benveniste, a partir dos mais variados exemplos, apresenta, então, três conclusões:

- a) *Rhutmos* não significa “ritmo” desde a origem até o período ático;
- b) *rhutmos* não se aplica ao movimento regular das ondas;
- c) o sentido constante é o de “forma distintiva, figura proporcionada, disposição” nas mais variadas condições de emprego.

Em suma, *rhutmos* sempre apresentou o valor de “forma”. Ainda, Benveniste segue sua reflexão afirmando que há, em grego, outros termos que se ligam à ideia de “forma”. Palavras como *σχῆμα* (*schēma*), *μορφή* (*morphē*), *εἶδος* (*eîdos*), entre outras, devem ser distinguidas de *rhutmos*. Assim, Benveniste fala da necessidade de se refletir sobre a estrutura da palavra. Para ele, é necessário voltar à etimologia: o valor de “forma” faz com que *rhutmos* se afaste de *rheîn*, “fluir”, por onde era explicado. A relação morfológica entre *rhutmos* e *rheîn*, no entanto, é justa. “O que criticamos não foi a própria derivação, mas o sentido inexato de *ῥυθμός*, dela deduzido” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 367). A partir disso, Benveniste argumenta em relação à formação da palavra. Para ele,

[...] a formação em -(θ)μός merece atenção para o sentido especial que confere às palavras “abstratas”. Indica não o cumprimento da noção mas a modalidade particular do seu cumprimento, tal como se apresenta aos olhos. Por exemplo, ὄρχησις é o fato de dançar, ὄρχηθμός a dança particular vista no seu desenvolvimento; χρησις é o fato de consultar um oráculo, χρησιμός a resposta particular obtida do deus [...]. Essa função do sufixo já sublinha a originalidade de ῥυθμός. No entanto é sobretudo o sentido do radical que é preciso considerar. Quando os escritores gregos interpretam ῥυθμός como σχῆμα, quando nós mesmos o traduzimos por “forma”, trata-se, nos dois casos, apenas de uma aproximação. Entre σχῆμα e ῥυθμός, há uma diferença; σχῆμα com relação a ἔχω, “eu (me) contendo” (cf., quanto à relação, o lat. habitus : habeo) se define como uma “forma fixa”, realizada, posta de algum modo como um objeto. Ao contrário, ῥυθμός, segundo os contextos onde aparece, designa a forma no instante em que é assumida por aquilo que é movediço, móvel, fluido, a forma daquilo que não tem consistência orgânica: convém ao *pattern* de um elemento fluido, a uma letra arbitrariamente modelada, a um peplo que se arruma como se quer, à disposição particular do caráter ou do humor. É a forma improvisada, momentânea, modificável. Ora, ῥεῖν é o predicado essencial da natureza e das coisas na filosofia jônica desde Heráclito, e Demócrito pensava que, sendo tudo produzido pelos átomos, só o seu arranjo diferente produz a diferença das formas e dos objetos. Pode-se compreender então que ῥυθμός, significando literalmente “maneira particular de fluir”, tenha sido o termo mais próprio para descrever “disposições” ou “configurações” sem fixidez nem necessidade natural, resultantes de um arranjo sempre sujeito à mudança. A escolha de um derivado de ῥεῖν para exprimir essa modalidade específica da “forma” das coisas é característica da filosofia que a inspira; é uma representação do universo no qual as configurações particulares do movediço se definem com “fluições”. Há uma ligação profunda entre o sentido próprio do termo ῥυθμός e a doutrina da qual ele revela uma das noções mais originais. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 367-368)

A partir dessa análise, o autor se pergunta, então, como se insere a noção de “ritmo” na semântica de “forma”. Para ele, o problema está no fato de compreender as condições que fizeram de *rhythmos* a palavra que exprime o sentido atual de “ritmo”. Esse sentido atual de “ritmo” já existia desde o grego e é o resultado de uma especialização secundária, visto que o sentido de “forma” se apresentava como primeiro até o século V a.C. “Foi Platão quem precisou a noção de ‘ritmo’ delimitando numa acepção nova o valor tradicional de *rhythmos*” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 368). A definição de *rhythmos* platônica fala da ordem no movimento, o que decorre do sentido tradicional e o modifica. Platão emprega *rhythmos* no sentido de “forma distintiva, disposição, proporção”. A inovação platônica se dá na utilização de *rhythmos* para falar da forma do movimento que o corpo humano executa na dança e da disposição das figuras nas quais se resolve esse movimento. O que ocasiona uma relação entre *rhythmos* e *metron*, submetendo o primeiro termo às leis numéricas.

A “forma” (*rhythmos*) é determinada, depois de Platão, por uma medida e sujeita a uma ordem. Assim, a “disposição”, em Platão, é constituída por uma sequência ordenada de

movimentos lentos e rápidos, assim como a “‘harmonia’ resulta da alternância do agudo e do grave” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 369). “E é à ordem no movimento, a todo o processo do arranjo harmonioso das atitudes corporais combinado com um metro, que se chama a partir daí *ῥυθμός*” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 369). A partir de *rhutmos* como uma “configuração espacial definida pelo arranjo e pela proporção distintivos dos elementos, atinge-se o ‘ritmo’, configuração dos movimentos ordenados na duração: [...] ‘todo ritmo se mede por um movimento definido’ (Aristóteles, Probl., 882 b 2)” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 369-370).

O que é possível concluir a partir dessa exposição das ideias de Benveniste é que o autor esboça uma história das condições linguísticas da noção de ritmo, se distanciando, assim das representações simplistas da etimologia. Falar, hoje, do ritmo das ondas é metaforizar o sentido *rhutmos*.

Foi necessária uma longa reflexão sobre a estrutura das coisas, depois uma teoria da medida aplicada às figuras da dança e às inflexões do canto, para reconhecer e denominar o princípio do movimento cadenciado. Nada foi menos “natural” que essa elaboração lenta, pelo esforço dos pensadores, de uma noção que nos parece tão necessariamente inerente às formas articuladas do movimento que nos custa crer que não se tenha tomado consciência dela desde a origem. (BENVENISTE, 1966/2006, p. 370)

Para Meschonnic, a exposição benvenistiana sobre a noção de ritmo apresenta o desafio de compreender a distinção entre o contínuo e o descontínuo. Para ele, essa distinção não se apresenta quando dos comentadores de Benveniste sobre esse texto, visto que o ponto de vista estruturalista se impõe e acaba por posicionar Benveniste como um filólogo tradicional. Importa retomar o fato de que Benveniste se propõe a pesquisar a significação do termo ritmo; ou seja, em tudo distante de uma visão filológica tradicional que, a partir da estrutura da palavra, remonta ao seu sentido original. Meschonnic afirma que “Benveniste, après sa démonstration archéologique, revient pour finir au sens courant. Il modifie le savoir. Non l’imaginaire. C’était sa seule visée. Visée accomplie” (MESCHONNIC, 2008, p. 374).

Por aí, percebe-se que o Benveniste de Meschonnic apresenta uma visão que indica uma ideia que diferencia aquilo que é da ordem da língua, nesse caso o sentido, e aquilo que é da ordem do discurso, nesse caso a significação. A língua tomada como representante do pensamento descontínuo sobre a linguagem e o discurso tomado como representante do pensamento contínuo.

Meschonnic, ao afirmar que Benveniste modifica o saber, mas não o imaginário, supõe que há, aí, uma visão nova sobre a linguagem que está alinhada a um pensamento do contínuo. O imaginário não é modificado por Benveniste pois a leitura estruturalista de Benveniste não consegue distanciá-lo do pensamento descontínuo, indicando que a tradição do pensamento sobre o ritmo permanece igual. Ou seja, o ritmo ainda é visto como algo que expressa uma alternância métrica do movimento no tempo. Segundo Meschonnic, a leitura estruturalista de Benveniste o faz dizer o que ele não disse.

Benveniste voulait seulement prouver que ce qu'on imputait à la nature était issu d'un travail historique du discours. Par la pensée de Platon. *Lectio difficilior*, le travail de Benveniste réveillait un sens endormi dans le mot, et montrait qu'il était, comme dit Mallarmé, un « nœud rythmique », par le rapport retrouvé entre le langage et le temps, le langage et le mouvement. (MESCHONNIC, 2008, p. 376)

Importa notar, no entanto, – e é isso que Meschonnic aponta como necessário – que Platão não mudou nada e que ele não introduziu o conceito de medida. Segundo o autor, Benveniste não afirma que Platão inovou ao introduzir o ritmo na ideia de duração. “Benveniste parlait de « spécialisation secondaire » et d' « acception nouvelle », observant que Platon « procède du sens traditionnel » et le « modifie » (p.334). Ce qui est établi des emplois de Démocrite et des lyriques implique une relation, une disposition, une organisation. Pas une proportion” (MESCHONNIC, 2008, p. 377).

Meschonnic afirma que o estudo de Benveniste não é um estudo da linguística. Para ele, o pensamento de Barthes é profícuo em relação a esse fato, visto que esse fala que o estudo de Benveniste indica uma filologia da sociedade e do pensamento, “qui n'est pas non plus de l'herméneutique. Parler de structure manque la spécificité de la pensée du système chez Benveniste, et participe d'une schématisation qui est l'effet scolaire du structuralisme, incapable d'une vision critique d'ensemble” (MESCHONNIC, 2008, p. 378). Esse posicionamento faz de Benveniste um filólogo que não está à parte da teoria da linguagem, como é possível afirmar sobre a filologia contemporânea, que se vê distante de um pensamento sobre a linguagem, atendo-se exclusivamente às noções da língua, mais especificamente, à estrutura da língua. Para Meschonnic,

L'éthique platonisante est profondément conservatrice, au lieu que celle de Benveniste est, comme il a été dit de cet ancien compagnon des surréalistes, dérangeante pour l'ordre. Et la parade philologique voulait rétablir l'ordre. L'ordre platonicien. Ne cherchez pas ailleurs son pourquoi. Benveniste ne se sépare pas de la philologie, ne procède pas par un survol négligent ou truqué des textes. Il s'agissait d'abord de la théorie du langage, avec l'histoire de « l'expression linguistique » du rythme. (2008, p. 378)

Por aí, percebe-se que o trabalho de Benveniste sobre o ritmo importa de maneira cabal para o pensamento de Meschonnic. Como se verá adiante (cf. 2), a poética, ao criticar o império do signo, toma como elemento primeiro o ritmo, que, observado a partir da noção de contínuo, possível depois de Benveniste, ganha uma nova especialização. É na poética que o ritmo retoma sua ideia de organização formal. Para Meschonnic, o ritmo é a organização do movimento da fala na linguagem. Ou seja, o ritmo, aí, apresenta as características encontradas nos exemplos que Benveniste retoma na sua pesquisa da significação e do emprego do termo *rhythmos*.

### 1.3.3 A questão do sujeito em Benveniste: pontos de vista distintos

Pela maneira como Benveniste articula as noções de sujeito, enunciação, linguagem e língua, Meschonnic credita a ele o único posicionamento linguístico que dialoga com a filosofia. Esse crédito surge a partir do argumento meschonnicuiano que diz que, num geral, a linguística teve a tendência a se distanciar da filosofia. Para ele, nem mesmo a filosofia analítica, com seu viés linguístico, possibilita modificar essa visão.

O que importa notar, na questão do sujeito, é que o sujeito é “sa propre énonciation, son historicité, sa temporalité. La personne, comme l’a noté Gérard Dessons, n’est pas ici l’identité de la conscience de soi, mais « la transposition éthique de la définition linguistique », où tombe l’antinomie « de l’individu et de la société » (Plg. I, 260)” (MESCHONNIC, 2008, p. 379). Segundo Gérard Dessons (2006), o pensamento benvenistiano apresenta a subjetividade como mais importante que o sujeito, e a subjetivação como mais importante que a subjetividade. E, de acordo com Meschonnic e Dessons, quando Benveniste afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 286), estamos frente a um argumento que indica que não pode mais haver teoria da linguagem sem teoria do sujeito, nem teoria do sujeito sem teoria da linguagem (MESCHONNIC, 2008).

Desse modo, surge a necessidade de uma crítica do sujeito. Segundo Meschonnic, uma crítica dupla. Crítica dos linguistas e dos filósofos contemporâneos a Benveniste e crítica dessa crítica através da confrontação das ideias do próprio Benveniste. Para Meschonnic, o problema está na psicologização do sujeito que foi proposto pelo autor, visto que os linguistas e os filósofos buscam uma identificação do sujeito com o indivíduo (MESCHONNIC, 2008).

A subjetividade na linguagem indicada por Kerbrat-Orecchioni se estabelece a partir de uma visão de subjetividade que advém da psicologia. Meschonnic aponta que a autora utiliza critérios avaliativos de observação sobre o léxico cuja intervenção do paralinguístico se impõe e que coloca sua observação mais ao lado da lógica do que do pensamento de Benveniste. Por aí, percebe-se uma distinção entre uma gramática da língua, que procura no léxico as razões para a inscrição do sujeito na linguagem, e uma gramática do discurso, que observa no emprego de *je (eu)* e suas consequências a inscrição da subjetividade na linguagem. “Cette conception lexicaliste de l'énonciation, qui se donne pour un au-delà de Benveniste, non seulement ne l'a pas démodé, mais laisse entière, au point où il l'a laissée, la matière du sujet” (MESCHONNIC, 2008, p. 382).

Além da visão psicologizante do sujeito de Benveniste, ainda outro posicionamento se apresenta: aquele que aproxima Benveniste da fenomenologia. Para Meschonnic, Ricœur apresenta um desejo de união entre o estruturalismo e a fenomenologia. Além dele, Jean-Claude Coquet (1992) encontra em Benveniste temas da fenomenologia: “Non tant par des rapports, apparemment absents, avec Merleau-Ponty, que par les « notions de position, de mouvement, de centre de l'énonciation, d'instance ou de présence de la personne, etc. »” (MESCHONNIC, 2008, p. 383). Benveniste, por ter conhecimento da obra de Edmund Husserl (1996), é aproximado de Louis Hjelmslev (1971), que também se serve dos trabalhos de Husserl, indicando que o estruturalismo supõe um viés fenomenológico. O argumento é de Coquet e veementemente rebatido por Meschonnic: “[...] mais Benveniste n'est pas structuraliste. Et que Hjelmslev soit pénétré de Husserl est plus propre à Hjelmslev qu'au structuralisme” (MESCHONNIC, 2008, p. 383).

Além desses, outros pontos são rebatidos por Meschonnic, visto que, para ele, Benveniste não se encontra alinhado ao pensamento fenomenológico da maneira que alguns autores desejam. É necessário distinguir a pesquisa fenomenológica, que procura a essência, da pesquisa de Benveniste, que procura a historicidade dos discursos. Desse modo, é possível compreender que

termos como *referente, pessoa, significação, sentido e sujeito* não são os mesmos para cada um dos pontos de vista.

Novamente, é necessário voltar à crítica da leitura estruturalista de Saussure, que é estendida a Benveniste, e perceber que apenas essa visão permite aproximar Benveniste da fenomenologia. Para Husserl (1996), a linguagem é feita de nomes, indicando uma visão de língua, onde os nomes podem ser substituídos pela ideia de signo, em tudo remetendo a uma visão descontínua sobre a linguagem. Benveniste, por outro lado, observa a linguagem a partir do discurso, cuja historicidade é a razão do pensamento, indicando, desse modo, uma visão contínua sobre a linguagem e que remonta ao pensamento sobre o ritmo abordado anteriormente (cf. 1.3.2). “Il n’y a pas, chez Benveniste, la séparation entre le monde et l’essence qu’il y a dans la phénoménologie” (MESCHONNIC, 2008, p. 386-387). Por esse viés, a ligação entre Benveniste e a fenomenologia não encontra base sólida para levar adiante uma teoria do sujeito.

Meschonnic, no entanto, indica uma visão que faz jus ao rigor teórico presente em Benveniste. Para ele, o que Barthes disse de Benveniste em 1966, na primeira aparição de “Pourquoi j’aime Benveniste” ainda soa coerente com o estado atual das ciências da linguagem. Benveniste, segundo Barthes (1984), colocou

le sujet (au sens philosophique du terme) au centre des grandes catégories du langage, en montrant, à l’occasion de faits très divers, que ce sujet ne peut jamais se distinguer d’une ‘instance de discours’, différente de l’instance de la réalité ». Par là, il fondait « linguistiquement, c’est-à-dire scientifiquement, l’identité du sujet et du langage, position qui est au cœur de bien des recherches actuelles et qui intéresse aussi bien la philosophie que la littérature ». (p. 193 apud MESCHONNIC, 2008, p. 387)

Esse posicionamento, segundo Meschonnic, indica que Barthes vê em Benveniste aquele quem melhor se posicionou sobre a antinomia do subjetivo e do objetivo, do indivíduo e da sociedade. Barthes aponta para um estilo de Benveniste, que Meschonnic caracteriza bem: “Le style, non au sens des caractères spécifiques ou formels d’une écriture, mais comme la précision et l’aventure d’une pensée, l’invention de problèmes nouveaux et le régime de la démonstration” (MESCHONNIC, 2008, p. 387). Tanto para Barthes quanto para Meschonnic, Benveniste é o único a criar um pensamento novo sobre a linguagem depois de Saussure. Seu pensamento permanece sempre inaugural, marcando um recomeço que se estende aos dias de hoje.

Meschonnic expõe que Barthes tem razão quando diz que Benveniste tem um estatuto particular dentro das ciências da linguagem. Para Barthes, a linguística é desnaturalizada por Benveniste. Surge, a partir de Benveniste, uma nova ciência, que não tem nome, mas que é marcada pela ideia de uma “science de la société qui parle” (BARTHES, 1984, p. 194 apud MESCHONNIC, 2008, p. 388). Benveniste, para Barthes e Meschonnic, representa a linguística da interlocução, uma linguística nova, sem pares.

Até aqui, foi possível expor de que maneira a questão do sujeito se impõe quando pensado no viés benvenistiano. Foi necessário, nesse caso, acompanhar Meschonnic para compreender de que forma o sujeito em Benveniste se distancia das noções distintas de sujeito que se atribuem a ele. Cabe, agora, adentrar na discussão do semântico sem semiótico para perceber de que maneira opera a noção benvenistiana de sujeito, visto que “Benveniste donne à la poétique sa condition première de possibilité, par la notion de discours, et de sujet du discours” (MESCHONNIC, 2008, p. 389). Importa notar que o pensamento de Benveniste deve ser compreendido dentro de uma noção de sistema. Por esse viés, quando Meschonnic trata da questão das obras de arte em relação à língua na sua bidimensionalidade (semântico e semiótico), faz surgir necessariamente a noção de sujeito, visto que o discurso se apresenta quando há a mobilização da língua a partir de um locutor que emprega *eu* para se enunciar. Na próxima seção, apresento mais um ponto do Benveniste de Meschonnic, que indica de que maneira a poética leva adiante a ideia de semântico sem semiótico.

#### 1.3.4 O “semântico sem semiótico”: abertura epistemológica da poética

Para Meschonnic, as três palavras utilizadas por Benveniste situam toda a questão da poética. É a necessidade de observar o problema o inventando. E, ao fazê-lo, é necessário pensar a teoria da linguagem por um outro viés. Ou seja, é necessário reinventar a teoria da linguagem a partir do problema que o semântico sem semiótico impõe. Por aí, se observa a implicação recíproca entre a poética e a teoria da linguagem; uma implicação que toma forma de interação a partir de uma reação em cadeia.

Meschonnic, em “Benveniste: sémantique sans sémiotique” (2008), afirma que Benveniste prepara essa implicação teórica entre a poética e a teoria da linguagem, mas não a desenvolve. E é

por aí que trabalha a poética, “tout en se situant au point même où elle doit se faire” (MESCHONNIC, 2008, p. 390).

A ideia apresentada por Meschonnic de que a época contemporânea, no que diz respeito às relações entre a linguagem e a arte, incluindo na ideia de arte até mesmo a arte da linguagem, é um conflito entre aqueles que pensam a partir de Charles Sanders Peirce e aqueles que pensam a partir de Saussure. Esse conflito surge a partir da discussão apresentada por Benveniste em “Sémiologie de la langue” (1969/1974), que, na sua primeira parte, tem o intuito de refletir sobre a ideia de signo presente em ambos os autores. Além disso, Meschonnic fala que é necessário pensar sobre o apagamento e/ou a negação desse conflito. Para ele, Benveniste introduz, sabendo ou não, o problema da poética.

Segundo Meschonnic, houve a negação desse problema proposto por Benveniste por seus contemporâneos, além da ignorância completa da discussão em alguns lugares, como nos Estados Unidos. Essa negação é grave, visto que ela implica a negação da própria noção de teoria da linguagem. Não pensar sobre o que foi proposto por Benveniste não permite que se distancie das visões mais tradicionais sobre a linguagem, a língua e o homem.

O argumento de Meschonnic se constrói a partir da observação de que o pensamento contemporâneo está mais alinhado àquilo que foi dito por Peirce do que por Saussure. Segundo o autor, Saussure foi duplamente apagado por Peirce e pela vulgata estruturalista. No entanto, há aqueles que “travaillent à l’histoire de la pensée du langage, ce qu’on ne saurait faire sans la pensée de cette pensée. Car, d’en faire l’histoire, ne peut consister à éviter de la penser. Il faut les deux, étant donné l’historicité de toute pensée” (MESCHONNIC, 2008, p. 391). Um exemplo claro sendo Benveniste, que se situa como pensador da historicidade do discurso. Meschonnic argumenta que Benveniste, ao lado de Saussure, toma história e teoria como indissociáveis e cita a passagem benvenistiana que diz que “une linguistique n’est possible qu’à cette condition: se connaît enfin en découvrant son objet” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 46 apud MESCHONNIC, 2008, p. 391).

A teoria da linguagem, segundo o autor, tenta reconhecer aquilo mesmo que desconhece ao mesmo tempo que tenta reconhecer seu próprio objeto. Por esse viés, quando Benveniste fala que em Saussure os termos criam os próprios conceitos, Meschonnic aplica a mesma ideia a Benveniste, indicando um mesmo tipo de criação conceitual em ambos. Essa criação se dá a partir de uma abordagem dedutiva. Meschonnic indica que as reflexões sobre a semiologia em Saussure e sobre

a metassemântica em Benveniste são ambas caracterizadas por uma dedução de disciplinas por vir, mas que já têm seus espaços determinados de antemão visto o caráter da própria pesquisa histórica efetuada pelos dois linguistas.

Benveniste, numa retomada e busca de um mesmo e outro objetivo, avisa, em “*Sémiologie de la langue*”, que é importante levar adiante esse grande problema da especificidade da língua em relação aos outros sistemas de signos e da relação da linguística com a semiologia a partir do ponto onde Saussure o deixou. Meschonnic, por sua vez, indica que a poética, guardadas as suas proporções, adquire as mesmas características da ideia de Benveniste em relação a Saussure na sua relação com a teoria benvenistiana. Para Meschonnic, Benveniste prepara o lugar da poética pois ela é o resultado do prosseguimento do pensamento benvenistiano. A poética está fundamentada naquilo que Benveniste relegou ao futuro.

A partir desse ponto, Meschonnic indica a necessidade de pensar as ideias apresentadas por Benveniste em “*Sémiologie de la langue*” com o intuito de analisar dificuldades ou contradições que o texto possa suscitar.

Inicialmente, Meschonnic aponta que Benveniste se atém à definição tradicional do signo como “substituto” de algo: “O papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 51). No entanto, segundo o ponto de vista poético, é necessário lembrar (cf. 1.2) que o signo está contido dentro de seis paradigmas (linguístico, antropológico, filosófico, teológico, social e político). Benveniste, por sua vez, leva adiante o signo linguístico, apresentando, além disso, “un statut métaphorique (pour *signal*) ou sémiotique, dans la mention pêle-mêle des ‘signes de politesse’, et des ‘signes de l’art dans leurs variétés (musique, images ; reproductions plastiques’ (p. 51)” (MESCHONNIC, 2008, p. 392). Para Benveniste, esse estatuto do signo se estende a todos os tipos de signos e lhe permite definir que “o caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à semiologia é sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significâncias, ou SIGNOS” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 52). No entanto, como aponta Meschonnic, o próprio Benveniste mostra que há uma limitação dessa visão quando se trata do sistema das artes.

O exemplo fornecido por Benveniste de um modelo de sistema binário por excelência é o do sistema do tráfego rodoviário (luzes verde e vermelha), que apresenta um modo operatório visual “geralmente diurno e em céu aberto” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 52). Meschonnic, sobre

esse exemplo, lança duas observações. Primeiro, que o sistema do tráfego é diurno e noturno; segundo, que esse sistema também se vale da cor amarela, mesmo que seja apenas para representar uma fase de transição e que não modifica a oposição fundamental, que é binária. Meschonnic diz ser curioso o fato de, nesse caso, Benveniste não ter utilizado o termo *signal* para se referir a esses signos como ele havia feito em outro texto (“Communication animale et langage humain”, de 1952, presente no PLG I, de 1966).

Esse ponto, no entanto, se esclarece, segundo Meschonnic, quando Benveniste enuncia o princípio de não-redundância entre sistemas, que, em “Sémiologie de la langue”, aparece em letras maiúsculas, indicando, assim, sua importância capital. Esse princípio se dá a partir do fato de que “não há ‘sinonímia’ entre sistemas semióticos; não se pode ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela música, que são dois sistemas de base diferente” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 53). De acordo com Meschonnic, a ideia de não-convertibilidade entre sistemas de base diferente se apresenta como a condição primeira da relação entre a língua como o “sistema interpretante” (BENVENISTE, 1974/2006) e a significação unidimensional das obras de arte, consideradas como semântico sem semiótico (MESCHONNIC, 2008).

C’est la condition du rapport entre le langage et la peinture, donc de ce qu’on peut dire d’une peinture ou d’une sculpture, mais aussi d’une œuvre de langage. Ou plutôt de ce qu’on ne peut pas dire. Benveniste insiste sur l’effet, en art, de « monde clos » (p. 59). Curieusement, plus loin, la clôture est celle du signe : « En réalité le monde du signe est clos » (p. 65). C’est la clôture l’un à l’autre de « deux univers conceptuels » (p. 64). Benveniste a très vivement le sens de cette clôture de l’un à l’autre, dans l’ordre du savoir. (MESCHONNIC, 2008, p. 393)

A partir do primeiro princípio, decorre o segundo, que diz que “dois sistemas podem ter um mesmo signo em comum sem que daí resulte sinonímia ou redundância, quer dizer que a identidade substancial de um signo não conta, mas somente sua diferença funcional” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 54). De onde a conclusão: “O valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 54). Por esse viés, compreende-se que um signo se define como tal apenas no interior de seu sistema específico. Pensemos nas cores que integram o sistema do tráfego. Dentro desse sistema, cada uma supõe uma significação própria que é dependente do próprio sistema. Fora desse sistema específico, verde e vermelho podem adquirir outras

significâncias. O verde presente na bandeira brasileira, indicando a riqueza das matas no território, se distingue completamente na sua significância do verde presente no tráfego, que indica ao motorista que siga adiante. Para Meschonnic, importa notar que não pode haver “confusion entre une valeur culturelle d’une couleur et des valeurs qui sont seulement celles d’une œuvre particulière” (MESCHONNIC, 2008, p. 393).

O que soa necessário a Meschonnic é afirmar que Benveniste se ocupa essencialmente de caracterizar o funcionamento da língua, dentro da distinção benvenistiana entre sistemas interpretados e sistemas interpretantes. Por esse viés, o argumento meschonniciano se dá a partir do fato de que, quando Benveniste afirma que não há convertibilidade entre o sistema da música em relação ao da língua, existe, ainda assim, uma não convertibilidade que vai da língua à música. Não se limitando apenas à música, Meschonnic compreende que essa não convertibilidade se dá em todos os sentidos vetoriais quando da relação da língua com os outros sistemas de arte: pintura, cinema etc. (MESCHONNIC, 2008).

En musique, l’inconvertible vaut non seulement pour les notes, qui ne sont pas de signes, mais aussi pour le rapport au temps : « l’axe des simultanités en musique contredit le principe même du paradigmatique en langue, qui est principe de sélection, excluant toute simultanéité intra-segmentale » (p. 56). D’où : « la combinatoire musicale qui relève de l’harmonie et du contre-point n’a pas d’équivalente dans la langue » (p. 56). Benveniste conclut, dans l’hypothèse où « la musique est considérée comme une ‘langue’, que c’est une langue qui a une syntaxe, mais pas de sémiotique ». Où il n’emploie pas du tout le terme de langue selon la métaphore courante du langage musical, qui présuppose exactement le contraire, et par cette présupposition même à la fois procure l’illusion de penser et empêche de penser un rapport entre la musique et le langage. C’est au sens précisément linguistique, ici, qu’intervient la langue, comparée à la musique. Donc la musique n’a pas de mots. Par quoi elle n’a pas le sens. Ce qui ne signifie pas qu’elle n’a pas de sens. (MESCHONNIC, 2008, p. 394)

Meschonnic aponta, na continuidade de seu pensamento, que Benveniste não tem o objetivo de pensar a música, mas apenas esclarecer a semiologia da língua. Fato corroborado por Benveniste, quando esse afirma, ao introduzir o exemplo das artes plásticas, que é importante verificar, nesses sistemas e suas relações com a língua, “se alguma semelhança ou oposição pode esclarecer a semiologia da língua” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 57). Para Meschonnic, no entanto, “l’exemple des arts plastiques va renforcer la notion selon laquelle des systèmes pourraient

même ne pas avoir d'unités. La question même si la couleur, le trait sont des unités y perd son sens" (2008, p. 394).

De acordo com Meschonnic, uma das primeiras consequências desse pensamento é conceber uma distinção entre arte e obra, distinção, essa, que não está presente em Benveniste, mas que é de grande utilidade para compreender a especificidade do semântico sem semiótico.

Benveniste afirma que o conjunto do sistema das artes plásticas não reproduz o modelo de sistema da língua. Ou seja, o sistema das artes não apresenta as características comuns dos sistemas semióticos, já que “todo sistema semiótico que repousa sobre signos deve necessariamente comportar (1) um repertório finito de SIGNOS, (2) regras de arranjo que governam suas FIGURAS (3) independentemente da natureza e do número de DISCURSOS que o sistema permite produzir” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 57).

Essa é a sistematicidade do pensamento do “semântico (expressões artísticas) sem semiótico” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 66), segundo Meschonnic. Pois o sistema das artes não comporta a dimensão semiótica da maneira que a supõe Benveniste.

Meschonnic argumenta, a partir da afirmação de Benveniste de que “a arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular” (1974/2006, p. 60), que há aí um nominalismo da obra que se opõe ao realismo, no sentido lógico, da arte. Para ele, o “aqui” designa o papel e o lugar do argumento de Benveniste, não uma atenuação de seu potencial teórico. Tomar essa proposição como absoluta significa colocar em questão o conflito entre a estética, por seu viés descontínuo, e a poética, por seu viés contínuo.

Por aí, o que está efetivamente em jogo é a noção de unidade, visto que ela está no centro da problemática da semiologia para Benveniste. Segundo Meschonnic, a grande contribuição de Benveniste está na ousadia de dissociar a unidade do signo. “La proposition : « Le signe est nécessairement une unité, mais l'unité peut n'être pas un signe » (p. 57) est capitale pour les « expressions artistiques ». Si l'œuvre tout entière est l'unité, pour la poétique, l'unité n'est pas un signe, et l'œuvre n'est pas fait de signes” (MESCHONNIC, 2008, p. 395). De onde decorre um segundo argumento lógico de Meschonnic:

Une œuvre de langage est pleine de mots, mais ce n'est pas les mots qui font l'œuvre, c'est l'œuvre qui fait ce qu'on attribue ensuite aux mots. Ce n'est pas en tant qu'elle est composée de signes qu'elle est une œuvre. Ce que déjà Humboldt disait du discours en général, que les mots ne le précèdent pas mais qu'ils en procèdent, est d'autant plus vrai d'une œuvre de langage, comme système de discours. (MESCHONNIC, 2008, p. 395-396)

Está posta uma leitura bastante pontual de Meschonnic sobre as ideias de Benveniste. Vê-se, com a aproximação que é feita entre Humboldt e Benveniste, que não cumpre aqui pensar a língua aos moldes do estruturalismo, mas tomar a questão maior da linguagem que está presente tanto em um quanto no outro autor. Conceber o discurso como uma obra da linguagem traz à tona toda uma reflexão ignorada ou deixada de lado por grande parte das teorias linguísticas mais tradicionais. Meschonnic, por outro lado, atribui a essa visão o grande potencial de partida para o pensamento poético.

Na continuidade, Meschonnic retoma seu argumento esclarecendo ainda mais seu ponto de vista:

Autrement dit, dans une œuvre de langage, Benveniste aurait pu dire : « L'artiste crée ainsi sa propre sémantique », au lieu qu'il a écrit : « L'artiste crée ainsi sa propre sémiotique » (p. 58). Puisqu'il disait de l'artiste : « Il ne reçoit donc pas un répertoire de signes, reconnus tels, et il n'en établit pas un » (p. 58). (MESCHONNIC, 2008, p. 396)

A constatação de Meschonnic é precisa quando afirma que o semiótico, que é então criado pelo artista, é anulado, visto que não existe semiótico composto de apenas uma unidade e que o semiótico está contido em um sistema de signos “généralisable et généralisé à d'autres signes, à d'autres discours, comme c'est le cas dans une langue” (MESCHONNIC, 2008, p. 396). Assim,

Elle [sémiotique] est en cours de constitution dans une œuvre, surtout les œuvres de longue durée, celle de Hugo par exemple. Elle a ses effets de traîne chez les épigones. Pas pour longtemps, elles ne traînent que chez les contemporains. Cette sémiotique à un seul exemplaire (sa reproduction étant le corollaire même de la négation d'une œuvre), Benveniste ne la dit ainsi peut-être que par un reste d'opposition binaire, que l'œuvre se charge d'exténuer : l'artiste « institue ses oppositions en traits qu'il rend lui-même signifiants dans leur ordre » (p. 58). Mais « signifiants dans leur ordre » conviendrait aussi bien, et mieux même, à du sémantique. Comme Benveniste lui-même le dit, en trois mots, plus loin. (MESCHONNIC, 2008, p. 396)

Desse modo, Meschonnic afirma que esse tipo de pensamento é nada mais que um pensamento crítico sobre a linguagem. Para o autor, é necessário situar Benveniste dentro da crítica do pensamento sobre a linguagem, pois ao fazê-lo, se torna possível nos situarmos frente a esse pensamento. No entanto, Meschonnic ressalta que não se trata de fazer uma apologia a Benveniste, mas sim um exercício de método. Por esse viés, é necessário, então, pesquisar “[ce] qui est fécond dans Benveniste, et partout, ce qui permet de penser le langage non en reproduisant Benveniste, mais à partir de lui” (MESCHONNIC, 2008, p. 397). Benveniste fornece, segundo Meschonnic, uma obra que não pode ser ignorada e a definição de obra é aquilo que não pode ser copiado nem refeito (MESCHONNIC, 2008).

C’est son élaboration du discours qui fait de Benveniste un chemin obligé (ce qui dit bien qu’on ne s’arrête pas à lui) pour penser le continu dans le langage, une position linguistique du sujet dans son énonciation qui prépare, mais ne constitue pas, la notion de sujet du poème ; notion rhétorique, poétique, éthique et politique du sujet, et par là, intempestivement aussi, contre la sémiotisation générale ambiante, une pensée de l’historicité et de la valeur telle que penser la poétique et penser la modernité deviennent une seule pensée. (MESCHONNIC, 2008, p. 397)

Percebe-se, aí, a importância da noção de sujeito, tratada anteriormente (cf. 1.3.3), que indica que o sujeito da enunciação proposto por Benveniste aparece em Meschonnic estendido a um sujeito do poema. Vê-se que, novamente, Benveniste indica um caminho a percorrer para se pensar a teoria da linguagem que tem respaldo no que se toma como uma teoria do sujeito. Meschonnic vai adiante quando expõe que o caminho aberto por Benveniste supõe a própria modernidade do pensamento benvenistiano, já que o argumento meschonniquiano supõe que a modernidade não acabou e que ela sobrevive e sobreviverá à pós-modernidade.

Meschonnic aponta que é importante pensar sobre o estilo da linguística, “parce que la pensée est affaire de style, et que même elle est tout le style. Plus proche en cela de l’art que de la science, sinon que dans la science même il y a ceux qui ont du style, et ceux qui n’en ont pas” (MESCHONNIC, 2008, p. 397). Para ele, a invenção de um pensamento é a sua própria historicidade.

Além disso, segundo Meschonnic, existe um ecletismo onde se integra o que é o pós-moderno em alguns linguistas, assim como em alguns especialistas da literatura e em alguns

filósofos, que tem como consequência desistoricizar os conceitos. O autor indica que o pós-moderno está ao lado de Peirce mais do que ao lado de Saussure, pois se refugia no esquecimento das três palavras de Benveniste, “semântico sem semiótico”. Essas três palavras devem, então, ser consideradas como um programa e que esse programa as interprete a partir de um prolongamento que não foi previsto por Benveniste, mas que o próprio autor julgou necessário, como é o caso da metassemântica.

A partir disso, Meschonnic afirma que, no contexto em que Benveniste concebeu a propriedade das “expressões artísticas” – presente no sintagma “semântico (expressões artísticas) sem semiótico” –, “il s’agissait de balancer deux types opposés de systèmes dans la langue, et à la langue” (MESCHONNIC, 2008, p. 398). Por esse viés, cumpre retomar o que diz Benveniste em relação aos tipos de sistemas distintos. Para ele, “a língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; *mudrās*), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas, sem semiótica)” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 66). Para o autor, “o privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 66). Esse privilégio da língua gera uma consequência:

Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 66)

Para Meschonnic, a força teórica desse pensamento está nas obscuridades que ele contém, “car ces deux catégories, malgré leur symétrie inverse apparemment parfaite, n’appellent pas du tout la même analyse. Et il n’en reste pas du tout la même chose” (2008, p. 398). Dessa maneira, o autor introduz sua leitura própria da divisão entre sistemas que apresentam ora um ora outro modo de significância e a língua, na sua bidimensionalidade significativa.

Os exemplos dados da primeira categoria de sistemas (semiótico sem semântico) são questionados por Meschonnic visto que, para ele, os gestos de cortesia, se tomados em seu jogo social, não permitem excluir o modo semântico de significância. Além disso, as *mudrās*, sendo consideradas poses ritualizadas e estilizadas das mãos, segundo os preceitos budistas, se relacionam

com as poses das pernas, consideradas *asanas*. “Ces poses ont chacune un sens spécifique, *codé*. Elles ne sont un exemple du sémiotique sans sémantique, et dans sa perfection, que vu de l’extérieur du code, par ceux qui l’ignorent. Mais chaque pose, vue par des initiés, a un sens” (MESCHONNIC, 2008, p. 399). A fonte das referências de Meschonnic é uma enciclopédia iconográfica do budismo, que trata desses gestos como símbolos<sup>21</sup>. A conclusão de Meschonnic é que, portanto, as *mudrās* apresentam um modo de significância semiótico e semântico.

Ainda quanto aos gestos de cortesia, Meschonnic aponta que, no seu jogo social corrente e variável, não é possível manter a ideia de que eles são desprovidos de um modo de significância semântico, mesmo se tratando de movimentos do corpo. A exemplificação de Meschonnic traz um texto de Anton Tchekhov, “O gordo e o magro” (2013), que conta a história de dois amigos que se encontram ao acaso e trocam informações sobre sua vida atual. O magro, ao ficar sabendo que o gordo estava trabalhando numa posição hierárquica muito superior que a sua, muda completamente sua forma de linguagem, bem como seus gestos físicos, pois, segundo Meschonnic, “les deux vont ensemble” (2008, p. 400).

Assim, o exemplo do texto de Tchekhov permite ilustrar o ponto de vista de que os gestos de cortesia participam ao mesmo tempo tanto do corpo individual quanto do corpo social, ao passo que estão, também, ligados ao registro da língua. “Les signes de politesse étant l’expression de relations sociales portent donc aussi une sémantique. *Ils ne sont pas du sémiotique sans sémantique*. Ils appartiennent au « monde de l’énonciation », à « l’univers du discours » (p. 64). Il y a en eux du reconnu, mais aussi du compris”<sup>22</sup> (MESCHONNIC, 2008, p. 400).

Meschonnic argumenta, ainda, que mesmo os gestos de cortesia mais comuns não são destituídos do semântico. Existem neles variáveis subentendidas que estão ligadas aos efeitos de entonação que os acompanham. Mesmo sem palavras, Meschonnic aponta que os gestos apresentam inflexões gestuais, pois participam do corpo social. Por esse viés, o autor indica que a categoria do semiótico sem semântico em relação aos gestos de cortesia se dá apenas a partir de um número reduzido de sinais estereotipados restringidos a um “estado puro”. “Ce qui, dans cette

---

<sup>21</sup> (Cf. BUNCE, 1994)

<sup>22</sup> Meschonnic se refere, aqui, à seguinte passagem de “Semiologia da língua”: “O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO. A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 66).

mesure même, limite cette catégorie, au point de ne lui donner qu'une existence tout abstraite” (MESCHONNIC, 2008, p. 401).

Para Meschonnic, a discussão sobre o corpo é importante e o autor nota que ela não está presente em Benveniste. Em Meschonnic, o corpo é o que restringe, ou não, “le langage à inventer du dire” (2008, p. 401). O corpo, no pensamento do autor, é o que transforma a linguagem, ou não a transforma. A definição de *corpo* é a seguinte: “[...] la physique du plaisir ou de la douleur, la physique du sentir et du comprendre faisant ou ne faisant pas la physique du langage” (MESCHONNIC, 2008, p. 401). Para o autor, essa definição de corpo apresenta a atividade da arte, a atividade das obras. “Le passage même du problème de Wittgenstein (l'inadéquation radicale de dire *j'ai mal* à la douleur, que seul le gémissement porte, mais il est hors langage) au problème d'Adorno (qu'il est impossible d'écrire après Auschwitz, parce qu'il est impossible d'écrire Auschwitz)” (MESCHONNIC, 2008, p. 401). Por esse viés, é possível para Meschonnic afirmar que esse é o problema clássico da heterogeneidade radical entre o contínuo da vida e o descontínuo da linguagem, observando, nesse contexto, o signo apenas através do seu aspecto antropológico (MESCHONNIC, 2008). Essa visão do signo é incapaz de dizer a emoção, incapaz de comportar um contínuo entre o corpo e a linguagem e, pela mesma razão, incapaz de explicar que esse contínuo existe e que ele é a literatura. O que indica uma mesma carência teórica em relação à vida e em relação à linguagem (MESCHONNIC, 2008). “Problèmes inclus, mais non posés, quand Benveniste dit : « le langage sert à vivre » (II, p. 217). Or ce problème passe par donner du *corps* au langage. Il commence précisément dans les trois mots *sémantique sans sémiotique*” (MESCHONNIC, 2008, p. 401-402).

A leitura de Meschonnic indica que a simetria entre os dois tipos de sistema com significância unidimensional (semiótico sem semântico e semântico sem semiótico) é apenas aparente. Segundo ele, apesar da reversibilidade formal dos termos, os dois tipos de sistemas não podem ser considerados simétricos nas características que indicam. Um sistema semiótico sem semântico é considerado por Meschonnic como “ténue et de principe, pour ne pas dire vide” (2008, p. 402), enquanto que um sistema semântico sem semiótico abre um problema sem comparação “avec son symétrique inverse, et est seule à l'ouvrir” (2008, p. 402). A categoria do semântico sem semiótico não tem comparação com as outras atividades de linguagem, vista a infinidade das expressões artísticas indicadas por Benveniste, pois todas as outras atividades são bidimensionais.

Assim, quando Benveniste tenta estabelecer que, na música, “a unidade pode não ser um signo” (1974/2006, p. 58) e que, nas artes plásticas, “é a existência mesma de unidades que constitui matéria de discussão” (1974/2006, p. 59), visto que as cores, segundo ele, “são designadas, mas não designam” (1974/2006, p. 59), Meschonnic aponta que ele estabelece, assim, uma neutralização da oposição entre o semiótico e o semântico, ainda mais por afirmar que “o artista cria assim sua própria semiótica” (1974/2006, p. 59). Meschonnic faz essa crítica a partir do seguinte desenvolvimento de Benveniste:

As relações significantes da “linguagem” artística são descobertas NO INTERIOR de uma composição. A arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular, na qual o artista instaura livremente oposições e valores que ele manipula soberanamente, não tendo nem “resposta” a dar, nem contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir, segundo critérios, conscientes ou não, de que a composição inteira dá testemunho e torna manifesto. (1974/2006, p. 60)

Desse modo, a crítica meschonniciana indica que a relação entre o semiótico e o semântico se dá internamente à obra, sendo mesmo, talvez, um critério do que se pode chamar uma obra. A obra será sempre particular se ela apresenta, ao mesmo tempo, sua semântica e sua semiótica. “Autre manière de dire finalement que sémiotique et sémantique sont une seule et la même – tension à la Héraclite – et qui révèle la tension interne au *sémantique sans sémiotique*” (MESCHONNIC, 2008, p. 402-403).

No entanto, Meschonnic afirma que essa ideia se verifica apenas a partir de uma distinção introduzida pela filosofia analítica que não está presente em Benveniste entre o emprego descritivo neutro da noção de obra e o emprego avaliativo. Por esse viés, o emprego avaliativo da noção de obra indica que “une œuvre n’est vraiment une œuvre que si elle accomplit au maximum ce que *fait* une œuvre, ce qui fait que quelque chose est une œuvre, et non pas quelque chose que ressemble à une œuvre. Inclusion de la valeur dans la définition” (MESCHONNIC, 2008, p. 403).

Outro ponto abordado por Meschonnic é o fato de as cores, tratadas por Benveniste, não terem sentido quando isoladamente observadas, pois, no contexto de uma obra de arte particular, elas estão sempre ligadas a uma matéria, a uma textura e a uma forma. Por esse viés, as cores são uma abstração, fazendo com que Meschonnic afirme que “parler de couleur montre involontairement la distance entre le langage (ou du moins ce discours) et la peinture, qui est

toujours telle ou telle peinture” (2008, p. 403). Além disso, a distinção entre “artes da figuração<sup>23</sup>” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 59) e “artes da figura” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 59) se mostra como enigmática para Meschonnic pois não é possível compreender claramente a distinção proposta por Benveniste a partir da afirmação de que “[...] as artes da figura, [...] pertencem a um outro nível, o da representação, onde traço, cor, movimento se combinam e entram em conjuntos governados por necessidades próprias” (1974/2006, p. 59). Meschonnic propõe a ideia de que, talvez, Benveniste esteja se referindo àquilo que é da ordem do figurativo mais do que aquilo que é da ordem da figuração (cf. nota 20).

Para Meschonnic, toda essa discussão gira em torno de uma questão central, mesmo que essa questão não tenha sido apresentada por Benveniste: aquela do sujeito. A questão do sujeito da obra, ou o sujeito do poema – no âmbito da poética – faz perceber que esse sujeito não é o mesmo sujeito que se encontra quando se trata do sujeito de enunciação a partir de um Benveniste mais alinhado ao estruturalismo. Segundo Meschonnic, a questão do sujeito do poema, a questão da historicidade desse sujeito e a questão da sua modernidade constituem, em conjunto, o problema geral da poética.

Importa, para Meschonnic, refletir sobre a terminologia benvenistiana, principalmente no que diz respeito à caracterização de Benveniste daquilo que é o particular da obra de arte. Segundo ele,

---

<sup>23</sup> A leitura simultânea do texto de Meschonnic em cotejamento com o da tradução do PLG II fez perceber um detalhe a ser observado. A crítica de Meschonnic se dá a partir dos termos utilizados por Benveniste no original em francês. Os termos indicados por Meschonnic em seu texto são “arts de la figure” e “arts de la figuration” (cf. MESCHONNIC, 2008, p. 403). A tradução do PLG II para o português brasileiro apresenta os seguintes termos, respectivamente, “artes da figura” e “artes figurativas” (cf. BENVENISTE, 1974/2006, p. 59). A crítica de Meschonnic, no entanto, fez perceber que a utilização do termo “artes figurativas” pode apresentar uma leitura errônea tanto do pensamento de Benveniste quanto do pensamento de Meschonnic, pois, para o segundo, a oposição se dá entre o que Benveniste toma como “arts de la figuration” e aquilo que é da ordem do “figuratif”. Ou seja, quando Benveniste define “arts de la figure” como sendo aquelas que “[...] pertencem a um outro nível, o da representação, onde traço, cor, movimento se combinam e entram em conjuntos governados por necessidades próprias” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 59), Meschonnic vê aí uma definição do que é figurativo, e não daquilo que releva da ordem da figuração, até mesmo por ser o nome dado ao outro tipo de subsistema das artes. Em português brasileiro, *figuração* é uma palavra que se refere ao ato de figurar, traçar uma figura (cf. FERREIRA, 2004), enquanto que *figurativo* (cf. FERREIRA, 2004) se refere a algo simbólico ou representativo da forma real daquilo que é sensível. Cumpre, então, perceber que, quando a tradução em português brasileiro apresenta o termo “artes figurativas”, trata-se, através da observação do contexto, de “artes da figuração”, pois esse sistema está relacionado às artes que tratam do ato de traçar uma figura, e não de figurar no sentido de representar, visto que esse é o sentido dado às “artes da figura” por Benveniste.

Benveniste caractérise le particulier de l'œuvre d'art dans les termes apparents du discours traditionnel sur la littérature, auteur, monde clos. Les œuvres sont « les systèmes où la signifiante est imprimée par l'auteur à l'œuvre », à la différence de ceux « où la signifiante est exprimée par les éléments premiers à l'état isolé » ; les systèmes « où la signifiante se dégage des relations qui organisent un monde clos », par rapport à ceux où elle est « inhérente aux signes eux-mêmes ». La signifiante dans l'art est telle qu'elle « ne renvoie donc jamais à une convention identiquement reçue entre partenaires » (p. 59). (MESCHONNIC, 2008, p. 404)

Meschonnic aponta que os termos empregados por Benveniste apresentam uma força teórica que lhe permite conceber um sistema de pensamento, se opondo, assim, à leitura estruturalista predominante. Um exercício proposto por Meschonnic é o de confrontar os termos de Benveniste com aqueles de Michel Foucault em “Qu'est-ce qu'un auteur?”, de 1969<sup>24</sup>, texto, esse contemporâneo de “Semiologia da língua”. Foucault, segundo Meschonnic, implora, nesse texto, a Lucien Goldmann para poupá-lo das “facilites sur le structuralisme” (FOUCAULT, 1995, p. 818 apud MESCHONNIC, 2008, p. 404). Meschonnic aponta que Foucault revigora teoricamente o termo *autor*, indo contra “la vulgate illusionnée de la mort du sujet” (MESCHONNIC, 2008, p. 404), reforçando o próprio termo e o relacionando a sujeito, indicando que “encore faudrait-il préciser dans quel champ le sujet est sujet, et de quoi (du discours, du désir, du processus économique, etc.). Il n'y a pas de sujet absolu” (FOUCAULT, 1995, p. 818 apud MESCHONNIC, 2008, p. 404). Segundo Meschonnic, isso deve contribuir para a crítica “de l'expression vulgate *la-question-du-sujet*” (MESCHONNIC, 2008, p. 404-405).

É possível situar Benveniste fora do estruturalismo a partir do fato de que, primeiro, o termo *systèmes* se relaciona com *auteur* e *œuvre* no pensamento benvenistiano; depois, porque há a rejeição da *convention*, no sentido do convencionalismo; também porque existe a presença da relação entre a filologia e a linguística geral no seu fazer teórico; além de sua atitude dedutiva em relação aos fatos de linguagem. Meschonnic aponta que a vulgata estruturalista apenas confunde sistema e estrutura, utilizando apenas o segundo termo, além de ter eliminado o autor, o confundindo com o sujeito.

Importa notar, novamente, que Benveniste não é estruturalista e, para além disso, que ele também não pode ser encaixado no psicologismo literário tradicional, visto que ele indica que a

---

<sup>24</sup> Meschonnic utiliza a obra *Dits et écrits* de Michel Foucault como referência (cf. FOUCAULT, 1995).

obra de arte é a realização do semântico sem semiótico. “Par quoi, *sans le savoir*, Benveniste met l’œuvre dans le continu du rythme héraclitéen, « configurations particulières du mouvant » (I, p. 333)” (MESCHONNIC, 2008, p. 405). No entanto, em parte alguma Benveniste relaciona seu texto sobre o ritmo com a noção de obra, ou seja, com o semântico sem semiótico.

De acordo com Meschonnic, a situação de Benveniste apresenta um interesse duplo. Partindo da ideia de obra de arte particular, primeiro se observa a implicação de uma crítica da vulgata estruturalista e uma crítica da vulgata semiótica. E, por esse viés, é possível perceber a aliança e os limites de ambas. Essa ideia se verifica no pensamento apresentado por Benveniste em “Semiologia da língua”, quando o autor mostra, na nota 24 (1974/2006, p. 60), objeções quanto a uma semiologia da arte, ao distinguir entre o repertório icônico de temas religiosos, que designam uma semiótica da cultura e o “verdadeiro problema semiológico, que a nosso ver ainda não foi colocado” e que busca “COMO se efetua essa transposição de uma enunciação verbal em uma representação icônica” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 60 – nota 24). A questão da poética, então, sendo o *como* das coisas, ao invés do *o quê*.

Meschonnic segue sua reflexão afirmando que a rejeição da noção de convenção, presente em “uma convenção identicamente recebida entre parceiros” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 60), indica o que a teoria tem como tarefa de esclarecer. Para ele, a implicação recíproca entre a poética de uma obra de arte particular, sendo todas elas sempre particulares, e a poética da poética, “qui est la théorie générale du langage” (MESCHONNIC, 2008, p. 406) deve ser precisada pela teoria, visto que “la situation unique dans le langage du sémantique sans sémiotique définit à la fois l’art et la littérature, et la théorie du langage comme critique du signe” (MESCHONNIC, 2008, p. 406).

A descrição da crítica do signo é a seguinte:

Il ne s’agit pas d’une critique technique du signe. Ou plutôt il ne s’agit pas seulement d’une critique de la technologisation du signe qu’a été la vulgate structuraliste. Il s’agit, plus largement, d’une critique de la perte de théorie qu’a été la vulgate structuraliste. Ce qui est comique, si on se rappelle que pour beaucoup le structuralisme se confondait avec un abus de la théorie – par confusion du formalisme avec la théorie. Je dis *perte de théorie* pour désigner la perte du rapport entre rhétorique, poétique, éthique et politique ; pour désigner la perte du continu dans la représentation seule du discontinu ; le substitut d’une pensée du continu – d’une poétique – étant, pour beaucoup, le déconstructionnisme, qui a pris la polysémie pour critère de littéarité, et qui montre par là combien il reste pris dans les schémas du structuralisme littéraire. (MESCHONNIC, 2008, p. 406)

Segundo Meschonnic, quando Benveniste trata da “significância da arte”, ele já está formulando uma crítica à visão do signo, mesmo que não apresente uma formulação específica sobre isso, especialmente quando afirma que “é necessário descobrir a cada vez os termos, que são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, logo reinventados a cada obra, em suma, que não podem ser fixados em uma instituição” (1974/2006, p. 60). Essa ideia de Benveniste, apresenta, para Meschonnic, dois problemas e uma característica marcante.

O primeiro problema diz respeito à “relação de interpretância” que se dá “entre um sistema interpretante e um sistema interpretado” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 62). Meschonnic indica que essa relação “définit la langue comme un « rapport sociologique »<sup>25</sup>” (2008, p. 406)<sup>26</sup> e ela faz com que a língua tenha a característica própria de tornar possível a sociedade (BENVENISTE, 1974/2006), além de fazer perceber que “é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 63) e nunca o contrário. Havendo, então, essa distinção, é necessário refletir sobre “la possibilité et [les] limites du rapport entre la relation d’interprétance et la relation d’homologie” (MESCHONNIC, 2008, p. 407).

Cumprido, nesse ponto, retomar os três tipos de relação entre os sistemas semiológicos definidos por Benveniste. Inicialmente, o autor indica a relação de engendramento, como no caso em que a “língua usual engendra a formalização lógico-matemática” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 61), também no caso do alfabeto normal que engendra o alfabeto Braille. Essa relação é diferente

---

<sup>25</sup> O termo aparece destacado como sendo uma citação de Benveniste, no entanto, não há a indicação da página para referência. Encontra-se o termo “relação sociológica” na página 63 da tradução, porém o sentido dado não parece condizer com a afirmação de Meschonnic. A próxima nota se refere a esse ponto especificamente, pois pode haver um problema de interpretação por parte de Meschonnic.

<sup>26</sup> Aqui, parece necessário indicar que me distancio da leitura de Meschonnic. Benveniste descreve, pelo menos a partir da leitura da tradução para o português brasileiro, que há uma distinção entre a relação semiológica e todos os outros tipos de relações, especialmente a relação sociológica. Quando Benveniste introduz a ideia de que a relação de interpretância apresenta a língua como “o interpretante de todos os sistemas semióticos” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 62), visto que “nenhum outro sistema dispõe de uma ‘língua’ na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 62), o autor está distinguindo a visão sociológica da língua da visão semiológica. Não é possível perceber em que ponto é possível encontrar uma definição de língua como uma relação sociológica em Benveniste, como o afirma Meschonnic. Minha leitura de Benveniste aponta que a relação de interpretância supõe que a língua não seja definida sociologicamente, mas que se perceba, a partir da ideia de que “é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 63), que o ponto de vista semiológico sobre a língua desfaz o ponto de vista sociológico, que diz que a sociedade (o todo) contém a língua (a parte). Cumpre, então, notar que não é a definição da língua como interpretante dos outros sistemas que a define como uma relação sociológica, mas que há uma diferença entre compreender a língua como um interpretante que contém a sociedade e a língua como um interpretante interno, subordinado à sociedade. O problema proposto por Meschonnic deve ser melhor observado sob risco de má interpretação da relação de interpretância proposta por Benveniste.

da relação de derivação, presente “entre a escrita hieroglífica e a escrita demótica” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 61), pois essa relação “supõe evolução e transição histórica” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 61). A segunda relação definida é a de homologia. Essa relação “estabelece uma correlação entre as partes de dois sistemas” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 62) e está “instaurada em virtude de conexões que se descobrem ou que se estabelecem entre dois sistemas distintos” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 62). Um exemplo sendo as correspondências encontradas em Charles Baudelaire, ou então “a homologia que Panofsky vê entre a arquitetura gótica e o pensamento escolástico” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 62). O terceiro, e último, tipo de relação, é a já mencionada relação de interpretância, que indica que “a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 61), até mesmo os não languageiros, “où le langage est le métalangage. L’interprétant, mais comment et jusqu’où?” (MESCHONNIC, 2008, p. 407).

O questionamento de Meschonnic indica que esse problema aparece quando se coloca em oposição a primeira característica da relação de interpretância com a relação de homologia. A primeira característica sendo a “enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 63). No entanto, Meschonnic aponta que Benveniste não distinguiu “le double fond [...] de l’expression *parler-de*” (2008, p. 407).

A ideia comum de *falar-de* é de que há um objeto externo ao ato de enunciação, “un objet devant un sujet, un objet dont il est dit quelque chose, dans la relation classique entre thème et prédicat. Y compris quand cet objet est le sujet lui-même. C’est le sens un” (MESCHONNIC, 2008, p. 407). No entanto, existe um segundo sentido, especialmente quando se relaciona essa função de *falar-de* com a obra de arte, “précisément quand celle-ci est définie – reconnue – comme une sémantique sans sémiotique” (MESCHONNIC, 2008, p. 407). Por esse viés, *falar-de* assume uma posição numa relação de exterioridade radicalmente não satisfatória, “par rapport à une transitivité interne que designe non plus *parler-de*, mais *dire*” (MESCHONNIC, 2008, p. 407). Por aí, Meschonnic aponta que é necessário que se distinga entre um “transitif externe, pour *dire*, quand il s’agit du mode bidimensionnel du langage (*dire quelque chose*), et un transitif interne, quand il s’agit du sémantique sans sémiotique, pour une œuvre d’art” (MESCHONNIC, 2008, p. 407-408). Dessa maneira, é possível pensar que não se trata, aqui, de uma relação de interpretância, mas sim de uma homologia específica. “*Dire et faire* y sont un et le même ; forme, particulière à l’œuvre

d'art, du performatif. Métaphore, si on veut, du performatif linguistique. Mais juste à titre transitoire” (MESCHONNIC, 2008, p. 408).

O que importa caracterizar, efetivamente, é que o semântico ao mesmo tempo *diz* e *faz* uma atividade “spécifique radicalement distincte du *parler-de*, et transformatrice de *ce qu'il dit*, transformatrice du mode de signifier, de comprendre, d'écrire et de lire” (MESCHONNIC, 2008, p. 408), especialmente no que diz respeito à existência de um semântico sem semiótico numa obra de linguagem, independente das suas realizações infinitas. Esse sentido de *falar-de* poderia ser comparado ao sentido neutro de *falar-de*, que se opõe ao *dizer*, e que faz com que *falar-de* se “charge d'une valeur d'insuffisance, péjorative et secondaire. Sens second, sens marque. Le sémantique seul met en difficulté le *parler-de*, qui est une fonction du signe” (MESCHONNIC, 2008, p. 408).

Assim,

L'œuvre ne saurait parler-de, à moins d'annuler la spécificité qui a été postulée pour elle, et qui permet de la reconnaître. Parler-de n'est pas dire, comme un poème, à sa façon, fait ce qu'il dit. Et ne parle pas de. S'il parle-de, ce n'est pas un poème, mais du simili. Je dis poème emblématiquement. C'est tout autant spécifique des grands romans. (MESCHONNIC, 2008, p. 408).

Importa notar que essa é uma leitura de Meschonnic, visto que a distinção entre *falar-de* e *dizer* não está presente em Benveniste. E, por esse motivo, Meschonnic aponta que a análise de Benveniste apresenta um ponto fraco e um ponto forte. O ponto fraco sendo o próprio fato de Benveniste não levantar o problema dessa distinção. E o ponto forte é que “l'expression de *sémantique sans sémiotique* prépare au problème, et nous oblige à le penser” (MESCHONNIC, 2008, p. 408).

A relação entre a poética e a teoria da linguagem se dá a partir do momento em que se reconhece o conflito entre *dizer* e *falar-de* – nos dois sentidos apresentados – e a partir da compreensão da irredutibilidade da obra de arte particular ao *falar-de* e o falar de. Meschonnic indica que “s'il y a une œuvre faite d'un autre élément que le langage [...], le parler-de se heurte à une difficulté autre et la même, mais d'autant plus forte qu'elle est rendue inapparente par le langage même, fondue dans sa fonction générale, le parler-de au sens premier” (2008, p. 409). É

possível, então, pensar que estamos diante do império do signo, visto que esse “*parler-de* [...] ne saura jamais *dire un faire* qui, cette fois, lui est hétérogène, et on retombe au sens second” (MESCHONNIC, 2008, p. 409).

Assim, a relação entre o *dizer* e o *falar-de* representa uma cisão entre o pensamento do semântico sem semiótico e aquilo que é da ordem do semiótico apenas. E, portanto, indica o conflito amplo entre o semântico sem semiótico e a língua, pois a última apresenta apenas um *falar-de* a partir da sua definição que indica que a língua é semiótica tanto na sua estrutura formal quanto no seu funcionamento (MESCHONNIC, 2008).

O segundo problema apresentado por Meschonnic está na dependência do primeiro descrito acima. Para o autor, esse problema surge quando Benveniste afirma que a língua é “produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 63). Para Meschonnic, essa é a própria definição do caráter sociológico da língua e, para ele, essa visão vai de encontro à afirmação de que “é necessário descobrir a cada vez os termos, que são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, logo reinventados a cada obra, em suma, que não podem ser fixados em uma instituição” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 60).

O que Meschonnic tenta mostrar é que há, dessa maneira, um conflito entre “*l’infini* du sens et de la valeur propres à l’œuvre” (2008, p. 410), caracterizando o infinito semântico da obra, a diversidade e a alteridade, e a “*totalité* sémiotique de la langue, qui suppose un primat de l’identité: « les mêmes valeurs de référence »” (2008, p. 410). Ou seja, para Meschonnic, trata-se da cultura e de suas tradições, assim como do seu lugar e do seu tempo, apresentando os efeitos de estagnação do pensamento devido ao poder, no seu sentido ideológico.

“Là encore, le conflit entre un infini sémantique et une totalité sémiotique est une donnée immédiate et nécessaire des rapports entre la poétique et la théorie du langage” (MESCHONNIC, 2008, p. 410). Isso indica uma questão: “comment la relation entre une sémantique sans sémiotique et la langue comme système sémiotique-sémantique peut-elle être elle-même sémiotique ?” (MESCHONNIC, 2008, p. 410). Importa notar que Benveniste, ao pensar a relação entre os sistemas semióticos, afirma que essas relações são baseadas, elas mesmas, em relações de natureza semiótica (BENVENISTE, 1974/2006). Meschonnic aponta, e importa notar, que não se trata de encontrar falhas no pensamento benvenistiano, mas trata-se, ao contrário, de interrogar os

problemas da linguagem que surgem desse pensamento: “Tâcher de mettre au jour, c’est-à-dire aussi mettre à vif, les contradictions inhérentes au rapport même entre le tout sémiotique de la langue et la sémantique sans sémiotique des œuvres d’art” (MESCHONNIC, 2008, p. 410).

Essa dupla dificuldade exposta pelo *fazer* oposto ao *falar-de* e do múltiplo imprevisível do valor oposto à identidade-totalidade (ela mesma variável) da língua aparece como explícita e implícita em Benveniste (MESCHONNIC, 2008). A leitura de Meschonnic propõe que “elle [dupla dificuldade] donne la démonstration même que le rapport entre la sémantique sans sémiotique et la sémiotique-langue ne tombe pas juste et ne tombera jamais juste : il y a et il y aura *toujours* un *reste*, indéfini et infini, qui échappe à l’interprétance” (2008, p. 410), que “défini un avenir irréductible de la valeur et du sens, dont le lieu est l’art, la difficulté de penser l’art, et que, de l’art, il n’y a jamais que des œuvres. Il n’y a que le particulier pour penser le général !” (2008, p. 410-411).

A partir dessa situação, Meschonnic aponta que apenas os momentos de semântico sem semiótico proporcionam a chance de uma liberdade e de um amanhã do sujeito no e pelo sujeito da arte, ou seja, o sujeito do poema. Desse modo, é possível afirmar que o sujeito do poema liberta os outros sujeitos. Segundo Meschonnic, o amanhã do sujeito sendo considerado como seu presente continuado, esse sujeito é o próprio sujeito da modernidade, por ser observado como uma atividade permanente do presente (MESCHONNIC, 2008, p. 411).

Além disso, o pensamento do semântico sem semiótico permite afirmar que a dupla significância própria da relação de interpretância da língua se dissolve, assim como a dupla articulação da linguagem. “Car l’articulation en monèmes et en phonèmes, décrite par Martinet, n’est pertinente que dans les limites où le langage est pensée dans les termes de la langue, qui sont les termes du discontinu traditionnel entre les mots, entre les phrases, entre le son et le sens, ou la forme e le sens” (MESCHONNIC, 2008, p. 411).

A representação da linguagem através dos termos do descontínuo da língua é, por vezes, tomada como a natureza das coisas, no entanto, ela não perde nunca sua característica de ser nada mais que uma representação. Por outro lado, se a linguagem é considerada a partir de um ponto de vista contínuo, ou seja, na ordem do discurso, “dans la *physique* du discours (et non plus seulement selon le logicisme de la pragmatique)” (MESCHONNIC, 2008, p. 411), especialmente nos sistemas

de discurso que são a realização máxima do semântico sem semiótico, observa-se o funcionamento do contínuo, que, por sua vez, mascara a representação do signo, da língua.

O contínuo é “le rythme comme organisation du mouvement de la parole dans l’écriture, et l’oralité non plus comme l’opposition duelle de l’oral à l’écrit dans le signe, mais comme le primat du rythme et de la prosodie dans le mode de signifier” (MESCHONNIC, 2008, p. 411). Desse modo é possível pensar em semânticas seriais, ou em “prosodies personnelles”, conforme Apollinaire, citado por Meschonnic. Essas semânticas seriais seriam organizadoras de uma segunda narrativa, de um comentário sobre o próprio discurso. Para Meschonnic, é possível afirmar que há o semântico sem semiótico quando o contínuo do sujeito do poema faz a historicidade de um texto. Quando o comentário faz com que sua narrativa domine a narrativa do enunciado. Nessa situação, estamos frente a uma atividade do discurso e não mais frente ao dualismo da forma e do sentido. É preciso, então, escutar o que essa atividade *faz*, o que não é necessariamente o que dizem as palavras (MESCHONNIC, 2008).

A análise do discurso efetuada por Benveniste nos termos de globalização e não de identidade sucessivas confirma o fato de que o semântico sem semiótico se dá apenas na ordem do discurso. Benveniste afirma que “ce n’est pas une addition de signes qui produit le sens, c’est au contraire le sens (l’“intenté”), conçu globalement, qui se réalise et se divise en “signes” particuliers, qui sont les MOTS” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 64). Tal afirmação, segundo Meschonnic, aproxima de forma bastante evidente Benveniste de Humboldt, que afirma que o discurso não é composto de palavras que o precedem, mas que as palavras procedem do discurso (cf. 1.1).

Como notado anteriormente, também, a aproximação entre Benveniste e Husserl a partir da ideia de *intenté*, bastante comum na tradição estruturalista, especialmente na figura de Julia Kristeva (1974), não se sustenta teoricamente. Meschonnic aponta que Benveniste pensa o discurso e não as palavras, enquanto que Husserl toma como ideia central o nome, em tudo incluso na ideia do descontínuo do signo. “Ce qui s’oppose aux notions d’unité et d’identité dans le discontinu du signe, où prévaut la double articulation, n’est pas l’absence d’unité et d’identité, mais l’interaction et l’implication réciproque des éléments du discours dans le continu” (MESCHONNIC, 2008, p. 412).

Assim, o problema da poética, como o problema poético, surge a partir do conflito entre dois universos conceituais distintos (semântico e semiótico), além do fato de ter de lidar com a

existência desses dois universos. Segundo Meschonnic, o pensamento poético supõe não mais a oposição entre o “reconhecer” e o “compreender”, mas, ao contrário, uma *crise do compreender*. E essa crise já estava presente em Benveniste, sendo ela, segundo Meschonnic, uma das características mais marcantes de “Semiologia da língua”.

Meschonnic destaca algumas características dessa *crise do compreender*:

Cette crise n'est pas nouvelle. Elle est même constitutive de l'histoire des représentations du langage et de la poésie. Mais Benveniste la pousse à un paroxysme, avec son « sémantique (expressions artistiques), sans sémiotique ». Pour la pousser, afin qu'elle en vienne à une rupture, qui est nécessaire, il faut dire, selon une absurdité seulement apparente, que le sémantique sans sémiotique n'est pas de la langue, ne participe pas de « l'univers conceptuel » du signe. Ni même vraiment du discours tel que Benveniste en a formé le concept. Le paradoxe supplémentaire est que c'est le langage même, parce qu'il est communément représenté par le discontinu du signe, qui cache le fonctionnement asémiotique du langage. (2008, p. 413)

Por esse viés, o segundo nível de enunciação descrito por Benveniste como a faculdade metalinguística da língua não basta para analisar o tipo de enunciação particular que surge com a obra de arte particular. Através dessa ideia, cumpre, então, transformar de forma geral as representações da linguagem. Logo, isso indica uma crítica do signo pela poética do ritmo (MESCHONNIC, 2008). Ainda, segundo Meschonnic, essa ideia representa o programa inacabado de Benveniste que, por sua vez, deve ser retomado, visto que Benveniste afirma que um novo aparelho conceitual e de definições é necessário para se pensar o domínio semântico, já que o domínio semiótico está definido pela teoria saussuriana. “C’était pour penser le discours, au sens où le discours était le domaine indifférencié du comprendre. C’était encore le discours-de-la-langue, puisque « la langue comporte deux domaines distincts, dont chacun demande son appareil conceptuel » (p. 65)” (MESCHONNIC, 2008, p. 413).

No entanto, importa notar que partir de um posicionamento do semântico sem semiótico significa parar de pensar através de dualidades. É por esse viés que Meschonnic concorda com Benveniste quando da necessidade de um novo aparelho conceitual e de definições, pois, na ordem do contínuo do semântico sem semiótico, nenhuma definição ou conceito da língua se apresenta como válido. É necessário pensar o discurso a partir dos termos do discurso e, por aí, destituir o signo do seu dogmatismo em relação ao discurso.

Logo, torna-se necessário, como visto, pensar o discurso a partir dos conceitos do discurso para que não se passe do discurso à língua sem que se perceba, além do fato de que isso o psicologiza e o logiciza. Por aí, cumpre pensar através de uma semântica serial do contínuo, ou seja, pensar o ritmo como retórica, poética, ética e política do sujeito (MESCHONNIC, 2008). Tudo isso “avec le problème de l’effet de théorie que peut avoir cette critique du rythme, cette poétique de l’énonciation, sur la linguistique de l’énonciation” (MESCHONNIC, 2008, p. 414).

Quando Benveniste afirma que é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único do qual dependerá ao mesmo tempo a estrutura e o funcionamento da língua, o autor propõe uma dialética hegeliana, segundo Meschonnic. O fim de “Semiologia da língua” aponta para um pensamento dialético entre o discurso e a língua que impedia um pensamento sobre a teoria da linguagem. Meschonnic argumenta que apenas a utilização do termo ultrapassar (*dépasser*) já indica uma aparente aproximação com Hegel. No entanto, Meschonnic diz que Benveniste não faz uma ultrapassagem, mas um deslocamento nocional (conceitual) através de conceitos novos. “L’ensemble reste du côté de Saussure, mais s’oppose au structuralisme” (MESCHONNIC, 2008, p. 414).

“Semiologia da língua” tem aí um primeiro efeito de teoria. Além do fato de ser possível conhecer um Saussure outro que aquele do estruturalismo através da quantidade de documentos variados descobertos ao longo do último século, a noção de discurso inventada por Benveniste não representa uma ultrapassagem do pensamento saussuriano, mas a interação entre os conceitos de língua e fala (transformado em pares de exclusão mútua pelo estruturalismo) acaba por ser encadeada novamente, reposta a partir de um novo ponto de vista.

Benveniste tratou daquilo que se referia a essa ultrapassagem quase completamente utilizando o tempo futuro e indicando um movimento duplo. A ultrapassagem, para Benveniste, será feita por duas vias: a intralinguística e a metassemântica. A opinião de Meschonnic é bastante clara quanto a essas vias de ultrapassagem: “[...] si la première voie ne fait pas difficulté, dans la seconde est toute le problème” (MESCHONNIC, 2008, p. 415).

Meschonnic afirma que compreende a ultrapassagem intralinguística como o resumo da bipartição fundamental no interior da língua. A primeira via se dá “dans l’analyse intralinguistique, par l’ouverture d’une nouvelle dimension de signifiante, celle du discours, que nous appelons sémantique, désormais distincte de celle qui est liée au signe, et qui sera sémiotique”

(BENVENISTE, 1969/1974, p. 66). Meschonnic nota que a parte que se refere ao discurso aparece no tempo presente, visto que o conceito se apresenta como adquirido, enquanto que o que se refere ao semiótico está no futuro, indicando um programa a ser desenvolvido pela ultrapassagem.

No que diz respeito à segunda via de ultrapassagem, Meschonnic nota que toda ela aparece no tempo futuro:

dans l'analyse translinguistique des textes, des œuvres, par l'élaboration d'une métasémantique qui se construira sur la sémantique de l'énonciation./ Ce sera une sémiologie de « deuxième génération », dont les instruments et la méthode pourront aussi concourir au développement des autres branches de la sémiologie générale. (BENVENISTE, 1969/1974, p. 66).

A poética se situa na segunda via de ultrapassagem, pois é sobre a metassemântica que se baseia a crítica do signo e o pensamento contínuo sobre a linguagem. Benveniste relegou ao futuro o desenvolvimento desse por vir da teoria da linguagem, o que permite a Meschonnic desenvolver seu pensamento poético. “Je n'ai pas vu, du moins dans les textes qu'on connaît de lui, qu'il y soit revenu. En 1969, son œuvre s'arrêtant, « Sémiologie de la langue » reste un programme futur. Mais, comme faisait Saussure, ce qui n'est pas encore découvert est prévu, sa place est là” (MESCHONNIC, 2008, p. 415-416). No entanto, cumpre notar que o aparelho novo de conceitos e definições mencionado por Benveniste não está presente em seu texto e ainda se encontra quase inteiramente desconhecido (MESCHONNIC, 2008).

Assim, Meschonnic se refere à análise translinguística como aquela que designa algo fora da língua, logo, fora do império do signo, visto que a primeira via – intralinguística – designa os dois domínios internos à língua – semântico e semiótico. Dessa forma, percebe-se que o semântico sem semiótico é o meio pelo qual deve ser pensada a metassemântica, pois, nesse domínio, trata-se dos textos e das obras particulares, onde a visão da língua perde sua força por não comportar espaço para a historicidade específica de cada discurso. Benveniste fala apenas que a metassemântica será aquela das obras e, para Meschonnic, isso lhe permite afirmar que ela será, então, o próprio trabalho da poética, que assume um estatuto diferente daquele comumente atribuído a esse termo. A poética, segundo Meschonnic, “n'a que le nom de commun avec telle ou

telle stratégie formelle, néo-rhétorique des figures ou continuation de Roman Jakobson” (MESCHONNIC, 2008, p. 416).

A ideia de semiologia se apresenta como uma utopia teórica para Meschonnic. Segundo o autor, o estado teórico do signo, anterior ao da semiologia, parece até mesmo estar contido nessa nova busca teórica. Meschonnic aponta que conservar a noção de signo – como comumente se toma – significa ignorar a própria ideia de Benveniste de que é necessário ultrapassar a noção saussuriana de signo como princípio único. Meschonnic toma essa ideia de ultrapassagem como uma tentativa de conservar o projeto saussuriano de uma semiologia geral. A semiologia da língua, por esse viés, terá o papel principal, “puisque ses « instruments » et sa « méthode » pourront « concourir au développement des autres branches de la sémiologie générale »” (MESCHONNIC, 2008, p. 416). No entanto, Meschonnic ressalta o fato de esse projeto teórico estar situado no auge do estruturalismo, entre os anos 1960 e 1970, e tomar, também, as características de uma visão sobre a linguística como a ciência piloto, como indicou o próprio Saussure. A situação atual da linguística, no entanto, é outra. Meschonnic afirma:

Aujourd'hui, si on regarde ce projet, ce qui est curieux c'est que, contrairement à ceux – les plus nombreux – qui croient que la linguistique n'a plus ce rôle, qu'elle a été remplacée dans ce rôle de pilote par la sociologie de Bourdieu, il n'en reste pas moins, et même plus que jamais, que c'est la théorie du langage qui est la visée majeure des tentatives pour penser une théorie d'ensemble de la société, une anthropologie historique du langage, et du sujet. C'est ce que montrent, avec des succès, ou plutôt des succès divers, les entreprises philosophiques et sociologiques de Habermas et de Bourdieu. (MESCHONNIC, 2008, p. 416-417)

Meschonnic compreende que Saussure, através da própria ideia de *teoria da linguagem*, que é de sua autoria, representa o futuro do pensamento sobre a linguagem. Especialmente após o estruturalismo. Pois só a teoria da linguagem permite uma teoria crítica da arte e da sociedade. A estrutura não se presta a tamanho trabalho de análise pois não suporta o sujeito e a sua historicidade.

O fim de “Semiologia de língua”, para Meschonnic, não representa um fim, mas uma incompletude da teoria que tem a ver com a própria incompletude que a atividade das obras representa – “ce qui fait qu'elles continuent” (MESCHONNIC, 2008, p. 417). Além disso, Meschonnic afirma que apenas as obras verdadeiras continuam, ou seja, aquelas que, na sua poética

assumem a poética. E o semântico sem semiótico, aí, tem o valor maior pois ele é a representação dessa poética dupla: a da atividade das obras e a da atividade de as reconhecer (MESCHONNIC, 2008).

Restam, ainda, dois pontos a serem compreendidos para que se encerre a discussão sobre o semântico sem semiótico e sua relação com a poética de Meschonnic, que caracterizam mais um ponto de leitura própria do autor em relação à obra de Benveniste. O primeiro ponto é a afirmação de Meschonnic de que o pensamento do semântico sem semiótico se apresenta ao mesmo tempo como uma metassemântica e uma relação de homologia. Essa situação se dá pela dificuldade encontrada no fim de “Semiologia da língua” mencionada acima e que Meschonnic indica que se avizinha da ideia de Mallarmé quando este fala de um “nœud rythmique”. Meschonnic indica que essa dificuldade aponta para essa nova questão, visto que ela faz pensar sobre a relação entre interpretância e homologia:

[...] si la pensée du langage n'est pas, chez les inventeurs de cette pensée, à la différence des ingénieurs, plus proche de l'œuvre d'art que de la Science. Ou tiendrait des deux. Avec du continu entre les deux, plus que leur opposition banale. Non comme la dénégation du métalangage, chez Barthes, mais comme métalangage. (2008, p. 417)

Sua conclusão é de que o pensamento do semântico sem semiótico realiza essa contradição, visto que se apresenta como um e outro ao mesmo tempo. Isso, além do mais, não supõe que haja nada além do que representações sobre a linguagem. No entanto, Meschonnic afirma que é melhor e mais profícuo estarmos trabalhando nas incertezas que o pensamento do semântico sem semiótico suscita que nas certezas impostas pelo império do signo.

Por fim, cumpre deixar aqui uma conclusão pessoal de Meschonnic sobre a relação entre a poética e as consequências de um pensamento do semântico sem semiótico. Em tom pessoal, Meschonnic encerra seu pensamento sobre o semântico sem semiótico:

Pour moi, bien qu'il y ait plus d'incertitudes que de certitudes dans la poétique, je ne parlerais plus de « sémiologie générale », car c'est encore le signe, mais de théorie du langage, puisque, par une sorte d'homologie, comme « la langue est l'interprétant de la société », la théorie du langage est l'interprétant de la théorie de la société. Et le sémantique sans sémiotique, critère de l'art, et du sujet du poème, est lui-même le critère

du rôle de l'art et de la littérature comme critère des représentations de la société. C'est pourquoi je mettrai du côté du sémantique sans sémiotique le début de La Poétique d'Aristote, que j'ai placé comme un monument à l'inconnu, au commencement de Politique du rythme, politique du sujet, depuis qu'une relecture, bonheur ou erreur, mais lectio difficilior, m'a fait voir le titre composé non plus des deux premiers mots, mais de trois premiers, Sur la poétique même (Peri poiêtikês autês) et non plus Sur la poétique, comme le voulait la tradition, puisque la suite énonce que son objet, l'objet de la poétique même n'est pas tant les vers ou la prose, ni la différence entre les genres, que « ce qui se trouve sans nom jusqu'à maintenant » (anônumos tunkhanei ousa mekhri tou nun), et cette analogie, venue de loin, ignorée jusqu'ici, cette solidarité entre la poétique et le sémantique sans sémiotique, aussi actuelle aujourd'hui qu'il y a si longtemps, fait leur passé et leur avenir. (MESCHONNIC, 2008, p. 418)

Viu-se, até aqui, o quanto “Semiologia da língua” permitiu a Meschonnic repensar o pensamento sobre a linguagem. A problemática proposta por Benveniste toma uma proporção bastante abrangente quando se deixa de imaginar que o discurso que surge a partir da obra de arte seja diferente daquele que surge de uma obra de linguagem. A poética consiste em explicitar essa característica do discurso como uma atividade para que se compreenda que uma obra de arte do pensamento não adquire valores de referência distintos daquele de uma pintura ou de uma escultura. Pensar o semântico sem semiótico significa aceitar a historicidade específica de cada obra, inscrita única e exclusivamente por um sujeito que fala. Observar o semântico sem semiótico na linguagem é o que permite deixar o terreno do signo e adentrar o terreno da linguagem como atividade, governada pelo seu próprio ritmo na aceção de organização formal da fala no discurso. Em seguida, passamos a algumas conclusões parciais para que se possa, então, (re)conhecer a poética e suas consequências para o pensamento da tradução (cf. 2).

#### 1.4 APONTAMENTOS

A discussão proposta até aqui teve como objetivo mostrar de que modo é possível observar a linguagem de forma não-redutora para que se compreenda a base do pensamento da poética do traduzir. Ou seja, como observar a linguagem a partir de outro ponto de vista que não aquele do signo, que aprisiona a linguagem a partir dos termos da língua e não concebe espaço para se pensar o discurso. Essa visão, tida então como redutora, foi apresentada como uma visão descontínua sobre a linguagem. Descontínua pois o signo tem limites bastantes definidos: ou é tomado a partir

da forma ou a partir do sentido. Aquilo que é da ordem do descontínuo não comporta espaço para um pensamento sobre a relação do homem com a linguagem.

Como se viu a partir da leitura de Meschonnic de três grandes figuras dos estudos da linguagem, muito do que foi produzido como conhecimento sobre a língua ao longo dos últimos séculos se deu única e exclusivamente a partir de ideias preestabelecidas, herança do pensamento platônico sobre a linguagem a partir do signo convencional. Essa herança teve como resultado limitar cada vez mais os estudos da linguagem, fazendo com que até mesmo os pensamentos de Humboldt, Saussure e Benveniste se curvassem diante do império do signo.

Uma visão não-redutora da linguagem tem como objetivo denunciar esse império. Denunciar aquilo que é da ordem da tradição e dos bons-costumes. Porém, curvar-se diante desse império é permitir que ele permaneça cada vez mais forte e a consequência disso é um distanciamento cada vez maior daquilo que existe de mais banal: se encontramos linguagem no mundo, é porque encontramos um homem falando com outro homem; se encontramos um homem falando com outro homem no mundo, encontramos linguagem.

A visão do signo não permite essa ideia. O descontínuo busca a verdade por de trás do sentido e da forma e tenta impor essa verdade como sendo a única. O sentido da palavra, desse modo, é algo que está na essência dessa palavra, indicando, claramente, uma busca da realidade na linguagem e da linguagem na realidade. É como afirmar que um objeto tem algo intrínseco na sua realidade física que nos faz produzir determinado som. Seria cômico se não fosse trágico tal pensamento. Vejamos o porquê num exemplo apenas (existem outros). Pensar sobre a diversidade das línguas supõe que estejamos cientes de que cada língua recorta a realidade a sua maneira e nada faz com que um objeto físico presente em dois espaços distintos suponha um mesmo som que sirva como referência a esse objeto.

O exemplo é simples, mas apresenta uma força de reflexão bastante grande. Se tomarmos a linguagem como um reflexo da realidade, a diversidade das línguas não é possível. Já que existe uma verdade sobre o sentido exato de cada palavra (a ser encontrado filologicamente, antropologicamente, temporalmente, espacialmente etc.), a existência de palavras distintas sobre o mesmo objeto já cria uma grande problemática sobre o estatuto da verdade desse sentido. Qual palavra, então, está “certa”? As respostas, infelizmente, são bastante drásticas: ou todas, ou nenhuma. O signo, na sua descontinuidade, não concebe espaço para aquilo que é divergente. Que

é nuance. Que está na relação de um sujeito específico com a sua linguagem. Que depende do potencial de criação que é sempre particular.

Por esse viés, percebe-se que quando Meschonnic propõe leituras pontuais dos pensamentos dos três autores citados anteriormente, sua busca é por argumentos que corroborem o fato de que a descontinuidade do signo mascara o que é de mais comum na linguagem, o fato de ela se apresentar como uma atividade antes de um produto acabado. O signo consegue partir apenas do produto, enquanto que o pensamento da linguagem como uma atividade se dá antes desse produto, visto que se preocupa com a historicidade do discurso produzido, supondo um sujeito em vias de falar.

Pensar Humboldt, pensar Saussure, pensar Benveniste. Esses são os movimentos necessários que indicam a presença do pensamento desses três autores para que se compreenda que não é possível continuar estudando a linguagem a partir da visão redutora do descontínuo (signo) – visão essa difundida até hoje entre algumas escolas que se debruçam sobre a questão da linguagem. E pensar esses autores significa colocá-los em relação de contiguidade. Não existe referência a Humboldt em Saussure. No entanto, isso não impossibilita que Meschonnic estabeleça que o pensamento humboldtiano se avizinha ao pensamento saussuriano, visto que entre Humboldt e Saussure existem pontos de proximidade bastante salientes.

Para que adiante se possa encaminhar uma reflexão sobre a poética do traduzir, cumpre, por fim, retomar o quê de cada um desses autores Meschonnic incorpora no seu pensamento. Conforme a primeira seção, Humboldt aparece, após Spinoza, como o primeiro teórico que se preocupou efetivamente em problematizar o signo. Para ele, o pensamento primordial é de que acessamos necessariamente sempre um homem em vias de falar e, por aí, é necessário conceber a linguagem como uma atividade e não como um produto. Além disso, a distinção entre aquilo que é da ordem do contínuo e da ordem do descontínuo surge com as reflexões de Humboldt também, que se preocupa em orientar sua reflexão em torno da articulação entre essas duas ordens para mostrar que o discurso é primeiro, visto que as palavras procedem do discurso e não o contrário.

Essa visão toma mais força quando Meschonnic traz Saussure para o debate. Se em Humboldt a reflexão se dá num tom mais generalista, Meschonnic encontra em Saussure o início de uma base epistemológica do pensamento poético. Os principais pontos da leitura de Meschonnic da obra saussuriana, conforme visto, são as ideias de ponto de vista e de sistema. Apenas esse

movimento já permite Meschonnic denunciar a leitura estruturalista, que relega a Saussure um pensamento que não é seu. Explico, uma leitura que se sustenta teoricamente, como é comprovável historicamente, mas que não representa uma leitura precisa. Saussure não pensa no signo a partir da convenção platônica. Pelo contrário, para ele o signo se apresenta como radicalmente arbitrário, indicando que as ideias de forma e sentido em Saussure não têm o mesmo valor que os estruturalistas quiseram que tivessem. É fato que conseguiram, vista a abrangência desse pensamento dentro das ciências humanas. O que, no entanto, não supõe que não se deva refletir sobre isso. Meschonnic o faz e apresenta um Saussure que se distancia largamente do Saussure difundido pelo estruturalismo. Na poética, Saussure aparece como aquele que lança o problema maior, aquele da teoria da linguagem, que é em tudo diferente do problema da língua na sua acepção descontínua.

Por fim, Benveniste aparece como aquele que efetivamente abre o caminho teórico da poética. À parte a discussão sobre a tradição benvenistiana, o que importa efetivamente é o pensamento que Benveniste propõe sobre a dupla dimensão de significância da língua. A distinção entre o semântico e o semiótico, especialmente na comparação da língua com os outros sistemas semiológicos, surge como outra grande problemática para a teoria da linguagem. Meschonnic enxerga no semântico sem semiótico a saída para repensar a dimensão da língua e a do discurso, questionando em que ponto o semântico sem semiótico não está tão ligado à produção dos discursos quanto no caso das artes. A criação de um sujeito é indefinida e infinita independente do produto que se tem no final. Isso é, uma pintura acaba por ser identificada nos mesmos modelos de criação que uma obra de linguagem, aí inclusa a própria produção de um pensamento. Desse modo, percebe-se que a poética compreende o sujeito não mais nos seus pedaços que são estudados separadamente por disciplinas distintas, mas sim a partir do conjunto do todo que lhe permite ser um sujeito de linguagem porque cria. Por aí, vê-se que não é mais possível estudar separadamente língua e literatura, literatura e sociedade, sociedade e sujeito. Todos coexistem dentro de um mesmo sistema e se utilizam da mesma forma de tudo que a linguagem possibilita.

Este capítulo cumpriu o seu objetivo de demonstrar que existem outras maneiras possíveis de observar a linguagem que não necessariamente a reduzem a pontos de vista que não permitem ir além do signo. O trabalho da poética é o de acabar com a ideia de “mais do mesmo” no que diz respeito à linguagem. Num certo sentido, a poética apresenta características de crítica ao mesmo

tempo que de manifesto. Crítica porque seu trabalho se dá exatamente a partir do debate com outros pensamentos e reflexões que há muito circulam e se fazem conhecidos; manifesto porque suscita uma revolução sobre o pensamento da linguagem que a liberte de dogmatismos e teologismos sobre a sua existência.

## SEGUNDO CAPÍTULO

*3ª parte – O livro sobre nada*

*[...]*

*Não pode haver ausência de boca nas palavras:  
Nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.*

*[...]*

*O que sustenta a encantação de um verso (além do  
ritmo) é o ilogismo.*

***Manoel de Barros – Livro sobre nada***

## 2 A POÉTICA DO TRADUZIR

Este segundo capítulo tem como objetivo principal apresentar a articulação dos elementos da poética do traduzir. A reflexão anterior (cf. 1) foi apresentada para funcionar como base teórica de entendimento da discussão que se desenvolve a seguir, visto que o sistema da poética do traduzir se dá a partir da leitura e da compreensão de Meschonnic das reflexões dos três autores abordados no primeiro capítulo (cf. 1.1; 1.2; 1.3). A poética do traduzir surge nesse contexto, visto que uma visão não-redutora da linguagem incide diretamente sobre um pensamento da tradução que a toma como um fenômeno que permite observar o funcionamento da linguagem como um todo. A discussão que se efetua a seguir inclui elementos que dão conta de grande parte da sistematicidade da poética do traduzir para que, adiante, no terceiro capítulo, se desenvolva um cotejamento entre como a poética do traduzir e a tradutologia tratam de três temas constantes no debate em torno da tradução, a saber: a própria tradução, a fidelidade e a equivalência.

Como foi visto, Meschonnic apresenta leituras bastante pontuais e próprias dos pensamentos de Humboldt, Saussure e Benveniste que lhe permitem avançar na discussão sobre a linguagem. A ideia de avançar, aqui, não tem como característica a exclusão dos pensamentos anteriores; pelo contrário, avançar indica a proposta de uma reflexão nova que não havia sido pensada previamente e que tem como consequência o surgimento de um novo ponto de vista. Como afirma Trabant, citado acima (cf. 1.1), as figuras de Humboldt, Saussure e Benveniste aparecem como pensamentos fraternais, que se avizinham e que permitem a Meschonnic desenvolver uma reflexão própria acerca da linguagem.

Além disso, importa notar que não somente esses autores permitem esse avanço teórico de Meschonnic. Como também apontado acima, são muitos os autores que Meschonnic chama para o debate ao pontuar o porquê e o como sua visão se distancia da visão desses autores. É esse o sentido de crítica proposto por ele:

Le contre de la critique est un contre qui construit, je le dis pour contrer une notion répandue qui voit la critique comme destructive. Aveu involontaire qu'elle est du côté du maintien de l'ordre. La pensée travaille à ne pas se laisser avoir, ne pas se laisser

faire. Elle est proche du *philologos* au sens de Socrate : le discutailleur. (MESCHONNIC, 2008, p. 22)

Desse modo, a crítica se opõe à polêmica, que tem como característica maior a rejeição do debate. Meschonnic aponta que a poética, por sua natureza, é uma teoria crítica, pois chama para o debate grande parte do conhecimento sobre a linguagem desde a filosofia clássica até os pensamentos mais modernos. Por aí, vê-se que a poética luta contra aquilo que há de mais tradicional no que concerne à linguagem independente da área de produção desse pensamento (filosofia, linguística, antropologia, literatura etc.).

O todo das ciências humanas sofre a crítica da poética especialmente pelo fato de a tradição desse todo se dar a partir do império do signo. Como foi visto no capítulo anterior, o signo impõe uma visão descontínua da linguagem. Ou seja, uma visão que tem como característica não comportar espaço para aquilo que há de mais banal em relação a ela: lembrando Benveniste, é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo (BENVENISTE, 1966/2005). Ou seja, é a linguagem como uma atividade que não é possível conceber através do império do signo pois esse se firma sobre a divisão clássica entre a forma e o sentido. Uns pendendo mais para uma, outros mais para o outro.

Meschonnic, desse modo, indica que a poética não é concebida a partir de uma visão redutora da linguagem. Pelo contrário, a poética trabalha exatamente a fim de a conceber no todo que ela representa. “Et la pensée du langage s'est transformée. Elle est passée de la langue (avec ses catégories – lexique, morphologie, syntaxe) au discours, au sujet agissant, dialoguant, inscrit prosodiquement, rythmiquement dans le langage, avec sa physique” (MESCHONNIC, 1999, p. 13). Importa, por ora, reter um pensamento básico: a poética não se constitui como uma visão redutora da linguagem pois ela se preocupa em questionar exatamente as visões redutoras, baseadas no signo, e que continuam fortalecendo seu império.

Este capítulo, então, propõe uma retomada do pensamento poético a partir de sua sistematicidade interna. A ideia de sistematicidade interna desse pensamento surge a partir de duas fontes. A primeira é o próprio pensamento poético que, na sua natureza, institui uma visão de sistema, diferente daquela que pende para a estrutura. Dessa forma, atinge-se uma “anthropologie

historique du langage” (MESCHONNIC, 1999, p. 31) que se dá a partir da visão não-redutora que leva em consideração a posição do sujeito na sua relação com a linguagem.

A segunda fonte é pessoal e, aqui, funciona também como argumento: o artigo de Márcia Pietroluongo (2009), intitulado “Signo, sujeito e tradução”, suscitou uma importante reflexão para a constituição deste capítulo. Nesse texto, a autora apresenta um fio condutor para se pensarem questões a partir da poética, no caso, a noção de sujeito. Pode-se tomar esse fio como um eixo para centralizar o pensamento de Meschonnic. De fato, a própria teoria meschonniquiana permite que se selecione um eixo (como a tradução, a ideia de contínuo, a ideia de política ou qualquer outra noção mobilizada no interior do sistema do pensamento) e, a partir dele, se descrevam as outras noções, pois todas são solidárias e constituintes desse mesmo sistema. Há uma forte vantagem nesse panorama trazido pela autora, pois se assemelha muito aos próprios textos de Meschonnic, que sempre apresentam uma articulação sistemática dos elementos para tratar de um eixo central.

Meschonnic tem essa característica: o autor comumente seleciona um elemento central e faz com que por ele passem todos os outros elementos do mesmo sistema do pensamento na constituição de um novo pensamento. Vale lembrar que sistema do pensamento, o que o autor chama de sistema do discurso, são as obras em si. Todos os textos de sua autoria apresentam essa característica comum: tratam sempre de um “mesmo” tema (a linguagem), não porque não se vai adiante teoricamente com a poética, mas porque todos os elementos precisam ser articulados em conjunto. Há, em Meschonnic, uma grande trama de elementos que se constroem em conjunto e, porque em conjunto, constituem um novo pensamento, um novo texto, um novo ritmo, uma nova forma de linguagem modificada por uma nova forma de vida.

Assim, a proposta de reflexão que apresento se avizinha tanto ao pensamento de Meschonnic (1999; 2007; 2009/1) quanto ao de Pietroluongo (2009). O eixo central, aqui, será a própria poética do traduzir, que se mostra como uma extensão do pensamento poético de Meschonnic.

Em breve retomada, cumpre notar que existe uma diferença sutil, mas ainda uma diferença, entre a poética e a poética do traduzir. A poética é a própria teoria da linguagem, segundo Meschonnic, pois ela tem o intuito de repensar o modo de análise das obras e indicar que existe um pensamento sobre a linguagem que se distancia daquele do império do signo. A poética do traduzir é uma nuance desse pensamento, visto que a tradução é um posto de observação da linguagem

(MESCHONNIC, 1999). Ou seja, é possível pensar a poética como um projeto maior com o objetivo de observar a linguagem como um todo a partir de seus pressupostos teóricos próprios.

A primeira seção (cf. 2.1), então, apresenta uma reflexão que tem por objetivo indicar como Meschonnic enxerga a passagem de um pensamento da tradução que se dá a partir dos conceitos da língua para um pensamento que se dá a partir dos conceitos do discurso. Ou seja, é necessário compreender de que forma os posicionamentos que se baseiam em torno do descontínuo do signo enxergam a tradução e indicar como esses posicionamentos se distanciam daqueles que têm como foco pensar a linguagem a partir do discurso.

A segunda seção (cf. 2.2) traz uma discussão que é consequência dessa passagem da língua ao discurso na reflexão sobre a tradução. Desse modo, a visão do traduzir muda radicalmente e mostra a necessidade de compreender que a poética do traduzir se distancia largamente de uma visão tradutológica sobre o fenômeno da tradução. Por aí, vê-se que a poética não se pretende como ciência pois se baseia largamente na crítica da ciência da tradução.

A terceira seção (cf. 2.3) apresenta uma reflexão necessária a partir do pensamento poético. Enquanto a ciência tende a separar em unidades seu objeto de estudo, a poética requer uma teoria de conjunto. Ou seja, se a ciência tem como necessidade a divisão entre áreas distintas (antropologia, sociologia, política, ética, filosofia, linguística, literatura etc.) para compreender a relação do homem com a linguagem, a poética desenvolve um pensamento de conjunto, onde todas as áreas perdem sua especificidade de distanciamento com as outras e supõe, pelo contrário, uma visão sobre a linguagem e o homem que se apresenta como um todo, visto que o ponto de vista do discurso pensa o homem em relação com a historicidade específica de seus atos de linguagem que mobilizam todo o pensamento do conjunto das ciências humanas, fazendo com que seu caráter científico seja repensado.

A quarta seção (cf. 2.4) traz a discussão em torno do caráter específico da tradução frente ao pensamento da linguagem, especialmente a partir da reflexão de Meschonnic como tradutor dos textos bíblicos. Por esse viés, a ideia de Meschonnic de ver a tradução como um posto de observação da linguagem indica um novo estatuto para a tradução, que deixa de ser um fenômeno qualquer da linguagem e toma características de observatório para que se compreendam as relações necessárias que ela supõe. Como consequência desse pensamento, é necessário pensar, com

Meschonnic, como se desenvolve a reflexão em torno da linguagem quando tomada a partir do signo e quando se observa a linguagem a partir do ritmo.

A quinta seção (cf. 2.5), finalmente, traz uma pergunta para o debate: qual a(s) consequência(s) de se pensar a poética do traduzir? Vista a radicalidade do pensamento poético em relação às outras teorias sobre a tradução, importa sondar o porquê de o ponto de vista poético ser deixado de lado quando do debate sobre a tradução nos mais variados meios.

O posicionamento que tomo para a argumentação está baseado nas obras de Meschonnic *Poétique du traduire*, de 1999, *Éthique et politique du traduire*, de 2007 e um artigo publicado em 2009 na *Nouvele revue d'esthétique*, “Traduire, et la Bible, dans la théorie du langage et de la société”. Nessas obras, Meschonnic apresenta uma reflexão profunda sobre a tradução que tem como característica marcante indicar o quanto a poética se constitui como um pensamento que não opõe a teoria à prática. Meschonnic aponta que é necessário reunir “quelques éléments pour une poétique de la traduction, et une expérience. La théorie n’en est que l’accompagnement réflexif. Toutes deux, inachevable. L’expérience est premier” (MESCHONNIC, 1999, p. 9).

Vale notar, também, que a reflexão de Meschonnic em torno da tradução não se dá exclusivamente nas obras mencionadas. O próprio autor indica que é necessário pensar essas obras nas suas relações com outras produções suas. Segundo ele, ao se referir a *Poétique du traduire*, há

[...] ce livre sur ce qu’est et que fait traduire, en général, et spécialement traduire la littérature (mais la littérature n’est alors que ce qui révèle le mieux ce que fait le langage ordinaire, au lieu du prêt-à-penser qui les oppose l’un à l’autre), ce livre n’a pu être pensée que comme une partie d’un travail d’ensemble, qui va de Pour la poétique [1973] à Critique du rythme [1982], à Politique du rythme, politique du sujet [1995] et à De la langue française [1997]. (MESCHONNIC, 1999, p. 10)

Para os fins desta dissertação e, especificamente deste capítulo, as discussões apresentadas por Meschonnic em *Poétique du traduire* e em *Éthique et politique du traduire*, além do artigo de 2009, serão suficientes para o (re)conhecimento da poética do traduzir. Mesmo que as outras obras indicadas pelo autor participem do mesmo sistema do pensamento poético sobre a tradução, tomo esses três trabalhos como as obras que condensam de forma bastante completa esse pensamento e que me permitem lançar o desafio desse (re)conhecimento.

## 2.1 DA LÍNGUA AO DISCURSO

Iniciar uma discussão sobre a passagem de um pensamento sobre a linguagem a partir dos conceitos da língua para um pensamento que se dá a partir dos conceitos do discurso é, inevitavelmente, uma tarefa complexa. Essa discussão envolve uma reflexão que tem por base uma mudança radical de pontos de vista. Como visto acima na discussão da leitura de Meschonnic de três grandes expoentes dos estudos da linguagem – além das tradições que eles suscitaram –, a maior parte do conhecimento sobre a linguagem no mundo ocidental está baseada na ideia de língua, de signo, de descontínuo.

La notion de langue est vénérable, elle a au moins 2500 ans de capital de pensée. La notion de discours est très récente, elle date des années trente. Elle est fragile, instable. Logicienne dans la pragmatique. Pourtant cette notion de discours est l'invention majeure au XX<sup>e</sup> siècle, dans la pensée du langage. (MESCHONNIC, 1999, p. 74)

Podemos pensar que isso se deu pelo fato de que, historicamente, houve uma aproximação muito grande entre os estudos da linguagem e a filosofia, que, em larga escala, teve Platão como a grande figura. A consequência disso foi uma difusão maciça de um pensamento que buscou ver na língua uma representação da realidade. Diferente do signo radicalmente arbitrário saussuriano, o signo convencional platônico indica um distanciamento total entre o homem e a linguagem, supondo que, então, é possível um pensamento sem linguagem. Ou seja, que o pensamento se dá fora da linguagem, pois os conceitos já estão dados na realidade e, logo, cabe ao homem utilizar a linguagem como um instrumento para acessá-los.

Um exemplo da consequência da difusão desse pensamento na atualidade é a forma como a escola gerativista compreende a ideia de linguagem. Efetivamente, sob esse ponto de vista, a linguagem está distante do pensamento pois leva adiante uma concepção cartesiana sobre a linguagem, ou até mesmo a própria ideia de uma sintaxe universal para todas as línguas. Todo esse desenvolvimento somente é possível quando da aceitação de um distanciamento total entre a linguagem, representada pela ideia de língua, e todas as outras esferas em que o homem participa ativamente no mundo através única e exclusivamente da linguagem. Ou seja, as relações políticas, éticas, literárias, sociais, culturais, entre outras, participam também do pensamento sobre a

linguagem e necessitam que não se distancie o homem daquilo que o constitui. Por esse viés, a língua, na sua distinção única entre a forma e o sentido, se passa pelo todo da linguagem e acaba por mascarar a atividade da linguagem com o seu produto.

A poética, por natureza, se constitui como uma teoria que inverte a disposição dos elementos e necessita que se compreenda a situação única do sujeito na sua relação com a linguagem. Desse modo, a língua deve dar espaço para o discurso, que se dá antes, até mesmo numa cadeia temporal, pois a visão descontínua da linguagem não comporta espaço para o sujeito. E, mesmo quando comporta, como no caso de Humboldt, Saussure e Benveniste por exemplo, o império do signo é tão forte que acaba por fazer com que se veja o discurso a partir dos conceitos da língua e não o tomar a partir dos conceitos do próprio discurso. O estruturalismo, por exemplo, conseguiu cumprir essa tarefa de maneira excepcional.

Uma das maiores consequências do ponto de vista poético é a transformação da ideia do traduzir. Quando se percebe que a língua permite acessar apenas uma parte do que se imagina o fenômeno tradutório, ou seja, a tradução, o produto, vê-se que é necessário observar a atividade da linguagem – isto é, o discurso – que envolve o traduzir. Quer dizer, observar o traduzir e não a tradução indica e supõe uma transformação radical da visão desse fenômeno de linguagem. Para Meschonnic, então, “la pensée du langage s’est transformée. Elle est passée de la langue (avec ses catégories – lexicque, morphologie, syntaxe) au discours, au sujet agissant, dialoguant, inscrit prosodiquement, rythmiquement dans le langage, avec sa physique” (MESCHONNIC, 1999, p. 13).

A ideia de mudança da visão do traduzir será retomada na próxima seção (cf. 2.2). Por ora, importa reter que a passagem da língua ao discurso é uma passagem que supõe, necessariamente, uma nova visão sobre a linguagem e, logo, sobre a tradução. Meschonnic permite uma boa exemplificação das diferenças presentes entre pontos de vista sobre a tradução que se baseiam na língua e pontos de vista sobre a tradução que se baseiam no discurso. A seguir, apresento esses pontos.

### *2.1.1 Os pontos de vista baseados na língua*

Segundo Meschonnic, traduzir é um fenômeno de linguagem que coloca a própria representação da linguagem em jogo. Através da poética, compreende-se que o traduzir não se limita a ser um instrumento de comunicação e de informação que vai de uma língua à outra, ou de uma cultura à outra. Além disso, a representação da linguagem na configuração do descontínuo considera a tradução como inferior à criação original, como na literatura, por exemplo. No entanto, o traduzir se constitui como um posto de observação da linguagem que permite compreender as estratégias de linguagem a partir da análise das traduções de um mesmo texto.

Dessa forma, é possível indicar que existem pontos de vista sobre a tradução consagrados e que normalmente são tidos como os mais importantes. No caso, são apenas os mais conhecidos, vista a potência do império do signo na observação da linguagem. Assim, o primeiro ponto de vista mencionado por Meschonnic é o ponto de vista empírico. Esse ponto de vista se baseia na experiência do traduzir pelos próprios tradutores. Sua figura maior e emblemática é São Jerônimo<sup>27</sup>, considerado o patrono da tradução. Segundo Meschonnic, “de Cícero<sup>28</sup> à Valéry Larbaud<sup>29</sup>, c’est un point de vue organisé en fonction de l’effet à produire, dans le cadre de la langue” (1999, p. 14). Através dessa visão, a tradução é tida como a passagem de uma língua à outra língua e “elle est liée aussi à la notion de style individuel. Style – choix dans la langue” (MESCHONNIC, 1999, p. 14). Nada de discurso.

A partir desse ponto de vista, outro se desenvolve. Aquele que deve ser considerado não como empírico, mas como empirista. Esse ponto de vista está totalmente focado na experiência e, além disso, tem como outra característica marcante a rejeição da teoria, especialmente da teoria da literatura. “C’est le point de vue des professionnels de la traduction, en termes de grammaire contrastive, la « stylistique comparée »” (MESCHONNIC, 1999, p. 14).

Segundo Meschonnic, esse ponto de vista é o fundador do ensino atual da tradução nas escolas de tradutores e intérpretes e parece tomar para si o todo da experiência e do bom senso. “Ses préceptes majeurs sont la recherche de la fidélité et l’effacement du traducteur devant le texte. Faire oublier qu’il s’agit d’une traduction, viser le naturel. La transparence” (MESCHONNIC, 1999, p. 14). No entanto, Meschonnic aponta que a força desse ponto de vista se torna uma grande

---

<sup>27</sup> *Letter to Pammachius* (JERÔNIMO, 395a.C./2004)

<sup>28</sup> *De optimo genere oratorum* (CÍCERO, 46a.C./2008)

<sup>29</sup> *Sob a invocação de São Jerônimo* (LARBAUD, 1946/2001)

fraqueza quando se observa o fato do envelhecimento das traduções, especialmente pela relação com a atividade permanente do texto original, “quand il s’agit d’un texte littéraire qui fait partie de ceux qui transforment la littérature. Sa faiblesse consiste à n’être qu’une pensée de la langue, non une pensée de la littérature” (1999, p. 15). Além disso, pela especificidade da literatura não ser suportável por essa visão, “ce point de vue ne saurait la communiquer à la pratique qu’il produit. On ne peut pas mieux voir combien ce qu’on appelle la stylistique est à l’opposé de la poétique” (MESCHONNIC, 1999, p. 15), especialmente pelo fato de a poética tomar teoria e prática numa relação intrínseca e necessária para se pensar o traduzir.

Um terceiro ponto de vista bastante difundido sobre a tradução surge no início do século XIX na Alemanha, junto com a hermenêutica. No entanto, é a fenomenologia que amplifica esse conceito de tradução a partir do sentido imanente dos conceitos ao identificar a tradução a uma fenomenologia do compreender no interior de uma mesma língua. A consequência dessa visão é, porém, uma ideia de incompreensão total. Essa visão está ligada ao pensamento de Santo Agostinho<sup>30</sup>, a quem Meschonnic atribui o estatuto de patrono do intraduzível.

Com a fenomenologia, “la périphrase et l’insertion de gloses dans la traduction sont l’effet direct de la doctrine heideggérienne de la vérité” (MESCHONNIC, 1999, p. 15). É esse ponto de vista que permite os desenvolvimentos teóricos de George Steiner, em *After Babel* (1975) e Michel Serres, em *Hermès* (1968-1974), que, segundo Meschonnic, “aboutissent chez l’un [Serres] à une psychologie du traducteur et à une théologie de l’incommunicabilité, chez l’autre [Steiner] à une mythologie du sens et de l’histoire, en identifiant le sémiotique, l’intersémiotique et le linguistique” (1999, p. 15). O fato é que, como o ponto de vista empirista, a fenomenologia da tradução é comandada pelo império do signo, especialmente pelo viés etimológico, que Meschonnic define como “l’etymologie-origine-essence-vérité” (1999, p. 15). Segundo o autor, o ponto de vista fenomenológico-hermenêutico reduz a linguagem a uma mera informação a ser transmitida segundo as regras do reino do racional e da harmonia universal (MESCHONNIC, 1999).

Por fim, com o advento da tecnologia computacional, surgem as primeiras tentativas de tradução a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, especialmente no âmbito da Guerra Fria, ocasionando o aparecimento consequente de uma linguística da tradução. Esse ponto de vista se

---

<sup>30</sup> *De Genesi ad litteram* (AGOSTINHO, 1872-1878)

caracteriza pelo ecletismo que “appliquée a suivi le développement des diverses doctrines en les amalgamant, de la grammaire générative à la pragmatique contemporaine” (MESCHONNIC, 1999, p. 15). Assim, dentro desse contexto percebe-se a retomada do behaviorismo americano do estímulo/resposta, especialmente na figura de Eugene Nida (1964)<sup>31</sup>, tradutor da Bíblia. “Cette linguistique de la traduction reste une conceptualisation de la langue, dans les termes dualistes du signe : la forme et le sens” (MESCHONNIC, 1999, p. 15). Além disso, é notável o fato de que essa linguística da tradução não tem como objetivo uma pesquisa sobre uma teoria de conjunto da linguagem e da literatura.

### 2.1.2 Os pontos de vista baseados no discurso

O ponto de vista do discurso, como visto, não se preocupa com a língua na sua representação dualista, possível a partir do signo, pois se situa num outro contexto de observação. O discurso tem por característica pensar o traduzir e não necessariamente a tradução (no sentido humboldtiano de *energeia* e *ergon*, atividade e produto). De onde surge o ponto de vista poético.

Meschonnic o define como “celui d’une reconnaissance de l’inséparabilité entre histoire et fonctionnement, entre langage et littérature” (MESCHONNIC, 1999, p. 16). A partir daí, é possível reconhecer a historicidade do traduzir e, como consequência, não como objetivo, a historicidade da tradução. O ponto de vista poético supõe e indica uma relação necessária entre o sujeito que produz um discurso e o discurso que é produzido sem, no entanto, reduzir a análise ao dualismo do descontínuo que a língua representa. O trabalho de reconhecimento da historicidade do traduzir necessita uma teoria que tome a linguagem na sua acepção de atividade, de um acontecimento historicizado por um sujeito na particularidade da sua própria relação com a linguagem. É esse o ponto de vista que levo adiante nesta dissertação para demonstrar que a visão da poética incita um debate renovado sobre o fenômeno da tradução, visto que permite sair daquilo que é tido como dado (a língua) e adentrar um terreno ainda a ser desbravado (o discurso).

---

<sup>31</sup> *Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating* (NIDA, 1964)

Além disso, Meschonnic indica que é possível, ainda, observar um outro ponto de vista que se institui, de certa forma, fora da teoria. Esse ponto de vista seria o da história do traduzir. Meschonnic exemplifica bem esse ponto quando afirma que

Ainsi la traduction dans le monde occidental, tant qu'il s'est agit d'abord des textes sacrés (la Bible) et d'un monde du religieux, n'a pu avoir pour unité que le mot, et privilégier, dans sa sacralisation généralisée du langage, le mot pour le mot. La Renaissance, par la traduction massive des textes profanes de l'Antiquité, a entraîné une désacralisation du mot et le passage du mot à la phrase comme unité. Le classicisme adaptateur a produit la pratique des « belles infidèles ». Le romantisme, dans son aspect philologique d'une recherche des spécificités, a amené une requête nouvelle d'exactitude. (MESCHONNIC, 1999, p. 16)

No entanto, o autor aponta que a tradução se transforma no século XX, quando vemos a passagem gradual de um pensamento sobre a língua para um pensamento sobre o discurso. Nesse cenário, é possível observar as primeiras escutas da oralidade da literatura, não somente no contexto do teatro. “On découvre qu'une traduction d'un texte littéraire doit faire ce que fait un texte littéraire, par sa prosodie, son rythme, sa signifiante, comme une des formes de l'individuation, comme une forme-sujet” (MESCHONNIC, 1999, p. 16).

A consequência dessa visão, segundo o autor, é que ela desloca radicalmente os preceitos da transparência do tradutor e da fidelidade importantes para as teorias tradicionais. Além disso, esse olhar faz com que esses preceitos apareçam como os álibis moralizantes de um desconhecimento cuja envelhecimento das traduções se mostra como o preço a ser pago (MESCHONNIC, 1999). Nesse âmbito, a equivalência, por exemplo, não é buscada mais entre as línguas, cujo resultado é um possível esquecimento das diferenças linguísticas, culturais e históricas (MESCHONNIC, 1999). Pelo contrário, a equivalência é procurada entre os sistemas de discurso, “travaillant au contraire à montrer l'altérité linguistique, culturelle, historique, comme une spécificité et une historicité” (MESCHONNIC, 1999, p. 16). Ainda segundo o autor, essa visão sobre equivalência, por exemplo, é o que faz a ligação entre a poética e a modernidade, onde o traduzir ganha a maior importância.

### 2.1.3 *Direcionamentos I*

Como avisa Meschonnic, todos os pontos de vista mencionados nas subseções anteriores (cf. 2.1.1 e 2.1.2) coexistem. Segundo o autor, o ponto de vista mais institucionalizado é o ponto de vista empirista, enquanto que, no âmbito da tradução literária, o ponto de vista fenomenológico-hermenêutico é o mais difundido, de onde surgem os efeitos do poder. “Une géo-poétique. Le contemporain a toujours été le lieu par excellence des résistances et du brouillage. Le dogmatisme est polymorphe. Sa forme libérale est la plus belle” (MESCHONNIC, 1999, p. 17).

No entanto, nem mesmo as práticas identitárias no âmbito da tradução, que estão totalmente impregnadas no ponto de vista do descontínuo do signo, aparecem como formas de se pensar a tradução como o sentido maior da alteridade e da pluralidade que a modernidade impõe à tradução. Por aí, vê-se a necessidade de pensar a poética como a prática teórica que visa compreender essas relações do eu e do outro tomando a tradução como o melhor posto de observação dessas relações.

Adiante, volto à discussão sobre a mudança da visão sobre a tradução pois é necessário dar continuidade ao debate diferenciando o ponto de vista poético do ponto de vista tradutológico. Ou seja, compreender que a poética não se pretende uma ciência, pois ela não concebe as divisões clássicas que são necessárias para o pensamento científico.

## 2.2 A VISÃO DO TRADUZIR MUDA

Como dito anteriormente, a poética indica, já, uma visão diferente sobre o traduzir. A mudança se dá exatamente pelo caráter crítico do pensamento poético frente ao império do signo, que domina até hoje a maior parte do pensamento sobre o fenômeno da tradução. Retomando uma citação anterior, é necessário compreender que

La pensée du langage au XX<sup>e</sup> siècle tient dans le passage de la langue au discours. La notion de langue est vénérable, elle a au moins 2500 ans de capital de pensée. La notion de discours est très récente, elle date des années trente. Elle est fragile, instable. Logiciste dans la pragmatique. Pourtant cette notion de discours est l’invention majeure au XX<sup>e</sup> siècle, dans la pensée du langage. Elle a un effet de théorie sur la traduction. Le passage

des catégories de la langue aux catégories du discours est assorti d'un danger : croire qu'on pense le discours alors qu'on pense encore et encore le discours dans les notions de la langue. Le discours suppose le sujet, inscrit prosodiquement, rythmiquement dans le langage, son oralité, sa physique. Au XXe siècle, une redécouverte de la physique du langage a commencé avec Jousse. Le passage de l'identité à un autre rapport à l'altérité, et le passage de la langue au discours, se rencontrent et agissent l'un sur l'autre dans la traduction. (MESCHONNIC, 1999, p. 74)

Por aí, se percebe a necessidade de tomar a tradução não mais como um fenômeno qualquer, que pode ser tratado a partir dos conceitos da língua. Quando a noção de discurso surge, como indica Meschonnic, a visão do traduzir muda completamente, pois não se trata mais de retomar os pensamentos mais tradicionais que tentam encontrar relações entre as línguas nos textos produzidos. Pensar o discurso supõe um outro tipo de visão que se distancia largamente da visão da língua.

Para compreender um efeito de teoria que se dá a partir do pensamento do discurso nos seus próprios conceitos, adiante discuto a diferença entre a poética do traduzir e a tradutologia nos termos meschonnicianos. Essa discussão dará suporte para a visão do traduzir que muda, pois Meschonnic aponta três motivos pelos quais a poética não se constitui como uma ciência.

### *2.2.1 A poética do traduzir, não a ciência do traduzir*

Em “Poétique du traduire, non traductologie” (MESCHONNIC, 1999), Meschonnic é bastante direto ao indicar no que a poética do traduzir se diferencia da tradutologia. O próprio autor me autoriza a afirmação: “Je dis « poétique », pour la traduction, et non « traductologie » – qui signifie science de la traduction – pour trois raisons, qui si tiennent” (MESCHONNIC, 1999, p. 61).

A primeira razão dada por Meschonnic diz respeito ao fato de a poética implicar a literatura, em tudo diferente da linguística, por exemplo, que tende a separá-la da linguagem. Literatura, vale ressaltar, não deve ser tomada no senso canônico. Ela é, para o autor, o próprio discurso ordinário. Nesse sentido, literatura engloba tanto as obras literárias (romances, poemas etc.) quanto a produção do discurso comum. Segundo ele, é importante olhar para o conjunto da teoria, que incluiria, então, a teoria da literatura e a teoria da linguagem. Pois, para o autor, a literatura

desempenha um papel revelador para a teoria da linguagem. Assim, a própria poética, ao aceitar essa ligação com as outras teorias (antropologia, história, ciências sociais, política, ética etc.), torna-se, ela própria, a teoria da linguagem.

O papel e o efeito da poética são de crítica. Crítica no sentido de que faz com que sejam observadas as estratégias que permitem se posicionar contra a ordem já estabelecida a partir dos “dogmatismes phénoménologiques ou sémiotiques”, que não enxergam além de seus próprios limites, produzindo um tipo de conhecimento que tem circulação apenas no interior de seus próprios postulados (MESCHONNIC, 1999). Os limites, segundo Meschonnic, são da ordem do descontínuo – do signo – que barram quaisquer elementos advindos do discurso e que não permitem uma visão que se situe fora da língua.

A segunda razão relaciona-se à primeira e a transcende. A poética, por incluir a tradução na teoria da literatura, permite distinguir os problemas filológicos, que são da ordem da língua, dos “problèmes proprement poétiques” (MESCHONNIC, 1999). Esses problemas propriamente poéticos dizem respeito ao estudo prévio da poética de um texto, além de permitir situar a tradução em uma teoria de conjunto, do sujeito e do social – que, por sua vez, “suppose et met en œuvre la littérature” (MESCHONNIC, 1999). É da poética o trabalho de reconhecer essas relações “par quoi la poétique, étude des œuvres littéraires, devient, par là même, en restant ou plutôt en devenant ce qu’elle est, une poétique du sujet, une poétique de la société” (MESCHONNIC, 1999, p. 61-62). Isso envolveria uma solidariedade entre o poema, a ética e a história. Meschonnic aprofunda essas relações quando observa ainda que

La poétique de la traduction y fait l’étude du traduire, dans son histoire, comme exercice de l’altérité, et mise à l’épreuve de la logique de l’identité. Reconnaissance que l’identité n’advient que par l’altérité. De même que l’ethnologie contemporaine apparaît de plus en plus comme une ethnologie de soi après avoir été une ethnologie de l’autre, ici, les notions et les pratiques bougent, les éléments normatifs se démasquent, les résistances apparaissent pour ce qu’elles sont, liées à des mythes de la langue qui sont aussi des mythes politiques et xénophobes : le mythe du génie des langues (comme celui de la clarté française). Ainsi la traduction est inséparable de la transformation des relations interculturelles. De leur logique. Elle est le meilleur témoin de l’implication réciproque entre l’historicité et la spécificité des formes de langage comme formes de vie. Avec leur éthique et leur politique. (1999, p. 62)

A primeira razão trata de resgatar a literatura no estudo da linguagem e mostrar o seu papel; a segunda razão diz respeito à posição de importância que a tradução assume na teoria da sociedade. A terceira razão, como diz Meschonnic, “est un effet épistémologique : se prémunir contre le scientisme structuraliste-sémiotique, aggravé du flou phénoménologique perpétuellement intéressé à séparer entre une essence et une histoire, à son profit, par l’opération de la pureté” (MESCHONNIC, 1999, p. 62). Ou seja, os paradigmas estruturalistas, semióticos e fenomenológicos têm como consequência de suas próprias teorias reduzir o estudo da linguagem, em tudo separando a língua do discurso, fazendo com que ele culmine no signo, que é da ordem do descontínuo por se limitar ao seu próprio universo sem a possibilidade de transcendê-lo. A pureza seria a identificação máxima entre um significante e um significado, excluindo dessa forma tudo que diz respeito à ordem do contínuo – que é necessariamente histórico e ligado a um sujeito em vias de falar – que toma a linguagem pelo seu aspecto de atividade: a *energeia* de que falava Humboldt, ao precisar que estudar o *ergon* (a obra) é observar “squelletes morts” (TRABANT, 2005).

Para Meschonnic, a poética do traduzir, então, não é uma ciência. Não é uma ciência pois não se sabe como delimitar esse conceito senão através de uma relação com o período a partir do qual o definir. Ou seja, uma possível definição de ciência do século XV é diferente da possível definição de ciência do século XX. Porém, o autor acrescenta que “même cette précision n’éliminerait pas des confusions complaisantes avec le sens moderne de science (au sens de sciences expérimentales ou des sciences exactes), le sous-entendu d’une continuité possible, sinon déjà en cours, avec ce sens” (MESCHONNIC, 1999, p. 62).

A maior diferença, no entanto, entre a poética e a ciência se dá pelo fato de que a poética é uma teoria crítica, especialmente crítica da própria ciência: “[...] critique de la science chaque fois que celle-ci s’identifie au savoir, à ce que Horkheimer appelait la théorie traditionnelle, maintien de la société telle qu’elle est, et j’ajoute : de la théorie telle qu’elle est” (MESCHONNIC, 1999, p. 63). O autor parece questionar, nesse ponto, o que significa limitar um estudo da linguagem dentro de uma conceitualização científica. Ao fazê-lo, estabelece que uma ciência da linguagem, assentada nos paradigmas do signo, torna estante uma visão do próprio discurso.

Ici, il s'agit de la théorie du signe, et de son paradigme dualiste non seulement linguistique, mais philosophique, théologique, social et politique. La poétique est une théorie critique au sens où elle se cherche comme théorie d'ensemble du langage, de l'histoire, du sujet et de la société, et récuse les régionalisations traditionnelles, mais aussi au sens où elle se fonde comme théorie de l'historicité radicale du langage. La traduction y joue un rôle majeur. (MESCHONNIC, 1999, p. 63)

Nesse sentido, o autor chama atenção para o fato de o terreno do empírico ser o local da luta contra o empirismo. Por empirismo, Meschonnic entende as noções que surgiram dentro de um ambiente que se dava baseado na experiência e que rejeitava a teoria, “surtout de la théorie de la littérature. C'est le point de vue des professionnels de la traduction, en termes de grammaire contrastive, la « stylistique comparée »” (MESCHONNIC, 1999, p. 14; cf. 2.1.). Segundo ele, o empirismo esconde, por trás de um liberalismo e uma honestidade aparentes – observados nas ideias de fidelidade e de transparência do tradutor – “le dogmatisme de la référence à la langue seule, dans la méconnaissance du discours ; le dogmatisme de l'ahistoricité dans la méconnaissance de l'historicité du traduire et du texte” (MESCHONNIC, 1999, p. 63).

As teorias tradicionais, então, colocam uma armadilha ao identificar a poética do texto com o literalismo, da mesma forma que misturam e confundem a poesia com a versificação. “Il ne s'agit pas ici d'opposer la signifiante (cette production de sens rythmique et prosodique par tous les sens y compris en débordant le signe) à la signification et au sens comme la théorie traditionnelle oppose la forme et le sens et la lettre à l'esprit” (MESCHONNIC, 1999, p. 63). O mais importante é deixar de abordar o discurso a partir dos conceitos da língua. Ou seja, não pensar a linguagem em ação através de conceitualizações inerentes ao (e advindas do) estudo da língua, objeto fechado em si e por si mesmo, reduzido ao mundo do signo.

Para o autor, traduzir um texto como discurso é aceitar riscos novos “et ne plus se borner à respecter les autorités de la langue et du savoir qui sont en même temps l'ignorance de la poétique. L'ignorance du rythme” (MESCHONNIC, 1999, p. 64). Por isso, é importante demonstrar que existe uma inseparabilidade entre a teoria e a prática e também dar à tradução um novo horizonte, a partir de um novo programa teórico: “le programme du rythme comme organisation de l'historicité du texte” (MESCHONNIC, 1999, p. 64).

Nesse novo horizonte teórico, o traduzir não se torna mais fácil ou mais difícil, mas diferente. Ele impõe que o traduzir traga à tona o fato de que não se pode mais confundir a retórica

com a poética, a métrica com o ritmo, o sentido com a significação, a alteridade com a identidade. De onde surge uma conclusão do autor: se esse novo horizonte teórico abranger essas características não confundindo elementos do discurso com elementos da língua, a tradução será melhor porque, na relação com um texto, permitirá que a tradução funcione como um texto. “Elle ne sera plus simplement portée par une interprétation, elle en sera à son tour porteuse. Elle aura atteint sa propre littéarité” (MESCHONNIC, 1999, p. 64)

### 2.2.2 *Direcionamentos II*

O ponto de vista poético aparece, então, como o pensamento sobre a tradução que desloca radicalmente os conceitos pelos quais abordá-la. Ou seja, um pensamento poético supõe uma mudança extrema de ponto de vista sobre a tradução. Em primeiro lugar, porque não aceita a representação da linguagem pela língua e, em segundo lugar, porque, exatamente por essa não aceitação, observa a linguagem a partir do discurso, da atividade que é acessada através de um texto.

Por aí, percebe-se que as teorias que se ocupam em observar a tradução a partir da língua normalmente criam problemas que, em última instância, não apresentam solução. O exemplo da ideia de fidelidade é claro. Só é possível pensar sobre a fidelidade de uma tradução em relação à obra original a partir de uma visão que toma o texto original como portador de uma verdade aparente, ou de um sentido único, que deve ser acessado por todos que entram em contato com determinada obra. No entanto, há muito já se percebeu que a interpretação de um texto faz tanto parte do sentido desse texto quanto a própria “intenção” do autor e que sempre se dá a partir da particularidade da leitura de um sujeito apenas.

A poética, por outro lado, não se preocupa em buscar a verdade de um texto. Antes, ela está voltada para a relação que se estabelece dentro de cada obra, sendo cada uma considerada um sistema de discurso. Essa obra é fruto de um sujeito se marcando historicamente, socialmente, politicamente, eticamente, linguisticamente, literariamente. E por isso importa buscar, então, a significância, mais do que o sentido. O sentido indica algo dado e acabado. A significância indica

algo em construção, em movimento. A partir da significância, tratamos, apenas de (re)leituras. A língua e o discurso.

### 2.3 A POÉTICA DO TRADUZIR, OU UMA TEORIA DA LINGUAGEM

Segundo o ponto de vista poético, quando traduzimos mostramos, necessariamente, nosso ponto de vista sobre a linguagem, ou nossa representação da linguagem, conforme os termos de Meschonnic (2007). Daí a necessidade de pensar a teoria da linguagem que a tradução representa. Se o ponto de vista que assumimos é aquele do descontínuo do signo, não traduzimos um texto, mas uma língua, na medida em que isso é efetivamente possível.

Uma teoria da linguagem, para Meschonnic, é uma articulação entre linguagem, poesia, literatura, arte, ética, política, resultando numa poética da sociedade na própria interação das atividades dentro desses contextos (MESCHONNIC, 2007). No entanto, a poética corre o risco de não ser compreendida devido ao império do signo, que tem imposto sua descontinuidade sobre o pensamento da linguagem há séculos. Meschonnic fala da necessidade de apresentar a poética ao grande público, para que se faça compreendida, na medida do possível. Porém, para o autor, a própria ideia de *grande público* é um efeito social dos academicismos de uma ordem preestabelecida, que define o horizonte do terreno daquilo que é possível ser pensado (MESCHONNIC, 2007). Ou seja, pensar numa ideia de grande público é indicar que observamos a linguagem a partir da descontinuidade, onde a atividade da linguagem é mascarada pelo efeito teórico que o signo impõe. Esse efeito do signo é bastante forte e torna a própria visão sobre a tradução numa visão reduzida a formas que permite observar apenas a língua e não o discurso.

Um outro pensamento, no entanto, é possível. Segundo a poética, por exemplo, não existe problema de tradução nem nada que seja da ordem do intraduzível. A tradução em si e o texto tido como original não são nada além de representações da atividade da linguagem. No entanto, o resultado do traduzir (*energeia*), ou seja, a tradução (*ergon*), antes de mostrar aquilo que traduz,

indica de forma explícita a representação da linguagem que tem o tradutor, além de sua visão sobre o que é a literatura ou a poesia<sup>32</sup>.

Como exposto até aqui, o signo, em ampla escala, se apresenta como o maior representante da linguagem. O signo linguístico, especialmente, tende a se apresentar como a própria natureza da linguagem. Contudo, sabe-se que o signo é da ordem do descontínuo, no sentido humboldtiano do termo. O máximo poder de reflexão do descontínuo do signo é a sua própria relação interna. Ou seja, a descontinuidade entre o significante e o significado, cujo resultado de interação é a soberania do segundo, visto que o sentido acaba por ser considerado como a própria totalidade. O sentido da verdade única. São os termos da língua que são comumente mobilizados para tratar do traduzir. E isso fica evidente na tradução produzida.

A poética do traduzir, por outro lado, apresenta uma visão distinta sobre a linguagem em relação àquela do signo, como é possível perceber ao longo do desenvolvimento desta dissertação. Meschonnic apresenta bem a articulação entre o pensamento do contínuo e o pensamento do descontínuo:

En particulier le signe ne connaît que le discontinu, donc il n'a ni concept ni moyen pour reconnaître et donner à entendre ce qui existe aussi dans le langage, et qui lui échappe irrémédiablement, c'est-à-dire le continu, le rythme, la prosodie, tout ce qui est énonciation et signifiante. Tout ce qui fait qu'il n'y a pas que le sens des mots. (MESCHONNIC, 2007, p. 39)

Desse modo, se tanto um texto tido como literário quanto um texto filosófico participam da ordem do contínuo, pois representam uma atividade da linguagem, e, além disso, inventam um pensamento como um sistema de discurso, um olhar a partir do descontínuo da língua, do signo

---

<sup>32</sup> A ideia aqui pode ser expandida. Desenvolvo: a noção de *tradutor*, aqui, pode ser expandida para uma visão sobre a linguagem de uma época. Um exemplo bastante conhecido é aquele das “belas infieis”. Ou seja, o período renascentista na França tinha uma visão sobre linguagem, e conseqüentemente sobre tradução, que permitia aos tradutores, em larga escala, uma tradução que se importava amplamente com a estética, no sentido clássico, do texto. Como o próprio título já indica, são traduções que apresentam uma reflexão bastante grande em relação às formas tidas como belas do bem dizer e do bem escrever, mas que eram infieis em relação ao texto que foi traduzido. Para a poética, as noções tanto de estética quanto de fidelidade desse período são apenas modelos de representação da linguagem que percorrem pelo caminho indicado pelo império do signo. Importa reter que o ponto de vista da linguagem assumido pelo tradutor advém, também, do contexto histórico-social no qual ele está inserido.

acaba por produzir não-traduições. Ou seja, textos que não atentam para a essência da atividade da escritura e do traduzir e que observam no texto apenas elementos descontínuos, como a forma e o sentido.

É nesse âmbito que Meschonnic situa a discussão que surge sobre a intraduzibilidade. Para ele, essa noção é confusa e mistura arbitrariamente elementos antropológicos e poéticos, no sentido determinado pelo signo<sup>33</sup>. “C’est donc à la fois une notion théorique et un problème empirique. Mais l’empirique y est le produit de la théorie. Ou plutôt de la carence théorique” (MESCHONNIC, 2007, p. 39). Ou seja, observar, na tradução, apenas a língua do texto é justamente demonstrar essa carência teórica. Ao traduzir de língua à língua, traduzimos, na realidade, apenas a ideologia da transferência entre uma língua e outra. O problema está no fato de essa ainda ser a ideologia ensinada em matéria de tradução. O que, segundo Meschonnic, representa não apenas um problema epistemológico, no sentido de *o que é uma tradução?*, mas um problema cultural, visto que expõe o problema da história do pensamento sobre a linguagem. Importa notar que, como afirma o autor, “il serait naïf de croire que nous en savons plus aujourd’hui, à travers la linguistique formaliste du XX<sup>e</sup> siècle, l’histoire de l’herméneutique et de la philologie, que par exemple, les Anciens” (2007, p. 39). Para o autor, a tradução canônica da ideia de Aristóteles presente em *De interpretatione de ta en tê phonê*, ou seja, “as coisas que estão na voz”, por “as palavras” é um exemplo da consequência do pensamento descontínuo sobre a linguagem. E isso, segundo ele, representa a necessidade de retraduzir os grandes textos clássicos.

O caso é que a retradução proposta não se dá pelo fato do envelhecimento das traduções desses textos, mas pelo fato de que o próprio pensamento sobre a linguagem envelhece. Ou seja, quando se trata de retradução no âmbito da língua, o motivo é o envelhecimento do texto traduzido. A poética do traduzir, no entanto, indica que o envelhecimento da tradução, se tomada no âmbito do contínuo do discurso, não envelhece mais que as próprias obras iniciais, fazendo com que a ideia de retradução se encaixe naquilo que diz respeito ao pensamento sobre a linguagem que produziu determinada tradução. O que é necessário rever é a própria visão sobre linguagem que se tem quando se trata de pensar em retraduições, pois é essa visão que se apresenta como datada.

---

<sup>33</sup> (Cf. JAKOBSON, 1995)

Desse modo, a tradução é reveladora da linguagem como um conjunto, não mais como repartições específicas. O estatuto atual da tradução, que, por exemplo, ainda leva adiante discussões acerca da máxima em italiano de “*traduttore, traditore*”, revela apenas uma surdez em relação àquilo que diz a linguagem ao se apoiar totalmente na língua. Para Meschonnic, a tradução é “le terrain d’expérimentation des théories du langage. L’histoire des retraductions des grands textes montre pleinement la transformation du regard et de l’écoute” (MESCHONNIC, 2007, p. 40). E Meschonnic ainda vai além nesse ponto, ao dizer que é possível, então, conceber que o traduzir é a prova da teoria da linguagem e da teoria da literatura.

É nesse sentido que a discussão efetuada anteriormente (cf. 2.1) se faz presente nesse contexto, visto que “la traduction, dans tous ses états, montre que nous sommes malades du signe, et que c’est toute notre représentation du langage, dans ses rapports à la littérature, qui est à changer” (MESCHONNIC, 2007, p. 40). Além disso, vale lembrar que a tradução coloca em jogo tanto a teoria da linguagem quanto a teoria da literatura, pois ela está intrinsecamente ligada à história de ambas. A tradução não serve como instrumento de comunicação e de informação entre duas línguas, entre duas culturas, além do fato de ser tradicionalmente considerada como inferior à criação original em literatura. Pelo contrário, a tradução representa uma poética experimental, e, como visto anteriormente, é o melhor posto de observação das estratégias da linguagem. Isso é possível perceber pela análise atenta das retraduições de um mesmo texto, pois cada uma das traduções carrega em si a visão sobre a linguagem do tradutor, de uma época.

Retomando as ideias expostas na primeira seção deste capítulo (cf. 2.1), existem quatro pontos de vista sobre a tradução que são tidos como os mais tradicionais e difundidos e que se situam completamente no âmbito do império do descontínuo signo. A saber: o ponto de vista empírico, considerado o mais antigo, presente em São Jerônimo, por exemplo, ou seja, um ponto de vista que leva em consideração a experiência da tradução, ocupado pela busca do efeito a produzir na língua de chegada; o ponto de vista empirista, que se caracteriza pela recusa da teoria; o ponto de vista hermenêutico-fenomenológico, que trata a tradução como um simples ato de interpretação, como no âmbito de uma única língua, por exemplo; e, por fim, o ponto de vista da linguística da tradução, que tem como característica maior representar um ecletismo no pensamento sobre a tradução, visto o desenvolvimento de diversas correntes da linguística, especialmente no século XX.

Porém, além destes, Meschonnic indica que é possível pensar em outros dois pontos de vista sobre a tradução que se situam na ordem do pensamento contínuo sobre a linguagem, ou seja, o ponto de vista da poética, que reconhece a inseparabilidade entre história e funcionamento, entre linguagem e literatura e que busca reconhecer a historicidade do traduzir. E, também, é possível pensar a tradução sob o ponto de vista da sua própria história, que busca compreender a relação da tradução com o desenvolvimento do pensamento sobre a linguagem ao longo da história, especialmente no mundo ocidental, visto o caráter fundador do texto bíblico. Esse ponto de vista é possível a partir de uma visão não-redutora da linguagem, ou seja, pode ser considerado como uma consequência do ponto de vista poético.

De acordo com Meschonnic, a mudança de visão sobre a tradução é considerável. Assim,

[...] la traduction n'a pas seulement suivi un trajet vers sa propre reconnaissance. Elle est aussi solidaire de la transformation des rapports entre les cultures au XX<sup>e</sup> siècle, liée aux diverses décolonisations et à la planétarisation de ces rapports. Elle est posée ou elle est en train de passer, comme ces rapports eux-mêmes, d'un culte exclusif d'une identité prise pour l'universel, confusion entre l'universalisation et l'universel, à un sens nouveau de l'altérité, et de la pluralité. La rencontre des deux transformations majeures de ce siècle – dans le langage, de la langue au discours ; dans la culture et dans le politique, de l'identité à l'altérité – rencontre dont le lieu par excellence est la littérature, fait, malgré les résistances propres à l'établissement des points de vue précédents dans le monde universitaire et littéraire, la condition de changements en cours dans la pratique et la théorie de la traduction. C'est aussi l'éthique et la politique du traduire. (MESCHONNIC, 2007, p. 43)

A partir dessa visão, cumpre considerar e demonstrar que o problema maior da tradução é a teoria da linguagem que a integra. Esses movimentos teóricos implicam duas coisas, segundo Meschonnic. Primeiro, a inseparabilidade entre o que chamamos de teoria e o que chamamos de prática. Ou seja, “qu'une pratique n'est pas une pratique si elle n'est pas réflexive ou réfléchie” (MESCHONNIC, 2007, p. 43), do contrário, estamos apenas diante de ideias prontas. Além disso, se a prática indica uma reflexão, ela implica necessariamente uma teoria de conjunto da linguagem. Em segundo lugar, reciprocamente, uma teoria da tradução que não seja a reflexão sobre uma prática indica apenas uma linguística da língua aplicada ao discurso, produzindo um não-pensamento (MESCHONNIC, 2007).

O traduzir, no entanto, pode não ser mais considerado como uma prática acessória, secundária ou auxiliar, como é tradicionalmente e sociologicamente considerado. Se o traduzir carrega consigo uma teoria da linguagem, ao mesmo tempo que é carregado por essa teoria, esse papel secundário se esvanece, visto que o traduzir tem um papel fundamental e único no seio da teoria de conjunto da linguagem, aquela da poética experimental. Para Meschonnic, a história da tradução, ou seja, a confrontação das traduções sucessivas de um mesmo texto e a observação da mudança das estratégias diferentes do traduzir e da evolução das técnicas, é o único lugar das atividades da linguagem onde existe sempre uma invariante, o texto a traduzir (ou retraduzir), e as variações, que são observadas nas traduções sucessivas, cada uma reveladora da sua própria concepção de linguagem e de literatura.

Tout cela, c'est-à-dire à la fois ce rôle majeur et l'explicitation de la théorie du langage à l'œuvre dans le moindre opération de traduire, n'est possible que si traduire pousse à son point de conflit, de rupture, donc de prise de conscience et de transformation du faire, le conflit entre le signe et le poème. (MESCHONNIC, 2007, p. 44)

Ou seja, o conflito entre o ritmo e o signo. Entre contínuo e descontínuo. Esse conflito surge para se opor àquilo que é tido como impensável e às ideias preestabelecidas sobre a linguagem, a língua, o discurso, a literatura e a poética. De acordo com Meschonnic, no estado atual do pensamento sobre a linguagem, impera um pensamento através da língua, a partir do dualismo interno e irreduzível do signo. “Du sens et de la forme, deux hétérogènes l'un à l'autre, avec des passerelles d'expressivité. L'unité-mot. Au maximum, la phrase – dernière unité de la langue” (MESCHONNIC, 2007, p. 44-45). O discurso, nesse contexto, é visto apenas a partir daquilo que Saussure chamou de divisões tradicionais, ou seja, conceitos exclusivos da língua, como léxico, morfologia e sintaxe, por exemplo.

Ao dualismo interno do signo, se liga o dualismo interno da concepção tradicional do ritmo como uma alternância entre um tempo forte e um tempo fraco, sendo essa alternância regular ou irregular, codificada ou não codificada, resultando num corte das formas literárias apenas entre verso e prosa. Essa divisão leva, ao fim e ao cabo, à metrificação do ritmo e a observar na prosa uma falta de ritmo. Segundo Meschonnic,

[...] on peut dire que la représentation canonique du rythme est celle du signe : le rythme est le rythme du signe, et le signe est le signe du rythme. Deux dualismes se renforçant et se confirmant l'un l'autre, selon le consensus des idées toutes faites. Confondant la nature des choses – les choses du langage – avec leur représentation. Ne voyant pas les représentations comme des représentations. Mais comme la nature des choses. Donc deux universaux, équivalant enfin à un seul et même universel : la vision commune et indiscuté du langage. La notion de « style » n'étant rien d'autre que ce que le signe permet de penser de la chose littéraire et poétique. Rien à voir avec le rythme. (MESCHONNIC, 2007, p. 45)

A tarefa do traduzir, no entanto, coloca em cheque essa constituição do ritmo a partir do descontínuo do signo. E não somente o traduzir, como qualquer poema. Isso se dá através da irreduzibilidade do discurso em relação às noções da língua. Do contínuo ao descontínuo. Ou seja, não se pode observar o discurso partindo dos conceitos da língua. Essa irreduzibilidade desfaz a noção tradicional do signo e do ritmo. Meschonnic aproxima ainda um outro argumento válido: “La confrontation avec d'autres mondes culturels – où se situe justement traduire – met en évidence la non-universalité des notions communes du signe et du rythme, et du même coup leur caractère de représentation, non de nature” (MESCHONNIC, 2007, p. 45).

A partir da experiência do poema e do traduzir, percebe-se que é necessário pensar uma outra concepção de ritmo. Nesse contexto, o ritmo não é mais compreendido como a alternância binária tradicional, mas como a organização do movimento da fala<sup>34</sup> na escritura. “Ce qui entraîne une réaction en chaîne, du point de vue des représentations de tout le langage, et qui contraint à penser l'impensé de l'empirique” (MESCHONNIC, 2007, p. 46).

Essa mudança de perspectiva em relação ao traduzir mostra o quanto a tradução como é tida normalmente, no âmbito do descontínuo do signo, não consegue compreender aquilo mesmo que faz. Isto é, ela deixa de pensar o discurso que a tradução representa e se preocupa apenas com o efeito da língua sobre esse discurso e não o contrário. Segundo Meschonnic, a tradução a partir do signo é uma tradução *apagante* pois ela apaga o contínuo, o ritmo no sentido contínuo e, até mesmo, seu próprio apagamento (no sentido de uma *boa* tradução ser aquela que não se faz perceber como uma tradução, mas como o próprio texto original escrito na segunda língua). No entanto, um dos projetos da poética do traduzir, segundo Meschonnic, é “d'effacer l'effacement

---

<sup>34</sup> No original em francês, Meschonnic utiliza o termo “parole”. Para os fins desta dissertação, utilizarei o termo fala, resguardando a distância entre a utilização num contexto poético do termo e a utilização feita pelo estruturalismo.

des effaçantes” (2007, p. 46). Ou seja, destituir o poder do signo no que diz respeito à linguagem tem como resultado apagar a ideia de apagamento das traduções que se dão no âmbito do descontínuo do signo.

O grande argumento de Meschonnic em relação a isso é o fato de o mundo cultural ocidental ter sido constituído sobre a tradução de seus textos fundadores. Tanto o texto bíblico quanto os textos filosóficos clássicos são lidos e acessados apenas através de suas traduções. A crítica recai sobre o fato de que, logo, o Ocidente está fundado sobre “l’effacement même de ses origines. Grecques et bibliques” (MESCHONNIC, 2007, p. 46).

De acordo com Meschonnic, a base do pensamento sobre o ritmo está assentada nos textos bíblicos. Há um interesse técnico e teórico sobre esses textos que vai além do fato de como eles são tomados culturalmente e religiosamente hoje em dia (a palavra de Deus, por exemplo). Esses textos são construídos numa ordem pan-rítmica. Ou seja, são textos que não levam em consideração a oposição binária entre o verso e a prosa, logo, a métrica imposta pelo ritmo na sua acepção descontínua. Para Meschonnic, a antropologia bíblica não se relaciona com a noção de poesia, visto que as relações que a língua hebraica permite se dão entre o dito (*le parlé*) e o cantado (*le chanté*). Segundo Meschonnic:

Cette pan-rythmique est une hiérarchie de 18 accents disjonctifs et 9 conjonctifs (12 e 9 pour les *Psaumes*, *Job* et les *Proverbes*), avec trois valeurs : mélodique, pausale et sémantique. Cette rythmique, seule organisation du verset biblique, a été l’objet d’un rejet théologico-philologique : leur notation écrite étant tardive. Cependant, les noms de certains accents désignant une très ancienne cheironomie, direction de cantilation par des mouvements de la main, nécessairement antérieure à leur notation écrite, authentifient leur ancienneté. Par quoi le débat théologico-idéologique est réglé, aux dépens du théologico-politique chrétien. C’était l’enjeu d’un problème, en tant que tel étranger à la traduction, mais déterminant indirectement pour le statut du rythme, et son rapport au traduire. (MESCHONNIC, 2007, p. 46-47)

Por esse viés, quando se considera o ritmo como a organização do movimento da fala há, aí, uma suposição do gesto, daquilo que indica um movimento do corpo-linguagem. Nas palavras de Meschonnic, “une rythmique ou sémantique de position” (2007, p. 47). O que chama atenção é o fato de o ritmo ser constantemente apagado, esquecido, relegado àquilo que é da ordem do

impensável sobre a linguagem a partir do ponto de vista do signo. Para Meschonnic, ainda, se não traduzimos o ritmo do texto, então a tradução perdeu a fala (MESCHONNIC, 2007).

É necessário lembrar, constantemente, que o ritmo não é (mais) apenas uma sucessão de acentos de intensidade se ele é considerado como a organização do movimento da fala na escritura. Desse modo, ele é a própria organização do contínuo, incluindo nessa organização todos os efeitos de sintaxe.

Mais le rythme comme continu dans l'organisation du mouvement de la parole dans l'écriture n'est pas seulement rythme pausal, rythme de groupe, rythme de position, rythme de syntaxe, rythme de répétition, c'est aussi le rythme prosodique, le récit du récitatif, pas seulement le récit du sens des mots. (MESCHONNIC, 2007, p. 48)

Por aí, percebe-se que há uma implicação teórica entre o pensamento do ritmo e a teoria da tradução. O ritmo é a própria conceitualização do contínuo, visto que pensar o ritmo é pensar o conflito entre o poema e o signo. Ou seja, entre o contínuo e o descontínuo. De acordo com Meschonnic, o papel da teoria é o de transformar as práticas, enquanto que o papel das práticas é dar subsídios para um pensamento teórico. Há uma política da teoria, ao mesmo tempo que há uma antropologia e uma poética, e, juntas, elas têm o papel de fazer com que se passe de um pensamento de anexação – continuação do pensamento ditado pela ordem tradicional – para um pensamento do descentramento – o pensamento contínuo que permite deslocar as noções tomadas como verdades a partir do signo. É aí que se encontra o papel maior da tradução.

A seguir, na próxima seção, trato da especificidade do traduzir em relação à teoria da linguagem. Essa especificidade se dá especialmente no âmbito da tradução dos textos bíblicos e indica de que forma o pensamento descontínuo sobre a linguagem criou uma determinada ordem de mal-entendidos e confusões acerca do ato de traduzir.

#### 2.4 A ESPECIFICIDADE DO TRADUZIR: EFEITOS DA TRADUÇÃO DOS TEXTOS BÍBLICOS

Como foi possível perceber ao longo da última seção, o traduzir adquire um papel maior naquilo que se considera a teoria da linguagem. Meschonnic indica, constantemente, a importância do traduzir no desenvolvimento do mundo cultural ocidental, vista a especificidade da discussão em torno da tradução dos textos bíblicos. Ou seja, ao expor que o mundo ocidental foi largamente constituído sobre a tradução de seus textos fundadores (textos bíblicos e da filosofia clássica), a poética do traduzir coloca em questão o caráter específico da teoria da linguagem em relação ao traduzir. Por esse viés, fica claro o papel que o signo teve no desenvolvimento da sociedade pois as traduções dos textos bíblicos, especificamente, sempre se deram a partir da divisão binária da forma e do sentido para justificar o traduzir.

A poética do traduzir, no entanto, toma força a partir do momento que questiona o papel do signo para a tradução e para a teoria da linguagem. Ao denunciar o império do signo, a poética lança um questionamento sobre o que efetivamente se toma como *linguagem*. Como foi visto anteriormente, em larga escala, o signo esquece de seu papel de representação da linguagem e se passa pela sua própria natureza, criando, dessa forma, um problema epistemológico grave. Grave pois o signo não é a linguagem. O signo não pode ser tomado como o grau máximo de pensamento sobre a linguagem. É necessário criticar esse caráter exclusivo do signo para que se perceba que pensar a linguagem é ir além da divisão binária interna, característica do descontínuo.

Observar a linguagem é observar uma atividade, não um produto encerrado em si. Observar a linguagem é identificar a força que um texto tem sobre o sujeito que o escreve e aquele que o lê. Observar a linguagem é pensar o conjunto da sociedade a partir das relações necessárias – e não exclusivas – entre a ética, a política, a filosofia, a literatura, a antropologia e todas as outras esferas de participação do homem através da linguagem. Observar a linguagem é pensar o contínuo entre o corpo e a linguagem, deixando de lado a oposição entre o espírito e o corpo. Observar a linguagem é deixar de procurar pelo sentido único da verdade, aos moldes da hermenêutica, e buscar a significância de um texto. Observar a linguagem é pensar sobre as formas de vida que se modificam e que são modificadas por formas de linguagem. Observar a linguagem é respeitar a historicidade de cada discurso nas suas particularidades. Observar a linguagem é observar um homem falando com outro homem, na simplicidade que esse ato supõe.

Meschonnic, em “Traduire, et la Bible, dans la théorie du langage et de la société” (2009), cita um texto de *Cartas Persas*, de Montesquieu (1721), onde o autor apresenta um diálogo entre

dois homens. Um deles avisa que tem uma grande novidade a compartilhar: irá apresentar Horácio ao mundo. O outro, ao ouvi-lo, exclama que Horácio foi apresentado ao mundo há dois mil anos. O primeiro observa, então, que o homem não o havia compreendido, pois sua apresentação se daria a partir de uma tradução própria na qual ele vinha trabalhando há vinte anos. Perplexo, o segundo homem questiona o primeiro, perguntando se há vinte anos, então, ele não pensava, visto que há vinte anos falava pelos outros e os deixava pensar por ele.

Segundo Meschonnic, esse pequeno diálogo é representativo da visão, ainda corrente, da oposição e da hierarquia entre as obras chamadas de originais e as suas traduções. Por esse viés, é possível afirmar que estamos saturados de clichês sobre a tradução. Os pontos de vistas mais difundidos, tratados anteriormente, competem entre si na elaboração de clichês cada vez mais complexos e que pouco servem para tratar do traduzir em si, mas apenas da língua.

O grande problema teórico exposto pela poética do traduzir é o fato de que o signo não sabe o que é um poema. Esse problema advém do fato de acreditarmos que pensamos a linguagem ao passo que estamos apenas pensando o signo. Como visto, a oposição entre obra original e tradução se dá apenas sob o império do signo, que se faz passar pela natureza da linguagem.

Há o modelo linguístico do pensamento do signo, observado pela oposição entre a forma e o sentido, entre o significante e o significado. Esse modelo, além de tudo, se estende a outros seis paradigmas (cf. 1.2). “C’est tout ce binaire en série qui constitue le signe, selon l’opposition du corps et de l’âme, ou de l’esprit, et de l’affect au concept” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 19). A partir da concepção dualista do signo, a tradução reproduz esse modelo binário quando opõe a língua de partida e a língua de chegada, a língua fonte e a língua alvo. Para Meschonnic, as reflexões de Nida, tradutor da Bíblia, são o maior clichê desse pensamento quando esse autor pensa a equivalência dinâmica e a equivalência formal.

No entanto, para a poética do traduzir, a tradução dos textos bíblicos tem um papel fundamental para se pensar a teoria da linguagem. Pois, ainda hoje, a tradução desses textos se dá a partir do signo e continua sendo cristã em larga escala, impondo um papel ideológico religioso às traduções.

O signo, porém, permite apenas uma oposição entre seus elementos internos, heterogêneos um ao outro, e isso permite seu império, que é totalizante e dogmático no pensamento sobre a

linguagem. Todo esse discurso indica a representação de um pensamento descontínuo que rege “l’hétérogénéité des catégories de la raison” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 20). No seio da discussão sobre a linguagem, essa oposição aparece entre a língua e o discurso. No entanto, a noção de língua impede que se pense o discurso, indicando que o signo impede que se pense a linguagem. A prova disso é a discussão efetuada sobre a visão estruturalista do pensamento de Saussure (cf. 1.2).

Mais c’est l’hétérogénéité même des catégories de la raison selon le signe qui règne dans le culturel, et dans ce qu’on appelle les disciplines universitaires, selon des régionalismes et des compartimentations qui sont autant d’obstacles à la pensée des rapports entre le langage et la société, entre le langage et les arts du langage, entre le langage et la vie. Cette hétérogénéité des catégories de la raison régnante situe ironiquement ce qu’il y a à penser comme une utopie, ou une prophétie, contre le maintien de l’ordre. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 20)

Esse é o efeito teórico da linguagem tomada a partir do império do signo. O descontínuo do signo, de acordo com Meschonnic, produz dogmatismos colaterais para o pensamento sobre a linguagem, deixando de pensar o discurso.

A oposição maior da poética do traduzir se dá entre o signo e o poema, visto que a partir dessa interação surge a oposição entre o verso e a prosa. Para Meschonnic, essa é uma oposição falaciosa, visto que há, na prosa, metrificacão, reconhecida desde a antiguidade clássica. Essa oposição, sobretudo, mesmo aparentemente clara, permite que se pense uma outra ainda, aquela entre a poesia e a prosa. Segundo Meschonnic, esse é um problema “que met à vif l’effritement d’une définition formelle de la poésie à partir du poème en prose et de la modernité poétique” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 20).

O apoio que Meschonnic busca na teoria saussuriana, especialmente nas formulações de ponto de vista e de sistema, surge para expor o signo e os efeitos de representação que ele institui ao mesmo tempo que permite deslocar a representação da linguagem da ordem do descontínuo para a ordem do contínuo, tomado como um contínuo corpo-linguagem. Pensar o contínuo, então, leva a pensar o poema, visto que é o poema que viabiliza um pensamento sobre a multiplicidade dos atos de linguagem. Nesse âmbito, o poema não é mais considerado como a forma que se opõe à prosa, mas aquilo que desencadeia um pensamento da teoria da linguagem.

C'est ce paradoxe : non plus opposer *le langage poétique* au *langage ordinaire* (deux essences réelles, ce qui, assez drôlement, signifie que ça n'existe pas et qu'on ne sait pas ce qu'on dit), mais partir du poème pour penser toute la théorie du langage comme un rapport d'interaction entre langage, poème, éthique et politique. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21)

Cumpro retomar o que Meschonnic entende por poema. Para ele, um poema é a transformação de uma forma de linguagem por uma forma de vida e a transformação de uma forma de vida por uma forma de linguagem. “Quatre fois le mot « forme », mais plus du tout selon le signe, comme opposé à du sens. Non, forme au sens d'organisation et d'invention d'une historicité, configuration d'un système de discours. Sa force. La force ne s'oppose pas au sens comme la forme s'oppose au contenu : elle porte et emporte le sens” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21).

Daí, novamente, a necessidade de se pensar o ritmo. Através da poética do traduzir, o ritmo deixa de ser considerado a partir da sua concepção tradicional, como a alternância entre um mesmo e um diferente presente na métrica platônica, e começa a ser visto como a organização do movimento da fala na linguagem, “et spécifiquement dans l'écriture du poème” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21). Essa mudança de perspectiva em relação ao ritmo tem um efeito duplo. O primeiro é o de transformar a noção de oralidade, visto que, a partir do signo, o oral se opõe ao escrito, enquanto que, na ordem do contínuo, a oralidade advém do sujeito, tido como o sujeito do poema. O segundo efeito é o de transformar a noção de sujeito, que deixa de ser tomada a partir do conjunto de sujeitos diversos (sujeito psicológico, sujeito político, sujeito filosófico, sujeito do conhecimento etc.), que constituem o clichê cultural da *questão do sujeito*. Para a poética, nenhum desses sujeitos escreve um poema. “Et, s'il lit un poème, ce n'est pas le poème qu'il lit mais lui-même projeté dans le poème. Où les concepts empruntés à la psychanalyse ne disent rien de plus que ce que peut dire un grammairien, qui ne peut voir que des verbes, des sujets, des compléments. Pas le poème” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21).

Logo, o ritmo como a organização do movimento da fala no discurso requer que se pense um sujeito do poema. Meschonnic define sujeito do poema como “la subjectivation maximale, intégrale d'une discours” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21). Essa subjetivação gera um sistema de discurso, ou seja, uma obra. O autor cita, ainda, Charles Péguy: “C'est signé dans le tissu même. Il n'y a pas un fil du texte qui ne soit signé” (1968, p. 1034 apud MESCHONNIC, 2009/1, p. 21). A partir dessa visão, surge a ideia de uma semântica serial, que se caracteriza através do contínuo

corpo-linguagem, integrando os ritmos de posição, de início e de final, de inclusão, de conjunção, de ruptura, de repetição lexical, de repetição sintática, de séries prosódicas (MESCHONNIC, 2009/1).

Dentro dessa nova perspectiva sobre o signo, a linguagem, o ritmo, o poema, o sujeito e a tradução aparecem como atividades que não podem mais ser pensadas da maneira como elas têm sido. Ou seja, sob o ponto de vista da poética do traduzir, o signo não serve para pensar a atividade que o traduzir e a tradução representam.

A reflexão até aqui serviu como uma necessidade de base para situar e transformar o traduzir, “transformer la pensée du traduire, transformer les pratiques du traduire, transformer l'évaluation sociale et poétique du traduire” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21). Por aí, Meschonnic afirma, ainda, que o que resta a traduzir não é o que um texto diz, mas aquilo que ele faz. Deixamos de lado o sentido e passamos a considerar a força do texto. Vê-se, então, que não se trata mais de traduzir uma língua, mas o sistema de discurso que o texto representa. Novamente, é necessário deixar de traduzir o descontínuo para traduzir o contínuo. Essa visão, necessariamente, transforma a teoria da linguagem, como visto anteriormente (cf. 2.3).

Importa ainda, como bem lembra Meschonnic, questionar o papel da literatura nesse âmbito. Especialmente, pensar em que medida pensar o contínuo transforma a teoria da literatura. Inicialmente, cumpre notar que a poética do traduzir não supõe uma divisão entre os gêneros literários (poesia, romance, teatro, ensaio, texto filosófico etc.). Ela se situa fora ou até mesmo contra essas divisões. Isso se dá pois o pensamento contínuo supõe e indica a subjetivação de um sistema de discurso “par un sujet qui s'invente par et dans son discours, qui invente une historicité nouvelle, le continu du poème ignore les différences entre genres” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21). Meschonnic indica que se há uma invenção de um sujeito, uma invenção de uma historicidade radical, há poesia em um romance, como pode haver teatro e até mesmo um texto filosófico. A ideia aqui é de que há um infinito de sentido e de significância que exclui a divisão dos gêneros e que inclui um pensamento contínuo. Ou seja, uma obra, um sistema de discurso, é uma mescla de tudo aquilo que constitui a linguagem e o homem. De acordo com Meschonnic, essa é a representação da inseparabilidade do afeto e do conceito que causa a força e a invenção do sentido (MESCHONNIC, 2009/1).

Por esse viés, é a partir do momento em que há poema, no sentido poético, em um romance é que há um romance. Ou seja, se há poema no romance, esse é o indício de uma forma de vida modificada por uma forma de linguagem e uma forma de linguagem modificada por uma forma de vida. Esse é o sentido da criação. Do mesmo modo, um texto filosófico é uma invenção de pensamento quando apresenta o poema na sua constituição, deixando de ser, assim, um discurso sobre a filosofia.

Vale retomar o fato de que o ponto de vista contínuo se opõe diretamente à heterogeneidade das categorias da razão. Essa heterogeneidade

fait nos disciplines universitaires (avec des variables culturelles selon les pays), c'est-à-dire le langage pour les linguistes et l'autonomie de la traductologie, remise en fait à l'herméneutique, donc au signe ; la littérature pour les spécialistes de la littérature ; la philosophie, eux-mêmes se séparant en spécialistes de l'éthique, spécialistes de l'esthétique, spécialistes de la philosophie des sciences, spécialistes de la philosophie politique. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 21)

Além disso, esse ponto de vista, no seio do poema, opera contra a divisão tradicional entre lirismo e epopeia. Segundo Meschonnic, essa é uma divisão essencialmente semiótica e temática, não incidindo sobre o discurso. Isso se dá a partir do momento em que o contínuo permite ouvir na oralidade não mais o som, mas o sujeito. Essa mudança de escuta permite perceber que a poesia é uma história que chega até uma voz, que se ouve numa voz (MESCHONNIC, 2009/1). E, nessa conjuntura, a poesia, para ser poesia, deve ser épica. No entanto, Meschonnic alerta para o fato de haver uma confusão múltipla sobre o próprio termo poesia. Segundo ele, há “une cacophonie dont culturellement on n’a pas même conscience” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 22).

A poesia, no contexto poético, é inicialmente considerada não mais como oposta ao verso e, em decorrência disso, não se pode opô-la à prosa. É necessário que não se confunda mais a poesia com a emoção, seja ela estética ou sentimental. Não se confunda mais a poesia com a etimologia da palavra *poesia*. Se se toma a poesia a partir de sua etimologia, estamos frente a uma mística da criação, na ideia de uma essência indefinível, ou à fabricação e ao formalismo, no pensamento lúdico ou até mesmo experimental que encobre a poesia. No entanto, se tomada nessas conjunturas, quem cria o poema não é mais o sujeito do poema, mas o sujeito psicológico ou o sujeito filosófico (MESCHONNIC, 2009/1).

Segundo Meschonnic, é possível considerar dois sentidos da palavra poesia: um sentido descritivo e um sentido funcional. O autor define o primeiro como

celui d'ensemble des poèmes écrits, je l'appelle *le stock*, c'est-à-dire la poésie italienne, la poésie française, la poésie russe, etc. ; la poésie du XVI<sup>e</sup> siècle, la poésie du XX<sup>e</sup> siècle, etc. ; la poésie de Ronsard, de Hugo, de Leopardi, d'Ungaretti, de Maïakovski, de chaque poète à part, et la poésie en ce sens est à la fois totalité et infini, connaissable et inconnaissable. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 22)

O segundo sentido é aquele em que “la poésie est l'activité d'un poème, un poème étant ce qui invente et réinvente la poésie, quand il est la transformation d'une forme de langage par une forme de vie et d'une forme de vie par une forme de langage” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 22). Essas duas definições levam Meschonnic a afirmar que não podemos mais confundir a poesia com o amor à poesia, à celebração da poesia.

O que importa é que se tomamos poesia a partir do primeiro sentido unicamente estamos apenas diante de ideias preconcebidas sobre a poesia. O poema a fazer, a escrever, a ler, a traduzir perde sua característica de atividade e recai nas armadilhas impostas pelo signo, que continua a prever uma separação entre a poesia e a prosa. “Il faut donc nécessairement que le poème à faire et le poème à lire, à traduire, se constituent dans la situation paradoxale d'une disparition, d'une perte des critères. Les critères ne pouvant être que ceux de la poésie connue, la masse des poèmes qui existent déjà” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 22)

Para Meschonnic, isso é o que mostra a história da literatura. A partir da poética, é possível pensar três presentes para a contemporaneidade, cada um contendo uma força social inegável. Para o autor, é necessário reconhecer que existem, ao mesmo tempo, um passado do presente, um presente do presente e um futuro do presente. Essa visão se aproxima do pensamento de Santo Agostinho nas suas *Confissões*, que afirma que não existe apenas o passado, o presente e o futuro, mas três presentes: um presente do passado, quando pensamos, um presente do presente, e um presente do futuro, quando pensamos a partir do agora. Meschonnic propõe, no entanto, que sejam considerados não somente esses três presentes, mas também três passados e três futuros:

Futur du passé, il suffit de penser Maurice Scève et à Sponde<sup>35</sup>, par exemple; passé du passé, Poisson<sup>36</sup>, illustrissime au XVII<sup>e</sup> siècle; passé du présent – tout ce qui est de la vieillesse même d’il y a peu, et qui continue : le signe est au passé du présent ; futur du présent, ce qui n’est pas encore reçu dans la pensée et dans le culturel. Humboldt, par exemple, a plus d’avenir que de passé. On comprend pourquoi certains contemporains ne se rencontreront jamais : ceux qui sont au passé du présent, et ceux qui sont au futur du présent. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 22)

Nesse ponto, voltamos os olhos para a tradução. Pois se há a possibilidade de transformar o ponto de vista sobre a linguagem e a literatura, sobre as relações de identidade e de alteridade, sobre as relações entre o contínuo do ritmo e o descontínuo do signo é porque o traduzir tem o papel maior no pensamento sobre a linguagem como um todo e não mais a partir das divisões tradicionais.

Mesmo com a possibilidade de uma outra visão sobre a linguagem, ainda hoje, a tradução é, em larga escala, tomada a partir do descontínuo do signo. A prática atual da tradução se acomoda bastante bem a essa representação da linguagem pelo signo. No entanto, para Meschonnic, traduções efetuadas sob esse prisma teórico são aquelas que ele chama apagantes.

A tomada de consciência desse outro ponto de vista por Meschonnic se dá a partir da sua própria experiência como tradutor dos textos bíblicos e da escritura de seus próprios poemas. Segundo ele, essas experiências funcionam como alavancas teóricas para se pensar o ritmo na Bíblia em hebreu. “Ce fonctionnement est tel qu’il est de l’ordre du continu. C’est-à-dire qu’il est radicalement extérieur et irréductible au modèle grec-chrétien de la pensée et de la pratique du langage dans lequel nous sommes immergés depuis environ deux mille cinq cents ans. Depuis Platon” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 22). Para Meschonnic, é necessário desplatonizar a noção de ritmo depois de tanto tempo.

A característica mais marcante dos textos bíblicos em hebreu é que não há, ali, a possibilidade de se pensar a diferença tradicional entre verso e prosa, visto que a língua hebraica não comporta essa divisão no interior de seu sistema. Meschonnic aponta que é uma tarefa difícil pensarmos dessa forma, visto que fomos modelados a partir dessa oposição. No entanto, é possível

---

<sup>35</sup> Ambos poetas franceses do período da Renascença.

<sup>36</sup> Físico e matemático francês.

observar o ritmo dos textos bíblicos se se toma um posicionamento a partir do ponto de vista contínuo. Necessariamente, esse posicionamento apresenta três efeitos, segundo o autor.

Em primeiro lugar, a situação específica do texto em hebreu que não apresenta uma diferença entre verso e prosa se aproxima da situação atual da poesia moderna, especialmente depois do surgimento do poema em prosa na metade do século XIX. Segundo Meschonnic, isso representa um “effet poétique” (MESCHONNIC, 2009/1). Ou seja, a própria mudança da ideia de poema, que deixa de ser metrificado e produzido a partir da noção de forma, como em autores como Walt Whitman e Charles Baudelaire, se apresenta como um efeito poético pois faz perceber que a divisão entre verso e prosa não é exclusiva e, em última instância, que essa divisão faz perceber a teoria da linguagem por trás desse pensamento.

É necessário, então, pensar como situar o texto bíblico em relação às formas tradicionais de escrita que surgem após as línguas grega e latina. Nas palavras de Meschonnic:

Historiquement, chronologiquement, et conceptuellement, la situation première est théologico-politique, théologico-philologique, théologico-poétique : c’est le refus chrétien de la rythmique du verset biblique, du fait que la notation écrite de cette rythmique est tardive. En effet, elle se constitue entre le VI<sup>e</sup> et le IX<sup>e</sup> siècle de notre ère, et le premier manuscrit entièrement vocalisé et rythmisé est du X<sup>e</sup> siècle. Notation réputé inauthentique et sans autorité par la science chrétienne. Refus qui a pour cause fondatrice que le christianisme se fonde sur la traduction grecque des Septante, au III<sup>e</sup> siècle avant notre ère, et pas sur le texte hébreu. Traduction d’un original perdu. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 22-23)

Do primeiro efeito, decorre o segundo. Para Meschonnic, a cristianização-helenização dos textos bíblicos é o que deve ser refutado. Para o autor, “le travail à faire pour retrouver le rythme est une déchristianisation et une déshellénisation, en même temps qu’une désémiotisation” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). Essa ideia de descristianização e deselenização se dá visto o caráter e o valor do modelo da poesia a partir de Homero. Ou seja, a partir dos poemas homéricos, a beleza poética se dá unicamente a partir da métrica e isso levou alguns teóricos a enxergar hexâmetros nos textos bíblicos e outros a procurar a métrica grega, ou até mesmo árabe, na Bíblia.

Cumprir notar, no entanto, que a helenização do pensamento sobre a linguagem traz consigo o apagamento do ritmo, não apenas nos textos bíblicos, mas no próprio pensamento sobre a

linguagem. A helenização tornou o ritmo necessariamente metrificado e isso ainda é identificado no pensamento sobre a linguagem na contemporaneidade.

Nesse âmbito, é necessário retomar que a antropologia bíblica mostra que os hebreus ignoram a noção de poesia, “ils ne connaissent que l’opposition du chanté et du parlé” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). A tarefa da poética, então, é de reconhecer, tanto para o pensamento geral do traduzir, quanto da linguagem e da literatura “après avoir répondu à l’objection théologico-philologique, que la pan-rythmique du texte, dans la Bible, qui installe une poétique du continu, est une parabole et une prophétie du langage, bien au-delà de son cas particulier, par rapport au règne mondialisé du signe” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). O pan-ritmo do texto hebraico é uma parábola pois é um particular tomado com valor de universal; uma profecia pois é uma rejeição das ideias preconcebidas sobre a linguagem que, atualmente ainda, mantêm o poder e indicam a ordem (MESCHONNIC, 2009/1).

As características da língua hebraica tomam um lugar de destaque na reflexão de Meschonnic visto que é a partir delas que é possível contrapor as ideias preestabelecidas. Segundo o autor, “la réponse à l’objection du caractère tardif de la notation tient à la constitution d’une volonté de transmettre ce qui n’avait jusque-là qu’un caractère oral” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). Ou seja, a constituição do texto bíblico se dá a partir do valor da oralidade dentro do sistema hebraico, não correspondendo ao valor que a notação escrita tinha na língua grega. Em hebreu, “les voyelles n’étaient pas écrites, l’alphabet n’ayant que vingt-deux consonnes ; les rythmes de lecture n’étaient pas écrits, étant constitués de lignes mélodiques et d’indication gestuelles par les mains” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). Essas características funcionam como testemunhas dos nomes dos acentos, e indicam, ainda, a sua anterioridade em relação à notação escrita.

Nesse ponto, Meschonnic apresenta um argumento bastante sólido para o pensamento do contínuo corpo-linguagem. “[...] le terme qui désigne l’accent rythmique constitutif du verset [...] est à lui seul une parabole du corps-langage : c’est le mot *ta am*, au pluriel *ta amim*, qui signifie le goût de ce qu’on a dans la bouche, la saveur, cette saveur faisant la raison du dire, et c’est le sens même, et première, de l’oralité” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). Imagem um tanto banal, mas constantemente esquecida. O texto é aquilo que vem da boca. A oralidade, nesse contexto, é uma *bocalidade* (MESCHONNIC, 2009/1), indicando, dessa forma, o elemento físico da linguagem.

Mesmo com essa característica, o texto bíblico, ainda assim, foi traduzido ora como verso, ora como prosa, a depender do posicionamento do tradutor. Essas traduções esquecem o ritmo. Esquecem o poema como uma forma de vida modificando uma forma de linguagem e uma forma de linguagem modificando uma forma de vida. Traduzir o poema do texto bíblico significa traduzir o contínuo e a força do discurso. É necessário que se vá além da tradução daquilo que dizem as palavras no enunciado. É preciso que se torne evidente, a partir da tradução, aquilo que as palavras fazem (MESCHONNIC, 2009/1).

O terceiro efeito, por fim, é chamado de *taamisação* por Meschonnic, a partir do termo *taam*. Ou seja, é necessário ritmizar todo o traduzir. Aqui se apresenta o projeto maior da poética do traduzir. *Taamisar* o traduzir é deixar de pensar o ritmo apenas do texto bíblico e identificar que cada sistema de discurso apresenta seu próprio ritmo a partir do poema que cria. É um efeito teórico grandioso pois indica uma ritmização da linguagem como um todo. Segundo Meschonnic, “il y a à traduire l’*énonciation* comme inséparable de l’*énoncé*, à prendre acte que la notion de sens (où se cantonne l’*herméneutique*) est un obstacle épistémologique à la pensée du langage” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). Aqui, volta-se à diferença entre traduzir o discurso e traduzir a língua. É necessário traduzir a semântica serial que cada discurso representa e é por aí que a ideia de que não é possível traduzir a fonologia de uma língua para a outra, por exemplo, perde força, “parce que ce n’est pas de la langue qu’il y a à traduire, mais ce qu’un poème a fait à sa langue” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23). Por esse viés, é possível se pensar em equivalências<sup>37</sup>, mas não mais no âmbito onde se procura a equivalência ou da forma ou do sentido. As equivalências do discurso ultrapassam essas noções. São equivalências de prosódia por prosódia, de metáfora por metáfora, trocadilho por trocadilho, ritmo por ritmo, poema por poema (MESCHONNIC, 2009/1).

Nesse contexto, o pensamento poético aponta para a necessidade de se pensar sobre as relações de identidade e alteridade. Sob o ponto de vista do contínuo, a alteridade e a identidade deixam de ser opostas e participam solidariamente de um mesmo sistema. É assim que são percebidas as ideias de ética e de política que também circunscrevem e integram a linguagem. Para a poética, a identidade surge única e somente através da alteridade e vice-versa.

---

<sup>37</sup> O tema da equivalência será debatido mais profundamente adiante visto que é um dos tópicos centrais do próximo capítulo (cf. 3.3).

Segundo Meschonnic, essa é uma das três lições de poética que é possível tomar a partir do ritmo nos textos bíblicos. A segunda lição é o desencadeamento de uma reação em cadeia que faz perceber a interação entre a linguagem, o poema, a ética e a política. Nas palavras de Meschonnic:

[...] si le poème est l'activité d'un sujet du poème, c'est d'abord un acte éthique, et si c'est un acte éthique, parce qu'il concerne tous les sujets, un acte éthique est un acte politique. Donc un poème est un acte éthique et politique. Qui fait de la poétique une poétique de la société, dans la mesure où toute société et toute pensée de la société, se juge à sa théorie du langage, et à ce qu'elle fait du langage. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23)

A terceira lição, “pour une poétique de la société et pour une poétique de la vie, et c'est peut-être le paradoxe majeur, à partir du texte religieux qu'est la Bible” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23), é a compreensão da distinção entre o sagrado, o divino e o religioso que efetua Meschonnic. Segundo ele, essa distinção surge do seu próprio trabalho de tradução da Bíblia e ela não está presente em comentários religiosos, sejam quais forem as religiões. Para o autor, “le religieux confond indistinctement le sacré, le divin et le religieux” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 23).

Desfazer essa confusão é chamado por Meschonnic de desteologizar. Assim, o sagrado é “le fusionnel de l'humain au cosmique et à l'animal : le serpent parle à Ève, et saint Augustin demandait pour *Genèse* I,3 (« Dieu a dit qu'il y ait la lumière ») « en quelle langue parlait Dieu ? », puis il répondait que ce n'était pas une langue humaine, mais une figure de sa volonté” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 24). O divino é “le principe de vie et sa réalisation dans toutes les créatures vivantes. Et dans *Au commencement*<sup>38</sup> il n'y a pas encore le religieux” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 24). Enquanto que o religioso

[...] vient plus tard, dans l'*Exode* et surtout le *Lévitique*, avec les interdits, les prescriptions et le calendrier religieux. Autrement dit, le religieux est la socialisation et la ritualisation de la vie qui s'approprie la régie et l'émission même du sacré et du divin. Il devient l'émetteur de l'éthique. Séparer le divin du religieux est intolérable aux religieux. C'est ce que faisait Spinoza. Et il demeure excommunié. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 24).

---

<sup>38</sup> É necessário indicar que, em nota, Meschonnic se refere, aqui, a sua tradução do livro da *Gênese*.

Para Meschonnic, a ideia do religioso ao longo da história, no entanto, vai contra aquilo que é postulado a partir de uma definição da palavra através da etimologia, que relaciona *religio* a *religare*, supondo que a religião é aquilo que liga os homens a Deus e que, mais tarde, foi também estendida a uma ideia de ligar os homens entre si. “Mais, contre cette idée du religieux, l’histoire même des religions, et l’histoire tout court montre que les religions sont des tueuses, et qu’elles tuent au nom de Dieu. Reportez-vous à votre journal quotidien” (MESCHONNIC, 2009/1, p. 24). Argumento bastante sólido e dificilmente refutável, visto que ainda se trata de uma realidade em muitas sociedades. É por esse viés que o religioso assume as características do teológico-político, indicando que não há, nas religiões, nada além de uma imposição sobre o que deve ser tido como religioso, divino e sagrado.

A tradução poética dos textos bíblicos é uma tradução ateológica, ou seja, uma tradução que se dá a partir da significância do contínuo e não da busca da verdade do sentido. Efetuar uma tradução ateológica significa descristianizar a Bíblia. Desse modo, se torna possível perceber e fazer perceber o hebreu do poema e o poema do hebreu (MESCHONNIC, 2009/1). Isso representa o trabalho de reconhecimento dos funcionamentos e das historicidades de cada sistema de discurso. É necessário deixar de pensar a linguagem através do signo, que se baseia apenas em ideias preestabelecidas e nos efeitos do poder que o império do signo ocasiona. Um exemplo desses efeitos de poder é a própria condição inferior da tradução em relação à obra. Segundo Meschonnic,

La poétique est une athéologie parce que la théologisation est une sémiotisation. Je déthéologise parce que je désémiotise. En même temps que je désacadémise. Car la vérité du religieux agit comme le signe, comme le sens : elle produit un résidu, la forme. C’est-à-dire une inclusion dans le signe, qui n’est même pas vu comme une représentation, historique, culturelle, située et limité. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 24).

A poética, além do mais, permite que se perceba tudo aquilo que tem por objetivo manter a ordem no pensamento sobre a linguagem. Ou seja, o exemplo dos exegetas da Bíblia mostra que nem mesmo esses pensadores sabiam da possível existência daquilo mesmo que desconheciam. Não era possível para eles pensarem em algo além do que as ideias preestabelecidas do signo e da verdade teológica permitiam pensar.

D’où cette constatation indéfiniment surprenante et vérifiée, de la désinvolture, ou de la surdité, des traductions confessionnelles de la Bible envers le signifiant, justement parce qu’elles sont sacralisantes. En quoi elles ne savent pas qu’elles sont idolâtres [...] : elles rendent un culte   une  uvre humaine. Cela, quelle que soit cette confession, et c’est ce qui fait leur faiblesse comparée à la force du po me. (MESCHONNIC, 2009/1, p. 24)

É nesse âmbito que podemos compreender como funciona o pensamento da poética do traduzir. Ele não se limita a ser um novo tipo de técnica de tradu o, mas uma reflexão que surge de uma prática. No contexto da tradu o dos textos bíblicos, a poética do traduzir coloca o signo em praça pública depois de seu império de mais de dois mil anos.   necessário “cortar a cabeça” do signo para que se enxergue o poema do pensamento.

Adiante, na próxima se o, trato das consequências do pensamento poético a fim de encerrar a discussão deste capítulo com vistas a uma elabora o de um paralelo entre o pensamento poético e o pensamento tradutológico sobre três temas específicos da tradu o. Essa discussão será o foco do terceiro capítulo.

## 2.5 QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DE SE PENSAR A POÉTICA DO TRADUZIR?

Para atingir o objetivo deste capítulo, cumpre, finalmente, questionar quais são as consequências da poética do traduzir. Esta se o se caracteriza por ser uma exposi o de algumas consequências e funciona como uma ponte para o próximo capítulo, cujo objetivo é o de centralizar três temas que surgem a partir do debate da tradu o e traçar um paralelo entre as visões que a poética do traduzir e a tradutologia assumem em rela o a esses temas.

A primeira consequência, ou efeito, do pensamento poético é um efeito epistemológico. Ao questionar o ponto de vista do signo, a poética permite situar o pensamento sobre a linguagem sob um outro ponto de vista, aquele do contínuo. Ou seja, ela não aceita a representa o da linguagem pelo signo, além de o denunciar como se passando pela própria natureza da linguagem. Para isso, a poética compreende a linguagem, então, não mais como algo que surge da ordem descontínua da língua, mas como uma atividade que representa a intera o corpo-linguagem. Deixa-se para tr s uma representa o de forma que se opõe ao sentido para uma concep o de linguagem como uma

organização formal do ritmo. Essa mudança de ponto de vista situa a poética fora das teorias mais tradicionais em relação à linguagem e, conseqüentemente, em relação à tradução.

Por esse viés, a tradução não representa mais uma passagem de formas ou de sentidos entre duas línguas distintas, ela passa, agora, a ser a tradução da historicidade radical que cada obra, ou sistema de discurso, representa. É necessário, a partir desse novo ponto de vista, considerar a força da atividade da linguagem e partir para a busca da significação que cada sistema de discurso carrega em si e não mais buscar a essência do sentido que é observável apenas a partir da língua e não do discurso.

Como consequência direta desse efeito epistemológico, a poética gera, também, um efeito teórico. A partir da mudança de ponto de vista, uma nova teoria surge e ela não se caracteriza mais por tomar as partes de um todo separadamente. Ou seja, quando se passa de um pensamento descontínuo sobre a linguagem para um pensamento contínuo, a divisão entre as áreas que se debruçam sobre a linguagem e sobre o homem perde força, visto que o contínuo requer que se pense a partir de uma teoria de conjunto. A poética surge como uma teoria da linguagem renovada que permite que se estabeleçam relações de interação entre a ética, a política, a linguagem, a literatura, a antropologia, a sociologia. Deixa-se de opor essas áreas para que se possa observar a integralidade do conjunto que um sistema de discurso gera. Como aponta Meschonnic, é necessário “*penser cette interaction langage-poème-éthique-politique comme une seule systématicité*” (2007, p. 101).

Nesse âmbito, a própria divisão, no seio das ciências humanas, entre áreas acadêmicas distintas perde força, visto que não há como separar, na linguagem, aquilo que é ético daquilo que é político, aquilo que é linguístico daquilo que é literário, aquilo que é do sujeito daquilo que é do social. As divisões binárias do pensamento descontínuo que buscam, a cada vez, as unidades mínimas, aos moldes das ciências exatas, não têm espaço num pensamento que se preocupa com a historicidade do discurso que é criada pelo sujeito do poema. A poética é uma teoria de conjunto que tem como objetivo maior integrar as partes que o discurso representa, enquanto o descontínuo que a língua representa tende a separá-las.

Há, ainda, um terceiro efeito que chamo de efeito prático. Se há uma nova visão teórica sobre a linguagem e, conseqüentemente, sobre o traduzir, há, também, uma mudança na prática do traduzir. Para a poética do traduzir, o que se apresenta a ser traduzido não são mais os signos de

um texto, mas o seu ritmo. Ou seja, a organização do movimento da fala na escritura, que requer que se pense o sujeito do poema.

O discurso apresenta uma semântica serial que não se encerra nos termos da língua. Há o ritmo prosódico, o ritmo de início, o ritmo dos acentos, entre outros, que surgem a partir da observação da organização formal da oralidade na escritura, que supõe uma historicidade do próprio discurso e que é inscrita única e somente pelo sujeito do poema. Por esse viés, o tradutor modifica sua prática, que deixa de ser uma busca pelo sentido que se dá a partir da interpretação e avança sobre a historicidade do discurso que o texto representa. Como apresentado anteriormente, a teoria surge de uma prática, assim como a prática está impregnada da teoria que a acompanha.

A quarta consequência do pensamento da poética do traduzir incide sobre o aspecto ético-político-social da linguagem. Ou seja, ao descristianizar, desplatonizar e deselenizar a tradução dos textos bíblicos e estender essas inversões ao traduzir como um todo, a poética surge como um instrumento não-ideológico para pensar o poder. Nesse âmbito, voltamos novamente ao império do signo, que toma as mais variadas formas na tentativa de mascarar seu papel de representação e ser tomado como a própria natureza da linguagem. Dessa maneira, quando a poética denuncia o signo, ela automaticamente desloca a noção de verdade, que é aquilo que continua a alimentar as ideias preestabelecidas e dogmáticas acerca da linguagem e que produz os mantenedores da ordem no pensamento. É um efeito ético-político-social pois diz respeito à forma como os sujeitos se posicionam frente à concepção de linguagem que é tradicionalmente difundida.

As severas críticas à hermenêutica e à fenomenologia permitem esse deslocamento, visto que, a partir do contínuo, a essencialização do sentido e a ideia de origem única do sentido perdem força teórica. Se se toma o poder como aquilo que advém do sentido de uma verdade única, normalmente buscada na origem (como na etimologia, por exemplo), a poética barra esse poder ao descentralizar o signo e substituir essa noção pela de ritmo, que supõe e indica uma outra ordem de valores, onde a verdade perde seu grau maior de funcionalidade.

Uma outra consequência é a mudança de perspectiva em relação à literatura. Sob o ponto de vista poético, a literatura deixa de ser uma divisão entre gêneros que surge a partir do ritmo platônico, aquele da metrificação entre um tempo forte e outro fraco. A literatura não se apresenta mais como uma área que se define pelo conjunto dos diferentes gêneros literários e passa a ser considerada como a atividade do discurso por excelência. Aqui, é o poema como uma forma de

vida modificada por uma forma de linguagem e uma forma de linguagem modificada por uma forma de vida que assume o papel maior. Não é possível mais diferenciar a literatura do uso comum da língua, pois o que está em jogo é a produção-criação de um discurso a partir de um sujeito que se transforma ao transformar a própria linguagem. Os exemplos citados anteriormente sobre Baudelaire e as relações que se estabelecem entre os elementos dentro de seus textos são a prova de que um poema é aquilo que carrega consigo, necessariamente, uma modificação, tanto da linguagem, quanto da vida, seja de quem escreve, seja de quem lê.

### *2.5.1 Por que a poética não entra no debate?*

Sem dúvida, existem outras consequências sobre a poética do traduzir. No entanto, essa exposição tem também a finalidade de questionar o porquê de a poética do traduzir geralmente não entrar no debate em torno da tradução. Imediatamente, somos levados a compreender que essa constatação pode parecer um tanto óbvia, visto que a poética transforma radicalmente o pensamento sobre a linguagem e corre constantemente o risco de não ser compreendida se levamos em consideração o grande poder do signo. Ela assume uma posição de crítica que não é aceita comumente, visto que desloca o pensamento sobre a linguagem de forma tão extrema que pode se tornar incompreensível para alguns.

A própria ideia de sentido, noção maior da língua quando oposto à forma, perde força no âmbito do contínuo, visto que o sentido apresenta apenas uma descontinuidade semiótica no âmbito da língua. E esse é um posicionamento inaceitável para aqueles que constroem suas bases teóricas sobre essa noção. O exemplo da tradução da Bíblia mostra claramente o quanto é importante para as diferentes religiões se apoiarem nos termos da língua para que continuem mantendo o poder do sentido nas suas mãos. Ao traduzir a Bíblia e indicar que se lê a palavra de Deus nessa tradução soa quase como uma situação cômica no âmbito da poética. Cômica pois esconde aquilo que é mais banal, o fato de não ter sido Deus quem escreveu a tradução, mas o próprio tradutor. É nesse contexto que as diferenças entre o divino, o sagrado e o religioso se tornam salientes. O religioso tende a se esconder atrás das máximas da língua e, ao fazê-lo, se confunde com o divino e com o sagrado. No entanto, a poética alerta para o fato de que a situação passada e atual das religiões tem

sido mais de separação, através da morte, do que de ligação entre homem e Deus, entre os homens entre si.

A poética não entra no debate pois ela representa uma ameaça para o estado atual do pensamento sobre a linguagem e, conseqüentemente, sobre a tradução. Ela põe em risco o império do signo e isso não é permitido. Caso a poética do traduzir seja incluída na discussão de forma igualitária, o pensamento sobre a linguagem será modificado e terá que arcar com as conseqüências dessa modificação. No entanto, é preferível se manter na zona de conforto, onde todas as coisas já estão bem acomodadas e funcionam para que se mantenham estáveis. A poética representaria a própria instabilidade. Ela seria o abalo sísmico do pensamento sobre a linguagem.

### TERCEIRO CAPÍTULO

8

*Para cantar é preciso perder o interesse de informar.*

9

*Para meu gosto a palavra não precisa significar –  
é só entoar.*

***Manoel de Barros –Menino do mato***

### 3 A POÉTICA DO TRADUZIR (RE)CONHECIDA: TEMAS DA TRADUÇÃO REVISITADOS

Este terceiro e último capítulo tem o intuito de estabelecer um diálogo com o ponto de vista tradutológico em relação a determinados temas que surgem a partir do debate em torno da tradução. A Tradutologia, aqui, será tratada a partir de uma obra específica. Em 2001, Amparo Hurtado Albir publica o livro intitulado *Traducción y Traductología: Introducción a la Traductología*, que se apresenta como uma obra bastante completa no que diz respeito a uma reflexão tradutológica. Baseada em inúmeros trabalhos, a autora apresenta uma ampla gama de temas e debates que surgem a partir da tradução e tem como objetivo específico dar as bases para uma ciência da tradução.

Para os fins desta dissertação, tomo essa obra como um exemplar do conhecimento tradutológico exatamente pelo fato de ser um texto que apresenta uma visão abrangente sobre as produções acerca da tradução. Além disso, existe o valor acadêmico atual bastante acentuado da obra que pode ser observado em um grande número de ocorrências de citações em livros, teses, dissertações e artigos em site de busca especializado<sup>39</sup>. Ainda, por apresentar características enciclopédicas, mais do que uma reflexão sobre o papel da tradução no âmbito do pensamento sobre a linguagem, essa obra assume o papel de referência dos conhecimentos tradutológicos como um todo.

No entanto, alguns pontos devem ser explicitados para que se faça claro o posicionamento que assumo em relação à obra de Albir e à Tradutologia. Em primeiro lugar, cumpre notar que a Tradutologia que expõe Albir é bastante distinta daquela de outros autores que se posicionam sob esse prisma teórico. Isto é, a obra condensa uma diversidade de autores e posicionamentos frente à tradução que, por vezes, parecem mal colocados. Desenvolvo: quando Albir situa e, de certa forma, os caracteriza conforme suas distinções próprias, por exemplo, os pensamentos de autores

---

<sup>39</sup> (Foram encontradas mais de 1.500 ocorrências de citações apenas da obra de 2011. A autora possui, além dessa, muitas outras publicações que também indicam uma difusão bastante grande de seu pensamento. A ferramenta de busca especializada utilizada foi o GoogleScholar que permite ao usuário verificar e localizar obras que citam outras obras. Referência: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=amparo+hurtado+albir+&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=amparo+hurtado+albir+&btnG=). Acessado em 30 de setembro de 2017.)

como Antoine Berman (1984), George Steiner (1975), Jean-René LADMIRAL (1979) e o próprio Meschonnic (1972) sob sua exposição de reflexões que compõem a Tradutologia como uma área determinada, há um distanciamento bastante grande daquilo que tomo como sendo a ciência da tradução.

Soa necessário explicitar que, muito possivelmente, nenhum desses autores concordaria com o fato de estar situado sob uma mesma Tradutologia. A reflexão de Berman, por exemplo, mesmo enquadrada em um espectro de um pensamento tradutológico, não pode ser equiparada às reflexões de LADMIRAL e de Steiner, pois esses autores não se situam da mesma forma em relação à tradução e muito menos à divisão clássica do pensamento sobre a tradução entre teoria e prática. Berman fala de experiência e reflexão, por exemplo; Steiner pratica uma hermenêutica que vai muito além de um ideal científico sobre o pensamento da linguagem; LADMIRAL se posiciona na discussão terminológica especificamente a partir do pensamento filosófico.

Para que se faça clara a crítica efetuada aqui e o porquê da distinção entre um tipo de Tradutologia e a Tradutologia de ALBIR, remeto à figura abaixo (Cf. Quadro 1), encontrada na obra da autora.

**Quadro 1** - *Las teorías modernas de la traducción*. (ALBIR, 2011, p. 130-131)

ENFOQUES LINGÜÍSTICOS	Lingüística comparada tradicional Estilísticas comparadas (Vinay y Darbelnet, Malblanc, Intraivaia y Scavée, Vázquez Ayora, etc.) Níveis de traducción (Catford) Modelo transformacional (Vázquez Ayora, etc.) <i>Sistemática</i> comparada (Garnier) Comparaciones gramaticales (Guillemin-Flescher, Chuquet y Paillard, etc.) Enfoques semánticos (Larson, etc.) Enfoques semióticos (Lujdskanov, Arcaini, etc.)
ENFOQUES TEXTUALES	Primeras reivindicaciones (Seleskovitch, Coseriu, Meschonnic, LADMIRAL, etc.) Enfoque tipológico (Reiss) Aplicaciones de la lingüística del texto y del análisis del discurso (Hartmann, House, Neubert, Papegaaij-Schubert, Larose, Hatim y Masom, Baker, Tricás, García izquierdo, etc.) Aplicaciones didácticas (Delisle, Grellet)
ENFOQUES COGNITIVOS	Modelo interpretativo de la ESIT (Seleskovitch, Lederer, Delisle) Psicolingüística e inteligencia artificial (Bell) Aplicación de la teoría de la pertinencia (Gutt)

			<p>Modelo psicolingüístico (Király)</p> <p>Modelo de <i>Esfuerzos</i> (Gile)</p> <p>Aplicación de la psicología cognitiva (Wills)</p> <p>Estudios empíricos (Kussmaul, Lörscher, Király, Tirkonen-Condit, Dancette, Seguinot, etc.)</p>
ENFOQUES COMUNICATIVOS Y SOCIOCULTURALES		Y	<p><b>Incidencia en los aspectos socioculturales:</b></p> <p>Traductólogos bíblicos (Nida y Taber, Margot)</p> <p>Aplicación de la sociolingüística (Pergnier), la sociocrítica (Brisset)</p> <p>La <i>escuela de la manipulación</i> (Toury, Hermans, Rabadán, Vidal Claramonte, etc.)</p> <p>Enfoque Variacional de Hewson y Martin</p> <p>Teorías funcionalistas: teoría del escopo (Reiss y Vermeer), teoría de la <i>acción traductora</i> (Holz-Mänttári), funcionalismo y lealtad (Nord)</p> <p><b>Incidencia en los aspectos comunicativos:</b></p> <p>Los parámetros situacionales de House</p> <p>Las dimensiones del contexto de Hatim y Mason</p> <p>El modelo comunicativo-funcional de Lvóvskaya</p> <p><b>Estudios poscoloniales y traducción</b> (Niranjana, Robinson, Carbonell, etc.)</p> <p><b>Estudios de género y traducción</b> (Díaz-Diocaretz, Lotbinière-Harwood, Simon, von Flotow, Godayol, etc.)</p>
ENFOQUES FILOSÓFICOS Y HERMENÉUTICOS			<p>Hermenéutica bíblica (Schökel)</p> <p>Filosofía y traducción (Ladmiral)</p> <p>Enfoques de cariz especulativo (Paz, Venutti, Robinson, Berman, Rose, etc.)</p> <p>Enfoques hermenéuticos (Steiner, Gadamer, Ortega Arjonila, etc.)</p> <p>La <i>desconstrucción</i> (Derrida, Arrojo, Vidal Claramonte, etc.)</p> <p>La <i>ética transversal</i> (Vidal Claramonte)</p> <p>Las <i>teorías canibalistas</i> (De Campos, Gavronsky, Pires, etc.)</p>

Essa figura representa um apanhado das teorias modernas sobre a tradução, como já indica o título, porém, faz-se necessário compreender que o que Albir unifica sob uma mesma ciência da Tradução não pode ser tomado como uma exposição exata da relação entre essas teorias. Ou seja, percorrendo os elementos presentes na figura, percebe-se que a listagem indicada pela autora se propõe a ser uma divisão didática sobre os mais variados posicionamentos sobre a tradução, no entanto, não há indicação explícita das relações estabelecidas entre determinados pontos de vista com o intuito de refletir sobre a relação deles entre si. O que se vê é um apanhado geral das diferentes visões a partir de uma divisão arbitrária de enfoques determinados exclusivamente por Albir.

Para um leigo no debate sobre a tradução, tal exposição didática pode ter consequências bastantes negativas, visto que, por exemplo, ao se interessar por alguma das vertentes estabelecidas pela autora, o interessado pode assumir que, por exemplo, Ladmiral e Meschonnic são autores da Tradutologia que se orientam, da mesma forma, apenas por um enfoque textual. Como é sabido, esse não é o caso, visto que Meschonnic e Ladmiral não se posicionam da mesma maneira em relação à tradução. O segundo é até mesmo criticado por Meschonnic:

Il n'y a pas de théorie, d'activité théorique sans tension. C'est le problème de la notion de « traductologie », comme théorie autonome, que défend Jean-René Ladmiral depuis Traduire : théorèmes pour la traduction. Problème théorique, non simple question de mot. La spécificité du champ d'études n'est pas en cause. Mais l'autonomie supposée. Son rêve de science. À l'allemande. Il ne me semble pas qu'il y ait lieu de parler à son propos d'une « linguistique d'intervention », comme « aide théorique au travail du traducteur "sur le terrain" ». Rien là de spécifique. Toute pensée intervient toujours. L'enseignement est lui-même intervention. L'ignorance et les idées toute faites interviennent au moins autant que le savoir" (MESCHONNIC, 1999, p. 70)

Além disso, parece bastante estranho o fato de Meschonnic estar incluído em uma vertente da Tradutologia intitulada “Enfoques textuales” (ALBIR, 2011, p. 127). O questionamento não se dá pelo fato de, sob o mesmo título, encontrarmos Meschonnic e Ladmiral, que se distanciam largamente em seus pontos de vista sobre o que seja a Tradutologia, mas pelo fato de Meschonnic estar situado como mais um autor que apresenta um enfoque textual no seu modo de pensar a tradução. Esse é um ponto importante de notar visto que permite compreender que a Tradutologia que propõe Albir em *Traducción y Traductología* pode ser considerada como mais uma Tradutologia dentro do campo sobre a tradução. Ou seja, aqui, tomo Albir (2011) como uma síntese de um tipo de Tradutologia. Daí a necessidade de afirmar que tomar a obra de Hurtado Albir como referência da Tradutologia não significa que a ciência da tradução se encerre nessa obra específica. O que intenciono observar é que cada um dos autores mencionados acima está incluído na Tradutologia de Albir, mas que, por sua vez, cada um deles possui uma visão diferente sobre a tradução que os distancia das próprias formulações de Albir na obra que os inclui. Por exemplo, Albir, ao considerar a tradução como um ato de comunicação, uma operação textual e uma atividade cognitiva, submete os autores mencionados a estarem encaixados sob uma dessas maneiras de considerar a tradução e, dessa maneira, são tidos como constituintes dessas formas de consideração. No entanto, como notado, não é possível equiparar de forma igualitária todas essas

reflexões sob o risco de um reducionismo teórico que não incita uma reflexão pormenorizada de cada um dos posicionamentos abordados pela autora.

Assim, se, inicialmente, apresentei a possibilidade de uma visão não-redutora da linguagem que permite, conseqüentemente, pensar uma poética do traduzir, este capítulo tem o objetivo, então, de centralizar três temas que surgem a partir deste debate entre as visões que a poética do traduzir e a Tradutologia assumem em relação a esses temas, a saber: a tradução, a fidelidade e a equivalência, para que se faça claro o fato de que a poética do traduzir não se encaixa dentro do modelo científico suscitado pela Tradutologia de Albir e que ela não é mais uma das teorias que se propõe a pensar a tradução a partir do signo, mas o traduzir como uma atividade da linguagem. Não desconheço que, ao propor esse quadro, a autora, ao mesmo tempo em que faz aproximações duvidosas entre autores oriundos de quadros epistemológicos muito distintos, estabelece distinções entre eles. Entretanto, até mesmo essas distinções são insuficientes para justificar a planificação da heterogeneidade teórica do campo da tradução, uma vez que tais distinções não são suficientes para impedir a autora de colocar tudo sob a égide de uma dita “Tradutologia”, que poderíamos chamar de geral, no sentido de que nada nela leva a respeitar as especificidades dos autores presentes.

Além de ter como objetivo incluir o ponto de vista da poética do traduzir de forma mais abrangente na discussão sobre a tradução, este capítulo assume, também, uma característica didática de apresentação, já que esses temas são, ainda, muito importantes para acessar um pensamento sobre a tradução levando-se em conta o caráter predominante do ponto de vista descontínuo sobre a linguagem até os dias de hoje. Dessa forma, os paralelos entre os pontos de vista distintos podem ser facilmente acessados através da terminologia corrente para se pensar a tradução.

A ideia de refletir sobre como a Tradutologia e a poética do traduzir tratam o primeiro tema, a tradução, leva a retomar aquilo que foi debatido no primeiro capítulo. Ou seja, pensar como cada perspectiva trata a tradução possibilita que se veja o quanto a distinção entre uma visão redutora e uma visão não-redutora da linguagem incide sobre o pensamento acerca da tradução. Assim, incluir a tradução como o primeiro tema indica, como tratado no segundo capítulo (cf. 2), que a poética do traduzir não se constitui como uma ciência que pensa a linguagem através do ponto de vista dogmático do império do signo.

Por aí, pensar a fidelidade e a equivalência surge como uma forma de explicitar ainda mais as distinções entre esses pontos de vista, já que a poética tem muito a contribuir no seio dessa discussão. A fidelidade indica um pensamento sobre o sujeito, largamente excluído de muitas teorias que tratam da linguagem e que, para a Tradutologia, se apresenta como o tradutor, que é tolhido de seu papel de sujeito e deve ser um servo daquilo que é ditado pela ordem da língua. A equivalência, por outro lado, incide sobre o pensamento da língua em contraponto ao pensamento sobre o discurso. Nesse âmbito, percebe-se que a equivalência da qual trata a Tradutologia diz respeito ao signo, mesmo quando a discussão sobre esse se propõe a pensar o discurso, como no caso de algumas teorias mais contemporâneas. No entanto, como será visto, mesmo quando pensam o discurso, essas teorias ainda se utilizam dos conceitos da língua para descrevê-lo.

O debate, então, se estabelece a partir do cotejamento entre o ponto de vista tradutológico e o ponto de vista da poética do traduzir sobre cada um dos temas com o intuito de perceber e reafirmar o fato de que a poética do traduzir não poder ser considerada como uma ciência que reflete a tradução. Esse fato é importante pois, na obra de Albir (cf. ALBIR, 2011), as reflexões de Meschonnic são incluídas como mais um ponto de vista que constitui a ampla gama do conhecimento tradutológico. De imediato, me oponho a essa padronização de que todo pensamento sobre a tradução é, necessariamente, um pensamento tradutológico, que visa a cientificidade. A Tradutologia tem como objetivo ocupar um espaço dentro do escopo das ciências, enquanto a poética não se encaixa nesse enquadramento (cf. 2.2). Vale retomar que a poética do traduzir, em primeiro lugar, não é um ponto de vista sobre a tradução, mas um posicionamento sobre a linguagem, e, em segundo lugar, por tomar a linguagem como uma atividade contínua, a poética não se ocupa primordialmente da tradução, mas do traduzir. Daí a necessidade de se pensar em que medida um e outro ponto de vista se distanciam, para que se perceba que a poética do traduzir não assume as mesmas características de uma ciência da tradução a partir de exemplos específicos.

Desse modo, a primeira seção deste capítulo (cf. 3.1) apresenta um breve panorama da Tradutologia a partir da própria reflexão tradutológica. Essa seção tem como função indicar como se dá o acesso à discussão sobre a tradução através de uma explicitação das características básicas e fundamentais da ciência da tradução apresentadas por Albir (2011). Parece justo e necessário que se dê espaço para esse ponto de vista para que seja possível, na sequência, compreender qual o caminho teórico traçado por essa disciplina no debate que será efetuado adiante.

Logo, na segunda seção (cf. 3.2), então, dou um enfoque à maneira como a Tradutologia de Albir e a poética do traduzir se opõem em relação ao tema tradução. De forma resumida, a tradução, no âmbito tradutológico, é considerada a partir de três perspectivas: como atividade cognitiva, como operação textual e como ato de comunicação. Ao que a poética do traduzir se opõe, considerando a tradução como um ato de criação de um sujeito, não segmentando o traduzir em diferentes tipos de categorias, visto o caráter contínuo da atividade da linguagem. Desse modo, se percebe a distinção entre o contínuo e o descontínuo de forma direta, o que permite observar que a tradução apresenta valores radicalmente opostos a depender do ponto de vista que se assume.

Em seguida, na terceira seção (cf. 3.3), a discussão se dá em relação à fidelidade. Para muitas das teorias que se desenvolveram a partir de uma visão redutora da linguagem, a fidelidade é uma noção primordial para se pensar a tradução pois ela serve para elucidar uma avaliação qualitativa da tradução: *boa tradução, má tradução*. No entanto, a partir da poética do traduzir, tanto a noção de fidelidade quanto a de infidelidade (como no caso das *belles infidèles* francesas do século XVII), são noções que assumem o mesmo caráter da oposição dual entre a forma e o sentido, recaindo totalmente sob o império do signo. Daí a necessidade de pensar até que ponto a fidelidade se faz justa como noção primordial da tradução.

Refletir sobre a equivalência na quarta seção (cf. 3.4) surge como uma consequência da reflexão sobre a fidelidade. Sob a perspectiva da Tradutologia, a fidelidade surge a partir do momento que o tradutor encontra *bons* equivalentes entre a língua do primeiro texto e a língua pela qual surge a tradução. O que cumpre indicar aqui é que, no caso da poética do traduzir, a equivalência não deixa de ser considerada, no entanto, ela é buscada a partir do ritmo. Ou seja, o tradutor, enquanto sujeito-linguagem, cria uma equivalência de ritmo ao produzir um poema do pensamento. Essa equivalência é percebida através da oralidade que está presente no texto escrito. Para alguns dos enfoques tradutológicos, a equivalência está na língua, seja através da forma, ou através do sentido. Isto é, a divisão binária do descontínuo se impõe e não permite o reconhecimento do discurso que o traduzir supõe.

Este capítulo, como mencionado, se constitui como um debate e terá cumprido seu papel de fechamento desta dissertação se for possível lapidar de forma clara e precisa que é possível mostrar o “outro lado da moeda” no que diz respeito à tradução e tudo que ela suscita. Cumpre notar que o debate não se encerra com o fim desta exposição. A função maior é ampliar o escopo

dos pontos de vista sobre a tradução e indicar que existe a possibilidade de desenvolver um pensamento sobre a tradução que não seja baseado numa verdade científica unicamente.

### 3.1 BREVE INTRODUÇÃO À TRADUTOLOGIA

Esta seção tem como objetivo fornecer um panorama geral da Tradutologia de Albir (2011) para que, adiante, seja possível traçar um paralelo entre o ponto de vista da poética do traduzir e o da Tradutologia em relação aos temas mencionados anteriormente. Essa breve apresentação fala da ciência da tradução a partir de seus próprios conceitos e não tem o intuito de ser uma exposição pormenorizada dessa disciplina.

A obra de Hurtado Albir, *Traducción y Traductología*, se propõe a explicar como funciona a tradução e o que é a Tradutologia. Segundo a autora, essa é uma disciplina que se consolida apenas a partir dos anos 1980 e trata da tradução em todas as suas manifestações, tanto a partir de estudos teóricos, quanto de estudos descritivos e aplicados. Além disso, ela se ocupa do *fazer tradutório* nas suas diversas manifestações e a partir de perspectivas diversas. Nas palavras de Albir: “[...] la Traductología es la disciplina que estudia la traducción; se trata, pues, de un saber *sobre* la práctica traductora. La Traductología es una disciplina científica, que necesita, además, entablar relaciones con otras disciplinas” (2011, p. 25).

#### 3.1.1 História da tradução<sup>40</sup>

Inicialmente, segundo Albir (2011), é necessário refletir sobre a evolução da reflexão sobre a tradução. O intuito dos estudos históricos sobre a tradução, de acordo com Woodsworth (1998 apud ALBIR, 2011), é relatar a história da sua disciplina e esses estudos se consolidaram apenas na década de 1980. Mesmo assim, Albir (2011) aponta que existem outros trabalhos históricos que

---

<sup>40</sup> Os títulos das subseções desta seção, exceto a última (cf. 3.1.4), seguem a ordem da reflexão do terceiro capítulo de *Traducción y Traductología* (cf. ALBIR, 2011).

datam de antes dessa época. A autora indica, ainda, que alguns autores, como D’Hulst (1991), Lambert (1993)<sup>41</sup> e Pym (1992, 1998<sup>42</sup>) salientam a importância que os estudos históricos têm em relação à disciplina tradutológica. Segundo Albir, “la necesidad de avanzar en los estudios históricos es vista también por los teóricos como una manera de legitimizar la Traductología (Lambert, 1993) y de introducir mayor tolerancia ante los diferentes enfoques y, a la vez, mayor unidad (D’Hulst, 1994)” (2011, p. 101).

Em relação à história, Albir (2011) aponta, também, para a necessidade de observar a diferença entre a história da tradução e a história dos estudos sobre a tradução. Segundo a autora, a história da prática da tradução e a história dos estudos sobre a tradução apresentam questionamentos diferentes. A autora se baseia em Woodsworth (1998 apud ALBIR, 2011), que afirma que a história da prática da tradução se pergunta sobre o que foi traduzido, por quem, em que circunstâncias e em que contexto social ou político, enquanto que a história dos estudos sobre a tradução se questiona sobre o que disseram os tradutores sobre sua prática, como se avaliaram as traduções em épocas diferentes, que tipo de conselhos os tradutores deram, como se ensinou a tradução e como esse discurso se relaciona com outros discursos do mesmo período.

A partir daí, Albir apresenta uma bibliografia de autores que supuseram possíveis divisões da história da tradução, especialmente por períodos, como Santoyo (1987), Kelly (1991), Mallafré (1991). Ao fim dessa exposição, no entanto, a autora apresenta sua própria divisão por períodos. Segundo ela, existem dois períodos da história da tradução: um que vai de Cícero até o início das teorias modernas após a Segunda Guerra e outro que vai do início das teorias modernas até os dias atuais, no qual surge a Tradutologia. As contribuições mais importantes, ao que tudo indica, são aquelas encontradas no segundo período definido pela autora. Segundo ela, é nesse período que surgem questões fundamentais sobre a tradução (ALBIR, 2011). O debate está centrado na importância da análise do processo tradutório e na reivindicação do caráter textual da tradução. No

---

<sup>41</sup> A referência ao estudo de Lambert (1993) não está presente na bibliografia fornecida por Albir em *Traducción y Traductología*. A referência encontrada, em pesquisa online, foi de um artigo publicado em 1993 na revista *The Interpreters’ Newsletter*. Desse modo, a referência completa que está presente na bibliografia desta dissertação diz respeito ao artigo encontrado.

<sup>42</sup> Nas referências da obra de Albir, o livro de Anthony Pym aparece com o título de *Method in Translation Theory*, enquanto que o título original correto é *Method in Translation History*. Aponto para o deslize da utilização do termo *theory* ao invés de *history*.

entanto, é apenas a partir dos anos 1980 que esse debate se torna mais acirrado com a aparição de uma quantidade cada vez maior de estudos acerca desses aspectos.

A partir da caracterização de cada período, subdivididos em períodos ainda menores, Albir faz uma apresentação geral das questões que nascem com cada um deles e suas implicações em reflexões posteriores. Dessa maneira, a autora tende a justificar a necessidade de observar a história da tradução para que, em seguida, se possa caracterizar a Tradutologia de forma aprofundada.

### 3.1.2 Caracterização da Tradutologia

A caracterização da Tradutologia, segundo Albir, se inicia com uma discussão em torno da denominação da disciplina. Segundo a autora,

a pesar de que en español la denominación más extendida para referirse a la disciplina que se ocupa de estudiar la traducción parece ser la de *Teoría de la traducción* o *Traductología*, ésta no es la única denominación existente; otras denominaciones coexisten: *Linguística aplicada a la traducción*, *Translémica*, *Translatología*, *Ciencia de la traducción*, *Estudios sobre la traducción* y *Estudios de la traducción*. (ALBIR, 2011, p. 133)

Contemplando vários autores da área, Albir tenta demonstrar que essa é uma discussão necessária e pertinente para uma reflexão sobre a tradução. Para ela, “la diversidad de denominaciones lleva pareja una diversidad de enfoques” (ALBIR, 2011, p. 134). E essa diversidade de enfoques é uma justificativa para requerer uma unificação da terminologia para se referir a área. Assim, Albir aponta que “en este libro [*Traducción y Traductología*] utilizamos la denominación *Traductología*, concibiéndola como la disciplina, con entidad propia, encargada de analizar la traducción (escrita, oral, audiovisual) y que asume, pues, el conjunto de estudios en torno a ella” (2011, p. 135).

A partir dessa exposição, Albir aponta, então, para a consequência do surgimento de uma disciplina científica nova, “con entidade propia” (ALBIR, 2011). Desse modo, apresenta, a partir

do cotejamento de ideias de diversos autores, a especificidade do lugar da Tradutologia no contexto das ciências.

Segundo a autora, as primeiras reivindicações de uma análise mais sistemática da tradução consideravam a teoria da tradução como um ramo da linguística aplicada ou contrastiva. No entanto, o texto de James S. Holmes, “The Name and Nature of Translation Studies” (1972), aparece como uma base de esclarecimento para a denominação da teoria e o que ela supõe e indica. O papel desse autor é apresentado por Albir através de uma citação de Mary Snell-Hornby: “De manera bastante atípica entre los teóricos de la época, Holmes no veía la disciplina como una subdivisión de otra subdisciplina, bien fuera la lingüística aplicada o cualquier otra, sino como una disciplina que surgía con entidad propia” (1991, p. 14 apud ALBIR, 2011, p. 136).

De qualquer maneira, para Albir (2011), a autonomia da disciplina é justificada a partir da sua evolução e da sua consolidação a partir da década de 1980. Além disso, ao afirmar que o objeto de estudo da Tradutologia é amplo, a autora argumenta a favor de uma característica específica e essencial da disciplina: seu caráter multidisciplinar. Para ela,

el traductólogo debe acudir en su análisis a disciplinas como la sociología, antropología, ciencia cognitiva, psicología, historia, lingüística, etc., y, además, a la crítica literaria, los estudios cinematográficos, la pedagogía, etc., según el objeto específico de estudio (la traducción literaria, la traducción audiovisual, la didáctica de la traducción, etc. (ALBIR, 2011, p. 137)

Desse modo, é possível indicar, como o faz a autora, que o objeto de estudo da Tradutologia supera o marco da linguística, necessitando, assim, do apoio das outras áreas de estudo.

Na continuação de sua caracterização da disciplina, Albir (2011) observa, então, o âmbito de atuação da Tradutologia. Segundo a autora, a concepção que se impõe hoje é a de uma disciplina integradora. Ou seja, que abarca todo o campo da tradução e que deixa para trás concepções restritivas e atomizantes. Seguindo o pensamento de Snell-Hornby (1988), Albir indica que é necessária uma reorientação da forma de pensar a tradução, especialmente uma revisão das formas tradicionais de categorização e que se apresente com um enfoque mais integrador que contemple a tradução na sua totalidade. Para Albir (2011), “considerar la disciplina en su totalidad, comporta

tener presente todo el ámbito de los estudios sobre la traducción; este ámbito es vastísimo, introduciéndose, como hemos dicho, en campos que se nutren de muchas disciplinas” (p. 137-138).

O posicionamento que a autora se mostra favorável e que, até mesmo, leva adiante na sua obra, é aquele de Holmes (1972), mencionado anteriormente. De acordo com Albir (2011), Holmes efetua a primeira reflexão metateórica sobre a Tradutologia a caracterizando e propondo uma classificação das diversas áreas de estudo que a integram. Nas palavras de Albir: “Holmes señala, en primer lugar, una rama pura y otra aplicada, y distingue después entre estudios teóricos, descriptivos y aplicados” (2011, p. 138). A partir da reflexão de Holmes (1972), Albir (2011) indica, então, que as distinções que o autor apresenta são fundamentais para a concepção da disciplina. Desse modo, Albir (2011) lança considerações sobre a proposta de Holmes.

Em primeiro lugar, a autora observa as relações existentes entre as três subáreas de estudo, apontando para a relação intrínseca entre os estudos teóricos e os estudos descritivos e, em seguida, entre os estudos teóricos e descritivos e os estudos aplicados. Em suma, “los estudios teóricos representan el marco abstracto (la equivalencia potencial), y proporcionan la cobertura teórica; los estudios descriptivos se refieren a los casos concretos (equivalencia actualizada) y proporcionan los datos empíricos; se reserva a los estudios aplicados un carácter *a priori*, prescriptivo y normativo” (ALBIR, 2011, p. 142).

A segunda consideração é sobre as teorias parciais indicadas por Holmes (1972). Para Albir (2011), existe uma confusão acerca da proposta desse autor: “En primer lugar, se adscriben a los estudios teóricos objetos de análisis, como son las variedades de traducción (modalidades, tipos) que conllevan inevitablemente una descripción previa de su funcionamiento” (ALBIR, 2011, p. 143) e, em segundo lugar, “estamos de acuerdo con Lvóvskaya (1997: 103 y ss.) en su crítica a los principios que sustentan la división en teorías parciales propuestas por Holmes” (ALBIR, 2011, p. 143), pois Zinaida Lvóvskaya afirma que “estando de acuerdo con Holmes en lo que se refiere a las tres ramas de estudios traductológicos y a la necesidad de desarrollar teorías particulares, creemos, sin embargo, que éstas deberían configurarse exclusivamente a partir de las modalidades de traducción y de los tipos de textos” (1997, p. 105 apud ALBIR, 2011, p. 144). Albir (2011), nesse ponto, afirma que prefere utilizar a ideia de *investigaciones parciales* ou *particulares* para que sejam evitados problemas de ordem descritiva.

A terceira consideração é sobre os objetos de estudo de cada uma das três subáreas e isso indica uma reformulação da proposta de Holmes. Assim, Albir avança indicando que é necessário pensar sobre a importância da implicação recíproca das três subáreas, sobre a conexão entre as investigações gerais e parciais e sobre a relação das investigações parciais entre si e seus objetivos nas modalidades e tipos de tradução. Desse modo, a autora propõe, então, seis variáveis teóricas:

- 1) Si se considera el proceso y/o el producto.
- 2) La noción que se analiza: equivalencia, invariable, unidad, método, estrategia, técnica, problema, error.
- 3) El problema concreto estudiado: lingüístico (siglas, nombres propios, etc.), textual (conectores, tipologías textuales, etc.), extralingüístico (temático, cultural, etc.), pragmático (intencionalidad, funciones de la traducción, etc.), etc.
- 4) La variedad de traducción analizada, que ocupa un lugar central: modalidad (traducción a la vista, interpretación consecutiva, etc.), tipo (traducción técnica, traducción poética, etc.) clase (traducción directa/inversa, traducción pedagógica, etc.).
- 5) Las lenguas y culturas implicadas en el análisis.
- 6) La dimensión histórica, es decir, si se trata de un análisis en diacronía o en sincronía, de una investigación sobre la historia de la traducción o sobre la historia de la reflexión en torno a la traducción. (ALBIR, 2011, p. 146)

De acordo com Albir (2011), essas variáveis devem ser consideradas de maneira inter-relacionada e afetam as três subáreas propostas por Holmes. Para a autora, é possível analisar uma noção (equivalência, por exemplo) num contexto mais abstrato com o objetivo de elaborar uma teoria mais geral.

### 3.1.3 *Concepção da Tradutologia*

Segundo Albir (2011), a tendência atual dos estudos sobre a tradução é a de apresentar a tradução como um ato comunicativo e textual e não como um processo de transcodificação entre duas línguas. No entanto, a autora se opõe a essa visão ao afirmar que “por nuestra parte [...], hemos manifestado una visión integradora de la traducción, cuyos tres rasgos esenciales son ser texto, acto de comunicación y proceso cognitivo desarrollado por un sujeto” (ALBIR, 2011, p. 147).

Desse modo, a autora observa que definir a tradução como um processo interpretativo e comunicativo de reformulação de um texto com os meios de uma outra língua que se dá num contexto social e com uma finalidade determinada diz respeito diretamente ao ponto de vista que ela assume em relação à Tradutologia. Assim, é necessário, então, observar a importância da ideia de integração que propõe Albir.

Para a autora, em primeiro lugar, cumpre observar a integração da herança teórica da disciplina. Apesar de citar autores atuais que se propõem a pensar a tradução a partir de uma perspectiva integradora, Albir vê em Holmes (1972), ainda, o precursor dessa ideia. Assim, a ideia geral é de que ‘necesitamos una teoría del proceso de la traducción, una teoría del producto (el texto) y una teoría de la función de la traducción en la sociedad de recepción’ (ALBIR, 2011, p. 148). Além de Holmes, Danica Seleskovitch (1968) também foi pioneira ao afirmar que a tradução não é uma atividade entre línguas, mas uma atividade discursiva.

De qualquer modo, a concepção da Tradutologia, em Albir (2011), é uma concepção integradora, mas que surge do pensamento sobre a tradução. Ou seja, primeiro se observa qual a visão sobre a tradução para, então, definir a disciplina. Se se toma a tradução a partir de uma visão integradora, é natural que se tenha uma concepção de Tradutologia que também a seja. “Forman, pues, parte de la Traductología todas las investigaciones desarrolladas en su rama teórica, descriptiva y aplicada, con las diferentes variables que hemos señalado” (ALBIR, 2011, p. 149).

Pensar, então, como se tomam os estudos tradutológicos indica descrever quais os objetivos da Tradutologia. Segundo Albir, “el objetivo de la teorización en torno a la traducción no es, a nuestro modo de ver, prescribir, sino más bien describir, explicar y, en todo caso, predecir” (2011, p. 149). Baseando-se novamente em Holmes, a autora aponta dois objetivos fundamentais dos estudos teóricos e descritivos da tradução: 1) descrever os fenômenos do traduzir e da(s) tradução(ões) como se manifestam na experiência e 2) estabelecer princípios gerais a partir dos quais esses fenômenos podem ser explicados e previstos. Na mesma esteira do pensamento, Albir aproxima as considerações de Rosa Rabadán (1991), que afirma haver três razões de ser de qualquer disciplina empírica: descrever, explicar e prever de modo sistemático e coerente os objetos reais de seu estudo.

Ahora bien, la imbricación que hemos señalado entre las tres ramas de la disciplina y la concepción no mecanicista de los estudios aplicados, nos lleva a matizar que estas tres funciones afectan a las tres ramas de la disciplina y no son compartimientos estancos que se relacionan respectivamente con cada una de ellas. (ALBIR, 2011, p. 150)

Na continuação de sua reflexão, Albir traz à tona a relação entre a teoria e a prática no âmbito da tradução. Segundo ela, a discussão em torno dessa relação é bastante ampla e nem todos os teóricos estão de acordo quanto aos objetivos da disciplina (ALBIR, 2011). De acordo com a discussão efetuada por Holmes (1978), há de se perguntar se os estudos sobre a tradução encontram sua justificativa ao apresentarem uma utilidade prática para o tradutor. Segundo Albir (2011), Holmes não acreditava que essa utilidade era um critério de pertinência e que a ajuda prestada ao tradutor depende do estado da teoria. A autora aponta, ainda, para a visão de Robert Larose (1989), que diz que o objetivo da Tradutologia não é necessariamente auxiliar o tradutor, mas que pode lhe ser útil e que a utilidade está em relação com o valor do estudo efetuado.

Em relação aos modelos estáticos ou prescritivos de algumas teorias, Albir (2011) argumenta que a natureza dinâmica da linguagem os anula. Com base em Roger Bell (1991), a autora afirma que “un modelo teórico de la traducción no resolverá todos los problemas del traductor, se trata entonces de describir (y explicar) reglas que ayuden a comprender el proceso, formulando estrategias para enfrentarse a los diferentes problemas y coordinar los diversos aspectos” (ALBIR, 2011, p. 150). Além dessa visão, a autora situa ainda as ideias de Rabadán (1991), para quem a redução dos fenômenos da tradução a categorias fixas, estabelecidas a partir de critérios estáticos, conduz apenas à distorção da realidade, de Lancy Hewson e Jacky Martin (1991), que afirmam que o objeto de estudo sobre a tradução é a virtualidade do processo tradutor e daquilo que é produzido, incidindo, então, num pensamento sobre as condições de variação na produção tradutora. Além desses, Lvóvskaya (1997) também se faz presente na discussão de Albir (2011), pois afirma que “en su condición de ciencia explicativa, la teoría de la traducción explica la interrelación de los factores que *pueden entrar en juego*, determinando la estrategia y delimitando las opciones del sujeto de la actividad” (Lvóvskaya, 1997, p. 99 apud ALBIR, 2011, p. 151).

Por sua parte, Albir (2011), após a exposição dessas visões diferentes sobre a relação entre a teoria e a prática, apresenta suas próprias conclusões com o intuito de condensar uma ideia geral

sobre os objetivos da Tradutologia que contemple grande parte das características apontadas pelos autores. Assim, segundo a autora,

[...] son objetivos prioritarios de la disciplina:

- Construir el aparato conceptual apropiado que sirva para definir y explicar los fenómenos relacionados con la traducción en todas sus manifestaciones, y para predecir los problemas y factores que entran en juego.
- Describir y explicar la traducción (proceso y producto) en todas sus variedades recogiendo y midiendo datos que permitan clasificar los diversos fenómenos así como definir regularidades, probabilidades, principios, normas comunicativas, etc. (ALBIR, 2011, p. 151)

De forma resumida, a autora aponta, ainda, que, dada a natureza dinâmica da tradução, advinda da própria natureza dinâmica da linguagem e dos elementos múltiplos presentes na comunicação tradutora, os estudos descritivos se sobressaem. Para ela, as prescrições possíveis dizem respeito às normas comunicativas, aos princípios e às regularidades. Além disso, outra prioridade da disciplina é “avanzar en las investigaciones parciales y en la investigación empírica, recogiendo, midiendo y explicando datos” (ALBIR, 2011, p. 151). Cumpre ainda retomar, de acordo com Albir (2011), que o conflito entre teoria e prática depende do valor da descrição e da análise efetuada.

### 3.1.4 *Pequena crítica à Tradutologia*

Esta breve introdução à Tradutologia teve como função apresentar, de forma resumida, o modo de funcionamento do pensamento dessa disciplina em relação à tradução e a sua própria constituição. Antes de avançar para o cotejamento dos pontos de vista diferentes em relação aos temas propostos, cabe, no entanto, tecer alguns comentários que soam necessários em relação ao posicionamento da Tradutologia a partir do ponto de vista da poética do traduzir.

Em primeiro lugar, a Tradutologia apresenta uma preocupação científica bastante grande, o que, por si só, já mostra a distância teórica em relação à poética (cf. 2.2.1). Como foi possível perceber, a reflexão sobre o lugar da tradução no seio das ciências está constantemente presente

nas teorias que se debruçam sobre o fenômeno da tradução. Por mais que se apresente a partir de uma visão integradora, a disciplina tradutológica deseja uma integração que se dá internamente à ciência e acaba por recair sempre sob o império do signo que está nas bases do pensamento científico. A poética, por sua vez, trata de uma teoria de conjunto, mas que se situa fora do escopo da ciência, visto que a centralidade do objeto da poética está ligada ao modo contínuo da linguagem.

Enquanto a poética funciona a partir de um pensamento contínuo que demanda uma teoria de conjunto que faz perceber o papel maior da tradução no âmbito da linguagem, a Tradutologia tende a especializar em unidades cada vez menores os campos de atuação da tradução e das características básicas do tradutor. São inúmeras as classificações identificadas por Albir no intuito de apresentar a tradução nos seus mínimos compartimentos. Numa ideia abrangente, a Tradutologia se apresenta como uma tipologia classificatória da tradução, cujo maior alcance é a divisão entre teorias que ora se atraem ora se repelem, a depender do objetivo da discussão, e que poucas vezes relacionam a tradução com a linguagem tomada como uma atividade.

Outro ponto a ser considerado é o papel da história para ambas as vertentes teóricas. Para a Tradutologia, a história tanto da tradução quanto dos estudos sobre a tradução é o grande pilar definatório da disciplina. Ela legitima a Tradutologia como uma ciência, como foi tratado anteriormente (cf. 3.1.1). Ao passo que, para a poética do traduzir, a história da tradução serve para apontar um conjunto de fatos que justificam sua crítica ao império do signo. Ou seja, a função da história da tradução e dos estudos sobre a tradução é base, também, para o pensamento da poética, visto que seu caráter crítico se desenvolve a partir da crítica aos modelos teóricos que foram surgindo ao longo do tempo e que foram notadamente sendo constituídos a partir das bases do descontínuo do signo. Desse modo, é possível perceber que a história cumpre papéis bastante distintos tanto para uma quanto para outra teoria. Mesmo estando na base de ambas, a sua função, na ciência da tradução, é de legitimar uma verdade do sentido histórico da disciplina enquanto que sua função, na poética, é a de fornecer o conjunto dos dados que comprovam a força do império do signo.

A Tradutologia apresenta um apanhado histórico de teorias diversas. No entanto, não se pode caracterizá-la como uma historicização desses pensamentos, pois não se preocupa com as razões e as consequências da visão sobre a tradução a não ser a partir da linguagem mascarada pelo

signo. É uma apresentação da evolução das teorias, num sentido bastante negativado de evolução, pois indica uma melhoria das teorias. Como se o pensamento sobre a tradução de hoje fosse melhor que aquele presente no passado.

Dentro desse mesmo âmbito histórico, se situam também duas outras características da Tradutologia que têm papel diferente no âmbito poético. A questão terminológica tem um papel considerável na constituição da disciplina e ajuda a demonstrar o quanto o pensamento dito tradutológico não pode ser considerado o mesmo a partir de tantas teorias diversas senão pelo fato de estarem todas elas sob o comando do signo. Ou seja, percebe-se uma necessidade bastante grande da ciência da tradução de unir sob o mesmo termo as mais variadas visões sobre a tradução, a ponto de ser possível encontrar contradições latentes em autores contemporâneos entre si. Por mais que se diga integradora, a ciência da tradução opera com divisões arbitrárias internas que tentam resolver os problemas impostos pela tradução. Além disso, muitos dos problemas de tradução são apenas criações das próprias teorias, visto que os problemas surgem exatamente a partir da divisão binária entre a forma e o sentido. Inúmeros são os exemplos de visões que olham ora para uma, ora para outro e chegam à conclusão de que há aí um problema. A poética do traduzir também supõe uma discussão terminológica, mas que se assenta no pensamento contínuo da linguagem e apenas coloca sob esse enfoque um pensamento que não reduza a linguagem ao signo. Definir a poética como poética é estabelecer uma ruptura com o sentido antigo do termo, nos mesmos moldes de Benveniste quando discute o ritmo. No entanto, ela não se define pelo nome, mas sim pelo caráter crítico que assume em relação ao pensamento da linguagem.

O segundo ponto que se situa na história é o da teorização sobre a linguagem. O estudo histórico da tradução faz perceber o quanto a linguagem largamente esteve à margem da discussão sobre a tradução. Desde o início, as teorias foram se constituindo sob enfoques que davam ora atenção à forma e ora ao sentido, mas pouco faziam intervir, nas suas formulações, o papel da tradução no seio da linguagem. A poética do traduzir, por outro lado, se opõe veementemente à divisão da língua e necessita que a linguagem venha à tona e deixe de ser descartada. Esse movimento ajuda a demonstrar que, com o tempo, quanto mais especializada a discussão sobre a tradução, mais distante da linguagem ela foi ficando. Isso se comprova, por exemplo, nas ideias de modalidade de tradução e tipos de textos que Lvóskaya propõe, que, por mais que indiquem um pensamento sobre o discurso, o discurso do qual trata a autora é totalmente observado a partir dos

moldes da língua e não como uma atividade que supõe a historicidade de um sujeito que se enuncia e cria indefinidamente significações.

Por fim, cumpre retomar que a Tradutologia, por se definir como ciência, embora esse conceito não seja muito bem fundamentado por Albir, tende a apagar o aspecto contínuo da linguagem em detrimento das unidades mínimas da língua. Como já mencionado, mesmo o discurso que algumas teorias consideradas tradutológicas tratam está aprisionado aos modelos de análise da língua. Nesse apagamento da linguagem, somem, em consequência, o sujeito e a historicidade que ele supõe.

Adiante, aprofundo as questões que dizem respeito aos temas selecionados para o debate. As seções seguintes apresentam um caráter crítico que têm como objetivo encerrar a discussão desta dissertação.

### 3.2 REVISITANDO A TRADUÇÃO

Esta seção tem como objetivo estabelecer um debate acerca do tema tradução a partir das ideias apresentadas pela Tradutologia, através da obra de Albir (2011), e das ideias apresentadas pela poética do traduzir, ancorado no pensamento de Meschonnic (2001; 2007; 2008; 2009). Desse modo, partirei de argumentos tradutológicos na sua defesa de uma concepção de tradução e apresentarei, em seguida, uma reflexão a partir da poética do traduzir que se situa a favor ou contra o argumento. Em linhas gerais, a Tradutologia se vale de alguns argumentos específicos através dos quais define a tradução. Para melhor situar e organizar o debate, apresento, na sequência, alguns desses argumentos pelos quais é possível estabelecer uma crítica a partir do ponto de vista poético.

Vale retomar, aqui, qual é o valor de *crítica* para a poética. Como mencionado anteriormente (cf. 1.2), a crítica, no âmbito da poética do traduzir, se institui como um diálogo cuja função é retomar os argumentos de outrem e propor, através de contra-argumentos, uma maneira distinta de análise de um objeto ou outros argumentos válidos em relação a esse objeto. O adjetivo *construtiva* está implícito na ideia de crítica sob o ponto de vista da poética do traduzir. Além do mais, para a poética, a crítica se opõe à polêmica. Nas palavras de Meschonnic:

Il serait d'une confusion grossière, et intéressée, de voir dans la critique, comme on fait communément, en les confondant, de la polémique. Voir dans la critique des règlements de comptes. Car la polémique ne vise qu'à mettre l'adversaire au silence. À faire sur lui le silence. Pour garder des pouvoirs. La polémique a un devoir de désinformation. Elle le remplit très bien. La critique, au contraire, fait parler l'adversaire. Argumente, discute. Parce que la critique est la recherche même de la pensée et de la liberté, mais aussi du sens du temps à travers le sens du langage. (MESCHONNIC, 2001, p. 8-9)

Inicialmente, cumpre notar que, de acordo com a Tradutologia, a tradução é uma habilidade. Um saber fazer que consiste em saber recorrer ao processo tradutório para resolver os problemas de tradução que cada caso particular apresenta (ALBIR, 2011). Ou seja, saber traduzir é pensar na tradução como resolução dos problemas que cada texto representa. A imagem que se tem é a de uma comparação entre línguas, operação bastante comum para aqueles pontos de vista que se situam na ordem do descontínuo, visto que os textos serão sempre, então, portadores de problemas devido as suas particularidades internas.

Na continuação de seu pensamento, Albir (2011) indica que traduzir é um saber de tipo operativo e que se adquire fundamentalmente pela prática. No entanto, é importante ressaltar, a partir da poética do traduzir, que *saber de tipo operativo* leva a considerar o aspecto contínuo da linguagem, visto que faz perceber a atividade de um sujeito, sem contar que, para Meschonnic, a teoria e a prática definem-se uma pela outra. A Tradutologia, porém, supõe a tradução como um saber de tipo operativo em que a ideia de operar se dá através de técnicas linguísticas mais do que uma concepção da tradução como uma atividade da linguagem, como o faz a poética do traduzir.

A Tradutologia, então, se apresenta como uma disciplina que estuda a tradução. Nesse ponto, vale retomar a distância entre a disciplina tradutológica e a poética do traduzir quanto ao objeto de estudo. Como foi visto anteriormente (cf. 2.2), a poética do traduzir não ocupa um espaço no seio da divisão entre as ciências, visto que as práticas científicas em relação à linguagem estão radicalmente sob o comando do império do signo e se preocupam com as unidades dicotômicas da língua. Por esse viés, cumpre retomar que a poética não é uma ciência sobre a prática do traduzir, mas um reconhecimento da historicidade da atividade da linguagem que o traduzir supõe.

Indo além, a Tradutologia se ancora largamente no pensamento do teórico Roman Jakobson. Para Jakobson, existem três tipos de tradução, a saber: intersemiótica, intralinguística e interlinguística. Segundo ele, existem, então, três maneiras para interpretar o signo. A partir dessa

afirmação, é necessário retomar a distinção que existe, para a poética do traduzir, entre traduzir e interpretar.

Em primeiro lugar, cumpre notar que a interpretação indicada por Jakobson se situa em dois pensamentos distintos que, historicamente, têm trabalho em conjunto e de forma bastante influente no pensamento sobre a linguagem. Poderíamos circunscrever a interpretação de Jakobson sob os ideais hermenêutico-fenomenológicos e, também, no âmbito do estruturalismo. Logo, totalmente impregnado das ideias que o descontínuo do signo supõe.

Meschonnic afirma que o semiotismo estabelecido a partir do signo é o que dá autonomia ao traduzir e que permite o aparecimento de uma ciência da tradução. No entanto, para o autor, essa autonomia é falsa, pois o que efetivamente ocorre é que a tradução é vista e praticada como uma hermenêutica, logo, dependente dos conceitos hermenêuticos. Desse modo, traduzir é caracterizado como uma forma de hermenêutica (MESCHONNIC, 2007). Através do pensamento poético é possível afirmar que não há Tradutologia, mas apenas a prática hermenêutica que se vale apenas do sentido do signo.

Toute légitime que soit l'herméneutique en elle-même, je constate, du point de vue du poème, qu'elle se fourvoie doublement quand elle ramène un poème à une vérité ou à un sens, ou plusieurs sens. Car le sens est seulement du signe. Sur quoi se greffe une autre erreur canonique, celle qui consiste à attribuer la polysémie à la poésie, alors que la polysémie est la banalité même, en langue. (MESCHONNIC, 2007, p. 31)

Além disso, a hermenêutica aplicada ao pensamento da tradução recai sobre a psicologia do tradutor, ou seja, de seus estados enquanto sujeito psicológico, fazendo com que se reafirmem as banalidades sobre a fidelidade e a traição. Ao se apoiar na ideia de conotação, a hermenêutica “confond le traduire avec la possibilité de parler du langage – le métalangage – pour finir par constater, malgré le motif de l'intraduisible, que la traduction existe. Mais c'est une constatation, ce n'est pas une éthique. Et selon l'opposition entre lettre et l'esprit” (MESCHONNIC, 2007, p. 31). Logo, não se pode discordar de Meschonnic quando diz que, à hermenêutica, falta o pensamento sobre o poema e sobre a ética, visto que ela toma a ética do poema como literalismo, afinal, trabalha apenas em função do signo.

Além disso, é necessário, também, retomar o papel do estruturalismo na difusão do pensamento descontínuo. É um dado confirmado que Jakobson está na constituição de base do estruturalismo e que, portanto, sua visão difundiu entre muitas áreas a dicotomia entre o significado e o significante. Sua visão sobre a língua a toma como um código que deve ser acessado através da sua estrutura. Desse modo, quando a Tradutologia leva adiante uma afirmação de Jakobson como “el nivel cognoscitivo de la lengua no sólo admite, sino que requiere directamente una recodificación interpretativa, es decir, la traducción” (JAKOBSON, 1959/1975, p. 74 apud ALBIR, 2011, p. 26) e reitera que “esta concepción amplía la noción de traducción a todo proceso de interpretación de signos, siendo la traducción entre lenguas un caso más, aunque Jakobson señale que la traducción interlingüística es la verdadera traducción” (ALBIR, 2001, p. 26), vemos claramente o ponto de vista que assume a Tradutologia em relação à tradução. Esse ponto de vista está sob o comando do império do signo.

A Tradutologia, por mais que se refira a Jakobson como uma base, desdobra e matiza a visão do autor. Alguns exemplos são as visões de Ljudskanóv (1969), Arcaini (1986) e Steiner (1975), que especializam a visão de Jakobson, servindo como argumento para a validade do pensamento desse autor e da expansão da disciplina. No entanto, todas essas visões recaem sob o descontínuo do signo.

Albir (2011) situa bem os pensamentos de cada um desses autores. Segundo ela, Ljudskanóv (1969) toma a tradução como processo de transformação de signos e de mantimento de uma invariável. Arcaini (1986) se refere à tradução intersemiótica entre signo linguístico e signo icônico e trata da leitura e da interpretação entre códigos verbais e códigos iconográficos. Steiner (1975), por sua vez, toma a tradução interlingüística como um caso particular e privilegiado de comunicação. No entanto, expressa que, nessa comunicação, existe a transferência de significados. Desse modo, todo ato comunicativo é um ato tradutório e isso se estende a pensar a própria cultura como tradução.

Outro argumento tradutológico é aquele que afirma que a tradução se produz entre sistemas linguísticos diferentes (ALBIR, 2011). Por esse viés, é possível afirmar que a Tradutologia reafirma os postulados estruturalistas mesmo quando utiliza a ideia de sistema linguístico.

Albir afirma que a concepção moderna da tradução a enxerga como um ato de comunicação no qual intervêm processos interpretativos e semióticos e que faz perceber que “los límites entre

los tres tipos de traducción señalados por Jakobson se difuminan y los tres conceptos se integran al estar relacionados entre sí por las transformaciones de diversa índole (semióticas y lingüísticas) que requiere el acto traductor” (ALBIR, 2011, p. 28).

Como visto, o que é tomado como tradução envolve uma aproximação com os sistemas linguísticos caracterizados como códigos, que fornecem forma e sentido, e, então, deve haver uma recodificação do sentido em outro sistema linguístico. Em tudo, a Tradutologia se situa ao lado dos pontos de vista que surgem da ordem do pensamento descontínuo sobre a linguagem.

De acordo com a poética do traduzir, o perigo da tradução hermenêutica reside no fato de que ela apaga o contínuo que os textos representam. Antes de dizer algo, o texto, para a poética, faz algo. E faz algo na sua língua. Transforma a sua língua. É por esse viés que a poética do traduzir aponta para a necessidade de traduzir o poema do pensamento que, como já visto (cf. 2.4), se caracteriza pela transformação de uma forma de linguagem por uma forma de vida e de uma forma de vida por uma forma de linguagem.

Indo além, Albir afirma que três são as questões básicas para iniciar uma reflexão sobre a tradução: 1) por que se traduz?; 2) para que se traduz?; e 3) para quem se traduz?

As respostas dadas pela autora são as seguintes:

Se traduce *porque* las lenguas y las culturas son diferentes; la razón de ser de la traducción es, pues, la diferencia lingüística y cultural. [...] Se traduce *para* comunicar, para traspasar la barrera de incomunicación debida a esa diferencia lingüística y cultural; la traducción tiene, pues, una finalidad comunicativa. [...] Se traduce *para alguien* que no conoce la lengua, y generalmente tampoco la cultura, en que está formulado un texto (escrito, oral o audiovisual). El traductor no traduce para sí mismo (excepto em raras ocasiones), traduce para un destinatario que necesita de él, como mediador lingüístico y cultural, para acceder a un texto [...]” (ALBIR, 2011, p. 28)

As razões dadas pela autora nos levam imediatamente a tomar a tradução como um ato de comunicação e que, ao tradutor, cabe apenas o papel de transmissor da mensagem através de um processo de interpretação-recodificação. À luz da poética do traduzir, esse caráter comunicativo da tradução cede espaço para um caráter criativo que todo ato de linguagem supõe. Desenvolvo: por partir de uma visão contínua sobre a linguagem, ou seja, que a toma como uma atividade (a *energeia* de Humboldt), a poética do traduzir instaura outros elementos como base de sua reflexão

sobre a tradução. Em primeiro lugar, a poética ocupa-se do traduzir antes de partir da tradução como produto, obra (o *ergon* de Humboldt). Daí a necessidade da poética de retomar a reflexão sobre a tradução no seio da reflexão sobre a linguagem e não através da tradução por ela mesma, ou a partir da sua história, ou, ainda, através das visões descontínuas. Em seguida, essa reflexão sobre a tradução em conjunto com a reflexão sobre a linguagem indica a necessidade de se pensar a historicidade radical de todo e qualquer sistema de discurso. Ou seja, não se buscam desse modo, sentidos e formas que devam ser transportados para uma língua diferente. O que entra em ação é uma busca pelo ritmo, que pode ser acessado através das significações que as formas presentes em um texto indicam.

Ainda, o caráter comunicativo do qual trata a Tradutologia pressupõe que se tome a linguagem através do signo, visto que a comunicação indicada é aquela do sentido correto ou verdadeiro que o tradutor deve acessar no texto através das formas ali presentes. A poética do traduzir nega fortemente a primazia da comunicação para tratar da tradução pois seu caráter contínuo situa o texto fora do comando do império do signo.

Outro ponto a ser abordado é a ideia de finalidade exposta por Albir (2011). Essa ideia coloca a tradução sob uma perspectiva mercadológica, advinda de um modelo de sistema político-econômico-social mais do que sob uma perspectiva que diz respeito à linguagem no seu funcionamento. Ou seja, a tradução passa a ser considerada a partir de conceitos que são impostos por elementos externos a uma teoria da linguagem. Quando pensa em público específico, meio de comunicação, características financeiras sobre o trabalho do tradutor etc., a Tradutologia supõe uma visão de tradução que é possível apenas a partir do momento histórico em que a informação passa a ser considerada um produto dentro das transações financeiras. Esse aspecto mercadológico exclui, em larga escala, a própria historicidade do traduzir como atividade da linguagem e indica uma primazia de um sistema financeiro (no caso o capitalista) aplicado a uma teoria.

A poética se opõe fortemente a esse aspecto, visto que, segundo seus princípios, a atividade que a linguagem supõe é anterior a uma reflexão que se curva a um modelo mercadológico da tradução. Ou seja, para a poética, independe o sistema político-econômico-social pelo qual a tradução é produzida. Além disso, através da poética do traduzir, é possível até mesmo fazer um apanhado histórico das visões sobre a tradução na sua relação com os sistemas de poder de variados períodos históricos identificando o quanto a teoria da tradução se curvou diante desses sistemas.

Em relação ao tradutor, a Tradutologia postula que esse deve ser um conhecedor de línguas. Deve, também, ter um nível de conhecimento linguístico e apresentar duas competências: de compreensão e de expressão. Além disso, precisar saber usar as línguas, o que já indica uma visão de língua como instrumento. Ainda, deve ter conhecimento linguístico e extralinguístico. No entanto, fica a dúvida sobre como separar ambos. Também, o tradutor tem a função de reformular um texto adequadamente, o que supõe uma habilidade de transferência, nunca de criatividade. Além do mais, deve ter conhecimentos instrumentais, ou seja, do mercado (no entanto, isso se aplica apenas à tradução sob uma perspectiva de mercado atual) e de ferramentas computacionais, que dizem respeito apenas à tradução como ela é hoje.

Para a Tradutologia, o tradutor é apresentado apenas como um conhecedor técnico de variados elementos que dizem mais respeito à visão sobre a tradução dentro de um mercado de compra e venda de informação do que sobre a tradução dentro de um pensamento sobre a linguagem. Para a poética do traduzir, por outro lado, o tradutor é um sujeito que faz uso indefinido de sua criatividade e da linguagem.

Existem princípios básicos da tradução segundo a Tradutologia: (1) a primazia da comunicação e adequação à língua de chegada, (2) atualização textual do sentido, (3) intervenção do contexto, (4), aspectos culturais e o destinatário da tradução, (5) a importância da “adscripción” textual e da finalidade da tradução, e (6) a tradução como um processo mental. Além de princípios básicos, Albir fornece, também, definições da tradução: (1) como atividade entre línguas, (2) como atividade textual, (3) como ato de comunicação e (4) como processo. E, ainda, existem três grandes áreas sobre o pensamento da tradução: teórica, descritiva e aplicada. As divisões apresentadas pela autora são cada vez mais complexas e pormenorizadas fazendo com que o pensamento sobre a tradução seja de difícil acesso, mesmo que proponha uma visão integradora da tradução.

Por fim, vale pontuar que existem teóricos da tradutologia que buscam um pensamento sobre o discurso para se verem distantes da primazia da língua. Seleskovitch e Lederer (1984) situam a tradução nesse plano, no entanto, o discurso ao qual se referem é observado, ainda, no plano da língua. Quando propõem que toda tradução mostra que todo discurso é composto por unidades de sentido que se associam aos significados contidos na amplitude da memória visual ou auditiva, as autoras não vão além de uma visão da tradução que procura equivalências de sentido entre as línguas. O fato é que a busca pelo sentido, tanto no plano da língua quando no plano do

discurso (indicado pelas autoras), não deixa de ser orientado pelo modelo teórico imposto pelo império do signo.

### 3.3 REVISITANDO A FIDELIDADE

O tema da fidelidade surge logo em seguida ao tema tradução visto o caráter que adquire dentro do pensamento tradutológico. Albir afirma que “la fidelidad, entendida como la relación que se establece entre el texto original y su traducción, aparece como la noción clave de las reflexiones en torno a la traducción” (2011, p. 202). Logo, percebe-se o valor acentuado desse tema no interior da reflexão sobre a tradução para a Tradutologia e, por esse viés fundamental, justifica-se a inserção dele nessa discussão, bem como o tema da equivalência, dada a sua relação intrínseca com a fidelidade, que será tratado adiante (cf. 3.4).

Além de Albir, Cary (1963) é outro autor que ressalta esse caráter primordial do tema: “La fidelidad al original, principio invariablemente proclamado por todos los traductores, pero que no está exento de las más sorprendentes contradicciones, es, sin lugar a dudas, la noción central del debate en torno a la traducción y que cada siglo vuelve a poner en la palestra” (p. 21 apud ALBIR, 2011, p. 202).

Historicamente, o termo foi introduzido por Horácio em *Epistola ad Pisones* (13 a.C.) (ALBIR, 2011). O que entra em ação, após essa utilização inicial, é, já, uma discussão em torno do vínculo entre o texto original e a sua tradução. Ao tradutor cabe o papel de estar sujeito ou a um ou ao outro, visto que o vínculo entre ambos os textos é compreendido de maneiras bastante distintas. Afinal, a primeira reação ao termo é, sem dúvida, uma pergunta: fidelidade ao que? Além dessa, automaticamente, outra pergunta se instaura: fidelidade a quem?

Desse modo, a reflexão sobre a tradução, baseada na ideia de fidelidade, sempre indicou a sujeição do tradutor, e do texto traduzido, ao autor, e ao texto original. Para Albir, no entanto, esse não deveria ser o caso. Segundo a autora, o termo fidelidade expressa apenas a existência de um vínculo entre o texto original e a sua tradução, mas não a natureza desse vínculo, “hace falta, pues, caracterizarlo” (ALBIR, 2011, p. 202). Assim, Albir aponta que, sob seu ponto de vista, que é porta-voz da visão tradutológica, a fidelidade é considerada em relação ao sentido. Segundo a

autora, “este principio se concretiza em fidelidad a lo que ha *querido decir* el emisor del texto original, a los mecanismos propios de la lengua de llegada y al destinatario de la traducción” (ALBIR, 2011, p. 202).

A autora, ainda, acrescenta três dimensões as quais caracterizam e condicionam a fidelidade: a subjetividade (o tradutor), a historicidade (o valor do contexto sócio-histórico) e a funcionalidade (implicações da tipologia textual, da língua e o meio de chegada e da finalidade da tradução). Para ela, então, existem diversas maneiras de ser fiel a depender do caso (ALBIR, 2011). Em contrapartida, Albir afirma que com o surgimento de teorias mais modernas sobre a tradução, a fidelidade é utilizada por poucos autores e que ela cede espaço, nesse contexto moderno, para outras noções que servem melhor para os propósitos das reflexões particulares de cada autor, a mais notável, sem dúvida, sendo a equivalência.

Cumpre, agora, retomar alguns desses pontos a partir da reflexão que Meschonnic efetua. Segundo o autor, a fidelidade, mesmo que respeitável em aparência, é tomada como o menor respeito devido ao texto e ao leitor, acompanhada da modéstia do tradutor, ou seu apagamento – para alcançar a transparência em relação ao original, “toute cela qui devrait être la transparence même est en réalité un masque aimable mis sur un paquet d’ignorance et d’obscurité” (MESCHONNIC, 1999, p. 26).

Quando Albir afirma que a fidelidade da qual trata é aquela devida ao sentido e, ainda, àquilo que o autor do texto original quis dizer, vemos, claramente, aquilo que a crítica da poética do traduzir rejeita primordialmente, isto é, a dicotomia binária do signo. A fidelidade ao sentido faz com que, em primeiro lugar, a forma seja descartada como algo acessório e, em segundo lugar, que o tradutor tenha a capacidade (quase mística) de acessar exatamente aquilo que o autor do texto original quis dizer com seu texto.

Muitas são as questões que surgem nesse âmbito, visto que, para a poética, mesmo que a fidelidade “a les meilleures intentions du monde” (MESCHONNIC, 1999, p. 26), ela ilude a si mesma ao ser aplicada sobre um texto. Segundo Meschonnic, “elle pense êtreindre un texte, et n’embrasse qu’un énoncé” (MESCHONNIC, 1999, p. 26). Ou seja, quando se trata de pensar a fidelidade, o vínculo do qual trata Albir, mesmo que a autora coloque em questão que a natureza do vínculo é variável, trata-se, ainda, de uma visão que toma o signo como o representante da linguagem e faz perceber que a fidelidade apenas toma lugar de destaque a partir de uma visão

descontínua sobre a linguagem. A questão da originalidade e do grau de importância dos textos a partir das suas relações, questões completamente subjetivas e sem qualquer coesão até mesmo dentro de uma área vasta como a Tradutologia, surge tão somente o tradutor se preocupe com o caráter descontínuo do signo.

Para Meschonnic, “la fidélité et la modestie qui moralisent son entreprise [de uma grande tradução] la lui justifient en apparence. À son insu elles empêchent la subjectivation du langage tout entier que l’aventure exige. C’est aussi qu’elles la confondent avec une subjectivité psychologique” (MESCHONNIC, 1999, p. 55). Nesse âmbito, é possível perceber que o tradutor é tomado apenas como um comunicador que deve ser fiel e modesto ao transpor conteúdo informacional de uma língua para outra. Esse processo, para a Tradutologia, implica na compreensão total do conteúdo do texto e do seu sentido, e necessita que o tradutor seja capaz de expressar esse exato conteúdo na língua de chegada. A discussão é antiga, como aponta Albir (2011), pois é esse o cerne da discussão nos primórdios da reflexão sobre a tradução. Ao tradutores da Bíblia, por exemplo, era vetado qualquer sentido que não aquele expresso pela palavra de Deus e o tradutor, como bom fiel, deveria ser servo dos sentidos que Deus quis expressar. Tarefa bastante árdua, se não impossível.

O que importa notar da discussão sobre a fidelidade é o fato de ela ser umas das maneiras mais explícitas de uma visão descontínua sobre a linguagem. Se, de fato, a ciência da tradução decorre de tal reflexão para se sustentar, a poética aponta imediatamente para a problemática em que a tradução está inserida. Como diz Meschonnic, a Tradutologia, nesse aspecto, até tem o intuito de mostrar que pensa o texto, mas, infelizmente, seu aparato teórico não consegue ir além de um enunciado que deve ser tomado como portador de forma e de sentido, não importando, dessa maneira, as significações que o texto carrega consigo, muito menos uma reflexão que insira a tradução no âmbito do pensamento sobre a linguagem.

Por ora, o debate acerca da fidelidade se dá nos termos apresentados até aqui e mostra, a título de conclusão prévia, que esse tema é basilar apenas para as visões sobre a língua que se situam sob o poder do império do signo. Adiante, na próxima seção, quando tratar da equivalência, a fidelidade será retomada, visto que esse tema, como Albir (2011) aponta, surge no contexto das teorias mais modernas sobre a tradução que matizam de maneiras bastante distintas a discussão sobre a fidelidade.

### 3.4 REVISITANDO A EQUIVALÊNCIA

A equivalência surge a partir dos debates acerca da noção de fidelidade, que sempre foi um tema discutido em qualquer período histórico desde que a reflexão sobre a tradução teve início nas culturas humanas. Especialmente no desenvolvimento da discussão sobre a tradução na parte ocidental do mundo, a ideia de equivalência passou por muitas modificações. De qualquer forma, segundo Albir, “la equivalencia traductora se ha considerado la noción central de la Traductología y ha sido durante décadas uno de las grandes temas de debate” (2011, p. 203).

É possível, claro, contestar o fato de que não haja uma definição comum para a equivalência. Isto é, que há uma “ideia geral” sobre equivalência. No entanto, a título de exemplo, tomo duas definições de equivalência de teóricos da tradução que podem ajudar a mostrar o ponto de vista que assumo nesta dissertação. Snell-Hornby (1988) diz , por exemplo:

Equivalencia es inapropiado como concepto básico en teoría de la traducción; el término equivalencia, aparte de ser impreciso y estar mal definido (incluso tras más de veinte años de intenso debate), presenta una ilusión de simetría entre lenguas que apenas existe más allá de un nivel de vagas aproximaciones y que tergiversa el problema básico de la traducción. (apud ALBIR, 2011, p. 206 )

E Rabadán (1991):

Noción central de la disciplina translémica, de carácter dinámico y condición funcional y relacional, presente en todo binomio textual y sujeta a normas de carácter sociohistórico. Determina, con propiedad definitoria, la naturaleza misma de la traducción.(apud ALBIR, 2011, p. 204)

[...] cierto tipo de relación que defina al TM como *traducción* de un TO determinado. Esta relación global, única e irreplicable para cada binomio textual, y, por supuesto, para cada actuación traductora, presenta un nivel jerárquico superior al de las relaciones estrictamente lingüísticas y/o textuales, ya que está subordinada a normas de carácter histórico. Esta noción de carácter funcional y relacional es lo que llamamos *equivalencia translémica*. (apud ALBIR, 2011, p. 207)

Vê-se, a partir dos exemplos tomados de teóricos da Tradutologia, que a equivalência, dentro dos estudos sobre a tradução, apresenta facetas diversas. Não são raras as tentativas de tomar a equivalência como um conceito sólido. Segundo Albir (2011), a partir de 1950, pelo menos 40 pensadores tomaram a equivalência como objeto de estudo. O objetivo em comum: tornar a equivalência um conceito sólido, capaz de responder às questões impostas pela relação intrínseca entre um texto tomado como original e outro como tradução. Toda tentativa de definição, o que almeja, querendo ou não, tomar a equivalência como um conceito, está totalmente dependente do ponto de vista assumido pelo estudioso. Os exemplos, a esse respeito, são inúmeros.

O que pretendo, neste momento, é justificar o tratamento que será dado à equivalência, pois é importante que se faça clara a ideia de que trato desse tema a partir de um ponto de vista específico e que o objetivo não é dar uma definição a fim de determiná-la como um conceito, seja a partir de uma ideia completamente nova ou de uma adaptação advinda de outro ponto de vista; o objetivo é, pelo contrário, problematizar o efetivo daquilo que se equivale. O intuito é demonstrar que a noção de equivalência em si não parece ser tão infrutífera como alguns autores podem deixar transparecer, mas de que o que se coloca em relação para, então, tratar como equivalente deve ser revisitado.

Como visto, a equivalência surge a partir da noção de fidelidade e à luz das teorias linguísticas do século XX. É preciso retomar a fidelidade, ou melhor, o discurso sobre a fidelidade a partir de um ponto de vista poético. A fidelidade, para Meschonnic, é respeitável em aparência. Espera-se que ela seja o mínimo respeito devido ao leitor. Essa noção acompanha aquela da modéstia e do apagamento do tradutor. É importante atingir a transparência, é importante que a tradução seja dada como o original, que não se duvide que é uma tradução. Meschonnic lança duas perguntas: “Fidélité de qui? Fidélité à quoi?” (1999, p. 26). A resposta, a partir da visão tradicional, é: fidelidade ao signo e às ideias preconcebidas. Ou seja, a fidelidade é pensada nos termos da língua; obtém, logo, respostas que advêm dos conceitos da língua. Se se propõe, a partir do século XX, uma discussão sobre a equivalência, obtém-se, ainda, uma visão da língua por ela mesma. A equivalência é procurada de palavra a palavra, de texto a texto, de contexto a contexto, de língua a língua, mas sempre a partir dos produtos gerados pelo ato de traduzir. Faz-se necessário, como bem aponta Meschonnic, primeiro, deixar de traduzir a língua para traduzir o discurso e, em segundo lugar, deixar de tomar a equivalência a partir dos conceitos da língua e, então, buscá-la a partir dos conceitos do discurso. Meschonnic, na continuidade de seu projeto teórico, propõe que “Le rythme,

organisation du mouvement de la parole dans l'écriture, est alors l'unité d'équivalence dans une poétique de la traduction" (1999, p. 56).

Ao retomar a afirmação de Snell-Hornby (citada acima), percebe-se claramente que há um desconforto com o que se equivale. Ou seja, a simetria, de que trata Snell-Hornby, é observada a partir dos conceitos da língua.

Convém deter-se sobre isso. Os conceitos da língua são aqueles que dizem respeito aos conceitos das teorias da linguagem e da língua que procuram, na distinção entre a forma e o sentido, delimitar o que é a língua. Ao fazê-lo, a partir de uma visão científica, buscam unidades que sejam analisáveis e decomponíveis uniformemente e que digam respeito a um objeto empírico para estudo. Esses conceitos, desde Platão, relacionam-se com a natureza convencional do signo. Ou seja, da relação entre o signo e a realidade. O que é refutado pela poética do traduzir, visto que, por se tratar de uma crítica do historicismo, não apreende a natureza convencional do signo. Em contiguidade com o pensamento de Humboldt, Meschonnic aborda esses conceitos como sendo da ordem do descontínuo, pois se trata de uma unidade reduzida a si mesma. Opostos à ordem do contínuo, que subentende a produção de um discurso que é historicizado e que não tem um fim em si mesmo.

Retomemos. Sem dúvida, não é difícil aceitar o fato de que não há simetria entre a semioticidade dos sistemas linguísticos. Essa é uma visão possível desde Saussure e afirmada por Benveniste, visto que o modo semiótico – plano dos signos – da língua é específico de cada língua particular. Mesmo a afirmação de Rabadán, acima, que situa um plano fora da língua para se pensar a equivalência, ainda o faz naqueles conceitos. É importante ressaltar o fato de a autora levar em consideração a historicidade do texto, diferente de muitos outros autores. Porém, mesmo assim, a particularidade da tradução ainda recai sobre a relação dos produtos dentro de um contexto sócio-histórico, não sobre a historicidade das produções. Além disso, me parece ser possível manter essa visão, é exatamente esse deslocamento que propõe Meschonnic: deixar a esfera do descontínuo, da oposição entre as formas e os sentidos do texto que se traduz e do texto que é traduzido, para adentrar a esfera da produção desses textos, levando em consideração a organização da fala na escritura. Fala e escritura não são relacionáveis a texto e escrita, que pressupõem uma visão de objetos concluídos; são, antes, descrições das atividades que estão em jogo na produção dos discursos, orais ou escritos.

Buscar a equivalência do ritmo é situar-se no plano do discurso. A poética, por seu aspecto crítico, supõe a relação entre a historicidade das produções dentro de uma visão que permite verificar que um texto traduzido carrega consigo o ritmo de um discurso produzido anteriormente. Meschonnic fala a respeito do envelhecimento das traduções. Para ele, esse não é um fator negativo, mas um fato que chama atenção para a questão da sobrevivência de um texto. Os exemplos em que o autor se apoia dizem respeito ao fato de, na verdade, sermos uma sociedade que vive de retraduições, mais do que de traduções.

O ritmo supõe essa organização do movimento da fala na escritura no sentido de que, por exemplo, é possível encontrar Baudelaire não nos produtos (textos) que são dados como de sua autoria, mas no ritmo que seu discurso apresenta. Se se lê Baudelaire em português, não estamos lendo Baudelaire, mas sua tradução. O que não torna impossível encontrar o ritmo de Baudelaire na produção de seus tradutores. É um trabalho crítico, de caráter inovador. A equivalência, nesse sentido, muda de figura. Ela deixa de ser utilizada para julgar a fidelidade do tradutor ou a verdade de uma tradução e passa a ser a maneira pela qual procuramos o ritmo de Baudelaire. Ela sai do plano da língua e atinge o discurso. É imperativo que se mencione o fato de que esse “ritmo Baudelaire” não é fruto de uma interpretação, como é possível através de uma visão hermenêutica, mas da própria atividade crítica da poética que toma o discurso na sua produção e não no sentido expresso a partir do produto.

A equivalência retorna, no ambiente da poética, renovada. O trabalho crítico da poética permite olhar para as visões tradutológicas sobre a equivalência e lançar um novo desafio: o desafio não está mais em discutir a validade da equivalência, mas a validade da unidade a equivaler. Da língua ao discurso, a unidade de equivalência deixa de ser da ordem do descontínuo, e avança sobre a ordem do contínuo. No descontínuo, a unidade põe em cheque a própria equivalência. No contínuo, a unidade renova e reafirma o caráter da noção. Não é inútil discutir a equivalência se a unidade não é baseada na língua. A partir do contínuo, do discurso, a equivalência permite compreender a historicidade e a validade do traduzir. A mudança de perspectiva da poética não nega a discussão lançada pela Tradutologia, mas ilumina questões obscurecidas pela ciência da tradução, indicando um novo caminho, um novo projeto teórico.

A noção de equivalência, então, ganha novo caráter na discussão sob o ponto de vista da poética do traduzir. Ao invés de invalidar a noção, a crítica advinda da poética sobre a equivalência

faz perceber que os desconfortos e as incongruências encontradas em alguns autores, especialmente autores da Tradutologia, não estavam equivocados. No entanto, para que a discussão ganhasse novos horizontes, é necessário perceber que, mais importante do que discutir a noção em si, é na unidade a equivaler que recai a crítica. Procurar a equivalência no terreno das teorias tradicionais é limitar-se a uma busca de simetria entre as formas ou os sentidos – ainda partir do plano da língua. Como visto anteriormente, uma empreitada quimérica com um fim em si mesmo: a equivalência, no plano do signo, não existe. Partindo do ponto de vista poético, as unidades a equivaler deixam o plano da língua e adentram o plano do discurso: agora, a unidade não é mais um conceito fornecido pelas teorias da língua, mas uma unidade que surge do plano do discurso. É o ritmo que deve ser tomado como unidade de equivalência. Pois é o ritmo que deve ser traduzido. Apenas a partir da mudança de perspectiva é possível perceber os limites e as modificações que são necessárias para compreender melhor a noção de equivalência, liberando-a dos dogmatismos das teorias circunscritas à língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível notar ao longo desta dissertação, os efeitos da poética do traduzir são radicais. Observar a linguagem através desse projeto teórico requer que o estudioso da linguagem se liberte dos dogmatismos científicos que se acentuaram ao longo do século XX. Isto é, ao lançar o ideal de uma teoria de conjunto, que envolva os variados meios de estudo da linguagem (literatura, tradução, antropologia etc.), é necessário que se tome um posicionamento crítico em relação aos objetos definidos dentro de cada um desses meios de expressão da linguagem. A crítica maior recai sobre o império do signo pelo fato de a poética observar nele um mundo teórico fechado em si mesmo.

O signo representa uma descontinuidade. Isso decorre do fato de se esperar do signo a última (e única) instância de análise de qualquer elemento da linguagem. Tomar a relação entre a forma e o sentido é ignorar a própria historicidade do discurso. Meschonnic diz que “le langage, la littérature, la poésie sont des activités avant de laisser des produits” (1999, p. 11). A teoria do signo permite, então, que se produza conhecimento a partir dos produtos; a poética, a partir do ato de produzi-los. Ao deslocar o olhar da língua para o discurso, deixamos o plano do uno e adentramos o plano do múltiplo, que envolve toda a condição de produção de um discurso, e as outras teorias estão aí incluídas. Daí a afirmação: “On ne peut plus continuer à les penser [os valores do discurso] dans les termes coutumiers du signe. On ne traduit plus de la langue. Ou alors, on méconnaît le discours, et l’écriture. C’est le discours, et l’écriture, qu’il faut traduire. La banalité même” (MESCHONNIC, 1999, p. 12).

Além disso, considero que esta dissertação, ao propor, inicialmente, um (re)conhecimento da poética, gera um debate que não se encerra neste trabalho. Isto é, o (re)conhecimento requer que, a partir de agora, as discussões sobre a tradução e seus temas sejam também revistos a partir do ponto de vista da poética do traduzir não com o intuito de transformar o pensamento ao substituir o modelo atual de reflexão, aquele do signo. Pelo contrário, esse (re)conhecimento supõe e indica um outro tipo de reflexão que permite fazer comparações bastante frutíferas para que o debate sobre a tradução se torne cada vez mais completo e pluralizado. O (re)conhecimento da poética do traduzir nos leva a questionar criticamente, com um embasamento teórico sólido, aquilo que se tem como sendo a *verdade* sobre a tradução. Indo além, a poética do traduzir nos

auxilia a questionar, até mesmo, o próprio conceito de verdade quando tratamos das teorias distintas e aponta, além disso, para um tipo de reflexão que não se encerra em um pensamento descontínuo sobre a linguagem, trazendo à tona, assim, ideias e postulados que se situam em um outro plano de reflexão.

Cabe, por fim, retomar um ponto bastante importante que Meschonnic ressalta no desenvolvimento de seu projeto teórico. Para ele, esse projeto nada mais é do que uma utopia. Ao insistir e mostrar a necessidade de uma teoria da linguagem, que se situa fora do pensamento atual sobre a linguagem, Meschonnic afirma que o que ele propõe como modificação no pensamento é uma utopia. Para ele, no entanto, a utopia tem características incontornáveis:

Mais l'utopie est un devoir, quand on reconnaît que l'acceptation du monde tel qu'il est, et de son système des savoirs, est l'acceptation de l'inacceptable si on sait qu'il y manque quelque chose de capital dans l'établissement des sciences humaines, et des humanités jusqu'à l'humanitaire. Il y a donc alors à travailler pour transformer cet établissement. Ce qui passe par le refuser tel qu'il est. [...] Le propre d'une utopie étant à la fois d'être ce à quoi le monde ne fait pas de place, qui n'y a pas sa place, et d'être une nécessité intérieure qu'il importe de réaliser. (MESCHONNIC, 2008, p. 200)

Logo, não posso estar mais de acordo com Meschonnic do que neste momento, visto que a discussão efetuada até aqui se propõe a pensar deslocamentos possíveis para um pensamento estabelecido sobre o traduzir que leva a uma reflexão sobre a linguagem. São maneiras e processos de pensar que são diferentes do que o estado atual do pensamento comporta e, necessariamente, nos vemos fora desse mundo. Esta dissertação, em certo sentido, se apresenta como um grande projeto utópico, mas que, em tudo, vale a pena levar adiante na esperança de que, em algum momento, a utopia tome o lugar da distopia atual em que vivemos e, logo, que pensamos a tradução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 25ª. ed. Porto Alegre: Editora Vozes, 2011.
- ALBIR, Amparo. Hurtado. **Traducción y Traductología: Introducción a la Traductología**. 5ª. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011. 695 p.
- ARCAINI, Enrico. **Analisi linguistica e traduzione**. Bolonha: Patron, 1986.
- ARNAULD, Antoine.; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- AUSTIN, John. L. **How to do things with words**. 2ª. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- BARTHES, Roland. **Le bruissement de la langue**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- \_\_\_\_\_. Pourquoi j'aime Benveniste. In: BARTHES, R. **Le bruissement de la langue**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- BELL, Roger. T. **Translation and Translating**. Londres: Longman, 1991.
- BENVENISTE, Émile. De la subjectivité dans le langage. In: BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Éditions Gallimard, 1958/1966. Cap. 21.
- \_\_\_\_\_. Communication animale et langage humaine. In: \_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Éditions Gallimard, 1952/1966. Cap. 5.
- \_\_\_\_\_. La notion de rythme dans son expression linguistique. In: \_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Éditions Gallimard, 1951/1966.
- \_\_\_\_\_. A noção de "ritmo" na sua expressão linguística. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 1966/2005. Cap. 27, p. 361-370.
- \_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 1966/2005. Cap. 21, p. 284-293
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 1966/2005. 387 p.
- \_\_\_\_\_. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 1966/2005. Cap. 2, p. 19-33.
- \_\_\_\_\_. Sémiologie de la langue. In: \_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Éditions Gallimard, 1969/1974. Cap. 3, p. 288.
- \_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Éditions Gallimard, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães; Marco Antônio Escobar, *et al.* 2ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 1974/2006. 294 p.

\_\_\_\_\_. Semiologia da língua. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães; Marco Antônio Escobar, *et al.* 2ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 1974/2006. Cap. 3, p. 294.

BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique**. Paris: Éditions Gallimard, 1984.

BOULEVERSER. Dicionário online do Wiktionnaire – Le dictionnaire libre, 03 de Maio de 2017. Disponível em: <<https://fr.wiktionary.org/wiki/bouleverser>>. Acesso em 03 de Maio de 2017.

BOUQUET, Simon. **Introduction à la lecture de Saussure**. Paris: Payot, 1997. 396 p.

BUNCE, Fredrick. W. **An Encyclopaedia of Budhist Deities, Demigods, Godlings, Saint & Demons**. Nova Delhi: Printworld Ltd., v. II, 1994.

CARY, Edmond. **Les grands traducteurs français**. Genebra: Georg, 1963.

COQUET, Jean.-Claude. Note sur Benveniste et la phénoménologie. **Linx - Lectures d'Émile Benveniste**, Nanterre, n. 26, p. 41-48, 1992.

CULIOLI, Antoine. **Théorie du langage et théorie des langues**. E. Benveniste aujourd'hui. Actes du Colloque international du C.N.R.S. Paris: Éditions Peeters. 1984. p. 77-86.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.

D'HULST, Lieven. **Pourquoi et comment écrire l'histoire des théories de la traduction**. Translation, a creative profession. Proceedings of the XIIth World Congress of FIT. Belgrado: Prevodilac. 1991.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6ª ed. Curitiba, Positivo, 2004.

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 50, vol. esp., p. 90-95, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Paris: Éditions Gallimard, 1995.

GODEL, Robert. **Les sources manuscrites du "Cours de Linguistique Générale" de F. de Saussure**. 2. ed. Genebra: Université de Genève, 1957. 282 p.

HAGÈGE, Claude. **Benveniste et la linguistique de la parole**. E. Benveniste aujourd'hui. Actes du Colloque international du C.N.R.S. Paris: Éditions Peeters. 1984. p. 105-118.

HEWSON, Lance; MARTIN, Jacky. **Redefining Translation. The variational approach**. Londres: Routledge, 1991.

HJELMSLEV, Louis. **Prolégomènes à une théorie du langage**. Tradução de Una Canger; Annick Wewer e Anne-Marie Léonard. Paris: Éditions du Minuit, 1971. 245 p.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: HOLMES, J. S.; DE HAAN, F.; POPOVIČ, A. **The nature of translation: Essays on the theory and practice of literary translation.** La Haya: Mouton, 1970.

\_\_\_\_\_. Describing Literary Translation: Models and Methods. In: HOLMES, J. S.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, **Literature and translation: new perspectives in literary studies** (with a basic bibliography of books on translation studies). Lovaina: Acco, 1978.

HUMBOLDT, Wilhelm V. **Wilhelm von Humboldts Gesammelte Schriften.** Berlin: B. Behr's Verlag, v. VII, 1903-1936.

\_\_\_\_\_. **Introduction à l'œuvre sur le kavi, et autres essais.** Tradução de Pierre Caussat. Paris: Éditions du Seuil, 1974. 448 p.

HUSSERL, Edmund. **Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps.** Tradução de Henri Dussort. 4<sup>a</sup>. ed. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 1996. 224 p.

JAKOBSON, Roman. En torno a los aspectos lingüísticos de la traducción. In: JAKOBSON, R. **Ensayos de lingüística general.** Barcelona: Seix Barral, 1959/1975. p. 67-77.

\_\_\_\_\_. Linguística e poética. In: JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. Cap. 7, p. 118-162.

KELLY, Louis G. **The True Interpreter: A History of Translation Theory and Practice in the West.** Oxford: Basil Blackwell, 1979.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **E. Benveniste et la théorisation. La pragmatique du langage (Benveniste et Austin).** E. Benveniste aujourd'hui. Actes du Colloque international du C.N.R.S. Paris: Éditions Peeters. 1984. p. 45-56.

KRISTEVA, Julia. **La révolution du langage poétique.** Paris: Éditions du Seuil, 1974.

LADMIRAL, Jean-René. **Traduire : Théorèmes pour la traduction.** Paris: Payot, 1979.

LAMBERT, Sylvie. The Effect of Ear of Information Reception on the Proficiency of Simultaneous Interpretation. **The Interpreters' Newsletter**, v. 5, p. 22-34, 1993. ISSN 1591-4127.

LAROSE, Robert. **Théories contemporaines de la traduction.** Quebec: Presses de l'Université du Québec, 1989.

LJUDSKANOV, Alexander. **Traduction humaine et traduction mécanique.** Paris: Éditions Dunod, 1969.

LVÓVSKAYA, Zinaida. **Teoreticheskie problemi perevoda (Problemas actuales de la traducción).** Granada: Método Ediciones, 1997.

MALLAFRÈ, Joaquim. **Llengua de tribu i llengua de polis: Bases d'una traducció literària.** Barcelona: Quaderns Crema, 1991.

MESCHONNIC, Henri. **Le signe et le poème.** 1<sup>a</sup>. ed. Paris: Éditions Gallimard, 1975. 552 p. ISBN 2070292231.

\_\_\_\_\_. **Pour la poétique I.** Paris: Éditions Gallimard, 1970.

- \_\_\_\_\_. **Pour la poétique II**. Paris: Éditions Gallimard, 1973.
- \_\_\_\_\_. Penser Humboldt aujourd'hui. In:\_\_\_\_\_. **La pensée dans la langue, Humboldt et après**. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1995. p. 185.
- \_\_\_\_\_. La poétique est la politique du traduire. In:\_\_\_\_\_. **Poétique du traduire**. Paris: Éditions Verdier, 1999. p. 73-81.
- \_\_\_\_\_. **Poétique du traduire**. Paris: Éditions Verdier, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Perspectiva: 2010. 279 p.
- \_\_\_\_\_. Poétique du traduire, non traductologie. In:\_\_\_\_\_. **Poétique du traduire**. Paris: Éditions Verdier, 1999. p. 61-64.
- \_\_\_\_\_. **Célébration de la poésie**. Lagrasse: Éditions Verdier, 2001.
- \_\_\_\_\_. Éthique du langage, éthique du traduire, d'urgence. In:\_\_\_\_\_. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Éditions Verdier, 2007. Cap. 3, p. 185.
- \_\_\_\_\_. **Éthique et politique du traduire**. Paris : Éditions Verdier, 2007.
- \_\_\_\_\_. Fidèle, infidèle, c'est toute comme, merci mon signe. In:\_\_\_\_\_. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Éditions Verdier, 2007. p. 83-101.
- \_\_\_\_\_. Le sens du langage, non le sens des mots. In:\_\_\_\_\_. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Éditions Verdier, 2007. Cap. 5, p. 49-68.
- \_\_\_\_\_. L'enjeu du traduire est de transformer toute la théorie du langage. In:\_\_\_\_\_. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Éditions Verdier, 2007. Cap. 4.
- \_\_\_\_\_. Benveniste : sémantique sans sémiotique. In:\_\_\_\_\_. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008. Cap. 30.
- \_\_\_\_\_. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008.
- \_\_\_\_\_. Crise du signe. In: \_\_\_\_\_. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008.
- \_\_\_\_\_. Écouter voir. In:\_\_\_\_\_. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008. Cap. 36.
- \_\_\_\_\_. Oui, qu'appelle-t-on penser? In:\_\_\_\_\_. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008. Cap. 1, p. 9-29.
- \_\_\_\_\_. Saussure ou la poétique interrompue. In:\_\_\_\_\_. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008. Cap. 33, p. 470-482.
- \_\_\_\_\_. Seul comme Benveniste. In:\_\_\_\_\_.**Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008. Cap. 29.
- \_\_\_\_\_. Voir le monde à travers le langage grâce à Humboldt. In:\_\_\_\_\_. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008. Cap. 12.

\_\_\_\_\_. Traduire, et la Bible, dans la théorie du langage et de la société. **Nouvelle revue d'esthétique**, Paris, n. 3, p. 19-25, 2009/1.

MILNER, Jean-Claude. **L'Amour de la langue**. Paris: Éditions du Seuil, 1978. 144 p.

MONTESQUIEU. **Cartas Persas**. 1ª. ed. Lisboa: Tinta da China, 2015.

NEUMANN, Daiane. **A presença de Saussure e Benveniste em Henri Meschonnic**. Anais do VII SENALE. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas. 2014a.

\_\_\_\_\_. Semântico sem semiótico. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10, p. 52-65, 2014b. ISSN 2317-3475. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6905/5799>>.

NIDA, Eugene. **Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating**. Leiden: Brill Publishers, 1964.

PÉGUY, Charles. Un nouveau théologien, M. Fernand Laudet. In: PÉGUY, C. **Œuvres en prose - 1909-1914**. Paris: Gallimard-Pléiade, 1968.

PIETROLUONGO, Márcia A. Signo, sujeito e tradução. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 01-09, 2009.

PYM, Anthony. Shortcomings in the Historiography of Translation. **Babel**, Amsterdã, v. 38, n. 4, p. 221-235, 1992.

\_\_\_\_\_. **Method in Translation History**. Manchester: St. Jerome, 1998.

RABADÁN, Rosa. **Equivalencia y traducción: Problemática de la equivalencia translémica inglés-español**. León: Universidad de León, 1991.

RICEUR, Paul. **Sur la traduction**. Montrouge: Bayard Jeunesse, 2004.

SANTOYO, Julio C. **Teoría y crítica de la traducción: Antología**. Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1987.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale: Édition critique**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz Verlag, 1989. 1030 p. ISBN 3447007982.

\_\_\_\_\_. **Écrits de linguistique générale**. Paris: Éditions Gallimard, 2002. 364 p.

\_\_\_\_\_. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2012. 296 p.

\_\_\_\_\_. **Corso di linguistica generale**. Ed. Tullio de Mauro. Bari: Laterza, 2009.

SELESKOVITCH, Danica. **L'interprète dans les conférences internationales. Problèmes de langage et de communication**. Paris: Minard, 1968.

SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. **Interpréter pour traduire**. Paris: Didier Érudition, 1984.

SERRES, Michel. **Hermès (I à V)**. Paris: Éditions de Minuit, 1968-1974.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies. An Integrated Approach**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 1988.

\_\_\_\_\_. Translation Studies - Art, Science or Utopia? In: VAN LEUVEN-ZWART, M.; NAAIJKENS, **Translation Studies: The State of the Art**. Amsterdã - Atlanta: Editions Rodopi, 1991.

STAROBINSKI, Jean. **Les mots sous les mots (les anagrammes de Ferdinand de Saussure)**. Paris: Éditions Gallimard, 1971. 168 p.

STEINER, George. **After Babel**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1975.

TAMBA-MECZ, Irène. **À propos de la distinction entre "sémiotique" et "sémantique" chez E. Benveniste**. E. Benveniste aujourd'hui. Actes du Colloque international du C.N.R.S. Paris: Éditions Peeters. 1984. p. 187-198.

TCHÉKHOV, Anton. **Um negócio fracassado e outros contos de humor**. Tradução de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: Editora L&PM, 2013.

TRABANT, Jürgen. **Apeliotes oder Der Sinn der Sprache, Wilhelm von Humboldt Sprach-Bild**. Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1986. 226 p. ISBN 3-7705-2381-4.

\_\_\_\_\_. Le Humboldt d'Henri Meschonnic. In: DESSONS, G.; MARTIN, S.; MICHON, P. **Henri Meschonnic, la pensée et le poème**. Paris: Éditions IN PRESS, 2005.

\_\_\_\_\_. Pourquoi Humboldt? In: ARCHAIMBAULT, S.; FOURNIER, J.-M.; RABY, V. **Penser l'histoire des savoirs linguistiques. Hommage à Sylvain Auroux**. Lyon: ENS Éditions, 2014.

VENUTI, Lawrence. **The Translation Studies Reader**. Nova Iorque: Routledge, 2004.

VOGÜÉ, Sarah de. Culioli après Benveniste : énonciation, langage, intégration. **Linx - Lectures d'Émile Benveniste**, Nanterre, n. 26, p. 77-108, 1992.

WATKINS, Calvert. **L'apport d'Émile Benveniste à la grammaire comparée**. E. Benveniste aujourd'hui. Actes du Colloque international du C.N.R.S. Paris: Éditions Peeters. 1984. p. 3-11.

WOODSWORTH, Judith. History of Translation. In: BAKER, M. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998. p. 100-105.